Cristina Martín Jiménez

OS DONOS DO MUNDO

CRISTINA MARTÍN JIMÉNEZ nasceu na cidade de El Viso del Alcor, na província de Sevilha na Espanha, em 4 de maio de 1974. Estudou jornalismo na Universidade de Salamanca, cursando o último ano em Sevilha. É escritora e jornalista investigativa, e foi a primeira autora com alcance mundial a escrever e publicar uma obra sobre o Clube Bilderberg, entidade que reúne os verdadeiros governantes do mundo. Publicou mais outros livros sobre o mesmo assunto, nos quais investiga o modo como as instituições globais funcionam na realidade.

Cristina Martín Jiménez

OS DONOS DO MUNDO

Posfácio de
Alexandre Costa

Tradução de
Leonardo Castilhone

SUMÁRIO

Ao meu pai, pelas risadas.
À minha mãe, pela esperança.
A Pablo, pelo renascimento.
E a Little, meu amor.

Prólogo a esta edição

O fato de hoje ser possível ler este livro já é uma grande conquista. É a constatação evidente, a prova incontestável de que perde quem não luta, não aquele que é vencido na batalha. O que quero dizer é que não comparecer ao combate é o mesmo que desistir antes do tempo e se entregar sem reservas aos braços da morte. O sucesso e o fracasso, a queda e a ascensão ao topo da montanha, a comédia e a tragédia, o desespero e a meta, todos representam a vida em sua forma mais pura. São estas as sensações que vivi no decorrer dessa história. Este livro, que hoje você pode ler, desapareceu da Espanha por quase sete anos. Foi publicado pela primeira vez em maio de 2010, um mês antes da reunião do Clube Bilderberg em Sitges, criando uma clara expectativa em relação a uma cúpula internacional recém-descoberta que haveria em seu próprio país. Por isso, foi espantoso, tanto para aqueles que procuraram a obra nas livrarias como para mim mesma, constatar que, poucos meses após a publicação, o livro tinha desaparecido. Apesar do interesse despertado, foi eliminado da face da Terra. As pessoas que queriam lê-lo não o encontravam em lugar nenhum e denunciaram seu sumiço nas redes sociais. Havia evaporado, deixando um rastro de perguntas, incertezas e omissão. Jamais me explicaram por que isso aconteceu. Nesse momento, entendi bem o que sofre uma escritora ao ver sua obra censurada e silenciada. Por conta disso, hoje minha felicidade transcende as palavras que puderam sair da minha mente para expressar a alegria que sinto ao ver este trabalho renascer. É o retorno do filho pródigo na forma de um livro.

Agora ele voltou à Espanha, mas no final de 2015 foi publicado no Uruguai, onde alcançou a marca de um dos principais livros do verão e um dos campeões de vendas nas livrarias. Foi quando um leitor uruguaio me disse uma coisa que me impactou: "Não duvide de que isso que fizeram com seu livro, fortaleceu-o ainda mais, e esse poder foi capaz de torná-lo o número um. Ele ainda vai te trazer muitas alegrias, você vai ver".

Nunca pensei nisso. Nunca refleti sobre a força que o silêncio e o passar do tempo angariaram em prol do meu livro. E nunca imaginei que seria o selo *Temas de Hoy*, do Grupo Planeta, que o imprimiria em suas gráficas lendárias. A vida está cheia de peculiaridades, caminhos tortuosos, sutis milagres inesperados e profetas.

Acredito que o livro voltou num ótimo momento, porque os recentes acontecimentos têm gerado nas pessoas um ímpeto de questionar determinados aspectos do poder e dos meios de comunicação que antes passavam despercebidos. A única coisa que conseguiram aqueles que participaram de seu sumiço foi dar-lhe mais importância, porque as denúncias e informações que previ no meu livro de 2010 se tornaram realidade, são palpáveis, é o mundo que hoje vemos ao ligar a televisão. E vai além disso, porque, sete anos depois, os jornalistas, que deveriam trazer informações, continuam sem dar explicações racionais para o que aconteceu e segue acontecendo no mundo. A maioria deles está perdida e ignora os autênticos causadores dos atuais acontecimentos. Existe cada vez menos informação e mais *infoxicação*. Cada vez menos liberdade e menos veracidade, e por esse motivo é fundamental que se conheça a história que foi registrada nestas páginas.

Este é um livro que viveu nas sombras até um milagre querer resgatá-lo. O tempo dos homens é diferente do tempo dos deuses. Por acaso sabemos alguma coisa do destino? Quanto a mim, diante deste presente inesperado, tenho só uma palavra para expressar o que sinto: obrigada. E uma ação: atualizar alguns dados do livro. Nesse sentido, criei alguns anexos após os capítulos, onde destaquei o conteúdo mais sensato e histórico sobre o Clube Bilderberg. Lá você poderá encontrar diversos dados e nomes vinculados à entidade.

Com relação às personagens que abundam nessas páginas, a equipe da *Temas de Hoy* me ajudou a atualizar suas situações profissionais e/ ou pessoais com o intuito de facilitar a leitura. Com o mesmo objetivo, decidimos abordar alguns acontecimentos políticos e econômicos mais atuais que ocorreram nesse período, sempre respeitando a essência do livro, porque consideramos que um de seus maiores valores reside no fato de a obra chegar às suas mãos no formato original. Por isso, reiteramos que as mudanças realizadas foram pontuais — de maneira nenhuma essenciais — e sempre feitas com o objetivo de contextualizar.

É um paradoxo constatar como o tempo ajudou esta obra a criar bons alicerces, conferindo-lhe personalidade e amadurecimento. Longe de envelhecer, o passar dos anos a atualizou, oxigenando-a e dotando suas páginas de raízes e solidez que só bons vinhos conseguem desenvolver. Essa conquista se deve ao fato de que, neste livro, são apresentadas questões que ainda não entraram na agenda dos meios de comunicação, adiantando-se ao que, surpreendentemente, deveria ter chegado há muito tempo aos jornais, televisões e rádios. Trata-se de questões que os cidadãos vêm abordando, precedendo também o marasmo das indústrias culturais. O que há por trás do aquecimento global, como é manipulada a propaganda no século XXI, o que é o politicamente correto e o pensamento único, de onde surgem as alarmantes pandemias globais. Igualmente, não nos esquecemos de abordar o globalismo e o Estado democrático, assim como nos perguntamos por que, milhares de anos depois, a elite continua recorrendo ao medo e à mentira como ferramentas principais para a manutenção do jugo e do poder. Analisamos o envolvimento da imprensa nas candidaturas de Obama e Hillary e contra o inesperado triunfo de Trump. A religião global, a Terceira Guerra Mundial e o resultado obtido por esses donos do mundo por meio do sigilo e da ocultação são apenas alguns dos temas analisados neste livro. Além disso, veremos uma carta do segundo presidente dos Estados Unidos, John Adams, ao seu filho, tratando de uma crítica aos Illuminati. Este documento recém-revelado nos ajuda a compreender o que exatamente era, e ainda é, essa sociedade de origem alemã, que esteve profundamente envolvida nas revoluções burguesas do século XVIII, cujas idéias e conseqüências continuam a nos influenciar.

Em virtude disso tudo, o decorrer do tempo apenas contribuiu para atualizar o livro, o que foi corroborado pelo êxito obtido recentemente no Uruguai.

Ao lado de *Perdidos. Los planes secretos del Club Bilderberg* e *Los planes del Club Bilderberg para España*, esta obra, que finalmente chegou às suas mãos, completa uma trilogia essencial para todo leitor interessado em conhecer o verdadeiro mundo contemporâneo. Três livros que, longe de se acovardarem diante do poder, abordam diretamente fatos e personagens fundamentais para entender o cerne do que está ocorrendo hoje em dia, e por que as coisas acontecem dessa forma.

Com a tese de doutorado que apresentarei no fim de junho de 2017 — na qual realizarei uma análise estrutural dos magnatas, acionistas, CEOs e diretores dos meios de comunicação globais, membros do Clube Bilderberg —, encerrarei um ciclo de treze anos dedicados à investigação e ao registro dessa polêmica entidade. Fico surpresa com os números obtidos, pois, sinceramente, não me tinha dado conta até agora.

Desejo que a leitura deste livro seja muito proveitosa.

Sevilha, março de 2017.

PRÓLOGO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Ceticismo e certeza. Aparência e realidade

Se você espera encontrar neste livro questões consideradas politicamente corretas, vou lhe dar um conselho: pode colocá-lo de lado agora mesmo. Não siga adiante. Da mesma forma que um *bilderberg* que se preze, também considero meu tempo muito valioso, e, assim como não gosto de perdê-lo, não pretendo fazer com que ninguém perca o seu.

O que urge dentro de mim é que, como cidadã, me considero enganada pelas esferas superiores e inferiores do poder; portanto, como jornalista, vejo-me obrigada a denunciar essa trama. Não sou politicamente correta e minha natureza é rebelde. Não tenho medo, minha consciência é valente, pois creio que tenho consciência, e se você acha que acabei de dizer um truísmo, olhe ao seu redor. Como é possível a sociedade estar enlouquecida, perdida? Vejo que a maioria vendeu sua consciência, e não exatamente pelo melhor preço. O senso comum prima pela ausência; resta apenas o pensamento único, uniforme, ditado. E este fenômeno tornou-se globalizado, planetário. É tudo por acaso? De forma nenhuma. Foi planejado com muitos anos de antecedência, muitos antes de eu e, talvez, você termos nascido.

Há muitos anos, os políticos-fantoches de todos os cantos do mundo vêm pedindo a universalização da educação, uma diretriz da ONU que anseia pela implantação definitiva do pensamento único. Um único planeta, com pensamentos semelhantes e que atuem do mesmo

modo não seria uma má idéia *a priori*, desde que os valores a serem difundidos fossem bons, não maus, sendo o segundo caso o real modelo que nos oferecem os donos do mundo. Trata-se de um modelo podre, mas embrulhado em papel de presente para que caiamos na armadilha de acreditar que é de fato um presente. O filósofo israelense Élie Barnavi declarou, com perspicácia, que "o relativismo moral destruiu os sistemas imunológicos da sociedade, e, se bambearmos, não haverá mais limites". O relativismo moral se traduz no vale-tudo. O ódio, a ira e a ganância se converteram no pão de cada dia. Nem todos percebem, mas a verdade é que estamos numa guerra pela defesa da nossa liberdade. O ser humano nasceu para ser livre e independente, porém o sistema foi criado pelos donos do mundo para que sejamos dependentes e escravos dele.

E não podemos achar que é um assunto banal a nova religião criada por eles. Defendo que a ignorância passe a ser considerada um pecado capital, sobretudo a dos nossos governantes. Pensam que somos completos idiotas?

Com um jornalismo domesticado, de baixos salários e palavra censurada, os profissionais perderam o discernimento, o equilíbrio, a clareza, a coragem, a crítica. Mais que governados, somos desgovernados, e parece que isso não nos afeta. Há a necessidade de desmascarar esses bárbaros desalmados. Não reagimos às causas da "crise econômica mundial" porque esperamos que os causadores do problema sejam os responsáveis por solucioná-lo. No entanto, como será o mundo depois deste período de recessão? Por que assim foi feito? O que ganham com isso? Dizem que o autor de um crime é quem mais se beneficia. Só na Espanha, segundo anunciou o ex-diretor executivo do Fundo Monetário Internacional, Rodrigo Rato[1], desapareceriam 30% das agências de crédito e 10% dos bancos — o que representa mais monopólio, mais dinheiro e mais poder em menos mãos.

As crises transformam o estado das coisas, dos países, da economia e das instituições. Imploraremos para que nos tirem desta crise em troca de qualquer coisa. Por ora, estão transformando o sistema financeiro,

[1] Rato foi condenado a quatro anos e meio pelo crime de apropriação indébita e continua sendo processado por outras causas.

o laboral (aposentados precoces, trabalhadores que foram obrigados a abandonar seus empregos e os que serão mandados para o olho da rua num futuro próximo). Estamos à espera de uma época inédita, que foi engendrada pelos donos do mundo. Ainda bem que eles nos conhecem! Quantas armas de coação! Quanto medo falta para que nos controlem? Quantos procedimentos perversos estão por vir?

É politicamente incorreto acreditar na existência do Clube Bilderberg, duvidar que a mudança climática seja gerada pelo interesse de poucos homens. É politicamente incorreto denunciar que a vacina contra a gripe A atenta contra nosso sistema imunológico, que Obama não é quem diz ser e que o núcleo sólido da maçonaria é quem dá as cartas no mundo. É politicamente incorreto denunciar a falta de liberdade na África e é politicamente incorreto escrever este livro. Se você é politicamente correto, não o leia. Pode ser prejudicial à sua saúde racional, emocional e sentimental.

Dez anos antes

Há doze anos, quando decidi investigar as entranhas do Clube Bilderberg, senti calafrios, pois o relato de suas façanhas parecia mais ficção científica do que realidade. Instigada pela curiosidade e pelo ímpeto do conhecimento, comecei uma longa jornada que não foi capaz de dissipar por completo meu ceticismo a esse respeito, pois, embora desde meus tempos de universidade lucubrasse sobre o que me parecia um mundo absurdamente contraditório, durante a investigação e a escrita do meu primeiro livro não consegui assimilar a psicologia predatória daqueles que nos governam, encerrados por trás de seus sorrisos perfeitos e indolentes.

Nossa cultura é resultado do projeto particular dos dominadores que tiveram êxito no decorrer da história, para os quais nós, o povo, não passamos de ferramentas em prol de seus próprios interesses. Apesar dos avanços técnicos, ou da implantação do Estado de bem-estar social, desde os primórdios da civilização suméria mantivemos uma estrutura organizacional idêntica, na qual a alta hierarquia subjugou os cidadãos, tornando-os escravos de um modelo social elaborado e comandado por um mesmo arquétipo de poder, época após época.

Depois de uma análise meticulosa, compreender o *modus operandi* dos atuais déspotas dominantes não é complicado; difícil, para aqueles de nós que estão alheios à sua esfera de pensamento e ação, é entender a profundidade de sua ganância espúria e do seu sádico afã pela conquista. Uma das minhas fontes, que trabalhou com eles lado a lado, contou-me que são motivados pela ânsia de controlar e manipular o máximo possível de pessoas, ou todos nós. Relatou a minha fonte:

> Perguntei ao meu amigo se já não lhe bastava todo o dinheiro que tinha. Disse-lhe eu: "Você já é multimilionário, ergueu um império do nada... O que mais pode querer da vida?". E ele me respondeu: "Mais, quero mais, quero tudo". São pessoas que gostam de humilhar os outros e convivem numa atmosfera extremamente competitiva, em que as relações pessoais são fictícias. Aparentam ser amigas, porém, no fundo, são rivais que querem destruir alguém para lhe tomar dinheiro e influência.

Minha fonte e eu concordamos em salientar que essa coisa que os poderosos estão implantando na população é, justamente, esse modelo de convivência baseado numa concorrência atroz e numa extinção da solidariedade social que caracterizou as primeiras sociedades. A estratégia consiste em desestabilizar o núcleo familiar e transformar o indivíduo num ser solitário, desvinculado de suas raízes e valores comuns, suscetível e facilmente manipulável.

Os poderosos são manipuladores profissionais e especialistas em utilizar as redes sociais, o cinema e a arte como ferramentas eficazes de propaganda com o intuito de estimular a população de acordo com suas conveniências. Paradoxalmente, na chamada "sociedade da informação", é mais difícil que nunca captar a essência e o contexto de suas ações, distinguir a verdade da mentira, a realidade da aparência, o dado distorcido do correto, porque entre os *bilderbergs* estão os donos dos impérios dos meios de comunicação mundiais, que criam, inventam e interpretam as notícias. Um dos mais hábeis e proeminentes é Rupert Murdoch, proprietário do conglomerado audiovisual estadunidense News Corp., cujo carro-chefe é o canal de notícias Fox News. Em *Os Simpsons*, uma das suas séries mais populares, o Sr. Burns, personagem relacionado à personalidade dos *bilderbergs*, afirma: "Ninguém pode controlar

todos os meios de comunicação, exceto Rupert Murdoch". Outro grupo onipresente e onipotente é o Prisa, fundado pelo imperador midiático Jesús de Polanco, já falecido, que está se expandindo pela América Latina. Como os membros do clube controlam as mídias "oficiais", só a imprensa independente conseguiu publicar artigos precisos a respeito do Clube Bilderberg. Deve-se ter extremo cuidado com os dados que chegam até nós a esse respeito, visto que a organização responsável vaza intencionalmente informações distorcidas do Clube Bilderberg por meio de seus colaboradores, com o objetivo de despistar a opinião pública.

À luz do exposto, é fácil compreender que a tarefa de um jornalista não alinhado é extremamente complexa. No entanto, a despeito das dificuldades iniciais, não desisti, e o resultado da minha investigação foi o primeiro livro publicado sobre o Clube Bilderberg no mundo, em abril de 2005. Neste, revelei a identidade dos atuais faraós da humanidade e o impacto de suas decisões no futuro de todos. Contudo, considerei que ainda faltava muita coisa para ser contada, então continuei minha busca por novas pistas e respostas.

Realizei uma nova pesquisa histórica para descobrir o início das parcerias transatlânticas dos *bilderbergs*, o que me levou à Primeira Guerra Mundial e à criação da Liga das Nações, embrião da ONU. Sob este prisma, pude compreender a psicologia predatória que, antes, não havia conseguido assimilar completamente por falta de referências próximas. Pouco a pouco, e quase sem me dar conta, meu receio inicial foi sendo deixado de lado à medida que meu envolvimento pessoal aumentava, o que, sem dúvida, me compeliu a continuar denunciando as artimanhas e incursões daqueles que desfiguraram o conceito de democracia até convertê-lo no argumento mais convincente para aprovar o primeiro conflito armado em âmbito mundial (porque nele estão envolvidos, direta ou indiretamente, todos os países e potências mundiais) do século XXI, a chamada Guerra do Iraque, que se tornou o embrião da Terceira Guerra Mundial.

Agora, a terceira etapa do meu trabalho se materializou na edição revisada e atualizada das anteriores com este livro que está em suas mãos, incluindo as três últimas mentiras do clube: Barack Obama, o aquecimento global antropogênico e a pandemia da gripe A. Recorrendo

à sinceridade, já expus que, ao ter conhecimento da existência dessa aliança, fui tomada por fortes sentimentos de ceticismo e curiosidade, os quais me acompanharam durante minha primeira investigação. Nesse trabalho, dirimi todas as dúvidas que ainda restavam a respeito do profundo impacto do clube em todo o planeta, e descobri que a dimensão de seu campo de atuação é muito maior do que conseguia perceber ou imaginar num primeiro momento. O mundo, tal como está estruturado hoje em dia, é obra do Clube Bilderberg. Seus membros são os criadores do sistema de vida atual, são semideuses sobre a Terra, como seus antepassados o foram nas épocas precedentes. A maioria das pessoas nem sequer suspeita até onde se estendem seus tentáculos, e as que acreditam em sua influência não conseguirão convencer aquelas devido à lavagem cerebral e às disseminações de idéias que os *bilderbergs* propagam diariamente, por meio de frentes inconcebíveis e das mais diversas, sobretudo com a ajuda dos meios de comunicação, já que são seus proprietários. No entanto, isso não deve obstruir nossa tarefa de desmascará-los, porque, como cidadãos livres, temos uma responsabilidade para com a sociedade em que vivemos e para conosco e nossos descendentes. O mundo nos pertence, mas está nas mãos do Clube Bilderberg. Seus integrantes o arrancaram de nós, e o caminho que traçaram nos gera sofrimento e aniquila nossa felicidade. O silêncio é seu maior aliado; nós, porém, não nos calaremos.

Quando publiquei meu primeiro livro, muitos me perguntaram se temia por minha vida depois de revelar os segredos da aliança mais poderosa da Terra. Nele incluí o relato de um investigador, cujo nome omiti para preservar sua segurança pessoal, que me havia aconselhado a não escrever sobre o Clube Bilderberg: "Essa gente é muito perigosa e vão matar você e sua família, tirarão tudo de você e nenhum advogado vai querer defender a sua causa. Nunca mais vai conseguir um emprego, ligarão para todo mundo, citarão seu nome para que ninguém contrate você e, depois de darem a ordem, retirarão o livro das livrarias. Tentaram me matar e seqüestrar em várias ocasiões".

Após ouvir essas palavras, fiquei inquieta de um jeito inédito e refleti durante vários dias sobre o alcance e o significado de suas advertências. Finalmente, cheguei à conclusão de que se os *bilderbergs* quisessem manter sua privacidade, não iriam se manifestar em relação a mim,

já que significaria sair das sombras e dar mostras de sua existência, acabando com este segredo tão bem guardado. Mas eu me enganei. Jamais imaginei que o meu terceiro livro, este que está agora nas suas mãos, seria censurado.

Então, disse a mim mesma que não me permitiria temer nada nem ninguém; muito menos aceitaria que o medo tomasse decisões por mim sobre qualquer assunto ou em qualquer circunstância. Isso significaria a vitória dos donos do mundo e meu fracasso como pessoa e jornalista. Não tive medo na época, e não o tenho agora. E convido você para que também não o sinta, pois nosso temor seria o triunfo deles e um estímulo à nossa submissão.

No decorrer destas páginas, você contemplará a revelação de uma entidade obscura, integrada por alguns dos homens mais sinistros dos séculos XX e XXI, como Henry Kissinger, que considera a defesa dos direitos humanos puro sentimentalismo que precisa ser banido para não interferir nas ações dos *bilderbergs*, nem enfraquecê-las. Além de ser considerado um dos analistas de maior prestígio na política externa mundial, Kissinger recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em 1973, apesar de ser o autor de um relatório secreto no qual planejou a drástica redução da população, sem falar no uso dos recursos estratégicos e na produção de alimentos como arma de controle social. A estratégia deles continua a pleno vapor.

Não quero finalizar este prólogo sem ressaltar a importância do trabalho previamente realizado por eminentes pesquisadores para a concretização deste livro. Muitos deles foram perseguidos e desacreditados décadas antes por contarem a verdade — conceito que mais assusta os senhores do mundo. Em virtude de suas contribuições e valentia, cito precursores como o professor Antony Sutton, o sociólogo britânico Michael A. Peters, os analistas Noam Chomsky, Dallas Smythe, Herbert Schiller, Charles Wright Mills e o historiador Carroll Quigley, entre outros, que colaboraram de maneira notável para a resolução do quebra-cabeça que hoje podemos completar para obter o conhecimento da verdadeira história do Clube Bilderberg. Meu muito obrigado a todos eles e aos que diariamente trazem a verdade para seus semelhantes.

Como bem disse a escritora egípcia Nawal El Saadawi: "Nada é mais perigoso que a verdade num mundo que mente".

Sevilha, março de 2010.

CAPÍTULO 1

O Clube Bilderberg: os donos do mundo

Existem duas histórias: a história oficial, mentirosa, aquela que nos ensinam; e a história secreta, na qual se encontram as verdadeiras causas dos acontecimentos, uma história vergonhosa.
— Honoré de Balzac[1] em *Ilusões perdidas.*

Um clube ultra-secreto, ultra-exclusivo, reservado aos mais poderosos, cuja filiação é avalizada pelas contas bancárias, papéis de poder, influências militares, midiáticas, intelectuais, econômicas e políticas. Uma entidade supranacional, um grupo criado dentro de um sistema democrático multinacional, porém de costas para ele, acima dele... Acima do bem e do mal.

"O que é um segredo?", perguntaram a Henry Kissinger em certa ocasião. A resposta do emigrante alemão, que ascendeu ao mais alto escalão do poder nos Estados Unidos, foi a seguinte: "Um segredo é aquilo que não aparece na primeira página do jornal *The New York Times*".

Mais de sessenta anos se passaram desde sua fundação e você jamais leu nada sobre o Clube Bilderberg na manchete de nenhum jornal, muito menos do *New York Times*. Como é bem sabido, a mídia joga a favor

1 Honoré de Balzac (1799–1850), escritor francês e autor de *A comédia humana*.

do poder. Porém, até que ponto? Até que extremo guardam o segredo do Clube Bilderberg?

De costas para o mundo, oculta aos olhos da população, num silêncio sepulcral e inquietante, a elite do poder observa tudo secretamente para planejar e comandar o destino de todos os seres do planeta. Ela avança de maneira sigilosa, constante, conquistando o território das liberdades individuais, e reduzindo-o a uma mera escolha entre os produtos ofertados em seu mercado global.

— Que carro vou comprar? Um vermelho ou verde. Grande ou pequeno... Americano ou japonês.

Esse tipo de escolha recebe o nome de "liberdade" por parte dos membros do Clube Bilderberg, tanto temidos como ignorados, alvos de inevitáveis detratores e de fiéis incondicionais.

Durante três dias do mês de maio ou junho, as elites política, militar, financeira, econômica, aristocrática e intelectual do planeta se reúnem, com a discrição que marca seus ritos, num dos hotéis mais luxuosos do mundo. Banqueiros, generais, espiões, chefes de governo, donos de impérios midiáticos, jornalistas, reis e príncipes ficam confinados a portas fechadas para usurpar os direitos de debater e decidir, que, dentro de uma democracia, pertencem a cada um de nós. Eles contam com informações privilegiadas de metadados e resultados empíricos escondidos dos cidadãos, com a clara finalidade de manipular nossas emoções e, por meio delas, nosso comportamento. O fim é o mesmo de sempre: o controle. E, para isso, é preciso manter o povo distante do conhecimento e da verdade.

Os donos do mundo estão sempre à espreita, dando vida, todos os dias, à frase do filósofo Thomas Hobbes: *Homo homini lupus* (O homem é o lobo do homem). São os verdadeiros predadores, que jamais foram impedidos, por nada nem ninguém, de alcançarem seu objetivo: a dominação do mundo. O Clube Bilderberg não age por dinheiro, pois já o tem, mas pelo poder: anseia o controle absoluto sobre todas as mentes do planeta.

E como o fazem? Controlando os meios de comunicação. Segundo o que demonstrarei na minha tese de doutorado, membros do Clube Bilderberg são os principais proprietários e acionistas dos seis grandes

conglomerados da mídia global. O que significa que eles escolhem o que será ou não notícia; o que será publicado e o que será ocultado; como serão interpretados os acontecimentos publicados a seguir e quem serão os bandidos ou os mocinhos da trama. Ramón Reig, catedrático de estrutura da informação na Universidade de Sevilha, fala de "deuses e demônios midiáticos", e como já dito por Umberto Eco, quem controla os meios de comunicação controla o mundo. Apropriar-se da imprensa, da comunicação, da indústria do entretenimento, é o ato mais pérfido de todos. O perigo representado pelo controle da imprensa é infinito, porque suas decisões transformam a democracia numa ditadura. Se isso ainda não se deu, faça a seguinte pergunta a si mesmo: em prol de que trabalham os meios de comunicação? Da verdade, dos cidadãos, do mercado, do poder?

No universo ideal da elite governante, os cidadãos são meros escravos, servos sem correntes visíveis, mas irremediavelmente presos a um mundo injusto, a um sistema ideológico, econômico e cultural atroz, imposto através de palavras de ordem democráticas falsas e propagandistas. Ao mesmo tempo que vedam qualquer possibilidade de desenvolvimento ao chamado "Terceiro Mundo", os poderosos praticam uma guerra silenciosa em solo ocidental por intermédio da qual o espírito humano, livre por natureza, é inevitavelmente enterrado numa tumba, administrada por um sistema de trabalho, consumo, ensino e ócio planejado com sagacidade e instrumentalizado para se apoderar da sua alma, do seu livre-arbítrio. Trata-se de uma versão mais sofisticada de escravidão, por meio da qual os cidadãos continuam a serviço do dominador, sem estar plenamente conscientes disto. Daí que surge o seguinte paradoxo: o dominado presta uma ajuda adequada e imparcial ao dominador; isto é, o próprio escravo contribui para permanecer nessa situação. Não sabe que é cúmplice da própria escravidão. Mas imagina... Quando resolve dedicar tempo suficiente para refletir, descobre a farsa. E quando se dá conta de como o escravizam, é tomado pelo medo. Por conseqüência, prefere não pensar e evadir-se. Embora não seja errado dizer que muitas pessoas estão, sim, plenamente conscientes da própria escravidão. E se deixam escravizar. E são felizes sendo escravas. Por quê? Porque obtêm benefícios com isso.

Por sua vez, paulatinamente, os *bilderbergs* continuam à espreita das liberdades com a finalidade de instaurar um mundo sem fronteiras nem nações. Um planeta igual ao da canção de John Lennon, mas com uma importante diferença: será um modelo decidido unilateralmente e implantado à força. Uma força sutil, mas é força de qualquer maneira. Embora alguns não percebam, vivemos sob um totalitarismo que não escolhemos, cujas armas, como as de qualquer governo ditatorial, são a propaganda, a mentira e a manipulação de dados e acontecimentos, com o fim de controlar a população, submetida a um estado perpétuo de angústia, infelicidade e desconforto interior. Essa população não sabe o que a aflige, mas sabe que tem alguma coisa acontecendo.

Um mundo de segredos e conspirações

Apesar da intenção de secretismo, após mais de meio século de sua criação, o clube começa a ter de lidar com o rompimento do silêncio. Ainda que para poucos, porque a maior parte da opinião pública ignora totalmente suas atividades e objetivos. Depois de tantos anos no obscurantismo, sua mitologia passa a transcender suas reuniões clandestinas graças às vagas menções da imprensa, aos vazamentos enviesados e tendenciosos feitos pelo próprio grupo e, sobretudo, à investigação reveladora de algum jornalista sério e não-alienado. Há mais de uma década, dou especial atenção à análise dos vazamentos tendenciosos feitos pelo grupo, pois sem o estudo aprofundado dos fatos e das declarações de seus membros jamais seremos capazes de compreendê-los.

Quem são os *bilderbergs*? O que discutem em suas inquietantes reuniões? É possível haver diálogo no seio da organização, ou o motivo da presença dos convidados não é outro senão cumprir fielmente as ordens do clã superior? E, acima de tudo, quem manda no Clube Bilderberg?

Pode ser que você tenha lido alguns dos meus livros. Certamente, não acredita em versões oficiais, porque intui ou, até mesmo, possui dados e observações próprios que contradizem o que o poder reputa ser realidade, quando este atua como o Ministério da Verdade orwelliano. Mas você sabe como o mundo funciona e, exatamente por isso, em algum encontro de amigos teve que escutar algo do tipo: "Deixe de

teorias da conspiração. Você está sendo paranóico". Que elogio! Só porque pôs em dúvida a versão dos políticos, noticiários, intelectuais ou "especialistas" de todo tipo.

Por acaso não temos o direito de duvidar? É a dúvida cartesiana que faz o ser humano progredir e exalta a verdadeira ciência. Não, você não é um paranóico da conspiração. Você só está fazendo uma coisa que é própria do ser humano: pensar. O ser humano é um ser pensante. Foi a aplicação do pensamento que nos trouxe das cavernas às megacidades, ainda que atualmente pareça que estamos regredindo à pré-história, a julgar pela estupidez do nosso entorno.

Então, quem são os verdadeiros paranóicos? São os que receiam, os que têm medo de que algum dia despertem e descubram que não vivem no maravilhoso mundo da Disney que os meios de comunicação criaram para eles. Existe outra realidade mundo afora, porém é preciso ter coragem para abrir os olhos e a encarar. A vida é mais cômoda na Disneylândia. Poucos são os valentes, os legítimos destemidos, os ousados que querem conhecer a verdade, os que não temem o frio, as tormentas nem a fome. Faltam Ulisses capazes de enfrentar suas próprias odisséias.

Além disso, essa palavra que os arrogantes e covardes, que os pusilânimes e presunçosos, enaltecem aos quatro ventos, não saiu de seus cérebros. Foi-lhes incutida, inoculada como um vírus mental. Não foram eles que a conceberam. Os orgulhosos e os mequetrefes, que se julgam livres e pensantes, ignoram ou repetem como robôs os constantes gracejos dos agentes da CIA, a verdadeira autora e insinuadora desse termo para aniquilar o adversário intelectual. Inquietada pela falta de fé de cidadãos e jornalistas na versão oficial do magnicídio de John F. Kennedy, resolveu dar uma solução às perguntas sempre incômodas com um "isso é teoria da conspiração. Pare de fazer perguntas e acredite no que estamos dizendo. Quem matou Kennedy foi Lee Harvey Oswald".[2] E isso foi repetido diversas vezes, com a intenção de que a força bruta vencesse a batalha contra o pensamento. Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade, declarou Goebbels, ministro da Educação Pública e Propaganda do Partido Nazista.

---

2 A expressão "teoria da conspiração" foi cunhada pela CIA no documento número 1035-960, datado de 1º de abril de 1967.

Mas não. Nem mesmo por força da repetição; uma mentira jamais se tornará verdade. Quando os paranóicos conspiradores da CIA e seus jornalistas e pseudo-intelectuais a soldo observam o crescimento do número de hereges, inventam palavras para rotulá-los. A última da vez é a pós-verdade, com a qual visam explicar seus últimos fracassos: o Brexit, Barack Obama, Hillary Clinton. Com ela, poderão combater os hereges da mudança climática provocada pelo homem, os descrentes em Obama, os que não se vacinam quando uma pandemia global é alardeada pela mídia.

Tudo será chamado de pós-verdade. Eles farão o que for preciso para não admitir que suas mentiras são mentiras e que sua luta não serviu para nada, só para instaurar o caos onde antes havia ordem.

O termo "paranóia conspiratória" foi inventado pela CIA quando cidadãos e jornalistas estadunidenses começaram a fazer perguntas incômodas que colocavam em xeque a versão de que Lee Harvey Oswald teria sido o assassino de Kennedy. As pessoas pensantes não puderam aceitar as conclusões da Comissão Warren, encarregada de analisar o magnicídio, porque não eram lógicas e insultavam a inteligência de cada uma delas. A "paranóia conspiratória" foi mais um insulto que cresceu ao longo do tempo, demonstrando que quem a inventou estava mais assustado que aqueles que faziam o lógico: pensar.

Kennedy era um estorvo para os planos do *establishment* do Clube Bilderberg. A fracassada invasão da Baía dos Porcos, organizada pela CIA e defendida pelos proprietários dos principais meios de comunicação norte-americanos — ou seja, membros *bilderbergs* —, expôs o presidente ao ridículo. Por isso, a primeira coisa que ele fez foi destituir Allen Dulles, o todo-poderoso diretor da Agência Central de Inteligência que zelava para que as reuniões do Clube Bilderberg fossem realizadas sem incômodo por parte da imprensa. O estranho é que Dulles foi logo integrado como membro da Comissão Warren e abafou o caso colocando a culpa em Oswald, que, dois dias depois, foi assassinado por Jack Ruby.

Quem substituiu Kennedy foi Lyndon B. Johnson, por ordens do clube.

E assim funciona o Clube Bilderberg. Isso é o poder. Quem tem o poder tem a capacidade de criar mundos imaginários por meio de

todos os instrumentos de comunicação que controla: as palavras, os jornais, a televisão, o cinema, os atores famosos que trabalham em suas produtoras, os estilistas de cujas marcas são donos.

Se você questiona, ou melhor, se você pensa, converte-se num teórico da conspiração. Se não quiser que o insultem dessa maneira, seja um bom menino ou uma boa menina e acredite em tudo o que nós, os mentirosos contumazes, lhe contamos sobre o mundo. Continue acreditando em nós, apesar das mentiras que contamos sobre o golpe de Estado de Pinochet, a revolução do Irã, as armas de destruição em massa de Saddam Hussein, o aquecimento global causado pelo homem, as pandemias de gripe suína e de ebola, Obama, as "primaveras árabes". E, agora, Donald Trump.

Continue acreditando em nós e em nossa inteligência suprema que instaura o caos onde antes havia ordem. Claro, por que está surpreso? Ah! Você ainda não havia percebido que a essência da Nova Ordem Mundial é ser o novo caos global.

Que grande mágica faz com que seja considerado paranóico da conspiração quem pensa que aqueles que mentiram antes podem mentir de novo? Os paranóicos da conspiração são aqueles que temem a população e que, por causa desse temor, inventam palavras. Os paranóicos da conspiração são aqueles que mantiveram o poder em suas mãos após a Segunda Guerra Mundial e que, para não perdê-lo, inventaram um mundo inexistente, uma irrealidade, uma ficção que se voltou contra eles. Donald Trump?

Porém, os donos do mundo continuam à espreita, convencidos de que estão com tudo sob controle. E o maior perigo deriva exatamente disso. Os *bilderbergs* são perigosos, porque acreditam estar a serviço de Deus. O que significa Deus para eles continua sendo um mistério.

CAPÍTULO 2

A maçonaria e os *bilderbergs*

Quando o homem deixa de crer em
Deus, pode crer em qualquer coisa.
— G. K. Chesterton[1]

Existem provas irrefutáveis de que, desde a Idade Moderna, a maçonaria influenciou os sucessivos episódios da história mundial. Como demonstraram com maestria as investigações de respeitáveis autores acadêmicos,[2] a fraternidade favoreceu a expansão do Império Britânico e as reivindicações da Revolução Francesa, antes de esta ser manipulada por Napoleão para servir às ambições de sua política. Além de ter tido parte imprescindível na elaboração e desenvolvimento das três internacionais socialistas, essa sociedade secreta teve um impacto fundamental nas ondas e campanhas anticatólicas da França, Espanha, Itália e América Latina, assim como nos processos revolucionários destes países.

Alguns historiadores salientam as manobras sangrentas utilizadas pela maçonaria para atingir seus propósitos, como os assassinatos de líderes vanguardistas, o emprego de armas não-convencionais, os golpes de Estado e as invasões diretas ou indiretas de determinados países. Na Itália sangüinária dos anos 1980, a Loja P2, numa aliança com a

1 Gilbert Keith Chesterton (1874–1936) foi um escritor britânico.

2 Ver "Bibliografia, artigos e sites", p. 341.

OTAN e o Banco Ambrosiano, implementou a Operação Gladio, que criou um caos proveitoso para as elites ocultas do poder que compõem o Clube Bilderberg.

As ocorrências foram denunciadas no livro[3] do Juiz Ferdinando Imposimato, presidente honorário do Superior Tribunal de Justiça, que instruiu o caso do assassinato do Primeiro-Ministro italiano Aldo Moro e do atentado contra o Papa João Paulo II e foi um dos principais juízes antimáfia. No lançamento da sua obra, um repórter do *Fanpage* o entrevistou, e ele disse o seguinte:[4]

> *Repórter*: Trinta anos depois da série de atentados, continuamos sem saber a verdade. Como é possível?
> *Ferdinando Imposimato*: Não é bem assim. Já descobrimos parte da verdade. Atualmente, as coisas estão mais claras. Houve cumplicidade do Estado, ou de facções do Estado, com a máfia, o terrorismo, a maçonaria, que se articularam por meio de uma organização denominada Gladio, ou Stay Behind, uma organização internacional controlada pela CIA. Hoje, tudo isso já está demonstrado. Antes era fantasia. Hoje é uma realidade conhecida e um problema que perdura.
> *R.*: Uma série de atentados para desestabilizar o Estado. Com qual objetivo?
> *F.I.*: [...] Não foi feito visando a um golpe de Estado, mas para fortalecer o poder. Desestabilizar a ordem pública para estabilizar o poder político.
> *R.*: E sua investigação nos leva ao Grupo Bilderberg.
> *F.I.*: Na verdade, foi Emilio Alessandrini quem descobriu isso num documento que, por milagre, pude encontrar. Encontrei esse nome num documento que datava de 1967, e, depois, houve uma reunião do Clube Bilderberg, que aconteceu em Roma sem nenhum jornal tê-la noticiado, com exceção do *Dagospia*. E quanto ao Grupo do Clube Bilderberg [...], será preciso estudar esse documento importantíssimo que já mencionei [...]. Esse documento diz que o Grupo Bilderberg é um dos responsáveis pela "estratégia da tensão" e, por conseguinte, é também responsável pelos atentados [...] esse Grupo do Clube Bilderberg [...]. É responsável pelos massacres!

3 *La Repubblica delle stragi impunite. I documenti inediti dei fatti di sangue che hanno sconvolto il nostro Paese (2013)*. Podemos traduzir como "A República dos massacres impunes. Os documentos inéditos sobre fatos sangrentos que abalaram nosso país".

4 http://tu.tv/videos/presidente-de-la-corte-suprema-de-Itália.

R.: No grupo, há membros do governo e gente próxima ao mundo político e empresarial.
F.I.: É impossível que nenhum deles estivesse por dentro. Mas é assim mesmo que atua o Grupo Bilderberg: lidera o mundo e as democracias de forma invisível, para sujeitar ao grupo o desenvolvimento democrático dessas democracias.

As coisas funcionam desse jeito, enquanto a imprensa faz vista grossa, porque hoje os proprietários da mídia fazem parte dos *bilderbergs*, como demonstrarei na minha tese de doutorado. Na Itália, Giovanni Agnelli, membro do comitê diretor do Clube Bilderberg e proprietário do grupo Fiat, da editora Rizzoli e do jornal *Corriere della Sera* (atualmente é acionista do *El Mundo*, do *Marca*, etc.), encarregava-se de manter os jornalistas na linha. Silêncio absoluto em relação às suas redes de poder.

A metodologia maçônica está ligada intimamente a alguns dos procedimentos utilizados pelos *bilderbergs* contra o que consideraram um obstáculo para a conquista de seus objetivos. Ainda é incerta, por exemplo, a autoria do magnicídio de John F. Kennedy. Contudo, pouco ou nada foi descoberto sobre a ligação do Clube Bilderberg com a maçonaria, apesar de causar surpresa a quantidade imensa de características em comum que qualquer investigador imparcial pode encontrar ao analisar esses dois grupos.

O aspecto mais gritante desse vínculo é que o clube foi fundado justamente por maçons. O Príncipe Bernardo da Holanda e Joseph Retinger, sendo este de alto grau, pertenciam a lojas distintas, e David Rockefeller, que foi a alma do grupo e, sem dúvida, quem os orientou com sua liderança maçônica. Além disso, muitos dos membros atuais, assim como grande parte de seu comitê diretor, pertencem à maçonaria, como veremos neste capítulo. Portanto, observamos que são os maçons que norteiam o rumo do clube.

Neste contexto, vale a pena conhecer as influências de David Rockefeller sobre o Clube Bilderberg. Em seu livro de memórias, Rockefeller inicia um breve relato sobre a entidade com um sonoro sarcasmo que visa ridicularizar aqueles que investigam as organizações elitistas fundadas por ele: "Correndo o risco de desiludir esses divulgadores de conspirações, a verdade é que o Clube Bilderberg é realmente um grupo de discussões

anual muito interessante que debate questões relevantes tanto a europeus quanto aos norte-americanos, sem que se chegue a uma conclusão".

Em seguida, o banqueiro internacional, que foi espião durante a Segunda Guerra Mundial, fala do ideólogo do Clube Bilderberg, outro espião:

> Retinger, um polonês de origem aristocrática que servira na inteligência britânica durante a Segunda Guerra Mundial [...], preocupava-se com as tensas relações dentro da comunidade atlântica. Ele convenceu Bernardo a convocar um grupo de indivíduos notáveis para discutir essas questões. Eu fui um dos onze americanos convidados, e reunimos cinqüenta delegados de onze países da Europa Ocidental, um mosaico vivo de políticos, empresários, jornalistas e sindicalistas.

Em poucas palavras, Rockefeller aborda décadas de reuniões que um analista ou leitor desavisado acreditaria não terem servido para nada, a julgar pela pouca importância que lhes é dada por ele. Mas é justamente essa indiferença que desperta as maiores suspeitas; uma indiferença que, sem dúvidas, interpreto como forçada. Depois, Rockefeller relembra em sua biografia outras organizações que fundou, como a Trilateral, até que finalmente, após citar *en passant* suas criações, a ironia com que começou se transforma na realidade que elas realmente significaram para ele:

> Estas organizações refletem minha crença no princípio do compromisso construtivo. Como membro da inteligência durante a Segunda Guerra Mundial, aprendi que minha eficácia dependia da minha habilidade de implementar uma rede de pessoas com informações e influências confiáveis. Alguns podem pensar que esta técnica é cínica e manipuladora. Eu discordo. Este enfoque me permitiu conhecer pessoas que foram úteis para alcançar objetivos e me deu a oportunidade de criar amizades duradouras que enriqueceram enormemente a minha vida.

Das próprias palavras de Rockefeller, podemos extrair a definição das organizações que fundou, como o Clube Bilderberg:

— "Princípio do compromisso construtivo".

— "Minha habilidade de implementar uma rede de pessoas com informações e influências confiáveis".

— "Pessoas úteis para alcançar objetivos".

— "Amizades duradouras".

Ele mesmo esclarece que o Clube Bilderberg e as suas outras associações constituem os instrumentos que possibilitam o cumprimento da estratégia proposta. Em suma, utilizar pessoas com influência para alcançar sua própria meta, como também pudemos constatar numa entrevista de 1991: "É preferível a soberania supranacional de uma elite intelectual e de banqueiros mundiais à autodeterminação nacional praticada nos séculos passados" (*Newsweek*).

Mais uma vez encontramos a ligação entre a teoria elitista — uma rede de espiões que se deslocam pelo mundo, ao bom e velho estilo aprendido na maçonaria — e o Clube Bilderberg. Somem-se a isso os fatos de que a sede dessa soberania fica nos Estados Unidos, que o governo mundial dos sábios se completa com um exército único e global, assim como uma só religião, e temos a Nova Ordem Mundial.

A Revolução Francesa

Cada época criou seus próprios teóricos da elite. Cada grupo de poder ou de indivíduos notáveis pensou, e continuará pensando, que não existe ninguém melhor que seus membros ou que sua própria inteligência para organizar a sociedade. As teorias contemporâneas da elite têm suas raízes na Idade Moderna, momento em que as diferentes sociedades que compunham o mundo sentiram uma sede insaciável de liberdade que assustou os dominadores. Por exemplo, o julgamento das bruxas de Salém, em Boston, tentou reprimir essa força viva que começou a desabrochar e fez ir pelos ares os constrangidos esquemas do Antigo Regime. Começou a reverberar o mote: *Liberté, Égalité, Fraternité, ou la Mort*, algo que até hoje está em voga.

A maçonaria atual, na qual o Clube Bilderberg se insere, é uma sociedade secreta que surge em princípios do século XVIII, em 1717, na Inglaterra, e transcende a maçonaria da Idade Média para assumir uma posição ainda mais ambiciosa e globalizante. Nessa categoria, encontramos a maçonaria mundialista que está impregnada não só no Clube Bilderberg mas também em outros centros de poder ou sociedades secretas, como a Skull and Bones, a Távola Redonda ou o CFR, que

defendem a imposição de um governo único. "Essas tramas de poder e influência — assinala o historiador Ricardo de la Cierva — possuem origens comprovadamente maçônicas. Todas elas têm em comum o poder político, social e financeiro. Seus membros estão na órbita maçônica, porém muitos deles não querem ingressar oficialmente na maçonaria porque ela é anticristã, portanto é mais conveniente, mais cômodo, não adentrar em seus quadros". Isso significa que o Clube Bilderberg e o restante dos clubes estão abertos aos não-maçons e a quem pertence a lojas não-oficiais, as quais são meras agremiações com estilo maçônico.

Uma sociedade fraternal e totalitária

Segundo a Grande Loja Unida da Inglaterra — unidade central da franco-maçonaria, ou maçonaria moderna —, "a maçonaria é uma das sociedades fraternais mais antigas do mundo". Possui raízes na Idade Média, quando agremiações de artesãos das grandes catedrais cristãs decidiram se unir para lutar pelo reconhecimento e pela profissionalização de seu ofício, criando suas próprias constituições, sobre as quais juraram guardar segredo das técnicas de edificação de suas obras. De um ponto de vista laboral, o objetivo é evitar a intromissão profissional e regularizar os honorários de seus serviços. O segredo da construção passa de pais para filhos, e são criadas diferentes lojas (com o nome de seus lugares de reunião) agrupadas em especialidades.

Com o passar do tempo, a maçonaria desmembra-se em outras organizações que diziam guardar uma série de segredos muito distintos, relativos à vida de Jesus de Nazaré, como a Ordem do Templo, os Cátaros, o Priorado de Sião ou a Rosa-Cruz, entre outras.

Essas sociedades antigas inspiraram movimentos modernos de caráter maçônico-esotérico-religioso que mesclaram uma série de doutrinas da Antigüidade, sem base científica, resultando num sincretismo que se confunde e se distancia dos fins buscados por muitas das agremiações originais. As sociedades modernas pensam que foram escolhidas para dar seguimento ao trabalho de busca pela sabedoria, pela existência e pelo sentido de Deus e da morte, porém suas ações contradizem e desmascaram seus membros e dirigentes.

Até o século XXI, a maçonaria evoluiu de forma notável, mas continua conservando suas características primordiais: o secretismo, o corporativismo, a transmissão dos conhecimentos secretos de geração para geração e o compromisso de solucionar seus problemas pessoais dentro da esfera de influência das lojas e com base nos estatutos ou constituições próprias. Apesar de se apresentarem como um grupo de homens livres e iguais, as lojas mantêm uma forte hierarquia, que obriga o resto dos membros a obedecer ao líder. O autoritarismo, por vezes, se transforma em totalitarismo.

Na verdade, a maçonaria é hoje um emaranhado complexo difundido ao redor do mundo por meio de diferentes agrupamentos que se integram, seguindo o modelo de confederação, às grandes lojas. Por sua vez, existe a divisão entre maçonaria regular e irregular, segundo o ponto de vista teológico. Algumas lojas maçônicas destacaram-se por rituais e crimes sangüinários, como a mexicana; aliás, diversos autores concordam que um dos requisitos imprescindíveis para obter o grau 33, de Soberano Grande Inspetor-Geral, pelo Rito Escocês Antigo e Aceito é cometer pessoalmente um assassinato.

O Clube Bilderberg e os escolhidos

Um dos principais problemas ao tentar definir e conhecer o sentido profundo da maçonaria moderna é que coexistem duas maçonarias: uma visível, a das Três Colunas, dos aventais, das insígnias, dos rituais e até das declarações públicas comedidas e parciais; e outra invisível, que atua de várias maneiras: a maçonaria da Quarta Coluna. Esta é desconhecida até por maçons de alto grau, e nela está incluída a maçonaria mundialista, como concluiu De La Cierva após décadas de estudo.

Anos antes, Manly P. Hall (1901–1990), um dos autores maçônicos mais famosos da maçonaria atual, deixou muita coisa escrita. Mesclou mitologia, religiões, matemática e magia. Falou de Pitágoras, ritos pagãos, deuses egípcios e cristianismo antigo. Seu legado é estudado na University of Philosophical Research, em Los Angeles, Califórnia,[5] e sua obra mais conhecida é *The Secret Teachings of All Ages: An Encyclopedic*

---

5 http://www.uprs.edu/.

Outline of Masonic, Hermetic, Qabbalistic and Rosicrucian Symbolical Philosophy,[6] de 1928. É bastante revelador o que lemos em seu livro seguinte, *Lectures on Ancient Philosophy*, publicado em 1929:

> A franco-maçonaria é uma fraternidade dentro de uma fraternidade; uma organização exterior oculta para a irmandade interior dos escolhidos. É necessário examinar a existência dessas duas organizações distintas, porém interdependentes, uma visível e outra invisível. A sociedade visível é uma excelente camaradagem entre homens livres e comprometidos a se dedicarem a fins éticos, educativos, fraternais, patrióticos e humanitários. A sociedade invisível é uma augusta fraternidade, dotada de dignidade majestosa, cujos membros se dedicam ao serviço de um *arcanum arcanorum* (segredo dos segredos, arcano dos arcanos).

O Clube Bilderberg atua nessa maçonaria invisível, a maçonaria dos escolhidos, enquanto coexiste outra que desconhece esta superior.

Embora o Clube Bilderberg não seja uma loja, seus dirigentes são maçons, o que significa que, na prática, suas ações e ideologia estão integradas na cosmologia maçônica. Por isso, os *bilderbergs* iniciados se consideram "escolhidos" e "iluminados", e, diante dos cidadãos comuns, eles utilizam e comandam o clube e os assistentes com base no idealismo maçônico, que consiste em criar um novo mundo, um novo homem.

Albert Pike (1809–1891), que mais de um século após sua morte continua sendo um dos autores maçônicos mais citados e respeitados pelos irmãos, foi um símbolo ilustre da maçonaria invisível e estabeleceu o Rito Escocês Antigo e Aceito como o mais praticado nos EUA, de onde foi exportado para outros lugares do globo. Pike foi apelidado de "Papa Maçônico" e "Platão da Maçonaria", e vinculou seus ensinamentos à cabala, à gnose, aos mistérios de Ísis e ao culto a Krishna. Sua obra-prima é *Morals and Dogma*, que tem sido entregue há séculos aos iniciados a fim de oferecer-lhes educação maçônica. A edição digitalizada está disponível no Supremo Conselho do Grau 33.

O que li em suas páginas é, a meu ver, algo inusitado. Não é normal encontrar na cultura oficial esses temas, mas, apesar disso, eles entraram na moda, como observamos no âmbito musical em videoclipes e em cenas

6 Poderíamos traduzir como: "Ensinamentos secretos de todos os tempos: enciclopédia da filosofia simbólica maçônica, hermética, cabalística e rosacruciana".

Até o século XXI, a maçonaria evoluiu de forma notável, mas continua conservando suas características primordiais: o secretismo, o corporativismo, a transmissão dos conhecimentos secretos de geração para geração e o compromisso de solucionar seus problemas pessoais dentro da esfera de influência das lojas e com base nos estatutos ou constituições próprias. Apesar de se apresentarem como um grupo de homens livres e iguais, as lojas mantêm uma forte hierarquia, que obriga o resto dos membros a obedecer ao líder. O autoritarismo, por vezes, se transforma em totalitarismo.

Na verdade, a maçonaria é hoje um emaranhado complexo difundido ao redor do mundo por meio de diferentes agrupamentos que se integram, seguindo o modelo de confederação, às grandes lojas. Por sua vez, existe a divisão entre maçonaria regular e irregular, segundo o ponto de vista teológico. Algumas lojas maçônicas destacaram-se por rituais e crimes sangüinários, como a mexicana; aliás, diversos autores concordam que um dos requisitos imprescindíveis para obter o grau 33, de Soberano Grande Inspetor-Geral, pelo Rito Escocês Antigo e Aceito é cometer pessoalmente um assassinato.

O Clube Bilderberg e os escolhidos

Um dos principais problemas ao tentar definir e conhecer o sentido profundo da maçonaria moderna é que coexistem duas maçonarias: uma visível, a das Três Colunas, dos aventais, das insígnias, dos rituais e até das declarações públicas comedidas e parciais; e outra invisível, que atua de várias maneiras: a maçonaria da Quarta Coluna. Esta é desconhecida até por maçons de alto grau, e nela está incluída a maçonaria mundialista, como concluiu De La Cierva após décadas de estudo.

Anos antes, Manly P. Hall (1901–1990), um dos autores maçônicos mais famosos da maçonaria atual, deixou muita coisa escrita. Mesclou mitologia, religiões, matemática e magia. Falou de Pitágoras, ritos pagãos, deuses egípcios e cristianismo antigo. Seu legado é estudado na University of Philosophical Research, em Los Angeles, Califórnia,[5] e sua obra mais conhecida é *The Secret Teachings of All Ages: An Encyclopedic*

5 http://www.uprs.edu/.

Outline of Masonic, Hermetic, Qabbalistic and Rosicrucian Symbolical Philosophy,[6] de 1928. É bastante revelador o que lemos em seu livro seguinte, *Lectures on Ancient Philosophy*, publicado em 1929:

> A franco-maçonaria é uma fraternidade dentro de uma fraternidade; uma organização exterior oculta para a irmandade interior dos escolhidos. É necessário examinar a existência dessas duas organizações distintas, porém interdependentes, uma visível e outra invisível. A sociedade visível é uma excelente camaradagem entre homens livres e comprometidos a se dedicarem a fins éticos, educativos, fraternais, patrióticos e humanitários. A sociedade invisível é uma augusta fraternidade, dotada de dignidade majestosa, cujos membros se dedicam ao serviço de um *arcanum arcanorum* (segredo dos segredos, arcano dos arcanos).

O Clube Bilderberg atua nessa maçonaria invisível, a maçonaria dos escolhidos, enquanto coexiste outra que desconhece esta superior.

Embora o Clube Bilderberg não seja uma loja, seus dirigentes são maçons, o que significa que, na prática, suas ações e ideologia estão integradas na cosmologia maçônica. Por isso, os *bilderbergs* iniciados se consideram "escolhidos" e "iluminados", e, diante dos cidadãos comuns, eles utilizam e comandam o clube e os assistentes com base no idealismo maçônico, que consiste em criar um novo mundo, um novo homem.

Albert Pike (1809–1891), que mais de um século após sua morte continua sendo um dos autores maçônicos mais citados e respeitados pelos irmãos, foi um símbolo ilustre da maçonaria invisível e estabeleceu o Rito Escocês Antigo e Aceito como o mais praticado nos EUA, de onde foi exportado para outros lugares do globo. Pike foi apelidado de "Papa Maçônico" e "Platão da Maçonaria", e vinculou seus ensinamentos à cabala, à gnose, aos mistérios de Ísis e ao culto a Krishna. Sua obra-prima é *Morals and Dogma*, que tem sido entregue há séculos aos iniciados a fim de oferecer-lhes educação maçônica. A edição digitalizada está disponível no Supremo Conselho do Grau 33.

O que li em suas páginas é, a meu ver, algo inusitado. Não é normal encontrar na cultura oficial esses temas, mas, apesar disso, eles entraram na moda, como observamos no âmbito musical em videoclipes e em cenas

6 Poderíamos traduzir como: "Ensinamentos secretos de todos os tempos: enciclopédia da filosofia simbólica maçônica, hermética, cabalística e rosacruciana".

coreografadas de Madonna, Tokio Hotel ou Lady Gaga, por exemplo. Pike alude constantemente à luz, às trevas, à besta e ao seu número simbólico, o 666. O "Papa Maçônico" diz assim: "A maçonaria, como todas as religiões, todos os mistérios, o hermetismo e a alquimia, oculta seus segredos de todos, exceto aos adeptos e sábios, aos escolhidos, e utiliza explicações falsas e interpretações enganosas dos símbolos para desorientar os que merecem ser desorientados, para ocultar a verdade, chamada de luz, e afastá-los dela".

Novamente, a ocultação, a mentira, a tergiversação, a manipulação, o segredo. Segundo os escritos de Pike, a verdade profunda da luz maçônica só é revelada aos escolhidos da maçonaria invisível, e esta verdade se refere ao sentido absoluto da existência do homem na Terra e sua relação com Deus, o universo e a morte. Tanto Pike quanto os líderes da maçonaria invisível procuram convencer seus membros de que sua doutrina contém a pedra filosofal da existência.

O precedente maçônico de mesclar diferentes teorias, filosofias, supostos saberes antigos e interpretações religiosas inspirou os poderosos e a maçonaria contemporânea em sua ambição de controlar todos os aspectos humanos. O controle sobre a religião seria um pilar fundamental para a uniformização de uma sociedade global que aceitasse um único governo e alguns poucos líderes que, de maneira hierárquica, dirigissem o planeta como um todo. Surge assim o ecumenismo, que publicamente estabelece objetivos louváveis, mas, em contrapartida, oferece uma rasa mixórdia de valores, sem peso nem profundidade, em sua meta de anular todas as religiões, e erradica, enfim, qualquer possibilidade de compreender o mundo e a vida. O ecumenismo é para a religião o que o consenso é para a democracia. Em outras palavras, um processo de anulação para impor de forma obscura as teorias de poder elaboradas pela elite. Mais adiante analisaremos a religião única do Clube Bilderberg.

Textos maçônicos essenciais

Para compreender o caráter da religião única que os maçons querem espalhar pelo mundo, identificada com o movimento *New Age* ou

Nova Era, é importante que antes analisemos a mensagem de alguns textos maçônicos basilares, pois deles derivam os aspectos fulcrais da nova doutrina.

O deus reconhecido pelos maçons iniciados é chamado de Grande Arquiteto do Universo. A princípio, até que lhe sejam reveladas as verdades maçônicas no curso de sua formação, dizem ao neófito que este deus pode ser o cristão, o budista, o judeu, o panteísta ou o muçulmano, segundo a crença de cada irmão maçom. Ele é definido como um deus supremo ou uma espécie de energia universal representada simbolicamente pela letra G em seus brasões e estandartes. Ao retomar e introduzir nos EUA o Rito Escocês Antigo e Aceito da maçonaria, Albert Pike revelou que esse deus é Lúcifer, como sinônimo de Prometeu, o titã amigo dos humanos que roubou o fogo dos deuses para entregá-lo aos homens. Esse fogo eterno seria o conhecimento.

Em *Morals and Dogma*, Pike expõe o ritual dos maçons iniciados para a obtenção do grau XIX, que tem a seguinte redação:

> Na Jerusalém Celestial reina a luz primitiva; a Cidade da Luz irá se impor à Cidade das Trevas. Lúcifer, o Portador da Luz! Estranho e misterioso nome dado ao Espírito das Trevas! Lúcifer, o Filho da Manhã! É ele quem leva a Luz, e com seu resplendor intolerável cega as almas frágeis, sensuais ou egoístas? Não duvide dele! Porque as tradições estão cheias de revelações e inspirações divinas; e a inspiração não é de uma era nem de um credo. Platão e Fílon também estavam inspirados.

O que Pike exclama é que a luz maçônica, a da Quarta Coluna, a da Maçonaria Invisível, é a luz de Lúcifer. Ao iniciado será revelado aos poucos, à medida que ele for avançando nos graus, o segredo da maçonaria, que consiste em conhecer que a luz o salva do mundo das trevas, da obscuridade, e que a obscuridade é a ausência de conhecimento na qual permanecem os não-iniciados. Deste modo, é o conhecimento por meio da razão que ilumina os homens. Os não-iluminados são os que não sabem, os que não conhecem. Para os iluminados, Lúcifer/Prometeu é deus e Jesus é o imitador. Segundo os maçons, esta luz é uma força criada para o bem, mas pode ser utilizada para o mal, atribuindo-se a Lúcifer/Prometeu um sinal muito positivo: ser um instrumento da liberdade e do livre-arbítrio.

Do fato de o maçom poder agir livremente com a força de Lúcifer/Prometeu, o espírito da luz e da verdade, depreende-se que esse "iluminado" pode praticar qualquer ação, ainda que esta pareça perversa *a priori*, já que as más ações se revelam boas, quando interpretadas por intermédio da compreensão proporcionada pelo espírito da luz. Na prática, esta conclusão significaria que não há problema no fato de que algumas pessoas morram ou passem fome para que outros vivam com abundância de todo tipo. E também significa que, para que uma elite global ostente o poder avalizado por uma riqueza infinita de trilhões de dólares, muitas pessoas têm que passar fome e serem exploradas. Como afirma Albert Pike em *Morals and Dogma*: "Freqüentemente, um homem ou muitos homens devem ser sacrificados, no sentido comum do termo, para o bem-estar de todos".

De la Cierva nos conta que Jack Lang, intelectual e político do socialismo radical francês, realizou, na cidade histórica de Blois, uma reunião geral de lideranças maçônicas com o fim de consagrar a França a Lúcifer/Prometeu. O motivo da reunião era uma correspondência cabalística com o símbolo de Lúcifer que coincidia com o 30 de junho de 2000. Lang foi ministro da Cultura durante vários governos socialistas.

A maçonaria invisível dos escolhidos

A maçonaria dos escolhidos, que só é praticada por uma pequena porcentagem dos maçons dos altos graus, como afirmaram Albert Pike e Manly P. Hall, atua em três cenários:

1) O núcleo rígido da maçonaria dos escolhidos.

2) O esotérico-satanista.

3) A maçonaria invisível do poder mundial.

O globalismo maçônico da elite do poder tem suas raízes em várias doutrinas da Idade Moderna. Um de seus expoentes foi o alemão Karl Christian Friedrich Krause (1781–1832), que promoveu em 1911 a teoria conhecida como "Federação da Humanidade", uma trama maçônica que conduziria à criação de uma república universal, integrando os cinco continentes. Ele expôs suas idéias no livro *Das Urbild der Menschheit* (o ideal da Humanidade). A doutrina krausista foi exportada para

todo o mundo, inspirando professores e catedráticos, como o espanhol Giner de los Ríos, diretor da Institución Libre de Enseñanza, fundada em 1876, onde estudaram Lorca e Dalí. Além disso, o filósofo Arthur Schopenhauer foi um dos alunos de Krause na Universidade de Göttingen.

As organizações paramaçônicas globalistas de caráter invisível, órgãos essenciais para a globalização, como o Clube Bilderberg, o CFR, a Skull and Bones e a Comissão Trilateral, beberam das teorias krausistas, elevando o professor alemão a precursor do governo único desejado por seus membros.

A Grande Loja Rockefeller 666

Possivelmente, a iniciação de David Rockefeller na maçonaria aconteceu na London School of Economics, centro da maçonaria fabiana e berço dos futuros economistas globais. Ele chegou lá aos 21 anos, pouco depois da morte de seu avô, o lendário forjador da família, John Davison Rockefeller, que faleceu na primavera de 1937, aos 97 anos de idade. No mês de junho de 2017, David completaria 102 anos. Parece que ele foi submetido a seis operações cardíacas e a contínuas hemodiálises. A verdade é que não temos certeza disso, mas, se tem alguém que pode ter sido sujeito às últimas descobertas da medicina, sem dúvida seria ele.

Porém, para alguns, isso não é brincadeira. O Professor Manuel Guerra, da Faculdade de Teologia do Norte da Espanha, em Burgos, especialista em projeção internacional de seitas, ocultismo e satanismo, aprofundou os estudos nestes assuntos citados em seus livros *Diccionario enciclopédico de las sectas* e *El satanismo y el luciferismo*. O estudioso considera o satanismo e o luciferismo como duas formas de religiosidade alternativa e mágica de nosso tempo, e revela em seus trabalhos aspectos interessantes sobre a profunda impregnação do satanismo e do luciferismo na sociedade atual.

Por exemplo, a Grande Loja Rockefeller 666 (*Grand Lodge Rockefeller 666*), cuja antiga sede central localizava-se na Quinta Avenida de Nova York, próxima ao Rockefeller Center, entre as marcas mais exclusivas do mundo. Até o ano 1992, havia um letreiro com o número 666 no topo de seu arranha-céu, mas, atualmente, ela se encontra na periferia

da cidade após ter mudado de localidade. Em contrapartida, no edifício do Rockefeller Center, qualquer um pode tirar uma fotografia diante da estátua de Prometeu em seu corredor. Como já adiantamos, trata-se do herói grego que roubou o fogo (como metáfora da sabedoria divina e da compreensão das leis do universo) dos deuses para entregá-lo aos homens.

Na Grande Loja Rockefeller 666, são admitidos apenas homens de alto nível econômico e cultural, que já sejam iniciados nos graus de 30 a 33 da maçonaria do Rito Escocês Antigo e Aceito. O Venerável Mestre atual é David Goldman, que já ajudou bandas como os Rolling Stones. A extinta Ordem Illuminati de origem espanhola conseguiu seu reconhecimento oficial, apesar de a fraude desta irmandade e de seu grão-mestre, Gabriel López de Rojas, ter sido desvendada pelo jornalista José Rodríguez.

A Loja Rockefeller é uma ordem secreta do iluminismo de simbologia luciferina-prometéica, cujo ritual, segundo o Professor Guerra, obedece ao "iluminismo mais tétrico", que visa encontrar uma luz superior à maçônica. Dentre suas características essenciais destaca-se a crença em Lúcifer como único deus, ou seja, não existe outra deidade senão ele. Nesse contexto, o que os cristãos reconhecem como Deus, simplesmente não existe. Esse tipo de entidade iluminada considera Lúcifer como o benfeitor da humanidade, como o herói Prometeu (por isso a estátua no *hall* da sede da Rockefeller 666), ou o Baphomet, que fica exposto em diversas lojas. Esses maçons iluminados voltam seus olhares para a mitologia clássica do herói condenado pelos deuses após ter entregado o fogo divino aos homens e reinterpretam a alegoria de Prometeu como símbolo da inovação espiritual, do resgate do justo e verdadeiro às custas do sacrifício e do sofrimento. Eles falam de uma luz que desce à Terra para iluminar os mortais, afastando-os da obscuridade e trazendo-lhes a consciência e o conhecimento do passado e do futuro (a sabedoria), sendo este um atributo mais da divindade do que do homem.

Depois de receber o conhecimento, os maçons iluminados acreditam serem deuses na Terra e se colocam acima das leis do bem e do mal, que afetam o resto dos ignorantes mortais.

Guerra salienta que no curso de suas reuniões são celebradas missas vermelhas, chamadas assim por conta do predomínio dessa cor no

ritual, durante as quais se coloca sobre um altar a efígie de uma jovem adornada com símbolos pontifícios e da realeza. Embora não sejam praticados sacrifícios humanos, acontecem, sim, ritos de cunho sexual.

Aparentemente, foram esses ritos da maçonaria invisível de alto escalão que o diretor Stanley Kubrick recriou em seu 13º longa-metragem, *De olhos bem fechados*, protagonizado por Tom Cruise e Nicole Kidman, que, pouco tempo depois, viriam a se divorciar.

A Irmandade

O escritor britânico de origem indiana Stephen Knight (1951–1985) publicou em 1983 *The Brotherhood* [A Irmandade], dezoito meses antes de morrer. Em seu livro, ele desvela o coração da maçonaria inglesa e destaca que naqueles anos "mais de 70% dos delegados da polícia de toda a Grã-Bretanha eram membros da maçonaria". O autor descobriu uma importante rede de corrupção e criminalidade na polícia e na Scotland Yard. Nesta corporação, foi realizada uma limpeza que culminou na expulsão de trezentos detetives até o ano de 1975. Uma grande parcela destes eram maçons.[7]

Assim, vemos que a maçonaria não está presente apenas no Clube Bilderberg, mas também num dos mais importantes serviços policiais do mundo, que, além do mais, está encarregado de cuidar da segurança dos *bilderbergs* no curso de suas reuniões. Há maçons dentro e fora do hotel escolhido.

A influência maçônica, segundo o jornalista falecido, também era notada nos órgãos governamentais e no Parlamento britânico. Até 1970, 60 ou 70% dos desembargadores britânicos eram maçons. Muitos deles passaram pelo Clube Bilderberg.

Knight, além de tudo, revelou em seu livro membros da família real britânica que pertenciam à maçonaria, como o duque de Edimburgo — primo do Príncipe Bernardo da Holanda —, que foi iniciado em 5 de dezembro de 1952. Sua esposa, Isabel II, já era rainha e se converteu em grande protetora da Grande Loja da Inglaterra, embora, por ser mulher, não pudesse ser membro da ordem. Em fevereiro de 2015, o duque foi

7 Ricardo de la Cierva, *La masonería invisible*. México, D.F.: Editora Fénix, 2002, p. 370.

reeleito grão-mestre da maçonaria inglesa, especificamente da Grande Loja Unida da Inglaterra, cargo para o qual foi eleito pela primeira vez em 1967. O Príncipe Charles, atual príncipe de Gales, negou-se a ser iniciado na maçonaria, para espanto dos seus membros, que consideram que com esta negativa se interrompe um costume vigente na família real desde o século XVIII, já que praticamente todos os reis da Inglaterra foram maçons desde então. A maçonaria também estava infiltrada na Igreja Anglicana, assim como o era na Católica, chegando inclusive a celebrar missas negras no interior do Vaticano.

Atualmente, estima-se que haja entre 4 e 5 milhões de maçons em todo o mundo, dentre os quais a maioria se encontra nos países anglo-saxônicos: Estados Unidos, Reino Unido e os membros da Commonwealth. Porém, não deixa de ser considerável a quantidade de irmãos existente em países como Alemanha, França, Itália, Espanha, Benelux, Canadá, Portugal e nas cidades mais importantes da América Latina.

Segundo afirmou Ramón Torres Izquierdo quando era Soberano Comendador do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito na Espanha (2009–2012), o Parlamento Europeu é constituído de 60 a 70% de maçons. Ele garantiu também que no governo de Zapatero havia mais maçons que no anterior, e foi mais além: "Podemos afirmar que todos os valores elencados na Constituição espanhola de 1978 são defendidos pela maçonaria, e ainda me atrevo a dizer: a ética da democracia é a maçonaria".

Ramón Torres Izquierdo foi secretário-geral da Telefónica. No ano de 1984, a UGT [União Geral de Trabalhadores] denunciou a existência, desde 1977, de apólices de seguro para os altos cargos da Telefónica, entre eles o ex-grão-soberano, que chegavam a incríveis 46 milhões de pesetas.[8]

Em 2010, De la Cierva revelou que o então presidente do governo espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, "é maçom. Tenho tudo documentado. Estou convencido e, ainda por cima, tenho suspeitas fundamentadas de que alguns de seus ministros também o sejam, embora não possa, no momento, dizer seus nomes". O historiador ressaltou

8 http://elpais.com/diario/1984/02/23/economia/446338808_850215.html.

que, atualmente, a maçonaria espanhola goza de enorme influência, e afirmou sem rodeios que o governo de José Luis Rodríguez Zapatero "é um governo maçônico, como também o Grupo Prisa". Além disso, De la Cierva fez a seguinte crítica: "a política ferozmente anticristã e anticatólica de Rodríguez Zapatero se dedica a erradicar a influência da Igreja sobre a sociedade", ressaltando que o então presidente estava sendo "mais moderado" em suas atuações em decorrência da reação mundial ante a morte de João Paulo II e a escolha de Ratzinger.

O corporativismo do Clube Bilderberg: um aspecto maçônico inconfundível

A solidariedade interna, o corporativismo, constitui uma das principais características do clube. Ser maçom é uma garantia para crescer socialmente, já que "os irmãos" ajudam uns aos outros. O Clube Bilderberg, cujos fundadores e cujas características são de origem maçônica, implementa ao pé da letra uma intensa confraternização entre seus membros, fazendo com que quem seja permanentemente admitido em seu grupo tenha êxito para sempre. Isso também significa que o novo discípulo, se não estiver de acordo com a linha de pensamento do núcleo duro dos *bilderbergs* ou se estes concluírem que ele não servirá aos seus propósitos, terá de sair pela mesma porta por que entrou.

A revista *The Economist* publicou há alguns anos: "Se alguém chega ao Clube Bilderberg, já realizou seu objetivo de vida". A frase faz ainda mais sentido quando olhamos para o caso de Bill Clinton, que o jornalista estadunidense James Tucker denominou de "o exemplo mais impressionante de um recrutamento útil". William J. Clinton compareceu à sua primeira reunião do Clube Bilderberg em Baden-Baden, Alemanha, em 1991. "Lá explicaram-lhe em que consistia o NAFTA e lhe pediram que os apoiasse. No ano seguinte, foi eleito presidente". O NAFTA é o tratado de livre-comércio entre Canadá, México e Estados Unidos, que foi implementado no dia 1º de janeiro de 1994 para eliminar as barreiras e tarifas comerciais entre as três nações e que, agora, Trump quer rever. Clinton foi convidado para o Clube Bilderberg por seus amigos do CFR e, em pouco tempo, obteve a indicação do Partido Democrata que o levou diretamente à Casa Branca.

Esse é um bom exemplo de uma fórmula semelhante à realidade maçônica. Podemos observar algo semelhante na seguinte explicação de León Zeldis Mandel, grão-mestre adjunto honorário da Grande Loja de Israel, a respeito do rito escocês: "Em nossa tradição maçônica, o neófito é colocado num lugar específico dentro da loja, no qual aprende a ser considerado a pedra angular do templo ideal que construímos. Inclusive, existe todo um grau — ou cerimônia maçônica —, a do *mark master*, ou mestre da marca, que se refere especificamente à pedra angular". No Clube Bilderberg, explica-se a todo novo membro o que se espera dele, transformando-o na pedra angular do templo para o qual é recrutado. Cada pedra deve ocupar seu posto, assim todos constroem o templo juntos.

Os maçons podem ter adaptado o seguinte cenário de Is 28, 16: "Portanto estas coisas diz o Senhor Deus: Eis que coloquei nos fundamentos da [nova] Sião uma pedra, uma pedra provada, angular, preciosa, assentada em [solidíssimo] fundamento; aquele que crer, não se apressará [a fugir]". No Antigo Testamento católico, a pedra angular é Cristo. Porém, não é a primeira vez que os maçons fazem uso da Bíblia para inspirar seus escritos e doutrinas.

Os essênios, da mesma forma, no documento *Manual de disciplina* encontrado entre os pergaminhos do Mar Morto, fazem uma referência idêntica: "Eles [os membros da comunidade essênia] serão uma preciosa pedra angular".

Mas Clinton não é a única pedra angular, já que sua indicação não foi um caso isolado; não só os presidentes dos Estados Unidos costumam ser escolhidos dentre os membros do Clube Bilderberg, mas os europeus também. A primeira vez que Anthony Blair[9] esteve com os *bilderbergs* foi em 1993. No ano seguinte, foi eleito presidente do Partido Trabalhista e, em maio de 1997, mudou-se para a Downing Street (local da residência oficial e do escritório do primeiro-ministro do Reino Unido). Romano Prodi compareceu à reunião de 1999; em setembro do mesmo ano, chegou à presidência da Comissão Européia.

Outro caso é o de George Robertson, que esteve presente à reunião do Clube Bilderberg em 1998, um ano antes de sua nomeação para

9 Mais conhecido como Tony Blair, ex-primeiro-ministro britânico — NT.

secretário-geral da OTAN. Do mesmo modo, John Edwards foi convidado para o seleto grupo um mês antes de John Kerry considerá-lo como possível vice da sua chapa para presidente dos EUA, caso vencesse as eleições. Kerry, maçom e membro do Clube Bilderberg, tornou-se secretário de Estado do Presidente Barack Obama. Chamam atenção também os esforços de Henry Kissinger e Giovanni Agnelli para convencer Berlusconi da conveniência de nomear Renato Ruggiero (membro do clube) como ministro das Relações Exteriores da Itália. Rodrigo Rato também esteve no Clube Bilderberg antes de ser nomeado como diretor-geral do Fundo Monetário Internacional, e Esperanza Aguirre esteve presente nos anos 1998, 1999 e 2000; depois disso, foi eleita presidente da Comunidade de Madri, a primeira mulher a ocupar este cargo. No fim de 2004, ela recebeu com todas as honras os participantes do Congresso Mundial da Maçonaria, celebrado na Espanha, e foi fotografada ao lado deles no Senado.

Porém, podemos citar muitos outros exemplos. Outros casos são dos dois primeiros-ministros franceses Lionel Jospin, que foi convidado para o Clube Bilderberg em 1996, um ano antes de ser eleito, e Michel Rocard, que comandou o país de 1998 até 1991. Antes de ser secretário-geral da ONU (cargo que ocupou entre 1997 e 2006), Kofi Annan foi membro do Clube Bilderberg (em seu último livro, ele mesmo disponibiliza uma fotografia de seu pai vestido com a indumentária maçônica). Para o professor titular de economia aplicada da Universidade Autônoma de Barcelona, Arcadi Oliveres, "um dos pontos mais chamativos de toda esta trama é que uma das sobrinhas de Raoul Wallenberg, Nane Lagergren (dona de uma das maiores fortunas da Suécia), está casada com Kofi Annan. Isso significa, no mínimo, que Annan conta com a aprovação de boa parte do *establishment* norte-americano". Kofi Annan foi nomeado pessoalmente por Bill Clinton.

Angela Merkel esteve na conferência do Clube Bilderberg em 2005 e Hillary Clinton foi uma das primeiras mulheres que participaram de uma reunião do clube. Esse fato ocorreu em 1997 e, sobretudo em decorrência dessa visita, alguns meios de comunicação internacionais repercutiram a possibilidade de que ela se tornasse a primeira mulher na Presidência dos EUA. Por pouco não chegou lá. Era a candidata do

Clube Bilderberg. Trump foi para eles uma surpresa muito desagradável, e mais uma prova do que venho defendendo há mais de uma década: eles sempre tentam, mas não é toda vez que conseguem o que querem.

Em junho de 2008, pouco antes de ser eleito presidente dos Estados Unidos, Barack Obama foi convidado para a reunião anual do clube realizada, naquele ano eleitoral, em Washington. Para o encontro, também foi chamada Hillary Clinton, com quem ele brigava diante dos holofotes da mídia pela candidatura presidencial. Mais adiante, isso será melhor examinado.

Tal sucessão de coincidências relativas ao binômio participação em Bilderberg/candidaturas excelentes poderia espantar, se não fosse pela fraternidade que conflui dentro das irmandades de caráter maçônico. Os membros auxiliam uns aos outros, e este impulso se assemelha perfeitamente ao sistema de ascensão maçônico.

Por sua vez, essas coincidências questionáveis geraram acusações das quais o ex-Presidente Étienne Davignon se esquivou, alegando que o comitê diretor tem observadores de grande talento: "Só avaliam gente nova que se destaca na fase inicial da carreira". Quem eles acham que estão enganando?

A simbologia oculta na nota de dólar

No dia 4 de julho de 1776, os delegados dos treze estados da Nova Inglaterra proclamavam a Independência dos Estados Unidos da América. Dos treze signatários da Declaração da Independência, nove eram maçons (Ellery, Franklin, Hancock, Hewes, Hooper, Paine, Stockton, Walton e Whipple), assim como outros nove dos treze delegados ingleses que a assinaram (Adams, Carroll, Dickinson, Ellery, Hancock, Harnett, Laurens, Roberdeau e Bayard Smith), além dos treze autores da Constituição dos Estados Unidos (Bedford, Blair, Brearley, Broom, Carroll, Dayton, Dickinson, Franklin, Gilman, King, McHenry, Paterson e Washington). A grande maioria dos congressistas que ratificaram tais acordos também era de membros da maçonaria, tal como diversos comandantes do exército republicano que combateu as tropas da metrópole inglesa.

Nessa época, ser maçom era a forma de burlar a fiscalização e as leis da coroa inglesa contra a qual se ergueram as treze colônias.

Depois de promulgar a Declaração da Independência, o Congresso encarregou John Adams, Benjamin Franklin e Thomas Jefferson de elaborar o selo oficial do novo Estado, e cada um sugeriu um desenho baseado nas mitologias bíblica ou grega, porém o *design* definitivo foi proposto pelo secretário do Congresso, Charles Thomson, mestre da loja da Filadélfia, comandada por Benjamin Franklin. Thomson também era o grão-mestre provincial das lojas de Boston e da Pensilvânia. Além disso, ele foi venerável mestre da parisiense Loge des Neuf Soeurs (Loja das Nove Musas), nos anos da Revolução Francesa.[10]

O verso do selo coincidia com o símbolo dos Illuminati da Baviera, que também ficariam estampados nas capas dos textos jacobinos mais radicais durante a Revolução Francesa. No centro, figurava uma pirâmide formada por treze degraus (os treze novos estados), e a base continha uma data escrita em numerais romanos: MDCCLXXVI, 1776, o ano da independência. Também é o ano da criação dos Illuminati da Baviera. O triângulo formado no topo da construção aparece radiante com um olho no interior; é o "olho que tudo vê", um símbolo emprestado do Antigo Egito que representa a onisciência de Hórus, o deus Sol (para os maçons, a religião egípcia é a religião da luz). O verso do grande selo incluía duas inscrições: uma na parte superior, circundando o triângulo, onde se lê *Annuit Coeptis*, traduzido como "ele contribuiu para nossa empreitada" ou "aprova os que foram iniciados", referindo-se ao olho do triângulo, que representa uma força da Providência. A outra aparece na base da pirâmide e diz *Novus Ordo Seclorum*. Podemos traduzir essa frase como "a nova ordem dos séculos" ou "a nova ordem das eras".

Posteriormente, o selo foi impresso no verso das notas de um dólar.

10 http://freemasonry.bcy.ca/biography/franklin_b/franklin_b.html.

A expressão citada e as referências a uma nova ordem e a uma nova era, tão recorrentes nas épocas moderna e contemporânea, advêm do filósofo romano Virgílio, e nela encontramos uma equiparação do novo Estado norte-americano com a imperial Roma Antiga. Na subseqüente simbologia iluminista da nova era, a inscrição passa a se referir à nova era de aquário, que sucederá à era de peixes, ou era cristã, e, segundo seus seguidores, marca o início de um período de 250 anos, durante os quais haverá uma transição de uma para outra. Por sua vez, os criadores do selo pensavam que, durante essa transição, os Estados Unidos desempenhariam um papel determinante. De acordo com esses cálculos, a transição acabará no ano de 2026, quando começará outro ciclo.

Vale destacar aqui um trecho da carta que o primeiro presidente dos EUA, George Washington, escreveu em 24 de outubro de 1798 para o pastor protestante G. W. Snyder — com quem iniciou uma relação por correspondência, depois que este o alertou sobre a perniciosa proliferação das idéias dos Illuminati da Baviera nas esferas política, religiosa e cultural da nação —, na qual encontramos o seguinte:

> Não era a minha intenção duvidar de que a doutrina dos Iluminados e os princípios do jacobinismo tivessem sido disseminados pelos Estados Unidos. Ao contrário, ninguém está mais convencido disso do que eu. O que pretendia expor era que não acreditava que as lojas maçônicas do nosso país, enquanto sociedades, visassem propagar as doutrinas diabólicas dos primeiros e os princípios perniciosos dos segundos, se é que podemos separá-los. Que indivíduos o fizeram, ou que o fundador ou os intermediários utilizados na criação das sociedades democráticas dos Estados Unidos tiveram essa pretensão, é evidente demais para ser questionado.[11]

Segundo Washington, as idéias promovidas pelos Illuminati não tinham sido introduzidas por meio das lojas maçônicas, mas por setores das sociedades secretas republicanas vinculadas a Jefferson, que se opunham aos federalistas pelo controle do governo.

Tal como o presidente presumia, os Illuminati conseguiram se infiltrar na revolução norte-americana e deixaram suas pegadas na própria nota

[11] Fonte: Arquivo Nacional do Governo dos Estados Unidos. *George Washington Papers*, vol. 2, janeiro de 1798 a setembro de 1798.

gênese da Revolução. Esta obra é de J.-J. Mounier, impressa em Tübingen, no ano de 1801.

O livro citado por Washington chama-se *On The Influence Attributed to Philosophers, Freemasons, and to the Illuminati on the Revolution of France*. É surpreendente verificar que apenas doze anos após a Revolução Francesa estivesse tão vivo o debate a respeito da responsabilidade dos Illuminati, dos franco-maçons, além de determinados filósofos acerca da promoção desta. Jean-Joseph Mounier foi um famoso advogado e ensaísta francês, e um dos principais promotores da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Adams volta a se referir aos filósofos ateus e aos deísticos, entre eles cita Rousseau e Diderot, e reflete sobre essas idéias com seu filho:

> Segundo esses filósofos, a piedade e a propriedade foram as causas únicas de todas as calamidades e misérias da humanidade. Parece que é quase um pecado, bem como uma loucura, argumentar com esses grandes mestres da Βαθος. Mas não posso deixar de considerar que, se os homens fossem tão felizes a ponto de se afastar do amor, do medo e da fé num deus, e aceitassem não ter propriedades, segundo as idéias desses senhores, continuariam sofrendo privações, pois ninguém impediria as enfermidades, as dores de cabeça, as dores de gota, as febres e outras.

Logo em seguida, ele volta a se referir à obra que acabou de ler:

> O livro que li de Mounier nos revelou a parte mais inteligível do sistema de Weishaupt, o professor de direito da Baviera. Estamos falando do mais profundo, mais abrangente e, ao mesmo tempo, mais delirante e perverso de todos os místicos empíricos dos tempos antigos ou modernos. Como foi possível um patife desses se associar a dois ou três velhacos e encontrar tantos incautos, entre eles, príncipes magistrados e nobres filósofos, alguns dos quais eram personalidades respeitáveis? Não consigo compreender uma coisa dessas. No entanto, tenho uma capacidade muito superficial para compreender a ascensão de tal gênio. Nunca consegui desvendar as altas esferas ou a argúcia de Miranda ou Burr, ou, ainda, Hamilton. Como poderia, então, querer penetrar na mente de Weishaupt? O próprio fato de que seu sistema, para alcançar a perfectibilidade do homem até o ponto de magistrados e leis serem desnecessários,

> não se cumprirá em menos de milhares de anos foi suficiente para desacreditá-lo para sempre.[13]

John Adams devia ter um grande senso de humor, pois, numa carta anterior bastante breve (datada de 30 de setembro de 1798) dirigida a Oliver Wolcott, seu secretário do Tesouro, escreve o seguinte:

> Caro senhor [...]
> Espero que a agência postal não seja roubada por nenhuma das sociedades dos Illuminati, da união alemã, dos irlandeses unidos, as quais dizem que são intrometidas nas agências postais tanto da América quanto da Europa.

Adams aborda os movimentos políticos da época. Após as revoluções, fortaleceram-se os sentimentos nacionalistas que resultaram nas unificações alemã e italiana.

Depois de tantas aventuras e desventuras, ao fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, uma data exata e importante na qual começa a Nova Ordem Mundial globalista, com sede nos Estados Unidos, o irmão maçom e presidente dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, concretizou o processo ao ordenar que o verso do grande selo norte-americano fosse impresso num dos lados da nota de dólar. Desde que o primeiro presidente da nação, George Washington, fora iniciado na Loja Fredicksburg nº 4 da Virgínia e, posteriormente, tornado venerável mestre da Loja Alexandria nº 22, parece que ao menos quinze foram os chefes de Estado dos EUA que vestiram o avental maçônico. A influência da maçonaria, desde o princípio, foi notória no país emergente em todos os âmbitos, modelando seus componentes ideológicos e políticos e inspirando boa parte de sua simbologia.

Contudo, embora o rito e as regras daquela maçonaria iluminada, que encontrou nas lojas o lugar e a maneira de se libertar dos abusos da Grã-Bretanha, e da que desde 1945 pretende subjugar e escravizar o mundo inteiro continuem sendo os mesmos, existe um universo de distância entre aqueles homens de honra, que morriam e matavam na frente de batalha, e estes mais recentes, cuja covardia fazia com que se

[13] Fonte: Arquivo Nacional do Governo dos Estados Unidos. *Adam Papers*. Título: *From John Adams to John Quincy Adams*, 12 November 1807. Arquivo Nacional, última modificação: 28 de dezembro de 2016. http://founders.archives.gov/documents/Adams/99-03-02-1620.

escondessem, enquanto mandavam seus exércitos matar em nome do dinheiro e do absurdo.

Presidentes americanos maçons

A maçonaria está ligada à Presidência dos EUA, com tudo o que isso representa quanto à inserção no tecido institucional, social e político da grande nação norte-americana.

Muitos presidentes dos EUA eram maçons, como Franklin D. Roosevelt (também membro do CFR) e Harry S. Truman, que foi iniciado no grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito (CFR). Por sua vez, John F. Kennedy era católico, não maçom, mas, sim, membro do CFR. Lyndon B. Johnson era maçom do grau 33 (CFR); Gerald R. Ford foi maçom e presidente do CFR; George Bush pai é maçom e membro da Comissão Trilateral, da Skull and Bones e do CFR. William J. Clinton é um maçom reconhecido, membro do Clube Bilderberg, da Trilateral e do CFR, as três organizações mundialistas. Clinton era afiliado à organização maçônica juvenil, Ordem DeMolay, e é membro da moderna Ordem do Templo maçônica. Seu ex-Vice-presidente Al Gore, cuja função na Nova Ordem Mundial será abordada mais à frente, é maçom declarado.

Desde Eisenhower, que não era maçom, mas membro do CFR, todos os presidentes norte-americanos pertenceram ao Clube Bilderberg.

A presença da maçonaria também é essencial no setor bancário, a massa que integra o clube. David Rockefeller, membro do Clube Bilderberg, foi um dos pilares da maçonaria invisível, e ele nunca escondeu sua condição maçônica, tampouco a divulgou aos quatro ventos. Seu genro, o ex-Senador Nelson Aldrich, marido de sua filha Abby, também era maçom. Outro maçom dos *bilderbergs*, que, além disso, foi presidente do grupo, era Lord Carrington, ex-secretário-geral da OTAN. E Valéry Giscard d'Estaing, redator da Constituição Européia, também é outro exemplo notável.

O Professor Guerra revelou que o ex-Presidente Barack Obama foi grau 92[14] de uma loja de afro-americanos. Outras fontes indicam que Obama foi grau 32 da Loja nº 7 de Washington.

---

[14] Como consta no original — NE.

Os Illuminati e as previsões de Albert Pike

A ordem dos Illuminati foi uma sociedade secreta fundada pelo Professor alemão de direito canônico Adam Weishaupt, em 1776. O catedrático, que estudou na Universidade Jesuíta de Ingolstadt, onde concluiu um doutorado em filosofia, copiou a organização hierárquica da Companhia de Jesus. Ele comandou sua ordem de maneira despótica, exigindo dos subordinados obediência total e irrestrita diante de sua liderança.

Weishaupt escreveu: "Se o fim justifica os meios, a morte é o fim do problema humano". Também declarou em seus escritos: "A salvação não está onde os tronos fortes são defendidos pela espada, onde a fumaça dos incensários sobe aos céus nem onde milhares de homens fortes medem com passos os ricos campos da colheita. A revolução produzida será estéril se não for completa".

O objetivo de Weishaupt era "a transformação do mundo", porém sua revolução estava voltada para a imposição de uma elite intelectual governante, ou seja, ele pretendia imitar o despotismo iluminista da época. Weishaupt foi demitido da Universidade de Ingolstadt quando descobriram seu segredo, e acabou indo para Gotha. Ele foi apoiado pelos Rothschild[15] e pelo Duque Ernesto II de Saxe-Gota-Altemburgo. Então, ele fundou os Illuminati em 1° de maio de 1776. Segundo o jornalista Andreas Faber-Kaiser, "o fato de que este dia foi declarado um feriado mundial — o Dia do Trabalho — deixa ainda mais clara a estreita relação existente" entre os Illuminati e as internacionais socialistas.

Adam Weishaupt foi filho do Iluminismo e do movimento iluminista, cujo símbolo consagrado foi a Revolução Francesa. Ele defendia e acreditava piamente que a luz da razão era a única capaz de iluminar os homens e deixar para trás as trevas e superstições derivadas da religião católica. Como tantos outros homens de seu tempo, Adam orientava toda sua fé na direção do progresso. Para alcançá-lo, fundou sua sociedade secreta, estruturada hierarquicamente em forma piramidal e organizada como uma rede de espiões e contra-espiões que deveriam estar infiltrados em todos os cantos para promover a revolução. No ápice da pirâmide, tal como o general da Companhia de Jesus, encontrava-se Adam, que

15 Nicholas Hagger, *The Secret Founding of America: The Real Story of Freemasons, Puritans & the Battle for The New World* (2009).

guiava a luta contra as duas instituições detentoras do poder na época: a monarquia absolutista e a Igreja Católica. Dois séculos antes, havia surgido contra a última outro inimigo: o protestantismo de Lutero. Mas na região bávara os jesuítas resistiram até a chegada de Maximiliano IV, que, no fim de 1799, fechou as portas da histórica Universidade de Ingolstadt. Outra ambição do Iluminismo — e do próprio Weishaupt — era que os católicos abandonassem as universidades e os centros de ensino, talvez porque ele mesmo tinha sido expulso de uma dessas instituições.

Antes da chegada de Maximiliano IV, os revolucionários franceses invadiram a Baviera em 1795, cercando Ingolstadt. Porque essa era a época das revoluções: a norte-americana, a francesa, a industrial na Grã-Bretanha. E revoluções teológicas. Pela primeira vez em séculos, alguns filósofos começaram a questionar os alicerces e doutrinas religiosas. Já não era mais Deus quem guiava o povo, mas a razão e a liberdade. Os templos, monastérios e conventos eram considerados símbolos do poder e da insensatez, por isso eram alvo de ataques. Monjas e sacerdotes foram assassinados na Revolução Francesa, quando pilhas de cadáveres ocupavam Paris e o sangue das guilhotinas corria pelas ruas como rios sedentos em busca do mar.[16]

De acordo com a análise de Marco di Luchetti em sua obra *Illuminati Manifesto of World Revolution (1792): L'Esprit des Religions*, o braço francês dos Illuminati, sob a direção de Robespierre, assumiu e ensangüentou a revolução já iniciada, executando não apenas milhares de aristocratas e membros do clero mas também, num esforço de despovoamento, muitas pessoas comuns. Luchetti documenta como se deu a preparação para exterminar dois terços de toda a França, com o objetivo de erradicar por volta de 16 milhões de pessoas das cerca de 25 milhões que compunham a população naquele momento histórico:

> Dois terços dos cidadãos são bandidos: os inimigos da liberdade. Eles devem ser exterminados. O terror é a lei suprema. É o instrumento que nos auxilia. É um objeto de veneração. A destruição deve estar constantemente na ordem do dia. Se a espada pára de funcionar, se os carrascos não servem como padres a seu país, a liberdade está em

[16] Biografia completa em *Allgemeine Deutsche Biographie*, vol. 41.

> risco. Queremos reinar sobre uma pilha de cadáveres, regada com o sangue dos inimigos.

O revolucionário francês Nicholas Bonneville, autor de *L'Esprit des religions* (1792), criou a sociedade secreta Cercle Social, também conhecida como Amigos da Verdade, e foi editor do jornal *Bulletin de la Bouche de Fer*. Foi ele quem escondeu e deu abrigo aos principais membros franceses dos Illuminati da Baviera que atuaram durante a Revolução Francesa.

Um dos autores da *Truthstream Media on-line*, Aaron Dykes, afirma que:

> [...] o esforço macabro foi posto em prática, chegando ao fim com mais de 1 milhão de mortos por fome (o fornecimento de alimentos estava artificialmente restrito e centralizado), fogo e espada. Só melhorou quando terminou a sombria revolução de Robespierre, sendo ele executado, sem julgamento, na mesma guilhotina que havia usado para espalhar seu terror. Não admira que, depois de os Amigos da Verdade desempenharem um papel tão crucial na derrubada da ordem e do poder existente, muitos dos iluministas franceses que se opunham a Robespierre desde o palanque dos jacobinos tenham sido presos ou executados sob seu curto reinado. Entre eles estava o britânico Thomas Paine, íntima e secretamente ligado ao iluminista-extraordinário Benjamin Franklin.[17]

Dois séculos depois, Obama dedicaria ao iluminado Paine um de seus discursos, reivindicando seu papel na história da Revolução Americana.

As previsões de Albert Pike

Como vemos, Weishaupt conseguiu que suas idéias se expandissem desde a Alemanha até o restante da Europa e dos EUA. Quando da sua morte, em 1830, o maçom Albert Pike foi escolhido pelos irmãos para continuar a obra dos Illuminati nos Estados Unidos.

Porém, Pike era um indivíduo bastante perigoso. Em 1871, ele idealizou um plano para acelerar a vinda da revolução mundial definitiva que transformaria o mundo por meio da implantação de três guerras

---

17 http://truthstreammedia.com/2013/04/15/washington-warned-illuminati-infiltrating-revolution-2/.

mundiais. Sua proposta foi descrita na correspondência pessoal que manteve com o maçom italiano Giuseppe Mazzini, membro selecionado pela ordem em 1834 para comandar as operações dos Illuminati na Europa. Vários autores são unânimes em indicar Mazzini como fundador da máfia, que em seus primórdios era uma ordem iniciática que lutava contra os abusos absolutistas. O acrônimo MAFIA significaria *Mazzini autorizza furti, incendi, avvelenamenti*, ou seja, "Mazzini autoriza furtos, incêndios e envenenamentos".

Além disso, Pike havia confidenciado a amigos próximos que tinha um guia espiritual, ou *daimon*, que lhe outorgava "sabedoria divina" e lhe indicava como alcançar seu objetivo revolucionário. Este guia havia-lhe concedido a visão que registrou em suas cartas a Mazzini. A primeira delas, datada de 15 de agosto de 1871, planeja a implementação de três guerras mundiais. Diz o seguinte:

> A Primeira Guerra Mundial deve ser deflagrada para permitir que os Illuminati derrubem os czares do poder na Rússia, transformando este país na fortaleza do comunismo ateu. As divergências provocadas pelos *agenteur* (agentes dos Illuminati) entre os impérios britânico e germânico serão utilizadas para fomentar essa guerra. No fim da guerra, estará estabelecido o comunismo, que será utilizado para destruir os outros governos e debilitar as religiões.

Na carta, Pike explica a Mazzini qual seria o próximo passo:

> A Segunda Guerra Mundial deve ser fomentada na esteira das diferenças entre os fascistas e os sionistas políticos. Essa guerra deve ser iniciada para que o nacional-socialismo seja destruído e o sionismo político seja suficientemente forte para instituir um Estado soberano de Israel na Palestina. Durante a Segunda Guerra Mundial, deve ser arquitetado um comunismo internacional forte o bastante para equiparar seu poderio com o conjunto todo da cristandade, a qual, então, será contida e mantida até o momento em que esta seja necessária para o cataclismo social final.

O objetivo planejado nas duas primeiras cartas foi concretizado. Ainda falta ser comprovado se a última das guerras que culminariam no sucesso do plano globalista de Pike será, enfim, iniciada:

> A Terceira Guerra Mundial deve ser fomentada na esteira das diferenças provocadas pelos *agenteur* dos Illuminati entre os sionistas políticos e os líderes do mundo islâmico. A guerra deve ser conduzida de tal modo que o Islã (o mundo árabe muçulmano) e o sionismo político (o Estado de Israel) se destruam mutuamente. Nesse meio-tempo, o resto das nações, cada vez mais divididas sobre o assunto, será obrigado a entrar no conflito até o ponto de esgotamento físico, moral, espiritual e econômico.

Na carta, Albert Pike diz a Giuseppe Mazzini que os que planejam a completa dominação mundial deverão provocar o maior cataclismo jamais visto no planeta:

> Libertaremos os niilistas e os ateus, e provocaremos um incrível cataclismo social, que, com todo seu terror, mostrará claramente às nações o efeito do ateísmo absoluto, origem do comportamento selvagem e das agitações mais sangrentas. Então, em todos os cantos, os cidadãos, obrigados a se defenderem contra a minoria mundial de revolucionários, exterminarão esses destruidores da civilização, e a multidão, desiludida com o cristianismo, cujo espírito deísta estará, a partir desse instante, sem bússola nem rumo, ansiosa por um ideal, mas sem saber o que adorar, receberá a verdadeira luz por meio da manifestação universal da doutrina pura de Lúcifer, finalmente revelada aos olhos do público. Essa manifestação decorrerá do movimento reacionário geral que virá depois da destruição do cristianismo e do ateísmo, ambos conquistados e exterminados ao mesmo tempo.

Foi William Carr, oficial da marinha canadense, palestrante e escritor muito criativo, quem incluiu essas cartas em sua obra *Peones en el Juego* (1958). Quem o informou sobre a existência das mensagens foi o cardeal de Santiago do Chile, José María Caro y Rodríguez, autor de *El misterio de la masonería*, publicado em 1971.

Ambos afirmaram que as cartas estavam no Museu Britânico de Londres. Eu fui atrás delas, mas o responsável ao qual as solicitei ficou agitado, irritado, inquieto, antes de me responder que não sabia do que eu estava falando. Muitos dos melhores troféus do museu não estão expostos ao público, e deve ser feito um requerimento para solicitar o acesso a eles. Claro que vou tentar de novo.

Após a descoberta desse plano maléfico, seria lógico observar nos atentados de 11 de setembro de 2001 e nos sucessivos ataques de 11 de março, na Espanha, e de 7 de julho, na Inglaterra, uma conexão direta com os preparativos da Terceira Guerra Mundial. O plano dos Illuminati descreve com impressionante exatidão os acontecimentos que ocorreram no planeta, desde o início do século XX até hoje. O rumo que tomaram os acontecimentos seguintes, desde o primeiro atentado supostamente cometido pelo "terrorismo internacional", fatalmente nos leva ao Oriente Médio, como destaca a carta de Pike; uma constatação que, do ponto de vista racional, provoca, no mínimo, estranheza, e, no plano emocional, calafrios pela semelhança com a realidade que hoje estamos vivendo, tão vazia e relativa como a doutrina niilista.

Segundo os estudiosos da maçonaria, quando Mazzini morreu, Pike designou Adriano Lemmi como o *illuminati* encarregado dos assuntos europeus, o qual seria sucedido pelos ditadores Vladimir Ilich Ulianov — Lênin — e, posteriormente, Josef Stalin. De acordo com as investigações do professor Carroll Quigley, a revolução de Lênin e dos bolcheviques foi financiada por bancos britânicos, franceses e alemães controlados pelo clã Rothschild.

Ao contrário da crença difundida de que os Illuminati teriam extinguido sua ordem no final do século XIX, podemos afirmar que a organização continua atuante até o presente. Hoje em dia, ela está integrada à cúpula superior da maçonaria moderna européia e americana, constituindo o capítulo dos eleitos. Acima do quadro geral da maçonaria invisível encontra-se o "Conselho dos 33", formado pelas 33 maiores autoridades maçônicas do mundo. Sobre eles, está o "Grão-Conselho dos 13", integrado por treze grandes druidas; acima destes, opera "O Tribunal" e, por último, aparece o nome impronunciável do grau 72 dos cabalistas, que significa "Iluminado".

Chama a nossa atenção que o comitê diretor do Clube Bilderberg seja formado por 33 membros.

Não podemos nos esquecer da mensagem cifrada emitida em 1º de agosto de 1972, depois do Sabbat, por Philip Rothschild, que anunciou ao "Conselho dos 13", no Casino Building de San Antonio, o planejamento

da história a partir de 1980, segundo publicou o jornalista Andreas Faber-Kaiser em 1993. As indicações eram muito concretas: "Quando virem o apagar das luzes de Nova York, saberão que nosso objetivo foi atingido".

CAPÍTULO 3

Os outros clubes poderosos

A própria palavra "secreto" é repugnante
numa sociedade livre e aberta;
e somos um povo que se opõe,
intrínseca e historicamente,
a sociedades secretas, juramentos
secretos e procedimentos secretos.
Há tempos, decidimos que o
encobrimento excessivo e injustificado
de fatos relevantes em razão de
supostos perigos só faz proliferar
tais perigos, os quais só são
utilizados como desculpa.[1]
— Presidente John F. Kennedy

Para que o mecanismo do poder globalista e seu governo funcionem de fato, é necessária uma contínua retroalimentação, uma comunicação ininterrupta entre os *bilderbergs* e os membros de outras entidades com poderes e influência mundialistas. Tanto o núcleo duro como os departamentos mais importantes do clube se encontram no decorrer do ano, em diferentes localidades, pelo fato de pertencerem a outras sociedades herméticas que, juntas, formam as igualmente denominadas "seitas do poder planetário".

[1] Discurso dirigido a jornalistas, 27 de abril de 1961.

Essas entidades constituem verdadeiros centros de poder, são instituições do movimento globalizante, do grande capitalismo (ou capitalismo industrial), que controla o poder econômico e deseja os poderes político e cultural.

Por meio desses núcleos, as elites reforçam suas posturas internacionais, formando laços sólidos e permanentes entre elas, alcançando-os, inclusive, pela via matrimonial. Tais instituições estão intimamente vinculadas entre si e seus membros têm fácil acesso para contatar pessoas próximas dos centros de poder. Os mais poderosos pertencem a várias entidades ao mesmo tempo. No plano individual, as pessoas participam dessas entidades por ambição e realizam reuniões arranjadas mediante amizades em comum, pertencentes à mesma classe social e de níveis econômico e cultural semelhantes, com o objetivo de potencializar suas relações internacionais. O debate contínuo e persistente os ajuda a idealizar os meios necessários para superar os obstáculos que dificultam a concretização da outrora utopia de um governo mundial.

A teoria da conspiração

Há aqueles que atribuem a essas sociedades secretas a autoria de um complô conspirativo mundial, que visa obter o poder e o controle absolutos em todos os âmbitos da vida humana. No entanto, outros autores rejeitam as "teorias da conspiração", considerando-as absurdas e exageradas. Os defensores dessas teorias foram silenciados pela mídia de massa, embora, de um tempo para cá, eles tenham encontrado meios escassos, em programas de baixa audiência, nos quais lhes é permitido esboçar seus pensamentos de maneira séria. Mas a tímida abertura não impediu que caísse sobre eles a sombra da paranóia, alimentada pelo próprio núcleo do poder a fim de evitar que os cidadãos descubram a trama desenvolvida há décadas, ignorando a legalidade democrática.

A palavra conspirar provém do latim *conspiro*, que, a partir do ano 1302, viria a ser traduzida como "respirar juntos", por isso abrange um conjunto de vontades unidas para atuar contra outras. Cada um saberá ponderar se a razão da existência do Clube Bilderberg é conspirar ou não contra o resto dos habitantes do planeta, porém saliento que o que fazem é inerente à classe dominante, que dá forma à sua ganância. É um

atributo congênito. Desde os primórdios da civilização, os poderosos justificam sua posição ao transmitir para o povo a falsa idéia de terem recebido seu reinado diretamente de Deus, como fizeram os faraós e os governantes sumérios. Sempre houve neles uma tendência a expandir o poder, pois o poder sempre quer estar na dianteira para obter os maiores privilégios e benesses. Os *bilderbergs* fazem o que é da natureza deles. Contudo, o fato de este ser um atributo originário não significa que o poder que eles detêm tenha sido adquirido por lei natural ou que lhes pertença de modo legítimo. Seus métodos de controle social, baseados na farsa e na mentira, são antinaturais e devem ser extintos para que a justiça e a verdade imperem como artífices da convivência entre as diferentes regiões da Terra, atualmente submetidas às suas falácias e abusos. Poderia até parecer uma utopia, já que estamos tão acostumados à subjugação, e ultimamente tão domesticados pela mídia de massa e pela falta de conhecimento que rege os centros educativos, que perdemos a capacidade de nos rebelarmos, de protestar contra o que age em nosso prejuízo.

Características em comum

O Professor Manuel Guerra, da Universidade de Burgos, especialista em seitas, classifica esses clubes de poder como "promoções da maçonaria", na medida em que são domínios e personalidades maçônicos, concretizados em instituições e atividades correspondentes ao setor invisível da entidade, como já estudamos a fundo no capítulo anterior.

A maioria dessas vertentes compartilha características em comum: o sigilo, as transações entre os detentores do dinheiro, a política e um fundador ou iniciador que interliga todos os outros, assim como fazia David Rockefeller. Se o multimilionário norte-americano entrava em cena, automaticamente surgia a estrutura maçônica. A seita de poder planetário está configurada por um emaranhado de sociedades secretas, e todas estão vinculadas à maçonaria.

Assim como acontece com o Clube Bilderberg, a Trilateral, a Skull and Bones e o CFR são regidos por princípios maçônicos: a secularização ou anticristianismo e o corporativismo entre os membros.

Robert Gaylon Ross, ex-agente secreto norte-americano e autor de *Who's Who of the Elite*, denunciou que "os membros do Clube Bilderberg, do CFR e da Comissão Trilateral assumiram, sorrateiramente, quase todos os cargos importantes dentro do nosso governo, da imprensa, dos sindicatos, das universidades, dos bancos, das fundações e da indústria. O objetivo é eliminar as leis e a Constituição, destruir a soberania nacional e transformar o país no controlador da união global. Aqueles que participam desta conspiração estão cometendo traição". Vamos analisar agora essas outras organizações secretas.

Skull and Bones: a ordem da caveira e dos ossos

A Skull and Bones é uma sociedade maçônica secreta e independente, ou seja, não está inscrita em nenhuma potência maçônica regular. É a mais truculenta e tétrica de todas do ponto de vista ritualístico, e é conhecida apenas como *The Order* (A Ordem).

Estima-se que atualmente ela seja composta de cerca de novecentos membros, entre eles George W. Bush, que se afiliou em 1968 e foi um dos primeiros a confirmar publicamente sua filiação.

A Ordem é uma fraternidade universitária criada em 1832 pelo estudante William Huntington Russell, primo de Samuel Russell,[2] e por Alphonso Taft, na Universidade de Yale, inspirada numa fraternidade similar que existia na Alemanha. Como podemos observar, os métodos e objetivos das modernas sociedades secretas não nasceram nos Estados Unidos, mas foram importados das sociedades secretas nascidas na Europa.

O segredo da existência da Skull and Bones foi revelado à opinião pública graças às investigações do economista e historiador britânico Antony Sutton, professor da Universidade de Stanford que focou seus estudos no papel que o investimento e a tecnologia ocidentais tiveram no desenvolvimento da União Soviética, tratando do financiamento dos grandes bancos de Wall Street aos bolcheviques, aos nazistas e a Franklin Delano Roosevelt. No início dos anos 1980, Sutton recebeu

2 Em 1923, Samuel Russell fundou a empresa Russell and Company com o propósito de adquirir ópio da Turquia e contrabandeá-lo para a China. A empresa se fundiu com o sindicato Perkins, em 1830, e se transformou na principal traficante de ópio americana. Muitas das grandes fortunas americanas foram forjadas mediante tráfico ilegal de ópio para a China. V. *The Opium War* [A guerra do ópio] do diretor Xie Jin, 1999.

uma encomenda surpreendente. Um desiludido com A Ordem entregou-lhe dois livros com as listas completas dos membros, vivos e mortos, acompanhados de uma pergunta enigmática: "Esses nomes lhe dizem alguma coisa?". O professor aceitou o desafio e pediu ao mensageiro — que, mais tarde, revelou ser Charlotte Thomson Iserbyt, filha e neta de membros d'A Ordem — que lhe enviasse toda a documentação de que dispunha. O desfecho foi o livro *America's Secret Establishment. An Introduction to the Order of Skull & Bones*, cuja publicação resultou na sua expulsão imediata das duas importantes universidades americanas em que trabalhava, a de Stanford e a da Califórnia. Além disso, ele passou a ser visto como *persona non grata* nos círculos literários.

Em seu livro, que contém uma investigação profunda sobre A Ordem, Sutton salienta que na teoria educacional da Universidade de Yale da primeira metade do século XIX são observadas semelhanças incontestáveis com a herança ideológica dos Illuminati da Baviera. Este é um exemplo claro da proliferação da filosofia dos maçons e dos iluminados por intermédio de uma instituição de ensino. A Ordem também inclui em sua doutrina a base do idealismo hegeliano, que Sutton denominou "socialismo corporativista", no qual a sociedade civil estaria submetida ao controle totalitário do Estado, e este se subordinaria aos grandes bancos, de modo que tudo ficasse sob o domínio destes.

Todos os anos, quinze jovens detentores dos sobrenomes mais poderosos do país são selecionados dentre os estudantes mais promissores para ingressar no grupo. Pelos corredores da universidade, corre à boca miúda que pertencer ao clube é a maneira mais rápida e garantida de se ter acesso aos círculos de poder.

A sede da sociedade, ou loja, localiza-se dentro do campus da Yale e é uma espécie de jazigo totalmente fechado, sem janelas para o exterior, chamado de Tumba 322. Os dois primeiros algarismos se referem ao ano de criação d'A Ordem (1832); os dois finais significam que é a agremiação número 2. A número 1 são os Iluminados da Baviera. O lema d'A Ordem está inscrito na sepultura, em alemão, com as seguintes palavras: "Wer war der Thor, wer Weiser, Bettler oder Kaiser? Ob Arm, ob Reich, im Tode gleich" ("Quem foi o louco, o sábio, o mendigo ou o rei? Pobres e ricos igualam-se diante da morte").

Durante o rito iniciático, os novos membros são obrigados a confessar suas fantasias sexuais, além de outros segredos indecorosos, despidos e deitados dentro de um caixão. Em seguida, recebem um osso com uma inscrição que os identifica como membros da "mais poderosa das sociedades secretas". Os novos adeptos prometem não revelar nenhum detalhe das atividades ali realizadas, manter segredo sobre sua filiação à ordem e negar qualquer ligação com ela. Aqueles que seguem as regras sociais d'A Ordem se autodenominam "cavaleiros" (*knights*) e os que se rebelam, são chamados de "bárbaros" (*barbarians*). Durante um ano, os membros da sociedade se reúnem, pelo menos uma vez por semana, para fazerem longas auto-análises e críticas uns dos outros. A relação entre o padrinho e seu indicado tem a magnitude de uma fé cega. Por acaso, John Kerry foi padrinho de George W. Bush.

Existe uma polêmica em torno dos vandalismos praticados pelos jovens iniciados n'A Ordem. Foi publicado no jornal da universidade que, em maio de 1918, o Senador Prescott Bush, avô do ex-presidente dos EUA, participou do grupo que profanou o túmulo de Gerônimo, o lendário líder rebelde dos apaches. Um de seus cúmplices, Neil Malion, foi o encarregado de despejar ácido sobre a cabeça do defunto para queimar sua cabeleira e a carne. Esse ato teria supostamente exposto os rituais noturnos d'A Ordem. Atribuíram também a ela um rito parecido efetuado sobre o cadáver do revolucionário mexicano Pancho Villa. Alguns indivíduos não identificados abriram o caixão e cortaram sua cabeça. Houve rumores de que a Skull and Bones teria pago por ela.

Fatos como esses geraram bastante controvérsia no jornal citado. E nunca ficou claro se o que foi publicado ocorreu de fato ou não.

Em todo caso, esse seria o tipo de aventura ao qual se refere o diretor do Instituto de Estudo de Novos Movimentos Religiosos de Turim, Massimo Introvigne, especialista em seitas, quando fala de rituais macabros ocultistas dentro d'A Ordem. O investigador ressalta que esse é um "satanismo lúdico" próprio das elites, inspirado na tradição maçônica inglesa e que não traz riscos maiores do que os já inerentes a este tipo de vandalismo. Introvigne esclarece que esses ritos são realizados para simbolizar a purificação e o nascimento do neófito como um novo homem. Ademais, alguns vizinhos do edifício universitário relataram ter ouvido gritos estranhos e sussurros durante os ritos de iniciação.

Todavia, a gravidade das ações dos membros da Skull and Bones não se encontra nesses ritos iniciáticos dos tempos de universidade, mas, sim, em seus comportamentos posteriores à frente das instituições democráticas nas quais se infiltram, porque tomam decisões a favor de seu grupo que afetam a todos nós. Conforme diversos pesquisadores relataram, entre eles Sutton, a maioria dos membros estaria envolvida numa série de crimes, que vão desde narcotráfico até políticas eugenistas para reduzir drasticamente a população do Terceiro Mundo e das minorias étnicas nos EUA.

Há três gerações a família Bush pertence à Skull and Bones; não só o avô do último ex-presidente da linhagem mas também seu pai, George H. W. Bush, e outros homens do clã que o precederam. Bush pai admitiu sua afiliação ao grupo secreto de forma dúbia em seu livro *A charge to keep*: "Ingressei na Skull and Bones, uma sociedade secreta; como é secreta, não posso dizer mais nada a respeito".

Outro exemplo da ligação direta entre A Ordem e o governo estadunidense pode ser encontrado em seu fundador, William H. Russell, que foi secretário de Guerra da administração Grant. William Taft, filho do outro criador, Alphonso Taft, foi o único presidente dos EUA que também foi presidente da Suprema Corte. George Bush pai foi o primeiro presidente que, anteriormente, tinha sido diretor da CIA. Também pertenceram a essa sociedade outros membros do alto escalão da administração Bush, como James Baker III, secretário de Estado, e C. Boyden Gray.

A autora do livro *Secretos del sepulcro* e ex-aluna de Yale, Alexandra Robbins, declara que "por um lado, o indivíduo é escolhido para fazer parte da Skull and Bones caso pareça que ele virá a ser bem-sucedido. Por outro lado, caso se torne membro da organização, o mesmo indivíduo tem maiores chances de alcançar esse sucesso".

Uma observação muito sagaz vem do colunista do *New York Observer*, que há trinta anos investiga A Ordem:

> Não dá para deixarmos de fazer algumas comparações com a máfia, por exemplo, no sentido de que é uma forma de proteção. No entanto, sou da opinião de que a Skull and Bones foi mais exitosa do que a máfia, já que os cinco principais líderes familiares desta estão na cadeia

> há muito tempo e os líderes das famílias d'A Ordem estão na Casa Branca há 48 anos.

Todas as fontes concordam que o financiamento d'A Ordem advém do tráfico ilegal de ópio. De acordo com os críticos mais ferrenhos, o prestígio público e a recompensa econômica estão garantidos em troca da obediência absoluta à Ordem.

A entidade é integrada pelas famílias aristocráticas norte-americanas associadas à cúpula do poder, e sua liderança se perpetua de forma hereditária, como se fosse uma monarquia. Entre os membros, encontram-se os vinte sobrenomes de maior *pedigree* das áreas financeira e industrial, segundo a lista de membros publicada pelo historiador britânico Antony Sutton. Nela estão incluídos presidentes, espiões, membros da CIA e da Agência de Segurança Nacional, juízes da Suprema Corte, líderes industriais e, ultimamente, até homossexuais e mulheres, o que antes era vedado. Após sua criação, eles conseguiram instituir nos EUA uma rede social e política sem precedentes. Os Bush e os Harriman foram amparados por dois poderosos patriarcas: Percy Rockefeller, que entrou para A Ordem em 1900, e E. H. Harriman, em 1913. Outros sobrenomes ilustres e integrantes da Skull and Bones são Lord, Whitney, Jay, Bundy, Weyerhaeuser, Pinchot, Goodyear, Sloane, Stimson, Phelps, Perkins, Pillsbury, Kellogg, Vanderbilt, Lovett, etc. John Kerry também faz parte d'A Ordem; seu nome de batismo é "Grande Demônio". O atual imperador da inteligência norte-americana, o professor John Negroponte, também é um filho da Skull and Bones e possui uma vasta lista de violações aos direitos humanos. Seu codinome é "Hades". Com tom humorístico, também existe um garoto d'A Ordem na série *Os Simpsons*: o ambicioso empresário inescrupuloso Charles Montgomery Burns, que ingressou na Skull and Bones antes de sua formatura na Yale, em 1914.

Um dos motes que definem o pensamento d'A Ordem é que a história só pode ser modificada com o uso do imperialismo militar, segundo o modelo do Império Romano, uma visão comum à de outras sociedades secretas que analisaremos a seguir. Outro aspecto intrínseco é o dogma da supremacia anglo-saxã, que chega a extremos quase racistas.

Os homens da Skull and Bones foram os responsáveis pela decisão de fomentar a participação dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã,

que foi um desastre tanto para o país como para A Ordem. A direção da entidade quis evitar uma catástrofe, então designou alguns de seus membros para representarem oposição à guerra, como McGeorge Bundy, que, após assumir seu novo cargo à frente da poderosa Fundação Ford, passou a financiar movimentos antiguerra. Uma estratégia muito esperta. Como vemos, eles dispõem dos mecanismos a favor de qualquer situação e também contra; assim, sempre saem ganhando.

Com a eleição de George Bush para presidente, A Ordem superou sua fase de ostracismo e recuperou boa parte de seu poder e influência. Após a queda do Muro de Berlim e da União Soviética, a Skull and Bones tem direcionado todo seu potencial em prol da criação de uma Nova Ordem Mundial em que os EUA sejam a única superpotência mundial. Desde sua criação, A Ordem representa um baluarte WASP (*White, Anglo-Saxon, Protestant*, que significa "branco, anglo-saxão, protestante").

A Távola Redonda de Cecil Rhodes

Para compreender a enorme importância das tramas das sociedades secretas nos dias atuais, precisamos examinar as idéias de outro professor--profeta da Universidade de Oxford, que, nesse caso, é o maçom britânico John Ruskin.

Titular da cátedra de belas-artes, Ruskin defendia um novo imperialismo que deveria ser baseado no dever moral e na reforma social. Porém, muito longe da teoria, seus discípulos não foram colonizadores exemplares, mas predadores. O novo sistema ideológico-estratégico do professor britânico defendia a união do Reino Unido e dos EUA pelo mesmo prisma imperial, que condicionaria o futuro de todos os povos do mundo sob a hegemonia anglo-saxônica.

De acordo com as pesquisas do autor inglês David Icke,

> John Ruskin, o homem que inspirou Cecil Rhodes, Alfred Milner e todos que formaram a sociedade secreta da Távola Redonda, foi influenciado pelos escritos esotéricos do filósofo grego Platão e de Madame Blavatsky (fundadora da Sociedade Teosófica), pelos livros de Lord Edward Bulwer-Lytton e por sociedades secretas, como a Ordem da Aurora Dourada.

Ruskin jurava que lia *A república* de Platão todos os dias, por isso internalizou o conceito platônico de sociedade perfeita, estruturada pela liderança da classe dominante, acima do resto da população. Os fundadores do comunismo Marx e Engels também foram leitores fervorosos de Platão e ecoaram a visão de Ruskin. A teoria do professor de arte era ultimada com a imposição de um controle estatal rígido por parte de um ditador ou uma classe dominante especial: "Meu objetivo constante — destacou ele — tem sido mostrar a superioridade eterna de alguns homens sobre outros, ou, às vezes, de um homem sobre o restante". Um biógrafo de Ruskin referiu que o professor se afastou do pensamento convencional e levou "uma vida solitária e introspectiva, sendo freqüentemente assombrado e tomado por ataques de loucura".

O discípulo dele de maior renome foi o também maçom Cecil Rhodes (1853–1902), que assimilou e propagou esta teoria, superando seu professor. Rhodes foi o primeiro grande magnata de nossa era. Em 1871, ele viajou para a África do Sul com o intuito de investir em plantações de algodão. Porém, quando ficou sabendo que tinha sido descoberta na região uma jazida de diamantes, dedicou todo seu dinheiro e esforços à exploração dessa mina. A partir de então, obteve todas as licenças de exploração que pôde, não só de diamantes mas também de ouro, e começou a conquistar grande poder. Tornou-se primeiro-ministro da Cidade do Cabo, e usou e abusou dessa posição para promulgar leis que favoreceram seus negócios e deixaram os nativos da região totalmente desprotegidos.

Tamanha foi a força angariada por ele que acabou propiciando o avanço imperialista britânico em toda a África. O incrível dessa história é que Rhodes esteve ligado à Skull and Bones e à American Eugenics Society (Sociedade Americana de Eugenia), que se encarregou de difundir a propaganda britânica em prol do livre-comércio e da redução da população não-branca. Essa Sociedade de Eugenia criou vínculos fortíssimos com a Alemanha de Hitler, o que, em parte, explica o financiamento deste país por parte dos Bush e dos Harriman.

Além disso, Cecil tornou-se o pai das sociedades secretas modernas, cujas origens remontam às távolas redondas a partir de 1851. Entre 1910 e 1915, os grupos dos Cavaleiros da Távola Redonda se espalharam pela

Grã-Bretanha, África do Sul, Canadá, Nova Zelândia, Austrália, Índia e Estados Unidos. As távolas redondas, criadas a partir dos Illuminati e da franco-maçonaria, eram estruturadas na hierarquia piramidal de círculos internos e externos. O primeiro era chamado de "Círculo dos iniciados e dos eleitos", enquanto que o externo recebia o nome de "Associação dos ajudantes". Os endinheirados britânicos Lord Milner, alto-comissário na África do Sul, e Lord Victor Rothschild pertenciam ao círculo interno. O segundo aplicou seu dinheiro em prol da criação das sociedades da Távola Redonda, batizadas assim em homenagem ao grupo formado pelo Rei Artur e seus cavaleiros.

De acordo com o ex-agente do serviço de inteligência britânico, o Dr. John Coleman, com a riqueza obtida pelo controle do ouro, dos diamantes e do narcotráfico, "os membros da Távola Redonda alastravam-se mundo afora para assumir o controle das políticas fiscais e monetárias, além da liderança política em todos os países onde atuavam". Coleman segue explicando: "A Távola Redonda, por si só, é um emaranhado de empresas, instituições, bancos e sistemas educacionais, e demandaria um ano de trabalho para esclarecer sua estrutura".

Rhodes, em seu testamento, exigiu "a criação, promoção e desenvolvimento de uma sociedade secreta cuja finalidade e objetivo verdadeiros fossem a expansão do governo britânico pelo mundo [...] para, finalmente, recuperar os Estados Unidos da América".

Segundo assinalou o professor Carroll Quigley (que foi mentor acadêmico de Bill Clinton), a organização da Távola Redonda, que anunciava como sendo a paz seu grande objetivo, pode ter promovido diretamente o desenvolvimento da bomba atômica.

Com a morte de Rhodes em 1902, os banqueiros Milner, Rothschild e seus parceiros assumiram o controle absoluto das Távolas Redondas, que começaram a ultrapassar as fronteiras do Império Britânico. Um ano após a assinatura do Tratado de Versalhes, no fim da Grande Guerra (1919), as távolas se transformaram no Royal Institute of International Affairs (RIIA) britânico e no Council on Foreign Relations (CFR) americano. Posteriormente, elas ressurgiram em outros países com os nomes de Instituto Canadense de Assuntos Internacionais, Conselho Chileno para Relações Exteriores, etc. De acordo com Donald Gibson, "o Royal Institute

of International Affairs foi criado para perpetuar o poder britânico pelo mundo e ajudou a criar o Council on Foreign Relations como parte de um empreendimento da alta sociedade britânica para vincular seus interesses políticos exteriores aos dos Estados Unidos". Icke vai mais além: "A suposta 'relação especial' entre Grã-Bretanha e Estados Unidos é, na verdade, a relação entre o RIIA e o CFR". Outra função do RIIA era orientar a opinião pública na direção da aceitação da globalização.

Os membros, dentre os quais se destacam o maçom Lord Rothschild, o historiador Arnold Toynbee, Lord Esher e Lord Milner, mantinham contato via carta e por meio da revista quadrimestral *A Távola Redonda*, fundada em 1910.

Entre outros auxílios, a criação do Royal Institute of International Affairs contou com o financiamento de Sir Abe Bailey e da família Astor, proprietária do *The Times*, que na época era o jornal diário mais influente do mundo. Tanto o RIIA quanto o CFR foram fundados pelo Coronel Edward Mandell House, conselheiro do Presidente Woodrow Wilson, assim como pelos banqueiros Warburg, Baruch e Morgan, entre outros.

The Council of Foreign Relations (CFR), ou o verdadeiro governo dos Estados Unidos

Foi criado em 1921 pelo Coronel Edward Mandell House, o assessor onipresente e onipotente do Presidente Woodrow Wilson, para substituir a Távola Redonda. Foi o Banco Morgan que arcou com a maior parte do financiamento.

O artigo II de seu estatuto constituinte advertia que o membro que revelasse algum detalhe das reuniões poderia ser expulso do grupo, um mandamento que define sua natureza de sociedade secreta. No informe anual de 1992, lê-se: "No curso de todas as reuniões, a regra do conselho é aplicar a não-imputação. Isso garante que os participantes possam falar abertamente sem que, depois, outros membros possam revelar suas conclusões".

Oficialmente, o Conselho de Relações Exteriores se define como um centro de pesquisas voltado para as relações internacionais. Conforme salienta o informe anual de 1999, seus três objetivos principais são:

1. Melhorar o entendimento dos assuntos mundiais e proporcionar novas idéias para a política externa estadunidense.

2. Transformar o conselho numa organização nacional, para usufruir da experiência e maestria de líderes em escala nacional.

3. Encontrar e nutrir a geração seguinte de líderes de política externa e pensadores.

De acordo com o site da organização,[3] as reuniões são sessões fechadas de alto nível para debater sobre defesa e temas militares, direitos humanos, ciência e tecnologia, globalização e a incidência da opinião pública na política e na sociedade. Mas as conclusões desses debates não são publicadas.

Por trás da aparência inofensiva que o CFR pretende transmitir, esconde-se uma organização paramaçônica poderosa e um dos pilares para a concretização do governo mundial, desde o século XX até hoje. Segundo disseram algumas fontes que pertenceram ao grupo, o CFR é o verdadeiro governo dos Estados Unidos. Com pouco tempo após sua criação, tornou-se a plataforma social do poder, a essência do *establishment* (literalmente, estabelecimento, mas a tradução "elite governante" nos parece mais adequada) da América do Norte. O CFR está acima dos grandes partidos políticos, assim como uma de suas fontes de recrutamento, a Skull and Bones. O Ministro da Suprema Corte Felix Frankfurter, membro do CFR, fez uma alusão direta a tal entidade: "O autêntico governante de Washington é invisível e exerce esse poder nos bastidores".

Na origem, foram incorporados à direção do CFR praticamente todo o sistema bancário internacional norte-americano, bem como os homens mais influentes do governo, da mídia, dos negócios, das grandes finanças, do trabalho, das fundações e do meio intelectual, segundo ressaltou Gary Allen em seu livro, de 1976, *None dare Call it Conspiracy*. O jornalista e escritor descreveu o Clube Bilderberg como a extensão mundial do CFR.

O Almirante Chester Ward foi membro da entidade por mais de dez anos e, após seu desligamento, denunciou o verdadeiro intuito da instituição:

---

[3] www.cfr.org

> Dentro do CFR existe um grupo muito menor, mas muito mais poderoso, composto de banqueiros internacionais de Wall Street e seus principais agentes. Primeiramente, desejam que o monopólio mundial do sistema bancário furte-se a qualquer poder para que possa ser controlado pelo governo mundial. Este núcleo do CFR é comandado pelos irmãos Rockefeller.

Ward nos transmite uma revelação fundamental: "O CFR, como tal, não estabelece o programa dos partidos políticos, não seleciona os candidatos presidenciais, não controla a defesa nem as políticas externas dos EUA. Não obstante, os membros do CFR, agindo em comum acordo com outros membros do CFR, fazem isso tudo enquanto indivíduos". E prossegue: "O único objetivo comum entre os membros do CFR é provocar a submissão da soberania e da independência nacionais dos EUA. Sobretudo, visam a apropriar-se do monopólio bancário mundial, o que os levará ao controle do governo mundial". Seu livro *Kissinger on the Couch*, publicado em 1975, revela com riqueza de detalhes o procedimento executivo da instituição:

> Quando os membros dirigentes do CFR decidem que o governo dos EUA deve adotar determinada política, os mais importantes pesquisadores e estudiosos do CFR arregaçam as mangas para começar a elaborar argumentos, tanto intelectuais como emocionais, que sustentem as novas políticas e confundam ou desacreditem, tanto intelectual quanto politicamente, qualquer posição contrária.

Outro de seus membros foi Nicholas Murray Butler, presidente da Pilgrim Society e membro da Fundação Carnegie, além de autor da frase sintética que expusemos em outras partes do livro: "O mundo se divide em três categorias de pessoas: um número bem pequeno, que gera acontecimentos; um grupo um pouco maior, que garante a execução e observa o modo como acontecem; e, por fim, uma ampla maioria, que jamais saberá o que aconteceu de verdade".

São mais de 3.500 membros que compõem o CFR, e seu meio de comunicação, mediante o qual expressam as idéias que desejam tornar públicas, é a revista *Foreign Affairs*. A *Enciclopédia Britânica* salienta: "Muitas vezes, apresentam nessa revista uma série de meras hipóteses. Se forem bem-aceitas pela comunidade de leitores da *Foreign Affairs*, logo

aparecerão na política governamental legislativa dos EUA. As possíveis políticas que não passam por esse crivo, normalmente desaparecem".

Os membros norte-americanos do Clube Bilderberg também fazem parte do CFR, e, desde a criação da CIA, todos os seus diretores pertenceram ao conselho. Todas as administrações do governo dos EUA contaram com membros do CFR, como demonstrou o jornalista e pesquisador James Perloff.

No ano de 1998, quando um processo de *impeachment* ameaçava Clinton em virtude do escândalo gerado pela relação que teve com a estagiária Monica Lewinsky, o presidente foi correndo a Nova York para pedir ajuda aos seus amigos do CFR, conforme relatou posteriormente o editor John F. McManus: "Bill Clinton sabe muito bem que só conquistou o cargo de presidente porque os membros da 'sociedade secreta' a que pertencia o elegeram e esperavam que ele levasse adiante seus planos".

O núcleo cristão também tem feito críticas há mais de uma década a respeito da existência dessas sociedades. Como outros, Perloff declarou que está sendo travada uma batalha cruel

> [...] entre o reino de Cristo e um demoníaco governo mundial: o reino do Anticristo. Muitos indivíduos proeminentes do *establishment* norte-americano encontram-se em um dos lados do conflito, e não é exatamente o aconselhado pelas Escrituras. Sejam conspiradores ou não, estejam ou não cientes das conseqüências de suas ações, a poderosa influência exercida por eles tem contribuído para que o mundo vá em direção a acontecimentos apocalípticos.

Num plano menos espiritual, verificamos o seguinte comentário do jornalista Gary Allen, realizado pouco depois das eleições presidenciais de 1972: "Na verdade, a diferença entre os candidatos era insignificante. Os eleitores podiam escolher entre o governo mundial do CFR partidário de Nixon e o governo mundial do CFR partidário de Humphrey. Só a retórica foi ajustada para enganar o mundo". O tempo passa, mas certas coisas não mudam. Continuamos observando esse paralelismo entre os candidatos democratas e republicanos, um após o outro. Um exemplo recente aconteceu nas eleições presidenciais do ano de 2004, quando "se enfrentaram" George W. Bush e John Kerry, ambos membros da Skull and Bones e do CFR.

Bohemian Grove

Essa ordem remonta ao ano de 1879, e, como seu nome indica, seus membros se divertem exibindo o lado mais boêmio de suas personalidades no decurso das reuniões. Diante da ilustre platéia reunida, eles revelam seus talentos artísticos mais íntimos em áreas como música, performances teatrais e comédia. No decorrer de duas semanas e meia, por volta de 2 mil membros se reúnem no condado de Sonoma, Califórnia, perto da região de Monte Rio, para realizar, com uma pegada bastante lúdica, sua conferência anual.

Trata-se de mais um grupo exclusivista no qual mulheres e a imprensa ficam de fora. No entanto, isso não impediu que, num dos últimos encontros, um jornalista conseguisse filmar a desenvoltura com que Colin Powell dançou e cantou músicas do Village People; uma performance memorável que rodou o mundo.

A composição dos membros do Bohemian Grove revela suas orientações de caráter globalista e o desejo de formar um governo mundial comandado por uma elite homogênea. O Bohemian é alvo de críticas bastante hostis devido às muitas incógnitas que o cercam e ao fato de existirem denúncias de práticas satânicas, estupros e rituais bizarros associados ao grupo.

Embora a organização garanta que o único objetivo do clube seja valorizar "o espírito boêmio" e se libertar durante alguns dias do estresse laboral, o que acontece em suas reuniões beira o absurdo, até o perverso. As sessões começam com um rito denominado "a incineração das preocupações", durante o qual é ateado fogo a uma coruja branca de dois metros de comprimento.

Para além das performances teatrais e musicais dos convidados, essas reuniões despertam polêmicas por conta das deliberações secretas ocorridas lá dentro. Nesse âmbito, potencializam-se as relações internacionais, amizades interesseiras e *networking*, sem falar que ali surgem negócios e outras práticas financeiras de natureza suspeita. Como exemplo, podemos ressaltar que uma série de investigações concluiu que na cúpula de 1942 seus membros conceberam o Projeto Manhattan, gênese da bomba nuclear lançada sobre Hiroshima.

No Bohemian Grove, reúnem-se os ricaços norte-americanos e as pessoas mais poderosas e influentes de doze países. Cinqüenta de seus membros são diretores de alguma das mil empresas que figuram na lista da revista *Fortune*. Outros são funcionários do governo ou conselheiros de muito peso. Bush pai e Bush filho, Henry Kissinger, o dançarino Colin Powell, Ronald Reagan, Gerald Ford, William Randolph Hearst Jr., Caspar Weinberger e George Shultz, entre outros, pertenceram ou pertencem ao clube. Todos os grandes empresários, investidores e políticos norte--americanos participaram, e continuam participando, desses seminários.

A Comissão Trilateral

David Rockefeller, pai do Clube Bilderberg, foi também o criador da Comissão Trilateral. Segundo declarou ao *The Wall Street Journal*, ele fundou-a em 1973 porque se sentia "preocupado" com o desgaste das relações internacionais entre América do Norte, Europa e Japão: "É um grupo de cidadãos interessados em fomentar o entendimento e a cooperação entre aliados internacionais". O nome da agremiação advém da simbologia maçônica: um triângulo sobre cujos vértices estão os três países que a compõem. O falecido jornalista Andreas Faber-Kaiser repercute a ligação maçônica entre os membros da seguinte forma: "A Comissão Trilateral é um grupo de pessoas oriundas da América do Norte, da Europa e do Japão, vinculado ao mercado financeiro, ao mundo dos negócios e à política, que proporciona à elite advinda da maçonaria a possibilidade de se reunir, visando à formação de uma parceria secreta".

Rockefeller anunciou sua criação na reunião do Clube Bilderberg de 1972, celebrada em Knokke-Heist (Bélgica), onde a idéia foi recebida com grande entusiasmo, dado o contexto internacional dominado pelas disputas com a China e pela desvalorização do dólar.

Para que a Trilateral fosse implementada, D. Rockefeller, que viria a presidir a comissão, contou com a inspiração e ajuda de outro professor, desta vez da Universidade de Columbia, o polonês Zbigniew Brzezinski, ex-Assessor de Segurança Nacional de Jimmy Carter. Em seu livro de 1970, *Between two ages: America's Role in the Technetronic Era*, que se tornaria o fundamento ideológico da Trilateral, Brzezinski defendeu a

necessidade de criar uma aliança mundialista entre os núcleos dominantes da Europa, da América do Norte e do Extremo Oriente. Nessa obra, ele profetizou o advento de um só mundo constituído por "uma sociedade determinada cultural, psicológica, social e economicamente pelo impacto da tecnologia e da eletrônica, sobretudo na área da informática e das telecomunicações". Na concepção de Brzezinski de uma sociedade global, pelo menos naquela época, não estavam descartadas as nações pertencentes à área comunista. Ele manifestou abertamente sua admiração pelas idéias de Karl Marx e declarou que o marxismo representa "um panorama fundamental e criativo para o amadurecimento da figura do homem universal". Acrescentou que é, ao mesmo tempo, "uma vitória do homem externo e ativo sobre o homem interior e passivo, e uma vitória da razão sobre a fé". Brzezinski também defendeu em seu livro que a soberania nacional "já não é mais um conceito viável", e previu: "Um movimento unido em direção a uma comunidade mais ampla por conta do desenvolvimento das nações [...], por meio de uma miríade de relações indiretas e de limitações já vigentes à soberania nacional". A Trilateral seria um desses eixos que integrariam o novo sistema global. "O objetivo de compor uma comunidade de nações desenvolvidas é menos ambicioso do que instaurar um governo mundial, é mais acessível".

A Trilateral demonstrou, imediatamente, sua eficácia ao selecionar um de seus membros para a presidência dos EUA, Jimmy Carter. Ele foi proposto como candidato na reunião ocorrida em Kyoto, em 1975. O resultado foi positivo, e Carter veio a ocupar a Casa Branca. O mesmo aconteceu com Bill Clinton, membro da Maçonaria Templária (Ordem do Templo), do CFR e do Clube Bilderberg.

Desde o princípio, refere-se à Trilateral como sendo o autêntico "governo das sombras", e alguns a consideram o "braço político" do Clube Bilderberg. Outros a definem como uma espécie de sinarquia ou governo financeiro universal. Para De la Cierva, um eminente historiador espanhol especialista em maçonaria, o Clube Bilderberg e a Trilateral são as duas ramificações globalistas do CFR. Os membros da Trilateral costumam pertencer também ao Clube Bilderberg e, se forem norte-americanos, ao CFR.

O ex-Senador e candidato à presidência Barry Goldwater concordou com os críticos da Trilateral quando afirmou: "O que os *trilateralistas*

pretendem, de fato, é conceber a criação de um poder econômico mundial superior aos Estados-nação. Como diretores e criadores dos sistemas, eles governarão o mundo".

O que aconteceu na reunião da Trilateral de novembro de 1999 em Washington exemplifica a capacidade atribuída a esses centros de poder para aprovar ou desaprovar presidentes e ocupantes de cargos públicos. Zbigniew Brzezinski, em seu discurso, queixou-se da onda de nacionalismo antiglobalista que emergia em todos os cantos do mundo, inclusive nos Estados Unidos. O então chefe das forças da OTAN na Iugoslávia, o General Clark, discordou abertamente do assessor presidencial. Esse enfrentamento custou seu cargo; quase imediatamente, foi destituído do comando por não cumprir com a obediência permanente às diretrizes do alto escalão.

A Trilateral alega que não é um organismo secreto, mesmo que suas atividades não sejam conhecidas pela opinião pública. Há pouco tempo, eles colocaram no ar uma página oficial,[4] que serve de mecanismo de relações públicas para limpar sua imagem. Nela podemos encontrar os nomes de seus membros, seus objetivos oficiais e seus projetos, embora não passem de notas genéricas, pois o que realmente acontece lá dentro, por lá fica.

No referido site, eles afirmam que a Trilateral não é uma entidade governamental, mas só um grupo "criado por cidadãos privados". A grande maioria de seus 350 associados, tal como em outras sociedades globalistas, é composta de homens poderosos, extremamente ricos e influentes ou que possuem cargos públicos. Eles pertencem ao ramo dos negócios, dos meios de comunicação e da política internacional. Reúnem-se uma vez por ano, de forma rotativa, na Europa, nos EUA e no Japão. Há uma constante alternância entre o Clube Bilderberg, a Comissão Trilateral e o Council on Foreign Relations.

Dentre os pontos obscuros da comissão, destaca-se a figura do seu próprio mentor, Brzezinski, que imaginavam ser o ideólogo da chamada *armadilha afegã*. O notável professor solicitou ao governo norte-americano que estimulasse os *mujahidin* [combatentes] talibãs a lutar contra os soviéticos. Segundo ele, tratava-se de "uma oportunidade única para que a URSS tivesse seu próprio Vietnã".

---

4 www.trilateral.org

No livro *Trilaterals Over Washington*, escrito há vinte anos por Antony Sutton e Patrick M. Wood, ambos relataram um fato que continua bastante atual:

> Segundo os valores morais da Bíblia, os EUA merecem, com toda a certeza, ser julgados: a depravação passa dos limites, o abuso infantil só prolifera, a ganância e a avareza são as chaves para o sucesso e a moralidade foi corrompida. Se estamos a ponto de sermos jogados dentro do abismo de um período tenebroso, o catalisador ou motivador lógico no horizonte é a Comissão Trilateral.

Os membros da Trilateral estão distribuídos da seguinte forma: 150 europeus e 110 norte-americanos, entre os quais estão 15 canadenses e 10 mexicanos. No ano de 2000, o setor japonês se estendeu até o Pacífico asiático e o número de seus integrantes subiu para 118, entre os quais se encontram 75 do Japão, 11 da Coréia, 7 da Austrália e Nova Zelândia e 15 da Indonésia, Malásia, Filipinas, Cingapura e Tailândia. Além disso, o novo grupo asiático conta com participantes da China, Hong Kong e Taiwan. De acordo com o pesquisador Jim Marrs, um relatório de 1978 revelou que o financiamento recebido pela comissão, de meados de 1976 até meados de 1979, ultrapassava 1.180.000 dólares. A maior parte era procedente de fundações sem fins lucrativos (isentas de impostos), como a Rockefeller Brothers Fund, a Fundação Ford, a Marshall e de empresas como Time, General Motors, Exxon ou Bechtel.

Dentre os espanhóis, destacam-se o político Josep Piqué, Rodrigo Rato (ex-presidente do Fundo Monetário Internacional e ex-presidente da Caixa de Madri), Jesús Aguirre (marido da Duquesa de Alba, já falecido), Ana Patricia Botín (presidente do Banco Santander, conselheira do BSCH), Abel Matutes (ex-ministro das Relações Internacionais e direitos de Empresas Matutes), Emilio Ybarra (ex-presidente do BBVA), Pedro Ballvé (presidente da Campofrio), Antonio Garrigues Walker (advogado), o ex-dirigente sindical Julio Feo (ex-assessor de Felipe González), o político catalão Ramón Trías Fargas, Trinidad Jiménez (PSOE), a historiadora Carmen Iglesias, o banqueiro Carlos March Delgado, Luis María Anson (ex-presidente do jornal *La Razón*), Miguel Herrero e Rodríguez de Miñón (relator da constituição, advogado e consultor internacional), Nemesio Fernández-Cuesta (ex-presidente da Petronor), o Marquês de Tamarón e

Jaime Carvajal y Urquijo (ex-presidente da Ford Espanha, já falecido). Em 1995, Miguel Herrero y Rodríguez de Miñón foi promovido a membro do comitê executivo da Comissão. O vice-presidente da Trilateral em âmbito europeu é o prestigioso advogado Antonio Garrigues Walker.

Dentre os americanos, podemos citar Madeleine K. Albright, Henry Kissinger (a pessoa mais conhecida), Bill Emmott (*The Economist*) e Richard B. Cheney. No rol das empresas internacionais, temos a Thyssen, Mobil, Peugeot-Citroën, Fiat, Mitsubishi, Barclays Bank, Exxon, General Electric, entre outras.

Também é membro da Trilateral o escritor Mario Vargas Llosa, candidato às eleições presidenciais do Peru em 1990. A Trilateral estaria por trás dessa candidatura.

No ano de 2002, David Rockefeller foi nomeado presidente de honra da Comissão Trilateral. Por tudo que superou, Henry Kissinger quase conseguiu arrancar lágrimas com um discurso profundo e exaltado.

Os interessados podem solicitar a lista completa de membros, bem como outras informações, pelo endereço eletrônico contactus@trilateral.org.

A Távola Redonda dos Industriais

Trata-se de um *lobby* que foge ao conhecimento da maioria, criado em 1983 com o objetivo de "representar os industriais europeus". Quase trinta anos depois de sua criação, a ERT[5] não só representa os empresários, mas todos os cidadãos europeus, pois suas propostas e orientações automaticamente se transformam em leis comunitárias da UE, que são aprovadas pelas instituições governamentais européias sem mudar nem uma vírgula.

Seu poder em matéria legislativa é enorme. A revista *Opcions* — editada pelo Centro de Pesquisas e Informações sobre Consumo (CRIC, em catalão) — denunciou que a União Européia havia decretado certas medidas econômicas logo após uma reunião da Távola Redonda dos Industriais. Dentre elas, destaca-se um documento da ERT, do ano de 1985, que formulava um plano para eliminar as barreiras comerciais na Europa. Apenas um ano mais tarde, a Ata Única Européia reproduziu a redação da ERT. A única mudança foi a data em que o Mercado Único

[5] Sigla em inglês que está para *European Round Table of Industrialists* [Távola Redonda dos Industriais Europeus] — NT.

deveria ser lançado: 1992, em vez de 1990. A moeda única européia também foi insistentemente exigida por parte da ERT, um ano antes do Tratado de Maastricht.

Os membros constituintes são cerca de cinqüenta industriais europeus que faturam mais de 950 bilhões de euros (60% da produção industrial européia). Dentre eles, destacam-se os presidentes da Siemens, Bayer, Deutsche Lufthansa, Carlsberg, Renault, Nokia, Fiat, Pirelli, Vodafone, BP, Ericsson e Nestlé.

Dos participantes espanhóis, podemos citar César Alierta Izuel, ex-presidente da Telefónica; Alfonso Cortina, ex-presidente da Repsol YPF, e José Antonio Garrido, ex-presidente da Iberdrola.

Faturar tamanhas quantias anuais confere-lhes um poder imenso, permitindo-lhes orientar algumas decisões parlamentares.

Os peregrinos da liberdade

A grande força motriz deste grupo foi Friedrich von Hayek, seguido pelas figuras de Karl Popper e Milton Friedman, entre outros. Sua teoria fundamental é formulada da seguinte maneira:

> A liberdade é essencial, se quisermos maximizar o desempenho com base na satisfação individual. Afastar-se dessas liberdades individuais nos leva não só a uma menor produção de bens e serviços mas também ao tipo equivocado desses mesmos bens e serviços. Não podemos enriquecer consentindo com a nossa escravidão.

Desde 1947, cerca de cem peregrinos liberais da América, Europa, Japão, África do Sul e Israel se reúnem para forjar o mundo. Eles defendem que a planificação estatal é a principal ameaça a uma sociedade aberta e à ordem espontânea do mercado.

Sete dos peregrinos mais ilustres foram laureados com o Prêmio Nobel de Economia. Figuras políticas relevantes, como Ludwig Erhard, Václav Klaus e os "Chicago Boys" estão entre os membros desse clã.

Pentaveret

Mark Oliver, jornalista do *The Guardian*, tem uma opinião singular a respeito dos autênticos donos do mundo: "Minha teoria é que não é o Clube Bilderberg a comandar o mundo, mas um grupo chamado Pentaveret".

Segundo Oliver, o clube seria formado pelas cinco famílias ou instituições mais ricas do mundo, que controlariam as mídias de massa e todos os assuntos internacionais. Conforme afirma o jornalista, o Pentaveret se reúne três vezes por ano numa mansão no Colorado chamada *The Meadows* (A Pradaria).

"O Pentaveret — salienta Mark — é composto de figuras como a Rainha Isabel da Inglaterra, representantes do Vaticano, os Gettys, os Rothschild e, o mais impressionante, o Coronel Sanders, o criador do Kentucky Fried Chicken", já falecido.

O fato de que o repórter toma como referência apenas um filme de Mike Myers, *Uma noiva e tanto*, para preencher a falta de embasamento para sua teoria e tentar dotá-la de credibilidade, a princípio, não significa que ele não esteja certo. No entanto, levando em conta as minhas pesquisas, até o momento não encontrei nenhuma prova da existência do Pentaveret. Talvez só exista no âmbito da ficção, ou talvez tenha alcançado o sigilo total.

Essas sociedades secretas que analisamos compartilham muitos de seus integrantes. Como vimos, umas se tornaram descendentes de outras — por exemplo, o CFR da Távola Redonda — ou assimilaram as teorias precedentes para atualizar seu ideário. Pode até ser que a meta desses clubes fechados não consista em maquinar um complô internacional, mas é fato que, em suas reuniões secretas, a elite do poder mundial negocia as políticas e estratégias globais, ignorando os debates públicos e a democracia que tanto enaltecem.

O Clube Bilderberg não é a única entidade secreta, mas, seja pelo seu campo de ação, seja pela identidade de seus membros ou pela dimensão de seus objetivos, é a mais ambiciosa de todas, ou seja, é a aliança secreta de maior alcance do mundo. Durante seus mais de sessenta anos de história, eles conseguiram manter seus verdadeiros fins ocultos por meio de um conjunto de mecanismos orquestrado com extremo cuidado e promovido por meio das mídias oficiais, que compreendem a utilização da propaganda, a desinformação, o segredo e o silenciamento de determinados fatos com o objetivo de confundir o entendimento e incitar a passividade social, praticando a filosofia do caos construtivo ou da desordem útil. Fazer intrigas é a sua atividade favorita. O Clube Bilderberg jurou atacar e destruir até o menor vislumbre de liberdade e

independência dos povos, aniquilando todo tipo de organização social, política ou econômica nacional capaz de alterar seus planos. Instaurou um governo invisível, porém real e onipotente, sobre estruturas sólidas que se estendem como os tentáculos de um polvo mitológico por todos os rincões do planeta. É o Grande Irmão (*Big Brother*) retratado por George Orwell. Nada está além do seu alcance, nem há espaço para improviso: tudo é planejado e preparado com antecedência. Os *bilderbergs* se reúnem de costas para o mundo para aprimorar as estratégias que os levem à implementação de sua globalização particular, promovida de acordo com a sua ótica, condições e objetivos: a instauração de um governo único, uma moeda única e uma só religião. A ânsia que eles têm pelo poder se tornaria real, num futuro não muito distante, mediante a liderança da ONU. Estão transformando as Nações Unidas nesse governo planetário, homogêneo, que não fará distinção entre países, a não ser entre as regiões da Terra, e pretende impor as mesmas leis a culturas tão díspares como a oriental e a ocidental, a hindu e a árabe, a alemã e a espanhola. Um só mundo controlado por esses "donos", o que chega a nos dar calafrios de tão parecido que é com o sistema profetizado por George Orwell em *A revolução dos bichos* e em *1984*. Ainda mais inquietante é a semelhança com a visão de *Admirável mundo novo*. Sem dúvida, Aldous Huxley dispunha de informações privilegiadas.

Contudo, gostemos ou não, a verdade está aí fora esperando ser vista.

CAPÍTULO 4

A manipulação institucional da sociedade

A primeira vítima da guerra é a verdade.
— Rudyard Kipling[1]

Quando os governantes pós-modernos compreenderam que podiam manipular psicologicamente as massas mediante processos sutis de controle social, o mundo manifesto iniciou uma metamorfose sem volta que conduziu ao momento presente, mas que ainda está inacabada e só será concluída num tempo futuro. Os métodos modernos de homogeneização populacional nasceram com o êxito alcançado pela propaganda bélica e pelos avanços científicos da escola de Sigmund Freud. Desde então, a publicidade, o cinema, a imprensa escrita e as rádios conquistaram um papel de destaque, mas ainda mais importantes são a televisão e o mundo da tele-realidade criado por ela. A manipulação à qual a população é submetida nos dias de hoje nos remete, irremediavelmente, a uma passagem do livro *1984*, escrito pelo autor e jornalista britânico Eric Blair, mais conhecido pelo pseudônimo George Orwell: "Você imagina que existe uma coisa chamada natureza humana, que será ultrajada pelos nossos atos e que se voltará contra nós. Porém, nós criamos a natureza humana. O homem é infinitamente influenciável". No entanto, ao contrário disso, é

[1] Rudyard Kipling (1865–1936), poeta e escritor britânico.

preciso dizer que a consciência do ser humano poderá ser manipulada, mas jamais será extinta.

Muita gente não acredita na existência e no poder real das sociedades secretas, e atribuem as revelações referentes a essas entidades à fantasia dos pesquisadores. O fato é que, psicologicamente, mantemos algumas idéias tão enraizadas em nossa mente que, mesmo que as evidências se apresentem com clareza diante dos nossos olhos na forma de fatos comprovados, nós as negamos e nos forçamos a acreditar na versão oficial que a mídia e os políticos nos transmitem, ou naquilo que nos dizem aqueles que transformamos em nossos líderes e os que seguimos com uma fé cega.

Para manter essa fé cega nas coisas que a elite do poder nos enfia goela abaixo, tiveram papel fundamental algumas instituições administradas por eles, além, é claro, dos meios de comunicação.

O Instituto Tavistock

Grande parte da ação manipuladora global é gerenciada por uma instituição: o Instituto Tavistock de Relações Humanas, sediado no número 30 da Tabernacle Street, em Londres. A partir da sede, são administradas inúmeras afiliadas distribuídas pelo planeta, como a RAND Corporation, departamentos do MIT, o Centro de Pesquisas de Stanford, o Instituto Hudson, a Fundação Heritage e o Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos de Georgetown, onde é realizada a formação dos funcionários do Departamento de Estado americano. O instituto Tavistock estuda os processos comportamentais individuais e coletivos a fim de controlar e comandar as ações e pensamentos mediante o uso de técnicas persuasivas, sugestivas, manipulativas e de lavagem cerebral.

Foi em 1921, após o fim da Primeira Guerra Mundial, que o centro de pesquisas começou a investigar as possibilidades oferecidas pelo controle mental. O objeto de estudos do local era "neurose de guerra", que provocava um "ponto de ruptura" no equilíbrio psicológico dos soldados britânicos em virtude do intenso estresse sofrido no conflito, entre outros motivos, pelo terror dos bombardeios. Posteriormente, o método científico foi aplicado em todos os campos da conduta humana, e o instituto Tavistock passou a examinar as reações individuais e coletivas de pessoas submetidas a diferentes estímulos com o intuito de exercer

o controle sobre a população e manipulá-la, conforme as descobertas de Freud e, depois, da Escola de Chicago, fundada e respaldada pelo clã Rockefeller.[2]

O precedente dos soldados serviu para orientar a busca pelas causas e condicionamentos que levam uma pessoa a perder o controle mental e o contato com a realidade anterior para deixá-la indefesa ante novos estímulos. A meta era quebrar a fortaleza psicológica do indivíduo, por isso os pesquisadores se esforçaram para encontrar as variáveis que deveriam aplicar a cada caso concreto, dependendo do resultado que desejassem alcançar. O fim era sempre o mesmo: o controle. Esforçaram-se para encontrar a essência da dissolução ou dissociação social, com o intuito de alterar as percepções individuais que modificam as crenças ou valores prévios. Os cientistas do instituto descobriram que um indivíduo que perde suas raízes é mais facilmente influenciável, por isso seria necessário acabar com o núcleo familiar, destruindo os princípios religiosos, sexuais e tantos outros, incutidos desde a infância pela cultura tradicional.

A interação da mídia de massa, as diretrizes dos métodos educacionais, a criação de diferentes tipos de ócio, a manipulação da opinião pública e a incitação à narco-contracultura juvenil têm um papel fundamental no processo de lavagem cerebral, o que facilita o controle comportamental. Acreditamos, por exemplo, que nossa opinião a respeito de determinados assuntos é criada em virtude da liberdade, porém, para que isso ocorra, é preciso possuir toda a informação sobre o fato concreto que queremos julgar. E a imprensa é de propriedade das multinacionais que atuam no Clube Bilderberg, motivo pelo qual é impossível dispor de todos os dados necessários; sendo assim, nossa opinião estará sempre condicionada a versões maniqueístas incompletas fabricadas pelo poder.

O instituto edita a revista mensal *Human Relations* (publicada pela Plenum Press) e, recentemente, lançou a *Evaluation*, em parceria com a SAGE Publications.

O Tavistock ampliou de tal modo seu poder nos Estados Unidos que ninguém se sobressai ou triunfa em nenhuma área sem ter formação em Ciência do Comportamento pela entidade ou por alguma de suas afiliadas.

---

2 Trato deste tema com profundidade na minha tese de doutorado.

A narco-contracultura e a música como instrumentos de controle juvenil

A introdução das drogas no microcosmo adolescente é um dos mecanismos que melhor funcionaram para controlar e manipular os indivíduos na fase vital do desenvolvimento e de maior energia. O instituto percebeu o poder de ação ilimitado dos jovens e, por isso, apressou-se para encontrar métodos que freassem esse considerável potencial. As drogas são os veículos mais eficazes para causar a inação da juventude, pois atordoam, deixam o usuário acomodado na inércia, seu uso contínuo gera psicose, depressão, medos infundados, apatia, perda de confiança e auto-estima, paranóias e outras doenças mentais, sendo algumas delas irreversíveis. A estratégia de proibição foi bastante eficaz, já que estimulou o desejo do consumo nessa faixa etária em que a rebeldia atua como bandeira identitária e de coesão grupal. Uma das piores conseqüências disso é que os jovens dependentes não têm consciência de como estão sendo manipulados por esses agentes de controle social, nem sequer se dão conta de que a droga não vai solucionar seus problemas, mas piorá-los, sendo, às vezes, tarde demais para tentar reagir.

A CIA, cujos agentes são formados em Tavistock, administrou LSD aos próprios funcionários para estudar suas reações, causando várias mortes. Estamos nos referindo aqui ao programa MK Ultra, que surgiu quando a empresa farmacêutica suíça Sandoz AG, propriedade da S. G. Warburg & Co., desenvolveu o ácido lisérgico (LSD). James Paul Warburg, conselheiro de Roosevelt, criou o Institute for Policy Studies para promover a droga. O resultado foi a narco-contracultura do LSD dos anos 1960, a chamada "revolução dos estudantes", que foi financiada com 25 milhões de dólares pela CIA.

A narco-contracultura acarretou danos emocionais e materiais à psique juvenil que ainda não foram sanados. A difusão das drogas foi reforçada com a série de grandes festivais de *rock* usados como experimento social destinado à lavagem cerebral dos adolescentes incautos. Era uma anarquia juvenil domesticada, com controle laboratorial.

As fundações de Tavistock

O Instituto Tavistock foi o criador das fundações onde são desenvolvidos projetos com finalidades espúrias que nada têm a ver com a ação filantrópica que fingem promover. O instituto elabora vários projetos de pesquisa em parceria com outras fundações, como a Fundação Rockefeller, através dos quais foram elaboradas e promovidas diversas técnicas de controle sobre o mundo agrícola. Kenneth Warnimont, diretor da entidade, armou protestos contra os produtores locais do México e da América Latina, considerados uma ameaça para a globalização do Clube Bilderberg porque, com uma produção independente, são capazes de manter sua auto-suficiência. Na Rússia soviética, os bolcheviques acreditavam ter alcançado o domínio absoluto sobre a população, até se aperceberem da insolente autonomia dos pequenos produtores, os *kulaks*.

Nos anos 1930, Stalin ordenou à OGPU [polícia secreta soviética] que confiscasse as colheitas e deixasse os animais de abate dos *kulaks* morrerem de fome, obrigando os produtores a abandonar seus pequenos pedaços de terra para que vivessem e trabalhassem em plantações coletivas. O Partido Comunista, o partido dos trabalhadores, exterminou camponeses e escravizou os trabalhadores. O maior obstáculo de muitos regimes totalitários foram esses pequenos produtores. O período de terror na França não mirava a aristocracia — a qual chegava até a flertar com o regime —, mas os pequenos agricultores, que se recusavam a entregar seus grãos aos tribunais revolucionários em troca de títulos inúteis.

Nos Estados Unidos, as fundações e os grandes conglomerados empresariais, como a Monsanto, atualmente estão travando o mesmo tipo de guerra de extermínio contra os pequenos produtores americanos. A fórmula tradicional de terra e trabalho para o agricultor foi alterada em virtude da necessidade de comprar mercadorias industriais indispensáveis às suas atividades rurais, o que o torna muito vulnerável à manipulação das taxas de juros do mercado. Por exemplo, leis são criadas para obrigá-lo a comprar determinado tipo de semente produzido e controlado por grandes corporações. Os produtores locais nos EUA estão enfrentando o

mesmo tipo de extermínio, sendo obrigados a renunciar ao seu pedaço de chão para oferecer seus serviços aos grandes impérios agrícolas.[3]

Aqui encontramos uma das razões pelas quais os agricultores da chamada "América profunda" votaram em Donald Trump. Esses produtores rurais não são estúpidos nem ignorantes, como a imprensa do Clube Bilderberg os classificou, mas, ao contrário, estão apenas defendendo suas propriedades, o sentido de suas vidas e de seus filhos, o motivo pelo qual trabalham. O dinheiro e o futuro deles. Ou nos EUA só tem direito a dinheiro e propriedades a classe alta de Washington, que votou em peso na Hillary?

Os pequenos agricultores votaram em Trump por instinto de sobrevivência. São os filhos da terra, aqueles que ainda vivem em verdadeira comunhão com a natureza. Os selvagens que se negam a ser domesticados. E eles merecem nossos aplausos. Não suportam os cárceres da alma nem do corpo. Esse é o país que defendem. Diziam tratar-se do país da liberdade... Não era isso? Algumas pessoas estão muito perdidas. E não são os agricultores.

A guerra como processo de organização social: o relatório Iron Mountain

Um dos trabalhos secretos de maior relevância, resultante de investigações patrocinadas pelo Clube Bilderberg em seu afã de controlar o mundo, é o conhecido pelo nome de Iron Mountain, cuja história começa no início do ano 1961, quando o Presidente John F. Kennedy anunciou publicamente sua decisão de colocar um fim na Guerra Fria. O comunicado coincide com a seleção de um grupo de especialistas responsáveis por examinar as conseqüências da eventual declaração de paz mundial permanente. A operação foi coordenada por três membros notáveis da administração Kennedy, que, ademais, pertenciam às três sociedades secretas mais poderosas: Dean Rusk (deixou a presidência da Fundação Rockefeller em 1961, quando foi nomeado secretário de Estado), que era do Clube Bilderberg e do CFR; McGeorge Bundy, do Clube Bilderberg, do CFR e da Skull and Bones; e o então Secretário de Defesa Robert McNamara,

3 http://educateyourself.org/now/nwotavistockbestkeptsecret.shtml.

membro do Clube Bilderberg, da Comissão Trilateral e do CFR. A delegação de investigadores, que começou seus trabalhos em 1963, era integrada por importantes economistas, historiadores, sociólogos, cientistas, um astrônomo e um dono de indústria.

As conclusões obtidas a partir do estudo foram registradas no relatório Iron Mountain, assim chamado porque as reuniões mais importantes aconteceram num abrigo nuclear subterrâneo de mesmo nome, situado nos arredores de Hudson, estado de Nova York, onde hoje se encontra uma empresa de gestão, digitalização, destruição e proteção de dados. Nada melhor do que um *bunker* secreto para esses encontros, não é? Iron Mountain era a sede da Hudson Institution, um órgão consultivo do CFR construído como abrigo em caso de guerra nuclear. Além disso, o local abrigava escritórios da Standard Oil dos Rockefeller, da Dutch Shell Oil, do banco Morgan e da Manufacturers Hanover Trust.

O conteúdo do relatório Iron Mountain tornou-se público em 1966 graças ao fato de um dos quinze membros do grupo, identificado pelo nome de John Doe (algo como "Fulano de Tal", em inglês), ter vazado o documento à imprensa. Os grandes meios de comunicação americanos o silenciaram, com exceção do *Dial Press*, que se atreveu a publicá-lo um ano mais tarde. Doe estava convencido de que deveria compartilhar os resultados da investigação com todos os cidadãos, já que estes financiaram o estudo com seus impostos. O resto dos colegas pensava de maneira diversa e temia que a publicação do relatório pudesse gerar uma "crise de confiança" perigosa em relação aos governantes.

"Os garotos de Iron Mountain", como se autodenominaram, direcionaram seus estudos à "viabilidade e conveniência da paz", e concluíram que "a guerra não é, como muitos imaginam, um instrumento da política utilizado pelas nações para expandir ou defender seus valores políticos ou interesses econômicos. Muito pelo contrário, é a maior responsável por moldar o principal alicerce de organização do sistema social. Foi esse o sistema que governou a maioria das sociedades humanas no decorrer da história, e assim continua até hoje". Os investigadores chegaram à conclusão de que a guerra era conveniente e necessária para constituir "a principal força estruturante" e um "estabilizador econômico fundamental para as sociedades modernas". Inclusive, um dos tópicos

de maior importância foi a confirmação de que, para alterar a vida de todos os habitantes do planeta, não existe um meio mais eficaz do que o conflito, uma afirmação intimamente ligada à teoria da aceleração da história pregada por Karl Marx. E, antes dele, a mesma tese havia sido proposta pelos revolucionários da Idade Moderna, que acabaram inundando de sangue as ruas de Paris, aos gritos de "liberdade, igualdade, fraternidade ou morte!!".

Além de corroborar o conceito de "guerra conveniente", os investigadores propuseram a reintrodução da escravidão mediante a tecnologia moderna e sugeriram o uso da política como possível substituto para o controle social anteriormente exercido por meio da criação de inimigos em potencial. E ainda acrescentaram: "A elaboração desse sofisticado formato de escravidão é um pré-requisito fundamental para o controle social de um mundo pacífico". Ao concluir, destacaram o seguinte: "Devemos sempre afirmar que a guerra não é tão facilmente dispensável como sistema até que possamos decidir, com plena exatidão, por quais sistemas de controle social poderemos substituí-la e estejamos convencidos, sem sombra de dúvidas, de que essas instituições suplentes cumprem seus propósitos".

Como vimos, mesmo com a abordagem sobre as possibilidades que a paz duradoura proporcionaria no sistema de organização social, a verdadeira finalidade do relatório era assegurar, acima de tudo, o controle social. Esse grupo seleto de estudiosos determinou que, para implantar um modelo de paz permanente, era necessário encontrar substitutos para a guerra, e propôs algumas soluções, como um programa econômico de investigação espacial gigantesco e sem meta concreta voltado para objetivos inalcançáveis ou para a criação de inimigos fictícios, por exemplo, uma ameaça extraterrestre determinada e reconhecida, ou uma contaminação ambiental global em massa. Além disso, poderiam ser introduzidos jogos violentos destinados à sociedade, e considerou-se também a instauração de uma força internacional onipresente e virtualmente onipotente.

É importante destacar que em nenhum momento existe a previsão de educação e formação cultural dos cidadãos como método para superar os conflitos bélicos, mas a substituição destes por outras ameaças que sejam capazes de amedrontar a população e a mantenham facilmente

manipulável. Aliás, havia a defesa do embrutecimento das pessoas por meio do uso de jogos violentos.

Ficamos surpresos ao verificar a semelhança dessas premissas com a situação presente, quando se torna cada vez mais comum observarmos cenas de violência extrema em eventos esportivos, como em jogos de futebol ou nos videogames feitos para as crianças. Outra coincidência de natureza duvidosa é a famosa "mudança climática", que os poderosos e governantes, encabeçados pelo "profeta" Al Gore, vêm utilizando para aterrorizar a sociedade e que já era vista como alternativa à guerra no Iron Mountain.

Os signatários do Iron Mountain condicionaram o fim do sistema de guerras mediante a formulação de outro melhor que servisse aos seus propósitos "em termos de sobrevivência e estabilidade da sociedade", mas em nenhum momento descartaram a hipótese. No relatório, eles questionavam se seria conveniente instaurar o modelo de paz, já que "o sistema de guerra, apesar de toda sua repugnância subjetiva em importantes setores da opinião pública, demonstrou sua efetividade desde o começo da história escrita; constituiu as bases para o desenvolvimento de muitas civilizações duradouras e impressionantes, incluindo aquela que hoje é dominante". Para o grupo de cientistas, um sistema viável de paz "continuaria sendo uma viagem ao desconhecido, com um risco inerente e inevitável, independentemente de até que ponto esses fatores inexplorados se mostrassem controláveis. Com o conhecimento que temos atualmente, o sistema de guerra é o único que consegue se identificar com a estabilidade, e o sistema de paz com a especulação social".

Os cientistas do Iron Mountain recomendaram a criação da Agência de Pesquisa de Guerra e Paz, um órgão permanente que seria secreto e só prestaria contas ao presidente dos EUA. Como o próprio nome já diz, o órgão dedicaria sua atenção ao estudo do sistema de guerra e suas possibilidades de transição a um modelo social de paz. Não há como saber ao certo se esse organismo foi ou não criado; mas temos certeza de que o sistema de guerras continua vigente e a todo vapor.

O inimigo necessário

O relatório Iron Mountain propõe a criação de um "inimigo necessário" com o intuito de perpetuar o sistema de guerras ou, servindo de

complemento a este, manter a sociedade unida diante da ameaça de um ataque externo. Para implementar essa alternativa, o estudo aponta como modelo "os precedentes relacionados ao tratamento conferido aos grupos étnicos desfavorecidos, supostamente ameaçadores, em determinadas sociedades durante certos períodos históricos".

A utilização desse fantasma artificial, introduzido pela propaganda governamental, seria fundamental no processo de estruturação de um sistema de paz permanente:

> Por mais improvável que o possível inimigo alternativo possa parecer, devemos salientar que *é necessário* encontrar essa figura, com qualidade e magnitude plausíveis, se quisermos que algum dia haja uma transição em direção à paz, sem causar uma desintegração social. Na nossa opinião, é mais provável que tal ameaça seja inventada em vez de ser idealizada a partir de condições conhecidas.

Para que o sistema seja eficaz, é imprescindível que:

> [...] o inimigo alternativo represente uma ameaça de destruição imediata, tangível e prontamente identificada. Isso deve justificar a necessidade de se pagar um "preço de sangue" em diversas áreas de interesse humano. Um possível inimigo seria o modelo de contaminação do meio ambiente, se o perigo apresentado à sociedade fosse realmente iminente. Os modelos fictícios deveriam estar impregnados de uma convicção extraordinária, sustentada por uma considerável perda de vidas humanas. A concepção de uma estrutura recente, mitológica ou religiosa com essa finalidade sofreria entraves em nossa era, mas, em todo caso, deve ser considerada como uma opção.

Reitero a importante constatação sobre a atual máquina de propaganda mobilizada pelos países ocidentais para alertar os habitantes do planeta quanto ao possível perigo provocado pela contaminação ambiental e, sobretudo, em relação às mudanças climáticas que supostamente ameaçam a vida na Terra. Penso que são alertas infundados, fictícios, que foram denunciados por certos setores da ciência, mas que a mídia oficial fez questão de silenciar. Esses críticos defendem que, de tempos em tempos, o planeta passa por mudanças climatológicas que condizem com a evolução terrestre.

Continuam nos contando mentiras ou, o que é ainda mais perigoso, meias-verdades. Ao invés de nos oferecerem conhecimento e verdade, educam-nos com apelos emocionais vazios e superficiais.

A culpa é dos políticos, que são incapazes de oferecer soluções. Acima deles, a responsabilidade está com a elite, que ficou desorientada, e conosco, pela parte que nos diz respeito, por agüentar e suportar isso tudo.

CAPÍTULO 5

Acontecimentos internacionais provocados pelo Clube Bilderberg

Uma nação que gasta mais com armamento militar
do que com programas sociais
avança rumo à morte espiritual.
— Martin Luther King[1]

A conferência anual do Clube Bilderberg é a mais importante do mundo. Não há como compará-la a nenhuma outra, já que influencia o mundo inteiro e nela se concentra a elite dominante das principais instituições internacionais, como o Banco Mundial, a ONU, a OTAN, o FMI, o BCE, a OMC, bem como líderes financeiros e políticos dos países ocidentais que possuem e exercem a hegemonia do poder mundial. Levando-se em consideração a situação e a influência política, econômica e social dos membros, e parando para analisar os temas que trataram em suas reuniões, observamos uma inequívoca inter-relação entre o que se discute no Clube Bilderberg e os acontecimentos subseqüentes em âmbito internacional.

Nesse sentido, a lista dos assuntos constantes na programação do clube é uma prova cabal de que eles atuam como um governo mundial invisível. Nas conferências mais recentes, os seletos *bilderbergs* abordaram

1 Martin Luther King Jr. (1929–1968), ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1964.

assuntos como a conturbada região do Oriente Médio, a Guerra do Iraque, o conflito nos Bálcãs e o imbatível gigante asiático (a China). Novamente, eles voltaram suas atenções para assuntos econômicos: fizeram grandes apostas no Tratado de Livre-Comércio da América do Norte, interviram diretamente na criação da Organização Mundial do Comércio e determinaram a preponderância de três moedas mundiais: dólar, euro e iene, que, no fim das contas, em razão do equilíbrio entre elas, funcionam como se fossem um único câmbio.

Não nos esqueçamos dos vários temas que eles discutiram na clandestinidade no decorrer de seus cinqüenta anos de história. As decisões que tomam chegam até nós com atraso, isto é, eles agem com muitos anos de antecedência, sendo que, pouco a pouco, suas projeções se transformam em propostas de leis, posteriormente aprovadas nos parlamentos por seus infiltrados de aluguel, que são aplicadas na sociedade. O Clube Bilderberg é uma rede de indivíduos que partilham das mesmas culturas e formações acadêmicas, unidos para atingir objetivos em comum. As multinacionais nas mãos dos donos do mundo, que controlam mais dinheiro do que o PIB de muitos países, operam como ilhas independentes com poderes maiores do que as constituições dos Estados soberanos, e têm a capacidade de impor leis trabalhistas, econômicas e sociais nas nações pobres e desestruturadas.

O jornalista inglês Jon Ronson salienta: "Embora neguem veementemente o fato de governarem o mundo em segredo, meus entrevistados do Clube Bilderberg confessaram que, algumas vezes, os assuntos internacionais foram influenciados por essas sessões". Quando Ronson pediu a Denis Healey que desse um exemplo, ele respondeu o seguinte:

—Durante a Guerra das Malvinas, a demanda do governo britânico por sanções internacionais contra a Argentina caiu por terra. Porém, numa das reuniões do Clube Bilderberg, David Owen [ministro das Relações Exteriores da Grã-Bretanha e da Commonwealth] se levantou e deu um discurso fervoroso em favor de suas aplicações. Sua exposição mudou muitas opiniões. Tenho certeza de que vários chanceleres voltaram aos seus respectivos países e contaram aos seus líderes o que David Owen havia dito. Adivinhe o que aconteceu? As sanções foram impostas.

Um único minuto de glória: Esperanza Aguirre no Clube Bilderberg

No ano de 2004, o clube escolheu a cidade italiana de Stresa para comemorar suas bodas de ouro. Seria um evento especial, pois transcorrera meio século desde a sessão inaugural nos belíssimos salões do Hotel Bilderberg, onde o Príncipe Bernardo dera as boas-vindas às pessoas mais influentes do mundo financeiro e político ocidental da época.

O já clássico e tradicional desfile de limusines pretas que transportam os *bilderbergs* descaracterizou o horizonte italiano, enquanto os moradores do local assistiam atônitos à incrível mobilização policial e militar que corrompia a tranqüila paisagem.

A ex-Presidente da Comunidade de Madri, Esperanza Aguirre, viveu essa experiência em primeira mão. Ela própria me confirmou sua participação nas reuniões. "Estive presente em duas ocasiões, quando era presidente do Senado; fui convidada por Matías Rodríguez Inciarte [presidente da Fundação Princesa de Astúrias e vice-presidente do Banco Santander]". Nunca pensei que Aguirre falaria comigo sobre o clube secreto, então aproveitei a oportunidade e continuei fazendo perguntas:

— Quais temas vocês trataram nessas duas reuniões?

— Isso não posso dizer, senhorita, porque eles são muito discretos.

A presidente havia utilizado a palavrinha mágica: "discretos"; a mesma que os *bilderbergs* tomaram emprestada dos maçons e usam, vez ou outra, para se defenderem das acusações de conspiração nas sombras. Será que ela sabia disso? Aguirre saiu andando, gesticulou para que eu saísse do caminho e colocou um ponto-final em nossa conversa. Porém, ao contrário do que parecia, ela deu alguns passos para trás e fez uma grande revelação, uma confidência que eu nunca tinha lido nem escutado em outro lugar:

— A única coisa que posso comentar é o rito que utilizam nas reuniões: só permitem que alguém fale durante um minuto; após esse tempo, uma luz vermelha é acesa na sala, o que indica que acabou sua vez. É muito engraçado, pois parece o método usado em alguns programas de televisão. Mesmo que não tenha acabado sua exposição, você não pode falar mais nada.

Essa não seria sua última revelação.

— Como sou da letra A — continuou —, sentei-me ao lado de Agnelli e de um português muito simpático cujo nome, agora, não me recordo. Ele riu muito porque eu lhe disse: "Eu li seu currículo". E ele me olhou espantado: "É sério que leu meu currículo?". E começamos a rir juntos.

Arrisco dizer que Esperanza Aguirre estava se referindo ao português Diogo Freitas do Amaral, co-fundador do partido Centro Democrático Social, CDS, em 1974, após a Revolução dos Cravos. Nesse caso, a ex-presidente estaria rememorando sua participação na reunião ocorrida em Sintra, perto de Lisboa, entre os dias 3 e 6 de julho de 1999. Essa ocasião coincidiu com a presença da Rainha Beatriz da Holanda, mas sua homóloga espanhola não compareceu.

Tudo isso num só minuto! Um minuto incrível! Poucas vezes a expressão "tempo é dinheiro" assumiu tanta importância quanto nas reuniões secretas dos soberanos globais. Fiquei impressionada diante da descoberta e, além disso, tomei conhecimento de que, antes das reuniões, são distribuídos os currículos dos participantes. Depois de me conceder esse furo jornalístico, a ex-presidente quis mencionar outros detalhes:

— Também posso dizer que não é permitido levar escolta.

— Então, como e com quem chegam ao local de destino? — perguntei a ela.

— Eles vão buscá-la no aeroporto e a levam diretamente ao hotel. Não se pode levar escolta, mas podemos levar tacos de golfe.

— A senhora disse que Inciarte a convidou — prossegui. — Como pensou que poderia contribuir para a reunião?

— Isso não posso dizer, mas pergunte a Rodríguez Inciarte e a Jaime Carvajal.

Nesse instante, Esperanza começou a caminhar com firmeza pela calçada, deixando claro que o diálogo havia terminado, porém tentei lançar uma última pergunta. Os passos acelerados sinalizaram sua decisão de ir embora dali, por isso levantei a voz para que me ouvisse:

— A senhora gostou da experiência de participar do Clube Bilderberg?

A ex-presidente da comunidade mais importante da Espanha não hesitou nem por um segundo, então, virando-se na minha direção, gritou:

— Adorei!

Esperanza Aguirre foi a única participante espanhola do Clube Bilderberg que deu declarações sobre suas impressões a uma jornalista. A discrição imposta pelos *bilderbergs*, à qual se referiu no começo de nossa conversa, impediu-a de me informar que nas reuniões do Clube Bilderberg é elaborada a agenda geopolítica mundial a ser implementada em curto, médio e longo prazos, e que o conteúdo de suas conclusões é comunicado a outros órgãos inferiores. O G-8, a Organização Mundial do Comércio, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e a OTAN acatam as suas ordens (o Clube Bilderberg tem membros em todas essas instituições) e fazem com que os países influentes do Ocidente as cumpram à risca. Fico pensando se ela é uma das convidadas que sabe das intenções ocultas do Clube Bilderberg, ou se é uma das chamadas "inocentes".

Clube Bilderberg na Espanha: diário de bordo

No dia 7 de janeiro de 1989, em Berlim, era aberto o Portão de Brandemburgo, o símbolo da divisão da Europa. Depois disso, foi derrubado o Muro de Berlim. Quando caiu a Cortina de Ferro, chegava ao fim a Guerra Fria.

Nesse mesmo ano, alguns meses depois, a Espanha teve o privilégio de receber a reunião anual do Clube Bilderberg. O então presidente do governo espanhol, Felipe González, assumia seu terceiro mandato (ainda teria mais um pela frente) e havia chegado a vez do país de ocupar a presidência da Comunidade Européia.

De maneira excepcional, ao contrário de todos os prognósticos, porque os *bilderbergs* nunca agem dessa forma, o presidente espanhol atendeu a imprensa que havia se deslocado até a entrada do balneário de Pontevedra.

Em 12 de maio de 1989, a agência EFE colheu as seguintes declarações de González na entrada do balneário de La Toja:

> Ao chegar, afirmou que essa reunião "é muito útil", porque nela está presente uma parcela simbólica de grandes pensadores e representantes de importantes interesses da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. "Essa reunião é benéfica, pois não fica sufocada por interesses políticos imediatos nem por qualquer outro tipo de pressão, portanto o ambiente

de reflexão é bastante útil por ser muito livre. Todos podem falar o que bem entendem, e as conclusões costumam resultar em documentos muito importantes que estão avançando a cada ano que passa, conforme essas reuniões são celebradas".

O ex-presidente espanhol ressaltou o "benefício" da reunião, ou seja, que nela não há nenhum tipo de pressão: "Todos podem falar o que bem entendem".

Um dia depois de dar as boas-vindas aos ilustres *bilderbergs*, a agência de notícias perguntou a González sobre o desenrolar da primeira rodada de reuniões, e reproduziu as perguntas em formato de entrevista, que aparecem transcritas logo abaixo:

> *Pergunta*: Está sendo boa a reunião em La Toja?
>
> *Felipe González*: Muito boa, muito boa. É realmente interessante o nível do debate; muito, muito interessante ter a liberdade de poder dizer o que quiser, sem essas coisas que eu havia dito ontem sobre idealizações de um tipo ou de outro. Tem sido muito bom, muito bom mesmo. Às vezes, é difícil, mas é muito bonito.
>
> *Pergunta*: Alguma perspectiva nova sobre os assuntos tratados?
>
> *Felipe González*: Meu caro, na minha opinião, houve uma análise muito interessante sobre as relações Oriente-Ocidente. E uma análise muito interessante a respeito das perspectivas da Comunidade Européia. Os dois temas foram... até agora, foram os dois temas em que mais nos aprofundamos. Amanhã, haverá uma exposição excelente sobre meio ambiente, com uma palestra sobre a qual já li, que é maravilhosa, muito boa mesmo. Enfim, a experiência é muito bonita, muito natural.

Em seguida, o jornalista da agência EFE perguntou ao presidente sobre assuntos de política interna e sobre a cúpula extraordinária da OTAN, que seria realizada no fim daquele mês e na qual seriam abordados, entre outros assuntos, a modernização dos mísseis dos aliados, um tema que também estava na agenda do Clube Bilderberg. No entanto, a EFE não publicou suas respostas a esse respeito.

Conhecendo a Ilha de La Toja

O político e lorde britânico Jeremy John Durham Ashdown, mais conhecido como Paddy Ashdown, um dos *bilderbergs* mais relevantes

e influentes da Europa, esteve presente à reunião espanhola. O inglês fundou o Partido Liberal Democrata (*The Lib Dems*) em 1989, e renunciou à sua liderança em agosto de 1999. De 2002 a 2006, foi o principal representante da comunidade internacional e representante especial da União Européia na Bósnia-Herzegovina.

Dez anos após sua estadia em La Toja, ele publicou seu primeiro livro de memórias políticas, intitulado *The Ashdown Diaries. Volume One 1988–1997*. Entre as páginas 42 e 47, Ashdown relatou sua passagem pela Galícia durante a conferência do Clube Bilderberg de 1989. Em virtude de sua importância para minha pesquisa, reproduzo o trecho mais chamativo do texto:

> *Quinta-feira, 11 de maio, Santiago de Compostela. Espanha.*
>
> Às duas da tarde, apanhei um avião no aeroporto londrino de Heathrow com destino a Santiago de Compostela para presenciar a conferência do Clube Bilderberg, na qual, pelo que me disseram, participariam as cinqüenta pessoas que governam o mundo.
>
> Quando cheguei, descobri que lá estavam Henry Kissinger, Lord Carrington; o rei e a rainha da Espanha; o rei da Holanda; o presidente da Espanha, Felipe González; o primeiro-ministro da Bélgica, Wilfried Martens; e muitos ministros do governo *tory*.
>
> O jantar foi excelente. Comi uma dúzia de ostras e peixe. Foi divertido. Depois, Cecil Parkinson, John Smith e eu nos acomodamos numas poltronas para tomar *brandy*. Cecil deu sua opinião, de maneira aberta e contundente, sobre a situação do governo inglês [...].
>
> *Sexta-feira, 12 de maio, Santiago de Compostela.*
>
> Acordei com ressaca do *brandy* da noite anterior e com a cabeça pesada por conta da conversa com John Smith. Tomei um bom café-da-manhã antes da reunião. Sentamo-nos numa sala com enormes janelas de varandas de frente para o mar. O primeiro debate tratou dos recentes acontecimentos no Leste Europeu. Tim Garton Ash deu uma palestra excepcional.
>
> À tarde, a discussão, liderada por Lord Carrington, girou em torno do controle de armas, e nela Henry Kissinger e Theo Sommer (editor do *Die Zeit*) expuseram seus pontos de vista. Foi fascinante. Kissinger começou um pouco lento, mas logo se transformou num orador deslumbrante.

Logo em seguida, falamos sobre a Europa. Giovanni Agnelli e Lloyd Bentsen expuseram suas versões. O protagonismo foi assumido por Peter Sutherland, que foi brilhante.

O consenso geral foi que a economia da União Soviética é a mais instável e propícia à queda, junto com a maioria dos países do Bloco Oriental. Por isso, o Ocidente não deveria contribuir para a ruptura do Pacto de Varsóvia, mas auxiliar da melhor maneira possível no processo de reunificação.

Sábado, 13 de maio, Santiago de Compostela.

Pela manhã, tratamos das relações entre EUA e União Soviética. Foi, de longe, a melhor parte. Rozanne Ridgway, chefe da equipe de desarmamento da Casa Branca, explicou sua visão. É uma mulher admirável, que domina tudo o que está ao seu redor. De toda forma, achei sua visão sobre a modernização um tanto imprecisa. Aparentemente, os soviéticos estão dispostos a fazer cortes profundos nas forças convencionais diante da inação. Ela não distingue essa questão daquela da modernização das armas nucleares da Alemanha. Deve estar louca! Na parte da tarde, conversamos sobre a união monetária na Europa. Quase todo mundo hostilizou a Sra. Thatcher, inclusive seus admiradores mais ferrenhos. A única exceção foi Cecil Parkinson, que demonstrou espírito de lealdade, mas lhe faltava objetividade e todos acharam um absurdo.

Domingo, 14 de maio, Santiago de Compostela.

Entrei em contato com a ITN às onze da manhã (que interessante a ITN não ter publicado que Paddy era um *bilderberg*) [...].

Estava um dia lindíssimo, sem nuvens. Passei a tarde toda na piscina, revisando o rascunho do meu livro *Cidadão britânico* e fazendo correções. Queria ter certeza de que aqueles que o lessem não vissem uma mera compilação de idéias, mas uma profunda exposição sobre o modo como a política na Grã-Bretanha estava evoluindo.

Brandy para sobremesa

O relato de Paddy permite que nos aprofundemos um pouco mais no desenrolar das reuniões e que conheçamos alguns detalhes característicos

da reunião em La Toja. A partir desse exemplo, observamos o ambiente descontraído que permeia os encontros dos *bilderbergs*. Entre *brandy*, debates após o jantar e banhos de piscina, acontecem os bate-papos. Aparentemente, há uma atmosfera amistosa, bem semelhante a um encontro informal entre amigos e conhecidos, exceto por um detalhe sutil: não se fala de futebol, mas de geopolítica. E quem faz uso da palavra não são pais de família nem executivos agressivos que querem relaxar num hotel de luxo, senão os homens mais poderosos do planeta.

Entre eles, destacamos a presença dos reis da Espanha, Don Juan Carlos e Doña Sofía, que em nenhum comunicado da Casa Real jamais se pronunciaram a respeito das reuniões no Clube Bilderberg. Era de se esperar que os monarcas dessem alguma declaração a respeito dessas questões, considerada a tamanha importância delas.

Também estiveram no balneário de Pontevedra Miguel Boyer (naquela época, membro do Comitê de Especialistas para o Estudo da União Monetária e Econômica da Europa, Comitê Delors, que elaborou o Plano Delors para a moeda única européia), Jesús de Polanco, proprietário do Grupo Prisa, já falecido, e o ex-ministro das Relações Exteriores da Áustria, Franz Vranitzky.

Conspirações e tolices

Já tratamos aqui sobre a conspiração, mas não da opinião dos *bilderbergs* em relação a isso, que, como era de se esperar, eles negam. Aqueles que detêm o poder global não se vêem como conspiradores, porque consideram, por um lado, que seu modo de agir é a melhor maneira de fazer as coisas, a mais correta e a única. Por outro lado, tanto seus interesses pessoais como os benefícios de poder e materiais que obtêm levam-nos a agir dessa forma. Eles negam sua responsabilidade nos acontecimentos da história, argumentando que esta é o simples resultado de uma sucessão acidental de fatos que eles não podem alterar ou impedir. O jornalista e escritor Gary Allen manifestou-se a respeito:

> Acreditamos que vários dos acontecimentos mundiais mais importantes, que decidiram o destino da humanidade, ocorreram porque alguém assim planejou. Se nos ativéssemos apenas a estatísticas, metade dos

acontecimentos que afetam o bem-estar da nação norte-americana deveriam ser bons para ela. Se fosse mera incompetência, nossos líderes deveriam cometer, pelo menos, um erro a nosso favor. Porém, na verdade, não estamos presenciando coincidências ou estupidezes, mas, sobretudo, trata-se de planejamento e genialidade.

O jornalista inglês Jon Ronson, autor do livro *Them: Adventures with Extremists*, conseguiu que Denis Healey, ex-ministro da Economia e da Defesa do Reino Unido, lhe confessasse o que nenhum *bilderberg* jamais havia reconhecido:

> — Dizer que lutávamos por um único governo mundial é exagero, mas não é completamente injusto. Nós do Clube Bilderberg sentíamos que não dava para continuar lutando uns contra os outros para sempre, matando tanta gente e deixando milhões sem abrigo. Por isso, achávamos que uma única comunidade em todo o mundo seria uma coisa boa.
>
> O Clube Bilderberg — prosseguiu Healey — é uma maneira de reunir políticos, empresários, executivos e jornalistas. A política também afeta aqueles que não são políticos. Fazemos um esforço sobre-humano para atrair políticos mais jovens que, obviamente, estão em ascensão, trazê-los para junto de especialistas do mundo financeiro e industriais, os quais poderão lhes oferecer palavras de sabedoria. Isso aumenta a possibilidade de haver uma política global sensata.
>
> — O que vocês fazem não é uma conspiração mundial? — perguntou-lhe Ronson.
>
> — Bobagem! — resmungou o ex-ministro — Nunca ouvi coisa parecida! Não tem nada a ver com conspiração! É o mundo! É assim que as coisas funcionam. E, sem dúvidas, estamos agindo da maneira correta.
>
> Healey, por fim, acrescentou:
>
> — Mas eu lhe digo uma coisa. Se os extremistas e os líderes de grupos militares acreditam que o Clube Bilderberg está querendo derrubá-los, então eles têm razão. Queremos, sim. Somos contra o fundamentalismo islâmico, por exemplo, porque é contrário à democracia.

É bastante relevante que Healey tenha dito que os *bilderbergs* se uniram para frear a guerra entre eles, visto que não declarou nada acerca de guerrear ou não contra os demais. Eles geraram os confrontos que assolam o mundo desde o princípio do século xx, e, além disso, foi

justamente Healey quem disse: "Nada que acontece no mundo é por acidente; existem os que se encarregam de fazer as coisas acontecerem. A maior parte das questões nacionais ou relacionadas ao comércio são orientadas pelos que têm dinheiro".

Alguns permanecerão incrédulos diante de tamanha revelação, mas não pensem que são apenas jornalistas independentes que criticam a autoridade da organização mais poderosa do mundo. O Corporate European Observatory, um dos principais centros de pesquisa sobre políticas liberais, também salientou numa de suas publicações do ano de 2000 que é verdade que o Clube Bilderberg não dá ordens de modo "formal", mas consegue "definir um consenso entre as elites política, econômica e dos meios de comunicação". A mesma coisa, mas com palavras diferentes.

O pesquisador americano Jim Marrs conclui:

> Em plena era industrial, científica e nuclear, a vida num sistema democrático, assim como numa sociedade totalitária, é determinada por uma meia dúzia de homens. Os especialistas, tanto analistas políticos quanto sociólogos, apesar das diferenças em suas abordagens de estudo sobre os poderes nos EUA, concordam com o fato de que as decisões centrais, seja políticas, econômicas ou sociais, são tomadas por uma seleta minoria.

O ex-presidente do clube, Étienne Davignon, afirma: "Quando as pessoas dizem que somos o governo secreto do mundo, respondo que, se isso fosse verdade, deveríamos estar aflitos e envergonhados de nós mesmos". A seguir, vamos lembrá-los dos motivos pelos quais, caso tenham um pingo de consciência, não deveriam conseguir deitar a cabeça em seus travesseiros.

A função trágica da América Latina

Vamos relembrar que, na origem do Clube Bilderberg, o "inimigo necessário" era o comunismo. Naquele tempo, o termo englobava todas as doutrinas contrárias às dos vencedores. Por isso, como destaca o pesquisador Noam Chomsky, os povos que resistiram ao imperialismo capitalista foram considerados defensores de um nacionalismo herege que precisava ser exterminado, então foram incluídos na denominada esfera comunista.

Em 1955, um grupo de estudos de alto nível, alinhado com os objetivos do Clube Bilderberg, argumentou que a ameaça fundamental das potências comunistas era sua negativa de cumprir o papel de serviço prestado de "complementar as economias do Ocidente". Esse foi um dos motivos que levaram à Guerra do Vietnã. O fato de as nações serem independentes do universo ocidental representaria um exemplo perigoso que poderia se espalhar por todo o mundo. E para os planos do Clube Bilderberg, isso era impensável, porque destruiria o ideário de um governo mundial único que vinha sendo concebido desde o século XIX. Era preciso agir, pois a ameaça real não provinha dos países soviéticos, embora isso fosse salientado pela propaganda da época, mas da resistência popular antifascista, seus ideais democráticos e suas reivindicações maciças por melhorias sociais.

Então, a ação estratégica implementada na América Latina, que havia de cumprir uma função submissa como fornecedora de matérias-primas, foi rigorosamente exposta por Noam Chomsky em seu livro *O que o Tio Sam realmente quer*. Vamos recorrer a ele para entender os acontecimentos brutais que assolaram o Novo Mundo, e que, ainda hoje, continuam tendo repercussões nefastas que o mantêm amarrado à corrupção e a um desenvolvimento lento, apesar das riquezas privilegiadas existentes em seu vasto território. Por conta disso, os movimentos que se espalharam pela América Latina, cujos representantes máximos foram, ou são, Evo Morales, Hugo Chávez e Nicolás Maduro, Lula da Silva e José Mujica, têm uma razão de ser que se funde com a história, embora não legitime cada um de seus sistemas.

Chile e o golpe de Estado da CIA

Nos anos 1970, Salvador Allende compareceu à sede das Nações Unidas para proferir seu famoso discurso emocionado no qual falou sobre a existência de um "conflito frontal" entre os povos e as empresas multinacionais "que não dependem de nenhum estado [...] e que representam um grande perigo" para as populações. O presidente concluiu dizendo que, apesar de tudo, "os valores da humanidade não poderão ser destruídos". O socialismo de Allende, que também era

maçom (grão-mestre da Grande Loja do Chile), havia expropriado as terras dos latifundiários e as colocado nas mãos dos camponeses. Por medidas desse tipo, o presidente chileno tornara-se a principal obsessão do secretário de Estado dos EUA, Henry Kissinger, que tinha levado essa discussão para as reuniões do Clube Bilderberg. O então embaixador estadunidense no Chile, Edward Korry, recordou num documentário como Kissinger ficava irritado quando se referia a Allende: "Batia o punho contra a mão e gritava que iria destruí-lo, que iria afundá-lo economicamente. Chamava-o de *filho da puta, desgraçado*". O embaixador afirmou que Allende

> estava adentrando um terreno desconhecido, sem exemplos, sem modelos. O presidente chileno queria instaurar uma sociedade marxista-leninista e desejava que a classe burguesa o aceitasse, o que representaria o suicídio da burguesia. Fidel Castro disse-lhe que isso seria impossível sem um exército, coisa que o comandante aprendera com Lênin. Allende era uma boa pessoa, mas queria ser o herói do panteão marxista-leninista.

O presidente do Chile nunca deu ouvidos ao conselho de Castro em relação à utilização das forças armadas, porque acreditava piamente na paz. Em razão disso, quando Kissinger promoveu o golpe de Estado e os militares entraram na Casa da Moeda, o presidente cometeu suicídio. Melhor dizendo, cometeu suicídio, se acreditarmos na versão oficial.

À época em que Salvador Allende venceu as eleições, os EUA tinham investido 2.700.000 dólares na campanha eleitoral de seu adversário político, que foram pagos pela CIA e pelos setores público e privado estadunidenses. Mas também pelas casas reais da Bélgica e dos Países Baixos, entre elas a coroa holandesa do Príncipe Bernardo, além do Vaticano e de um partido da Itália. Tratava-se de uma campanha publicitária para combater o discurso marxista-leninista de Allende, considerado uma influência desestabilizadora de caráter soviético. Estabilidade, no vocabulário dos *bilderbergs*, significa segurança para as empresas multinacionais e para a elite que as gerencia.

Nixon havia dado ordens à CIA para que Allende não fosse eleito presidente, mas os planos não saíram como previsto. Para Kissinger, o mandatário chileno era "um vírus", uma maçã podre, uma arma

poderosa de propaganda contrária que tinha de ser aniquilada por meio de um dos dois modelos que os EUA utilizavam na América Latina para eliminar os adversários.

Propaganda política ou ação militar

Os dois modelos citados acima eram: agir antes ou depois das eleições presidenciais. Em outras palavras, ou se evitava a todo custo que o candidato não alinhado ganhasse (mediante fraude eleitoral e contracampanha política), ou se utilizava a segunda opção: desestabilizar os governos eleitos democraticamente por intermédio da logística militar e da contra-informação. Esse sistema resultou no uso satânico da força em países como Nicarágua, onde os "contras" (ou contra-revolucionários, armados pelos anglo-saxões) torturavam as mulheres ao pendurá-las pelos pés, arrancando-lhes os seios e o rosto para que sangrassem até a morte, e matavam bebês arremessando-os contra as rochas. Os Estados Unidos sempre procuraram estabelecer relações com os militares de países estrangeiros, porque esse é um dos meios de se derrubar um governo que fuja de seu controle. Assim ocorreu no Chile e na Indonésia, em 1965. "Antes dos golpes, éramos muito hostis aos governos, porém continuamos mandando armas para eles. Mantenha boas relações com os militares e eles derrubarão o governo *para* você", ironizou Chomsky.

Reagan acaba com os fantasmas da Guatemala

Em 1952, um memorando da CIA descreveu a Guatemala como "contrária aos interesses norte-americanos em virtude da influência comunista com base na defesa militante das reformas sociais e na política nacionalista". A CIA organizou o golpe com sucesso, promovendo no país uma verdadeira carnificina durante o período de Ronald Reagan. Em 1988, a pressão exercida sobre o jornal *La Época*, contrário aos EUA, fez com que ele fosse extinto após sua sede sofrer um atentado terrorista. Algum tempo mais tarde, um dos jornalistas do local, Julio Godoy, afirmou: "Somos tentados a acreditar que alguém na Casa Branca parece venerar os deuses astecas com oferendas de sangue centro-americano".

A terceira opção: embargo econômico

Da mesma forma, o Brasil sofreu o mesmo destino por um motivo similar. A administração Kennedy elaborou os mecanismos para o golpe militar de 1964, porém o presidente não viveria para vê-lo.[2]

Então vieram Argentina, Honduras e Cuba. Nenhum país se safou, porque, quando as medidas militares falhavam, era utilizada a terceira opção: o embargo econômico, que privava, e continua privando, a população de alimentos básicos ao impedir as relações comerciais com os países aliados, os empréstimos e créditos, a participação nas reuniões e tratados das organizações internacionais. "Desde a revolução bolchevique de 1917 até o colapso dos governos comunistas da Europa Oriental no fim dos anos 1980, era possível justificar qualquer ataque como uma defesa contra a ameaça soviética", sugere Chomsky.

Os líderes militares instituíram estados corruptos com repressões civis, torturas e execuções, impregnando o território latino-americano de sangue e atraso graças às ações manipuladoras dos *sumos sacerdotes* do capitalismo.

Em fevereiro de 1980, o arcebispo de El Salvador, Óscar Romero, escreveu ao Presidente Jimmy Carter para implorar que parasse de enviar ajuda militar ao governo de Roberto d'Aubuisson, porque isso "agravava a injustiça e a repressão contra as organizações populares que lutam pelo respeito aos direitos humanos fundamentais". Uma semana depois, enquanto celebrava uma missa, o arcebispo foi assassinado. Em El Salvador, os filhos eram separados de suas famílias e submetidos a um rigoroso treinamento militar a fim de prepará-los para as cruéis matanças, que costumavam ser acompanhadas de rituais sexuais e satânicos.

Panamá: um paraíso para as drogas

Em 1981, o presidente do Panamá, Omar Torrijos, morreu num acidente aéreo atribuído ao aparato de inteligência da CIA e ao Coronel Manuel

[2] Tal tese — a de que "o golpe começou nos EUA" — é comprovadamente falsa e foi fabricada por meio de documentos forjados pela KGB, o serviço secreto soviético, conforme está demonstrado à exaustão em dois livros: *A KGB e a desinformação soviética* (Campinas, SP: Vide Editorial, 2019), do ex-agente do serviço secreto soviético Ladislav Bittman, e *1964: O elo perdido. O Brasil nos arquivos do serviço secreto comunista* (Campinas, SP: Vide Editorial, 2017), de Mauro Abranches e Vladmír Petrilák — NE.

Antonio Noriega, que, dois anos depois, assumiria a liderança do país. Noriega, um traficante de entorpecentes, enquanto esteve a serviço dos interesses dos EUA e da Europa, continuou incluído na folha de pagamento da CIA. Porém, quando os globalistas decidiram que a aliança estava ficando perigosa demais, atribuíram-lhe aspirações pessoais e o acusaram de tráfico de drogas, ao mesmo tempo que impuseram sanções econômicas ao país. Em 1988, acionaram o sistema e, de repente, após uma década sem prestar atenção ao que ocorria no Panamá, a crise se tornou assunto primordial na imprensa internacional, que dedicou páginas e páginas para falar dos crimes contra os direitos humanos cometidos pelo maléfico Coronel Noriega.

O caso possui total semelhança com o ocorrido no Iraque de Saddam Hussein. Na época em que Saddam era amigo dos *bilderbergs*, a imprensa não denunciava os abusos cometidos pelo presidente iraquiano, apesar de serem da mesma natureza, e alguns até mais sangrentos, que os do panamenho. De fato, no mesmo dia da invasão do Panamá, a Casa Branca anunciou que suspenderia o embargo econômico ao Iraque para que este estivesse em condições de comercializar com os ocidentais.

Quando os EUA invadiram o Panamá em 1989, a imprensa transformou Noriega num demônio bíblico, ocultando o verdadeiro motivo da ação militar: assegurar o controle do canal antes de 1º de janeiro de 1990, data em que deveria ser devolvido aos panamenhos. A armação era óbvia e eficaz. Com uma perspectiva de tempo e uma dedicação ao estudo e análise da geopolítica, podemos desenvolver uma sensibilidade especial que nos possibilita identificar a autoria dos *bilderbergs*, porque sempre agem da mesma forma e já sabemos, por eles mesmos, que nada é por acaso na política.

No julgamento por tráfico de drogas e atentados contra os direitos humanos, o Coronel Noriega tentou se defender acusando os EUA e garantindo que tinha provas de seus crimes. O processo judicial teve seu sigilo suspenso recentemente, mas as provas a que Noriega fez alusão não aparecem em lugar nenhum dos documentos.

O sistema judicial estadunidense autorizou o descongelamento de 6 milhões de dólares da fortuna atribuída a Noriega, assim ele poderia arcar com as custas de sua defesa. O caso chama muita atenção, já que

é economicamente impossível que um militar disponha licitamente de sequer 1 milhão de dólares. De nada adiantaram as alegações que citamos. Ele foi condenado a cumprir quarenta anos de prisão, que foram reduzidos para trinta, como prisioneiro de guerra, depois de ser absolvido das acusações de suposta participação no tráfico de cocaína e maconha para os EUA.

A substituição do inimigo necessário

Tudo parece previsível demais. Os *bilderbergs* não podem suportar perder o controle político e social sobre esses países, porque isso dá aos magnatas da indústria o controle econômico e cultural.

Um ditador permanecerá em seu cargo, e seus atentados contra os direitos da população serão encobertos pela imprensa alinhada, enquanto ele servir para o sistema do Clube Bilderberg. Porém, se o tirano comete a heresia de querer ser independente dos grilhões que o mantêm preso aos interesses dos *sumos sacerdotes*, inicia-se uma campanha na imprensa internacional que o desprestigia e deslegitima perante o mundo. O próximo passo é a invasão do país para defender os direitos humanos (que antes não tinham tanta importância). Com o 11 de Setembro, inaugura-se um novo modelo no qual o comunismo deixa de ser o principal inimigo do mundo, ou o inimigo necessário, sendo substituído pelo terrorismo internacional. Acrescenta-se o adjetivo "internacional" para avalizar a mentira de que o planeta inteiro está em perigo e, por causa disso, é imprescindível e fundamental uma política de segurança global, um exército global. Todos unidos contra um inimigo comum. Todos em harmonia, prontos para a defesa, que não é outra senão o ataque. Os cidadãos são instigados a ter medo desse inimigo global, do qual somente o governo e a OTAN poderão salvá-los. Um cidadão assustado é um cidadão suscetível, fácil de manipular. Os governos aumentam os impostos e fazem cortes nos gastos sociais em proveito das verbas com segurança. Mais armas são fabricadas, embora a maior parte nunca seja usada, mas engorde os cofres dos donos de fábricas e estimule o fluxo de capital das finanças públicas para eles. Aumenta-se o orçamento para pesquisas nucleares, armamentistas e de espionagem.

Henry Kissinger, na conferência do Clube Bilderberg realizada em Évian, França, em 21 de maio de 1992, explicou tudo de forma clara aos espectadores:

> Hoje, os americanos se sentiriam ultrajados se as tropas da ONU entrassem em Los Angeles para restaurar a ordem, mas amanhã ficariam agradecidos! É o que aconteceria se lhes dissessem que há um perigo externo que ameaça nossa existência. Então, todas as pessoas do mundo apoiariam os líderes mundiais para salvá-los deste mal. O maior medo do homem é o medo do desconhecido. Diante desse tipo de argumento, abdicamos dos direitos individuais de bom grado para a garantia da segurança, e esses direitos são transferidos por esses líderes ao seu governo mundial.

Esse fragmento foi gravado por um dos participantes suíços e entregue a John Coleman, antigo membro da inteligência da polícia americana que se tornou escritor e crítico das atrocidades e planos secretos dos globalistas. Impressiona pelo paralelismo, pois se transformou, mais de duas décadas depois, em reflexo exato da situação mundial.

Iraque: a pedra no sapato

O ano 2002 marca um ponto de inflexão no seio do Clube Bilderberg. Um ano antes, o jornal sueco *Expressen GT* noticiou a reunião realizada entre os dias 24 e 27 de maio, em Gotemburgo, no oeste da Suécia. Segundo o mesmo veículo de notícias, os participantes abordaram, nessa ocasião, a crise alimentar, a ampliação da UE, o futuro da OTAN e os projetos militares dos EUA, além do desenvolvimento da globalização, a chegada ao poder de Silvio Berlusconi e as relações com China, Japão e Rússia.

No encontro seguinte, a serenidade habitual que costumava marcar os encontros do Clube Bilderberg foi transformada numa tempestade. O jornalista britânico Tony Gosling afirma que um dos ex-participantes, o economista britânico Will Hutton, informou-lhe que a primeira vez que ouviu falar da invasão do Iraque foi na reunião do Clube Bilderberg do ano de 2002 (realizada em Chantilly, Virgínia, entre 30 de maio e 2 de junho). Ele não é o único que garante que o ataque ao país começou a ser idealizado no âmbito do Clube Bilderberg.

Apesar da intensa oposição que enfrentou em alguns países da Europa, que solicitavam a legitimação da ONU para executar o plano, Donald Rumsfeld, o então secretário de Defesa dos Estados Unidos, apresentou a estratégia da intervenção no Iraque naquela oportunidade, procurando convencer os europeus da pertinência de assumir posições no Oriente Próximo.

Outra das significativas revelações que vieram de membros do Clube Bilderberg tem relação com o chamado corpo-a-corpo que, lá dentro, muitos fazem para orientar a conduta das redes de influência. Nunca antes foi realizado um corpo-a-corpo tão intenso como o que dominou o tema da invasão do Iraque.

Esse foi o assunto mais urgente tratado pelos *bilderbergs* sob seu teto. Os parcos, mas reveladores, vazamentos à imprensa a respeito do que foi tratado na reunião de 2003, em Versalhes, permitiram-nos vislumbrar um emergente mal-estar entre os membros europeus por causa da prévia decisão unilateral dos EUA de invadir o país. Conforme o que foi revelado de forma dissimulada pelo comissário europeu Pascal Lamy, "os confrontos entre franceses e norte-americanos a respeito da Guerra no Iraque foram intensos".

E um ano antes, na Virgínia, o ilustre *bilderberg* Donald Rumsfeld afirmou, diante de uma platéia dividida nessa questão, que não haveria guerra. A discórdia que tomou conta do clube no século XXI, aborreceu muito alguns membros que realmente acreditavam que o Clube Bilderberg tinha sido criado com a finalidade de consolidar as relações transatlânticas.

A decisão dos EUA de invadir o Iraque, mesmo contando com a desaprovação de parte imprescindível da Europa, liderada por Alemanha e França (a velha Europa), poderia indicar uma estratégia ainda mais complexa: a supremacia definitiva da América do Norte, que almejava sobrepor-se a qualquer acordo entre nações européias com a finalidade de consolidar e superestimar seu já poderoso império. Tratou-se de uma ruptura. Enfim, a Nova Ordem Mundial mostrava sua verdadeira face: ou seja, não iria permitir negociações entre iguais, porque, para ela, igualdade não existe.

Aquele conflito interno conseguiu provocar a dissolução do clube e a consolidação do império norte-americano em detrimento da Europa? Naquele momento de ruptura, apesar das afrontas, e até ofensas verbais que os EUA fizeram contra alguns países europeus após a invasão do Iraque (sobretudo a França), a Europa decidiu não revidar o ataque. Talvez tenham concluído que, no fundo, não convinha travar um embate contra o todo-poderoso império americano. Talvez a Europa soubesse que não sairia vitoriosa. Parece que, hoje em dia, não há quem possa contra os norte-americanos. Lá habitam os bravos texanos que podem protegê-los e travar as guerras estadunidenses.

Deve-se também considerar que, segundo o relatório *World Trade in the 21st Century* [Comércio Mundial no Século XXI], elaborado pelo Instituto Francês de Relações Internacionais, no ano de 2050 a parcela da economia mundial pertencente à Europa será de apenas 12%, em comparação com os 20% atuais. A análise prevê um *Dia do Juízo Final* econômico para o continente europeu.

O relatório concluiu que a ampliação da União Européia não será suficiente para garantir a igualdade com os Estados Unidos; a UE terá menos peso no processo de globalização e se prevê um movimento lento, porém implacável, pela porta dos fundos da história. A América do Norte deve manter sua hegemonia tecnológica. E a cada vez mais importante China, Taiwan inclusive, crescerá a ponto de responder por quase um quarto da economia mundial, e a participação nos negócios da região Japão-Coréia, junto com o iene, sofrerá uma redução brusca de importância.

Como era de se esperar, essas conclusões não agradaram aos membros da Europa. "Bastante deprimente — expressou um *bilderberg* a Tucker —, desolador".

Poucos dias depois da reunião do Clube Bilderberg de 2003, em Versalhes, James Tucker publicou um artigo no *American Free Press* no qual repercutiu a coação que o clube vinha exercendo sobre Bush pela reprovação à política unilateral promovida por sua administração. Tucker salientou:

> Desde Nixon, todos os presidentes participaram do Clube Bilderberg, mas nunca um presidente dos EUA sofrera tamanha pressão do clube como aquela a que George Bush vinha sendo submetido. Para um

> dirigente dos EUA, era algo sem precedentes ser massacrado pelo Clube Bilderberg. O grupo comemorou com seus membros os constantes avanços em direção ao governo mundial, mas teve influência direta sobre cada presidente desde Richard Nixon.

No entanto, o Clube Bilderberg terá de fazer as pazes com Bush, com certeza. O Texas é uma importante fortaleza da economia mundial.[3]

No mesmo artigo, Tucker falou sobre o cinismo europeu ao denunciar que, em Bilderberg, foram firmados "contratos tentadores" para a reconstrução do Iraque por empresas comandadas por membros vinculados ao clube, como a Kissinger Associados; a gigante Bechtel, liderada por George Shultz, a Kellogg Brown & Root, dirigida por Dick Cheney antes de ser vice-presidente dos EUA.

> Os europeus foram cínicos com os EUA ao incitar as Nações Unidas a aprovar o controle do petróleo iraquiano pela 'coalizão dos voluntários' para 'o bem dos iraquianos', usando a renda extra para reconstruir o que tinha sido destruído. Na prática, isso entrega o controle do Iraque nas mãos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, deixando uns trocados para Polônia e Espanha.

Sendo o petróleo iraquiano o ponto mais importante nessa agenda, não admira que o presidente da British Petroleum, Peter Sutherland, tenha comparecido à conferência de Versalhes. Ao lado dele estiveram, mais uma vez, a Rainha Beatriz da Holanda, a Rainha Sofía da Espanha, o presidente da Assembléia Nacional francesa, Jean-Louis Debré, e David Rockefeller, como comprovam as fotos tiradas por vários jornalistas nas portas do Hotel Trianon Palace, o mesmo lugar onde os alemães derrotados assinaram o Tratado de Versalles no fim da Primeira Guerra Mundial.

O fim do consenso?

Foram justamente os intensos embates entre EUA e França que transformaram a reunião nos arredores de Paris num fato mais que

---

[3] Às vezes, nada melhor que uma imagem para esclarecer facilmente um fato. Fotos de Bush, com atitude bastante amistosa, ao lado de Michelle Obama durante a posse de Donald Trump, deixam claro que o Clube Bilderberg fez as pazes com o ex-presidente americano. O republicano Bush e a democrata Sra. Obama juntos em boa companhia. Ambos *bilderbergs*. Ambos contrários a Trump.

relevante, mas a imprensa voltou a se calar. Novamente, os artigos de James Tucker do AFP representaram uma das poucas vozes dissonantes.

Foi nesse contexto conflituoso que Dominique Moïsi, diretor-adjunto do IFRI (Instituto Francês de Relações Internacionais) e um dos observadores mais competentes da vida política francesa, resumiu a situação com uma frase sóbria, mas carregada de significado no âmbito da terminologia dos donos do mundo: "Hoje em dia, já não há mais consenso". Nesse sentido, o economista britânico Will Hutton manifestou em determinada ocasião: "O consenso estabelecido serve de pano de fundo para a política mundial". No entanto, um dos quatro fundadores do Clube Bilderberg, Denis Healey, logo após se tornar ministro do Trabalho do Reino Unido, empenhou-se em negar a política do consenso: "Não existe nada disso. No Clube Bilderberg, nunca tentamos chegar a um consenso sobre os assuntos mais importantes. É um simples lugar para debates". Diga-se de passagem, nós não acreditamos nisso.

Healey só tentava proteger sua criatura. E o fato é que, até o conflito do Iraque, o Clube Bilderberg obteve a aprovação conjunta em todas as suas decisões internacionais, uma concordância baseada no multilateralismo, ou seja, com igualdade de influência entre os poderosos do planeta.

Outro dos pesquisadores contrários ao Clube Bilderberg, que preferiu preservar sua identidade em nome da segurança pessoal, contou-me durante uma conversa que o poderoso grupo "não vai permitir que Bush saia ileso dessa história. Certamente já planejaram o castigo que lhe será imposto". Já comentamos anteriormente que não somos da mesma opinião.

O escritor Paulo Coelho escreveu:

> O Ministro das Relações Exteriores da França, Dominique de Villepin, em seu discurso contra a guerra, teve a honra de ser aplaudido no plenário das Nações Unidas. Honra que, pelo que sei, só aconteceu uma vez na história da ONU por ocasião de um discurso de Nelson Mandela. Obrigado, Senhor Bush, por tentar dividir uma Europa que luta por sua unificação; é um sinal de alerta que não será ignorado.

Stresa, 2004

Um ano depois da invasão do Iraque, na reunião realizada em Stresa (Itália, 3 a 6 de junho), em 2004, passado um primeiro momento

de paixões à flor da pele provocado pelas desavenças da guerra, os europeus, liderados por França e Alemanha, comunicaram à embaixada americana que gostariam de deixar de lado as diferenças em troca da promessa por parte dos EUA de não invadir nenhum outro país sem a ordem expressa da ONU.

O ex-líder da diplomacia francesa, Hubert Védrine, mostrou-se favorável a "cooperar sem reservas com os Estados Unidos onipresentes", sem para isso "renunciar ao direito de ter nossas próprias idéias sobre a organização do mundo"; isto é, "sermos amigos, aliados, mas não alinhados". Antes de abandonar seu cargo em 2002, ele frisou a opinião que a França tinha a respeito dos Estados Unidos. "Eles têm a tendência de abordar assuntos globais unilateralmente, sem consultar ninguém". Essa "não é nossa visão do mundo, não é nossa visão das relações internacionais e não é nossa visão da globalização".

Um ano depois, Condoleezza Rice, fazendo um forte apelo durante uma turnê relâmpago pela Europa (na qual a Espanha foi excluída da lista), escolheu a França como local para defender uma aproximação entre Europa e Washington. Será que os norte-americanos queriam mesmo cicatrizar as feridas? As aparências me convencem do contrário.

Uma semana mais tarde, na 41ª Conferência de Munique sobre Política de Segurança, o então Chanceler Gerard Schröder denunciou que a OTAN "já não é o primeiro lugar no qual os parceiros transatlânticos discutem e coordenam suas estratégias". Estaria ele aludindo diretamente ao Clube Bilderberg?

60º Aniversário

Foi no mês de janeiro que o mecanismo do comitê diretor começou a operar: os membros concluíram a lista após uma rigorosa seleção dos participantes, e lá da sede os convites foram enviados a seus destinatários exclusivos.

Na reunião de 2004, em Stresa, o grupo comemorou seu 50º aniversário. Isso acabou se transformando num grande evento não só pelo meio século de anos cumpridos, mas porque a aleatoriedade do destino quis que essa fosse a última reunião à qual compareceria um dos mais ilustres fundadores do clube. No dia 1º de dezembro de

2004, o Príncipe Bernardo da Holanda se despediu do mundo que tão arduamente se dedicou a construir.

O 60° aniversário, que se cumpriu em 2014, chegou logo demonstrando que o passar dos anos podia desgastar uma aliança firmada por membros de vários países, na qual, por vezes, foram conciliadas idéias e necessidades díspares. Contudo, a elite globalista continua trabalhando para fortalecer o grupo que criou. Do ponto de vista geral, eles imaginam que conseguiram alcançar os fins aos quais o grupo se propôs em 1954: implantar uma Nova Ordem Mundial baseada no projeto de um planeta homogêneo e globalizado comandado por uma elite financeira e intelectual, uma herança, em essência, platônica, embora muito distante do conceito virtuoso do filósofo grego.

Desde então, a época sombria da Guerra Fria foi superada, o Muro de Berlim caiu de repente e a Europa está cada vez mais perto de se unir numa confederação de estados em que países tão diferentes, como a Turquia, terão papel relevante na Terceira Guerra Mundial. Em contrapartida, após o desaparecimento da antiga URSS e a abertura econômica da China, abriu-se também um novo horizonte nas relações Oriente-Ocidente, o que gera a necessidade de assumir posições estratégicas rápidas e eficazes. O atentado às Torres Gêmeas cria dois marcos, um antes e um depois, na evolução histórica, gerando graves dificuldades e controvérsias por conta da posterior invasão do Iraque. Depois disso, a elite ocidental, com a chamada "Primavera Árabe", começou a se infiltrar no mundo islâmico, mas essa atitude não tem rendido os frutos esperados. Esses marcos estratégico-territoriais se complementam com a evolução das sociedades nas quais as inovações tecnológicas e a comunicação nos obrigam a reinventar constantemente a forma como nos relacionamos.

Ao mesmo tempo que ocorreram essas mudanças no cerne do cenário mundial, os *sumos sacerdotes* do capitalismo obtiveram privilégios e benefícios imensos. O poder e a influência deles se expandiram para outros países onde o comunismo original não lhes permitia desfrutar o estilo de vida que têm hoje, sendo a ampliação da União Européia prova disso. Por conseguinte, os membros do Clube Bilderberg e de seus satélites se consolidaram e se favoreceram por meio de seu sistema de reuniões secretas e alianças de longo prazo, pelo qual, de forma conjunta ou parcial, eles vão se disseminando. É lógico que pretendem perpetuá-lo

apesar das desavenças surgidas nos últimos tempos, intensificadas após os Estados Unidos da América terem invadido o Iraque.

As decisões que, durante os últimos mais de sessenta anos, a elite de pensadores e estrategistas ocidentais colocou em prática em conjunto com os protagonistas políticos do Ocidente — os líderes de empresas e bancos —, influenciam e repercutem inexoravelmente na vida cotidiana de todos os habitantes do planeta.

Hoje em dia, não há dúvida sobre o paralelismo real entre o desenvolvimento da história e a força ou pressão exercida pelos *bilderbergs*. É inegável a correspondência entre a ordem atual do mundo e as influências exercidas pelo clube desde 1954. Como ressalta o assistente de redação do jornal sueco *Dala-Demokraten*, Göran Greider, o Clube Bilderberg contribuiu "para instaurar o tipo de capitalismo que conhecemos hoje e para reunir as principais elites mundiais do mundo dos negócios".

Nesse contexto, o jornalista Gary Allen, autor de *None dare call it conspiracy*, salienta que o desenvolvimento do socialismo teria servido para a concentração e consolidação do poder nas mãos de determinadas elites, afastando-o da classe média e estabelecendo a conjuntura necessária para uma etapa de submissão mundial muito unida.

Israel e o processo de paz

Porém, o jugo do Clube Bilderberg não recaiu sobre Bush apenas por conta do Iraque. Outros temas relevantes foram tratados nos encontros de Versalhes e Stresa. O clube incentivou sanções econômicas a Israel por suas ações contra a Palestina, a menos que o processo de paz evoluísse e os louros da Guerra no Iraque fossem partilhados com a Europa. Pouco antes da reunião de 2004, estava previsto um encontro entre Ariel Sharon e George Bush, em 20 de maio. Segundo Tucker, "o presidente dos EUA recebeu mensagens constantes e urgentes dos poderosos *bilderbergs* reunidos em Versalhes: 'Diga a Sharon que ele deve aceitar as modestas medidas exigidas no processo de paz, ou o socorro de bilhões de dólares dos EUA será retirado'".

Um representante europeu disse então aos americanos: "Essa é a única linguagem que Israel entende, mas Sharon não acredita que a promessa

será cumprida. A América se opôs aos israelenses durante a expansão e ocupação das terras palestinas com suas palavras, mas não com seu dinheiro. Por que tem tanto medo da pressão de Israel?".

A relevância estratégica de Israel foi exposta por diferentes autores ao longo dos anos, como Nahum Goldmann, fundador do Congresso Judaico Mundial e, posteriormente, presidente de Israel, que durante o Congresso Judaico Canadense de maio de 1947 se referiu a esse tema nos seguintes termos:

> O Oriente Médio, situado entre três continentes, quais sejam Europa, Ásia e África, é provavelmente a região estratégica mais importante do mundo. Lembro-me de que o encarregado da administração do petróleo na América do Norte durante a guerra, o Sr. Ickes, disse a mim que os relatórios dos especialistas confirmavam a presença de mais petróleo no Oriente Médio do que em toda a América do Norte e a Central juntas, de dez a vinte vezes mais. E vocês sabem o que significa o petróleo para o mundo. Uma vez que tenhamos instaurado um Estado judeu na Palestina, tudo estará a nosso favor. A Palestina é hoje o centro estratégico da política internacional, e os estadistas que ora se ocupam do sionismo também pensam assim. Gostaria que os sionistas compreendessem isso. Nem sempre o que se baseia na justiça e honradez é o que importa neste mundo. As nações e os governantes do mundo determinam suas atitudes sob a égide de interesses realistas. Esses serão os elementos decisivos. Todos os aspectos humanitários do problema palestino não serão, portanto, decisivos, e nós devemos adaptar nossa política aos aspectos realistas do assunto.

Como se isso não bastasse, Israel é um marco simbólico para os membros das sociedades secretas que analisamos. Não tem só um valor estratégico-territorial, econômico e político, mas também espiritual para os seguidores das diversas doutrinas baseadas na Antigüidade, tanto para os que vêem os israelenses como "o povo escolhido por Deus" quanto para quem não os considera como tal.

Outras decisões transcendentais para a história

Além da Guerra do Iraque, outros acontecimentos históricos estão diretamente relacionados com as ações dos *bilderbergs*.

Façamos uma viagem de volta ao ano de 1954. Na primeira reunião oficial do grupo, foi pactuada a criação da União Européia. Após vários séculos de guerras constantes e sangrentas, chegou-se à conclusão de que a única e melhor forma de viabilizar uma paz duradoura entre os países europeus seria unindo-os política e economicamente. Como vimos, isso é o que eles afirmam publicamente; no entanto, o que fizeram com a Europa foi convertê-la num continente submisso aos EUA.

As três organizações que precederam a União Européia — a Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA), a Comunidade Européia da Energia Atômica (EURATOM) e a Comunidade Econômica Européia (CEE) — foram fruto das deliberações do Clube Bilderberg. Sem dúvida, a moeda única européia, o euro, é outra das conquistas do grupo. Agora vocês já sabem a quem agradecer a exorbitante elevação dos preços que veio junto com a implantação do euro na Espanha e em toda a Europa.

E tem mais. Na Iugoslávia, os líderes sérvios acusaram o Clube Bilderberg de provocar a guerra que levou à queda do regime de Slobodan Milošević. Inclusive, há quem se refira diretamente aos membros do grupo como ideólogos do atentado de Osama bin Laden.

Alguns veículos de imprensa, tanto de esquerda quanto de direita, acusaram o Clube Bilderberg de compor um esquema sionista liberal, uma conspiração judaico-maçônica, e atribuíram-lhe outras manobras obscuras. O jornal britânico de esquerda *Big Issue* afirma que, durante o encontro realizado em Sintra (Portugal) em 1999, os membros da OTAN consentiram em dar carta branca à Rússia para bombardear a Chechênia.

Muitos outros opositores garantem que, em 1973, o Clube Bilderberg entrou num acordo para aumentar o preço do petróleo em 400%; que Kissinger idealizou lá dentro a Guerra de Yom Kippur (Israel contra Egito e Síria); e que foram eles os responsáveis pelo planejamento e coordenação da Guerra do Golfo Pérsico.

O exército único da OTAN

Outro tema que vem sido discutido há muito tempo, e que logo se transformou num dos objetivos prioritários do clube, é a criação de um exército das Nações Unidas independente da OTAN. Na reunião

de 2003, voltaram a tratar dessa questão. O então secretário-geral da OTAN, Lord George Robertson, liderou a oposição a esse novo corpo militar, e foi apoiado por muitos europeus. Robertson refutou a tese deles com base na incoerência da viabilidade de se criar um exército das Nações Unidas. Ele enfatizou o acordo já existente, dizendo que "a OTAN deveria estar preparada para ir além de sua tradicional área de atuação na Europa. A OTAN pode agir em qualquer lugar do mundo, contanto que designada pelo Conselho de Segurança da ONU".

Outro dos relatores europeus defendeu que a OTAN "deveria continuar sendo a força global exclusiva capaz de impor a vontade das Nações Unidas em qualquer lugar da Terra". Até o momento, esse plano não chegou a um consenso.

Mas o clube não desiste de atingir seus objetivos. Nos últimos anos, principalmente por parte dos membros europeus, houve grande pressão sobre Anthony Blair e Gordon Brown para que a Grã-Bretanha finalmente instituísse o euro como moeda oficial. Blair, fantoche do Clube Bilderberg, era a favor da moeda única européia, mas o povo britânico continuou se opondo, e seria muito arriscado para o primeiro-ministro, do ponto de vista político, adotar a decisão sem a ratificação por meio de um referendo popular, que, até a presente edição, não foi convocado, nem por seus sucessores ao cargo.

Algo que pegou o Clube Bilderberg de surpresa foi o Brexit. Afinal, esse referendo custou a cabeça do Primeiro-ministro David Cameron, o que acabou por ser mais um fiasco para o grupo elitista e planejador. Suas últimas decisões têm resultado em constantes fracassos e seus escorregões estão levando o clube cada vez mais ao fundo do poço.

Tucker destaca que a última vez que o Clube Bilderberg "puniu um país porque o resultado justo das urnas não lhe agradou foi a Áustria, quando o Partido Nacionalista de Jörg Haider alcançou a maioria". O governo austríaco, formado em 2000 com a participação do bloco de Haider, tachado de xenófobo e neonazista, recebeu sanções econômicas da União Européia.

Recentemente, observamos como o mecanismo do Clube Bilderberg, conduzido pela Comissão Européia liderada por seu presidente, Jean-Claude Juncker, atacou com artilharia pesada o governo de Alexis

Tsipras, contrário às políticas de austeridade arquitetadas pelo clube, até conseguir a demissão do líder grego em 20 de agosto de 2015. Porém, um só mês depois, realizaram-se novas eleições e o povo o reconduziu ao cargo. Isso deixa bem claro que já não é mais tão fácil para o Clube Bilderberg, como há alguns anos, manipular o voto dos cidadãos mediante articulações nos meios de comunicação. A crise global provocou uma mudança de atitude nas pessoas, que, bem ou mal, estão reagindo diante do mecanismo implantado pela elite após a Segunda Guerra Mundial.

Um exemplo mais emblemático de uma situação semelhante foi a chegada de Donald Trump ao poder, que venceu a disputa à presidência dos Estados Unidos com a candidata do Clube Bilderberg, Hillary Clinton. Os membros do clube a preparavam há décadas para ser a primeira presidente mulher dos Estados Unidos. A fúria com que o *establishment* recepcionou a derrota nas eleições foi antológica.

A ONU

O doutor em ciências econômicas pela UAB (Universidade Autônoma de Barcelona) e vice-presidente da entidade *Justícia i Pau*, Arcadi Oliveres, salienta que os encarregados do financiamento do clube "são notáveis patrocinadores, dentre os quais se destaca a família Wallenberg, a maior fortuna da Suécia, já que são acionistas majoritários das empresas Electrolux, Ericsson e ABB".

Lembremo-nos de que, para o professor, vale a pena destacar que o ex-Secretário-Geral das Nações Unidas, Kofi Annan — casado com uma das sobrinhas de Raoul Wallenberg, Nane Lagergren —, foi, antes de exercer o cargo, secretário do Clube Bilderberg. Se partirmos da premissa de que a ONU foi fundada para defender os direitos humanos, com sua famosa Carta de 1948, estamos nas mãos de quem? O que significa essa máscara? Em quem podemos confiar?

Como exemplo relevante, recordemos o grave escândalo que afetou Kofi Annan por culpa de seu filho Kojo, fruto de seu primeiro matrimônio com a nigeriana Titi Alakija. O jovem desobediente de trinta anos de idade está sendo investigado por um possível envolvimento nos supostos desvios da empresa Cotecna, do programa da ONU Petróleo

por Alimentos. De acordo com a investigação conduzida pelo Congresso dos EUA, o programa enriqueceu altos cargos da ONU e empresários estadunidenses. A esse enriquecimento é preciso somar o do ex-Vice--presidente Dick Cheney, que, desde 2000, cobrou quase 2 milhões de dólares da principal empreiteira no Iraque, a Halliburton.[4]

Apesar da hipocrisia predominante nas relações internacionais e dos governos para com as populações por eles comandadas, o Professor Oliveres urge que não fiquemos de braços cruzados: "As pessoas estão mudando suas atitudes. Quando descobrem a verdade, efetuam mudanças. Por isso, o mais importante é difundir esse tipo de informação, para que as pessoas saibam quem toma as decisões, quem é Kofi Annan e por que elas decidem algumas coisas e outras não".

O Clube Bilderberg tem abordado todos os acontecimentos mundiais desde 1954. E para cada um deles, ele elaborou uma reação estratégica e uma política de ação integral.

O Clube Bilderberg existe e seus membros não se reúnem para tomar um chá a portas fechadas. Sem dúvida, o clube rompe com o padrão convencional das pessoas comuns.

Todos os acontecimentos oriundos do governo mundial, a respeito dos quais traçamos algumas linhas gerais neste capítulo, motivaram Noam Chomsky a declarar: "Penso, legalmente falando, que existem indícios bastante concretos para julgar todos os presidentes norte--americanos desde a Segunda Guerra Mundial. Todos foram verdadeiros criminosos ou estiveram envolvidos em sérios crimes de guerra". Apoiamos integralmente sua proposta.

---

4 María Ramírez, *El Mundo*, 30 de dezembro de 2004.

CAPÍTULO 6

Seus últimos encontros

O maior castigo para aqueles que
não se interessam por política
é que serão governados por pessoas
que se interessam por ela.
— Arnold J. Toynbee[1]

A agenda do Clube Bilderberg

Se, durante os anos 1980, foram os Bálcãs e a desintegração da URSS os grandes temas do Clube Bilderberg, nos anos 1990 foram incluídas em sua agenda desde política migratória até perspectivas futuras para as antigas repúblicas soviéticas, passando pelo crescimento da economia japonesa e das relações atlânticas numa época de mudanças. Um dos temas que foram tratados com mais freqüência durante toda a década foi o tipo de Europa que deveria ser construído. Em 1994, uma das palestras da reunião tinha como título: "Europa: coesão ou confusão?". A análise laboral, como era um momento de migração favorável, estava focada em discutir quais ofícios deveriam ser potencializados, e em quais países isso aconteceria. Como podem ver, eles têm controle sobre tudo, inclusive sobre a geração de emprego: onde, quando e como.

1 Arnold Joseph Toynbee (1889–1975), historiador inglês.

Já nessa época, os *bilderbergs* estavam preocupados com as conseqüências das mudanças políticas geradas pelo fundamentalismo islâmico, além do crescimento da China, cujo debate foi abordado com a seguinte premissa: "As conseqüências da crise ou da estabilidade". A Rússia, na ocasião, chamava a atenção do Clube Bilderberg em razão das repercussões de sua ideologia no âmbito internacional após a queda do Muro de Berlim. E no fim da década, preocupava o modelo de relação comercial que deveria ser estabelecido entre a União Européia e os EUA. A agenda de 1999 contemplava temas como: genética e ciência, Kosovo, China, a reestruturação da arquitetura financeira internacional,[2] o futuro da OTAN e a relação entre informação, tecnologia e política econômica, entre outros.

No ano de 2000, as palestras tinham como título: "As eleições nos EUA, a globalização, a nova economia, os Bálcãs e a ampliação européia". As questões que atraíram a atenção nos primeiros anos do século XXI vão desde o terrorismo internacional até o avanço da economia chinesa no Ocidente, passando pela relevante problemática energética e pela implantação do euro. Os interesses no Oriente Médio, no Magreb, em Israel, assim como nas guerras do Afeganistão e no Iraque, e as políticas iranianas e norte-coreanas completam os principais temas tratados nesses últimos anos.

2005 e o fracasso da Constituição Européia

Durante as reuniões de 2004 e 2005, os globalistas debateram a respeito dos acontecimentos que estavam alterando as vias que o Ocidente vinha trilhando no começo do século XXI. Em 2005, os participantes da reunião realizada em Rottach-Egern, perto de Munique (Alemanha), de 5 a 8 de maio, não previram a rejeição dos europeus, liderados pela França, à Constituição Européia, defendida ferozmente pelo ex-presidente do

2 A crise global de 2008 foi isso. Não remodelaram nada, mas, sim, tiraram todo o dinheiro que puderam da classe média, que pagou pelas tramóias dos bancos e de seus nefastos gestores. Hoje, oito anos após o início do processo de calotes, os CEOs voltaram a ter grandes salários e os acionistas aumentaram seus lucros. No entanto, não foi devolvido ao tesouro público nem um centavo do que os políticos utilizaram para "resgatar os bancos". Para mais informações sobre o tema, ver meu livro *Perdidos:¿Quién maneja los hilos del poder?*, Martínez Roca, Madrid, 2013.

clube, Étienne Davignon, cujo artífice fora o *bilderberg* e ex-Presidente da República francesa Valéry Giscard d'Estaing. Após esse golpe de efeito inesperado e danoso, tanto para os estrategistas europeus como para os americanos, os globalistas decidiram aguardar um futuro próximo para uma segunda investida.

A Europa é uma zona estratégica essencial para a América, que precisa da primeira forte e unificada, sob as mesmas leis e critérios de ação. Já em 1997, Zbigniew Brzezinski salientou em seu livro *El gran tablero de ajedrez* o seguinte:

> A Europa tem uma posição de fortaleza geoestratégica fundamental para a América. A Aliança Atlântica autoriza a América a ter influência política e presença militar no continente europeu. Quando a Europa cresce, gera repercussões imediatas em benefício da América. A Europa Ocidental está se tornando, em grande medida, um protetorado americano, e seus estados nos lembram de que éramos os vassalos e os tributários dos velhos impérios. A Europa tem de solucionar o problema causado por seu sistema de redistribuição social, porque é muito pesado e restringe a capacidade de mais empreendimentos.

Só de saber que o pai da Constituição Européia era maçom e *bilderberg*, como é o caso de Giscard d'Estaing, já nos dá uma boa idéia do caráter do documento e dos fins por este almejados. A França foi o primeiro país a se opor diante do que considerou um perigo à sua independência política, social e econômica. A Constituição Européia era muito rígida e compacta para nações que, apesar das semelhanças que as unem, sempre fizeram questão de ressaltar as peculiaridades que as definem e as distinguem.

A Constituição Européia foi rechaçada nos referendos realizados em 2005 pelos eleitores da França, Holanda, Luxemburgo, Irlanda e Portugal. Ante tamanho fracasso político, os *bilderbergs* anularam a livre escolha democrática e transformaram a Carta Magna no chamado Tratado de Lisboa, que foi aprovado diretamente pelos parlamentos nacionais, evitando assim uma nova consulta popular. Em outras palavras, eles utilizaram o plano B para conseguir impor seus objetivos, sem dar a mínima importância às decisões dos cidadãos. Isso é uma democracia ou uma ditadura velada?

Outra preocupação que o Clube Bilderberg incluiu em sua agenda de 2005 foi a implacável tendência econômica chinesa, que ameaça a estabilidade de países como Tailândia, Bangladesh, Marrocos, Tunísia e Egito, visto que boa parte de seus mercados dependem de empresas têxteis. A China exporta suas roupas a um preço 58% menor do que o resto do mundo, o que lhe permite competir e vencer nos mercados do Ocidente. O ex-Presidente francês Jacques Chirac, presente em mais de uma ocasião às reuniões do clube, alertava de forma taxativa: "Não podemos aceitar que esses produtos invadam nossos países sem nenhuma regulação" — um puxão de orelhas que contou com aplausos de empregadores e sindicatos da União Européia e dos EUA, que há décadas tentam, sem êxito, fazer que a China se submeta à sua Nova Ordem Mundial.

Bilderberg 2006. Israel e Oriente Médio. O rebelde Hugo Chávez

Em 2006, o Clube Bilderberg realizou seu encontro anual no Hotel Brook Street Resort, em Ottawa, Canadá (entre 8 e 11 de junho). Em sua programação, constava a proliferação nuclear no Irã, Coréia do Norte e Paquistão, bem como as repercussões econômicas das novas políticas latino-americanas e a expansão do imperialismo chinês. O primeiro-ministro canadense, Stephen Harper, que já havia comparecido à conferência do Clube Bilderberg no ano de 2003, celebrada em Versalhes, na qual se mostrou contrário à invasão do Iraque, agiu como um bom anfitrião, embora um porta-voz de seu governo, provavelmente para despistar os curiosos, houvesse garantido que ele não estaria presente. A imprensa confirmou sua participação ao vê-lo chegar ao hotel com o carro oficial.

Os repórteres que aguardavam nas imediações do hotel tiveram a oportunidade de questionar Richard Perle acerca da falta de publicidade das conferências: "Essa é uma organização privada", respondeu o ex-assessor de Ronald Reagan e assessor pessoal de George Bush. Os jornalistas perguntaram, então, se os membros do clube voltariam a especular sobre o preço do petróleo: "Se fizéssemos isso, eu estaria

negociando no mercado de futuros com petróleo, e não o faço". Um ano antes, na reunião realizada em Rottach-Egern (Alemanha), os participantes defenderam um aumento significativo do preço do petróleo cru; então, pouco tempo depois, o barril subiu de quarenta para setenta dólares. Henry Kissinger prognosticou para os anos seguintes que o barril chegaria até os 150 dólares, o que chama muita atenção, considerando que isso, curiosamente, ocorreu nos anos da "primeira crise global".

Após o tema do petróleo, a discussão ficou inflamada durante o debate a respeito de uma possível invasão do Irã — assunto que, desde o ano anterior, tinha deixado os membros do clube de cabelo em pé. No Canadá, segundo informou James Tucker, os *bilderbergs* da Europa deixaram os representantes de George Bush falando sozinhos, tornando bem claro que negavam qualquer tipo de apoio ao confronto bélico desejado pelo presidente, que o defendia publicamente como "uma opção sobre a mesa". Um participante europeu assegurou que eles não apoiariam nenhuma intervenção no Irã: "Não ajudaremos a sustentar uma guerra por Israel".

Vários dos presentes chamaram atenção para o fato de que Israel tem armas nucleares desde 1963 e que nunca assinou o Tratado de Não-Proliferação Nuclear, tampouco seu arsenal foi submetido a inspeções internacionais. Foi George Ball, um importante membro do Clube Bilderberg e ex-número dois do Ministério de Relações Exteriores das administrações John Kennedy e Lyndon Johnson, o primeiro a revelar que Israel possui armas nucleares.

"Não é razoável que o Irã precise de tal força de dissuasão em face de Israel?", disse um *bilderberg* não identificado. "Se vocês invadirem o Irã — ressaltou, dirigindo-se aos americanos —, Israel será seu único aliado. Boa sorte".

Envolvidos nessa discussão estavam Eival Gilady, chefe de coordenação e estratégia do gabinete do primeiro-ministro de Israel, e Ziad Abu Amr, membro do Conselho Legislativo palestino, presidente do Conselho Palestino de Relações Exteriores e professor de ciências políticas na Universidade Birzeit. Também participou da conversa Ahmad Chalabi, ex--primeiro-ministro do Iraque e uma das principais fontes de desinformação sobre as armas de destruição em massa do Iraque.

William Luti, assistente especial de Bush para políticas de segurança, e Richard Perle, ex-conselheiro do Departamento de Defesa, ainda muito próximo de Bush, responderam que os Estados Unidos simplesmente desejavam impedir a proliferação de armas nucleares e fazer do mundo uma "caixa-forte". No entanto, um europeu retrucou: "Como acham que o mundo será uma 'caixa-forte', se vocês invadem o Irã e este responde disparando mísseis contra seu aliado, Israel? Israel responderá atacando com armas nucleares e vocês terão sua tão sonhada proliferação".

Robert Zoellick, secretário de Comércio e principal assessor do Presidente Bush, insistiu que seria necessário prosseguir com a opção pela "invasão", pressionando o Irã para que abandonasse seu programa de armas nucleares. "Você está enganado — contestou o europeu. — O Irã repudia a intimidação pelos Estados Unidos. Vamos nos poupar de muitos problemas e esqueçam essa história de invadir o Irã". Os americanos permaneceram em silêncio. Finalmente, ficou decidido que a melhor opção seria a via diplomática, mediante a qual, posteriormente, determinaram que não invadiriam o país.

A atmosfera na reunião do Clube Bilderberg foi descrita como "difícil" quando foi suscitado um debate a respeito do petróleo, uma polêmica acompanhada de perto pelos magnatas do setor, como o banqueiro David Rockefeller, a Rainha Beatriz da Holanda e Franco Bernabè, vice-presidente da Rothschild Europa. O consenso geral do Clube Bilderberg era não forçar os preços do óleo naquele momento, e o clube defendeu que os petroleiros desfrutassem dos lucros imensos do último ano.

O plano do clube era expandir a Área de Livre-Comércio das Américas (ALCA) do Alaska até a Terra do Fogo, tornando o continente uma "união americana". Diante dessa coalizão, Hugo Chávez implementou sua Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), que inclui países da América Latina e do Caribe, tida como uma proposta "revolucionária" que ele pretendia exportar às nações vizinhas para obstruir a expansão da ALCA, a qual Chávez denominou "mais uma ferramenta do imperialismo voltado para a exploração da América Latina". A barreira de Chávez irritou os *bilderbergs*, porque a implementação de uma "união americana" era um passo crítico em direção ao objetivo de consolidar as Nações Unidas como um governo mundial.

O mercado imobiliário americano

Em 2006, o então presidente da Reserva Federal do Banco de Nova York, Timothy Geithner, previu taxas de juros crescentes e dificuldades para as famílias que contraíram hipotecas com tarifas ajustáveis ou taxas de juros variáveis. "É provável que muitos percam suas casas", porque as tarifas das hipotecas subiriam e seus investimentos pessoais não seriam suficientes para arcar com as despesas. Então, alguém sussurrou: "Os americanos estúpidos merecem seu destino". Nos anos anteriores à "primeira crise global", muitas famílias, sobretudo jovens, compraram suas casas a um preço bastante elevado, com taxas de juros baixas, mas variáveis. Nesses anos, só tinha dado tempo de pagar os juros devidos sobre o valor da hipoteca, não o capital principal. "Esses são os mais vulneráveis", afirmou Geithner. Quando as estruturas das casas e os preços começaram a subir, muitos viram que estavam devendo mais pela casa do que seu valor de mercado, ao que os bancos ficariam com os imóveis e os revenderiam. Novamente foi dito: "Americanos estúpidos".[3]

O jornal canadense *Ottawa Citizen* tentou cobrir a reunião de 2006 com mais detalhes, e por isso investigou o eficaz esquema de segurança que tomava conta da conferência. Um porta-voz da Polícia Nacional remeteu o jornalista James Bagnall à empresa privada Globe Risk Holdings, para a qual ele telefonou. Bagnall conseguiu que passassem a ligação para o presidente da empresa em Toronto, Alan Bell, o qual asseverou que não sabia da existência do Clube Bilderberg e negou que sua empresa tivesse sido contratada para resguardar a reunião daquela semana: "Nunca ouvi falar dessa conferência. O que é isso? O que eles fazem?", perguntou Alan Bell, demonstrando total desconhecimento sobre o assunto antes de finalizar a conversa. O jornalista ressaltou que o gerente do hotel tinha utilizado exatamente as mesmas palavras, quando aquele ligou para perguntar a este sobre o caráter dos distintos hóspedes do fim de semana. De acordo com o site da empresa, a Globe

[3] Ler essas linhas com a perspectiva do tempo é maravilhoso, já que exemplifica com clareza como os membros foram informados, durante a reunião do Clube Bilderberg, sobre a crise que explodiu um ano e meio depois. Somente os *bilderbergs* dos círculos mais internos tinham conhecimento a respeito do significado dessas palavras cifradas. Aqueles que não souberam compreender caíram, como os Lehman Brothers, também presentes às reuniões e membros do conclave.

Risk Holdings é especialista em "planejamento estratégico" e emprega, principalmente, pessoas que atuaram na elite militar contraterrorista e em unidades de forças especiais. O site destaca que eles "efetuaram ações no mundo inteiro em áreas de alto risco", inclusive África, América Central, América do Sul e Ásia. A Globe Risk Holdings atuou com êxito nas áreas de segurança internacional, mineração, segurança na exploração de recursos energéticos, contraterrorismo, seqüestro, etc. A empresa salienta em seu site: "Experientes e discretos, nossos consultores trabalham em equipe para oferecer qualidade de serviço essencial a fim de atender as necessidades de todos os nossos clientes".

Como podem ver, é a elite da segurança privada protegendo a elite governamental global. Mais um ano se passou, e os *bilderbergs* não deram a mínima para os gastos, fazendo o orçamento chegar aos 500 mil euros para três dias. Eles reservaram o hotel inteiro, que dispõe de quatrocentos quartos e todo tipo de serviço, dentre os quais se destaca o maior *spa* da América do Norte, a 295 euros a sessão de duas horas.

A adesão da Turquia à UE

O Clube Bilderberg continua deliberando a respeito da entrada ou não da Turquia na União Européia. Dois dos jornais mais importantes do país mediterrâneo, *Hürriyet* e *Zaman*, enviaram seus respectivos repórteres para que tentassem cobrir a reunião do Clube Bilderberg de 2003. Esses jornais publicaram que o ministro da Economia turco, Ali Babacan, estava presente à reunião ao lado de outros funcionários do país, apesar da oposição islâmica. O turco Aytunç Altindal, pesquisador, especialista em terrorismo e colunista do *Zaman*, escreveu: "Esse primeiro encontro formal entre o novo partido do governo, Justiça e Desenvolvimento (AKP) e os nobres da Nova Ordem Mundial, que há anos observam de perto a Turquia, tem enorme importância".

Altindal acrescenta: "Serão feitas diversas exigências ao partido Justiça e Desenvolvimento. Se este satisfizer as demandas, acabará se sentindo bem à vontade para atuar na política nacional e internacional. Do contrário, ficará numa situação difícil".

Vale ressaltar que o partido governante na Turquia foi inevitavelmente obrigado a se reunir com os donos do mundo e que estes exigiram dele uma série de requisitos para atuar em esfera doméstica e nas relações exteriores. Não existem meios e órgãos democráticos na UE e na diplomacia internacional capacitados para realizar esse tipo de reivindicação e exigência?

Estão falando com a Turquia nesses termos. Se levássemos em consideração as colocações da mídia oficial, no fim de 2006 o cenário não estava muito favorável à sua adesão à União Européia, mas, no seio do Clube Bilderberg, prevaleceu o desejo dominante de seu ingresso urgente, pois a Turquia representa um ponto estratégico essencial em sua agenda geopolítica.

De fato, eles deram tanta importância ao país do Bósforo que a reunião seguinte, de 2007, foi realizada em Istambul. Nesse sentido, não pode ter sido obra do acaso que o Prêmio Nobel de Literatura de 2006, Orhan Pamuk, fosse justamente turco. E menos coincidência ainda é que a editora Mondadori tivesse adquirido todos os direitos de sua obra um mês antes de o prêmio tornar-se público. Informações privilegiadas, cercadas de interesses e interligadas por baixo dos panos.

Bilderberg 2007

Em 2007, os *bilderbergs* se reuniram na Turquia, berço da civilização bizantina, especificamente em Istambul. A capital administrativa do país é uma das maiores e mais charmosas cidades da Eurásia. Istambul é a antiga Constantinopla do reino de Bizâncio e, durante sua longa história, esteve sob os domínios grego, persa, romano cristão e muçulmano. Além disso, a cidade pertenceu ao Império macedônio de Alexandre, o Grande, e até aos celtas por meio de uma imposição retributiva. Desde os anos 1970, representantes turcos têm sido convidados para as reuniões do Clube Bilderberg. Em virtude de estar localizada exatamente entre os continentes europeu e asiático, trata-se de uma importante zona estratégica que os globalistas desejam controlar.

Não foi ocasional a escolha do país num momento crucial das negociações que este mantém com a Europa em relação ao seu ingresso na União Européia. Publicamente, a UE exige a aprovação de mudanças

legislativas substanciais referentes a direitos humanos, democracia e emancipação da mulher na sociedade. A Turquia é um dos países muçulmanos mais modernos do mundo, e sua maior virtude consistiu em separar religião e política, mantendo a primeira fora do governo, uma característica secular diversa do sistema dominante em países islâmicos. Enquanto a transição para uma sociedade democrática, requisito imprescindível para o ingresso na União, ocorre lentamente, os *bilderbergs* estão começando a ficar impacientes diante da urgência de ter a Turquia ao seu lado.

A integração da Turquia com a Europa permitirá à aliança do Clube Bilderberg uma consolidação na zona do Mar Cáspio, assim como a manutenção de uma influência aberta sobre os Estados do leste do Mediterrâneo. A luta pelas matérias-primas e recursos de gás e petróleo na zona asiática é um dos motivos da expansão militar empreendida pelos *bilderbergs*, como as guerras do Afeganistão e do Iraque promovidas pelos EUA. Em seu livro, Brzezinski salientou a relevância da região para o império americano:

> A importância geopolítica da Eurásia continua em alta. Além da fronteira ocidental (Europa), que é o local onde se encontra grande parte do poder econômico e político do mundo, há também a zona oriental (Ásia), que recentemente se transformou em centro vital de expansão econômica e influência política cada vez maior. Por conseguinte, o dilema sobre como os Estados Unidos, com interesses no mundo inteiro, podem lidar com as complexas relações entre os poderes eurasiáticos — em especial, se conseguirá evitar o surgimento de um poder eurasiático dominante e antagonista — é fundamental para que os americanos possam exercer sua hegemonia mundial.

Depois dessa premissa, não admira que o professor Zbigniew Brzezinski, um dos homens mais influentes no campo do pensamento geoestratégico, tenha sido o ideólogo da última guerra do Afeganistão. Brzezinski continua alertando que o poder que conseguir dominar a Eurásia terá o controle sobre duas das três regiões mais avançadas e economicamente produtivas do mundo. Sem falar que aquele que controlar a Eurásia, controlará a África. O pensador conclui: "A Eurásia é, portanto, o tabuleiro de xadrez sobre o qual é disputado o confronto pela primazia mundial".

A eterna guerra por recursos

Sessenta e três anos depois, o Clube Bilderberg é uma instituição perfeitamente consolidada, cuja aura de mistério propicia a cumplicidade e o conluio entre os donos do dinheiro e as autoridades políticas, sem se preocupar com a interferência da intromissão externa em seus acordos e negócios.

Ocorreu uma importante mudança no mundo, bem lembrada no artigo "A nova geografia do conflito", publicado na revista *Foreign Affairs*, editada pelo CFR. Na edição de maio-junho de 2001, afirma-se que, em outubro de 1999, os militares estadunidenses tomaram uma importante decisão que refletiu uma transição estratégica de seu pensamento: tirar a Ásia Central do Comando do Pacífico e incluí-la no Comando Central. A Ásia Central se tornou a via pela qual tem havido um fluxo de pessoas, bens e idéias ente Europa, Oriente Médio, Sul da Ásia e Ásia Oriental. Cinco ex-repúblicas soviéticas a compõem: Cazaquistão, Quirguistão, Tajiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Essa região era tida como secundária desde o fim da Segunda Guerra Mundial,

> [...] porém, a região que vai desde os Urais até a fronteira ocidental da China — dizia o artigo — agora se transformou num importante objetivo estratégico por causa das enormes reservas de petróleo e gás natural que, segundo acreditam, encontram-se abaixo e ao redor do Mar Cáspio. Visto que o Comando Central já controla as forças estadunidenses na região do Golfo Pérsico, seu controle sobre a Ásia Central significa que as pessoas encarregadas de proteger os abastecimentos de petróleo para os Estados Unidos e seus aliados, agora, darão a ele a atenção devida.

Durante a Guerra Fria, o confronto entre os EUA e a URSS se restringia ao aspecto bélico, mas os recursos energéticos obrigaram o mundo a reavaliar a importância da região.

> Por trás dessa mudança na geografia estratégica está a nova ênfase dada à proteção dos recursos naturais, sobretudo do petróleo e do gás natural. Se as divergências da Guerra Fria foram criadas e consolidadas sobre bases ideológicas, agora a concorrência econômica é o que impulsiona as relações internacionais, e a concorrência pelo acesso a esses interesses econômicos tão vitais se intensificou.

Convém salientar o fato de que o mundo, atualmente, gira em torno da convergência econômico-energética em vez das ideologias do passado: "Os funcionários responsáveis pela segurança começaram a prestar muito mais atenção aos problemas que surgem da concorrência intensificada para se obter acesso a esses recursos essenciais, especialmente o petróleo, que, muitas vezes, se encontra em regiões de conflito ou politicamente instáveis".

Hoje, a maioria desconhece, mas os futuros livros de história contarão como, no fim do século XX e no início do XXI, o Clube Bilderberg planejava e prevenia os problemas e acontecimentos que esboçaram as mudanças dessa época, resplandecendo lá do alto uma trama de redes e poderes difusos, pouco transparentes, que escapam ao conhecimento público. Trata-se de uma órbita secreta que estabelece suas inter-relações mediante um círculo fechado de clubes ultra-exclusivos e reuniões internacionais. Nesses centros de intercâmbio, negociação, encontros, onde circulam as mesmas personagens o tempo todo, análises e acordos, que muitas vezes precedem as grandes decisões mundiais, são elaborados e debatidos.

David Rockefeller comentou em certa ocasião: "Algumas vezes, as idéias apresentadas pelos relatórios da Comissão Trilateral se tornaram políticas oficiais. Essas recomendações sempre foram seriamente debatidas fora de nosso círculo e estiveram presentes nas reflexões dos governos e na formulação de suas decisões".

Um dos distintos participantes da Trilateral expôs sua pretensão de que as deliberações fossem realmente colocadas em prática: "Espero que, de fato, os pontos de vista formulados por esses indivíduos experientes tenham influência real na política internacional".

O desempenho do sistema indica que os números finais dos balancetes de bancos e corporações, os fluxos financeiros, os patrimônios de famílias privilegiadas, dinastias e magnatas, e mesmo paraísos fiscais dependem, essencialmente, do resultado de escolhas políticas concretas e, até, de intervenções militares ou ações repressivas violentas.

O poder e o dinheiro são argumentos mais que suficientes para esconder o que se quer; o amplo bem-estar de que alguns poucos desfrutam pode sofrer enormes transformações, caso o grande público

tome conhecimento das decisões que brotam desses fóruns, embora estas devessem ser deslindadas no âmbito democrático. Se uma pequena elite com tamanho acúmulo de poder e riqueza se reúne para fazer deliberações, estas não deveriam ser ponderadas com o hermetismo que ocorrem. O mundo, com sua atual configuração de misérias e carências, merece um esclarecimento sobre o que está sendo tratado ali dentro. Não é preciso ser um gênio para saber que o contrário só trará novos confrontos, mais cruéis e freqüentes, que já não mais serão entre extremistas ou terroristas e governos, senão entre cidadãos esclarecidos e grupos privilegiados que, sem qualquer convicção democrática, decidem sobre a vida, liberdade e direitos de milhões de pessoas.

Quando os cidadãos conseguirem remover os véus que obliteram suas consciências e se aperceberem de como terceiros decidem por eles sem lhes dar a menor explicação do porquê de considerarem suas ações as corretas, como poderão conter o clamor popular? Outra revolução, semelhante à francesa, poderia acontecer em sua fase inicial, aquela na qual o povo faminto e furioso por conta das desigualdades e injustiças promovidas pelo poder absolutista de seu rei, farto dos privilégios de poucos, acabou provocando um verdadeiro banho de sangue. Será que haveria tempo para que o clube revelasse suas intenções, suas decisões? Talvez dissessem que tudo o que fazem é pelo nosso bem? Informação é poder, mas, cedo ou tarde, chega a todos. E a informação também acarreta transformações. Embora pareça o contrário, a sociedade está cada vez mais informada e ciente das verdadeiras intenções dos poderosos.

Porém, o Clube Bilderberg agrega e concretiza a coalizão invisível entre os poderes fáticos por meio de uma rede insondável de influências cujas ramificações penetram os principais setores da sociedade.

Não se sabe exatamente o que decidiram para a atualidade, mas pode ser que o futuro do Oriente Médio já tenha sido arquitetado, embora isso não signifique que seus planos se tornarão realidade. As guerras têm se estendido muito nos países árabes, onde a rebeldia dos grupos político-religiosos faz com que seja muito difícil colocar um ponto-final nos conflitos e que os Estados Unidos saiam vitoriosos. Será essa região o novo Vietnã? De toda forma, já está sendo elaborado o próximo

conflito, que terá como principal ator a Arábia Saudita. Os Estados Unidos estão ajudando a formar uma nova Al-Qaeda para combater os sunitas do Irã e proteger o ramo wahhabita do Islamismo.[4]

[4] Sem dúvida, nada do que planejaram na época saiu como esperado, pois demonstraram total desconhecimento da identidade islâmica e dos estímulos que impulsionam os movimentos políticos e armados na região, assim como do terrorismo, que não pára de crescer nas cidades européias desde as "primaveras árabes". O fracasso de tal processo fez com que a isolada Rússia retomasse o protagonismo que tinha antes da Guerra Fria no mapa geopolítico global. E o Daesh (o Estado Islâmico do Iraque e do Levante) é o leviatã que se rebelou contra as ingerências e equívocos dos Estados Unidos na região. Todos esses acontecimentos, ocorridos sob a presidência do Nobel da Paz Barack Obama, são sinais que mostram que nem o Clube Bilderberg, nem o *establishment* norte-americano estão atingindo seus objetivos.

CAPÍTULO 7

A servidão da *mass media*

Numa época de farsa universal, dizer a verdade representa um ato revolucionário.
— George Orwell[1]

Os rumores que, durante décadas, circularam a respeito da possível existência do Clube Bilderberg revelaram se tratar de informações verdadeiras e fatos verificáveis com o passar do tempo. Mais de meio século depois de sua criação, o clube dificilmente consegue manter sua existência em segredo, apesar de as conclusões de seus encontros ainda não serem conhecidas. A imprensa americana independente foi a primeira que começou a investigar e publicar materiais referentes às suas atividades clandestinas. Mas no mundo todo ainda é preciso continuar desmascarando e denunciando o sentido máximo de tanto mistério.

As perguntas a respeito da existência do clube são tanto lógicas quanto inquietantes: se os *bilderbergs* se reúnem para conduzir a humanidade ao melhor destino possível, se discutem sobre como instituir um mundo legítimo e mais justo, por que se reúnem em segredo? Qual é o motivo que os impede de tornar públicas as atas de suas reuniões? Se o clube é realmente um fórum de debates ou uma reunião de *amigos* — longe

1 George Orwell (1903–1950), jornalista e escritor britânico.

daquele poder a eles atribuídos — com idéias em comum, no decorrer da qual conversam sobre o desenvolvimento histórico da humanidade, como seus porta-vozes garantem, como é possível que, posteriormente, suas recomendações e idéias se transformem em leis?

Podemos observar na população uma crescente angústia pelo rumo que o mundo está tomando, uma desconfiança em relação aos políticos e aos meios de comunicação. São muitos os que duvidam da veracidade das notícias uniformes que a imprensa emite, pois crêem que estão influenciadas pelos interesses dos donos desses veículos oficiais.

"Informação é aquilo que alguém muito poderoso não quer que se saiba", salientou Lord Northcliffe, um dos principais magnatas da imprensa inglesa no início do século XX. Outra de suas famosas frases foi: "Só é notícia aquilo que alguém quer ocultar; o resto é publicidade". Diante de suas competentes explicações, encontramos algumas respostas claras às perguntas que viemos formulando neste livro.

O Clube Bilderberg, como culminação de um processo histórico e evolutivo das sociedades secretas e do próprio afã de conquista inerente ao ser humano, reservou um lugar especial para os grandes meios de comunicação, ou *mass media*. A grande mídia global se encarrega de levar à opinião pública em tom positivo, mas de forma dissimulada e discreta, as idéias e metas almejadas pelos *bilderbergs* para a concretização de seu projeto globalizante. Os meios de comunicação são ferramentas indispensáveis para controlar o pensamento e, como conseqüência imediata, a ação social. O paradoxo nesse caso é que justamente a instituição que, segundo o próprio código deontológico do jornalismo, deveria informar o cidadão, na verdade, trabalha em prol do oposto: desinformá-lo. Numa sociedade democrática, a desinformação utiliza vários métodos de ação:

1) O silêncio: consiste em calar os discursos daqueles que defendem idéias contrárias, bem como os fatos que colocariam os poderosos em apuros. Não há espaço em suas páginas para os críticos do sistema.

2) O desprestígio e a ridicularização: quando um pensador de renome revela uma verdade determinante, faz-se de tudo para difamá-lo e menoscabá-lo para, assim, acabar com sua reputação. Método similar é empregado nos ambientes político, econômico, cultural, etc. Trata-se de

exterminar o inimigo por meios desleais ou ilegítimos dentro de uma democracia (por exemplo, a mentira), que tergiversam a realidade, ou colocam em evidência os aspectos mais desfavoráveis do indivíduo concreto, e os ampliam dessa forma distorcida.

3) A negação: consiste em negar um acontecimento verídico, mediante argumentos sólidos (ainda que estapafúrdios) passíveis de serem acreditados pelos cidadãos, aplicando a lógica dos fatos.

O objetivo é manter os receptores da mensagem distantes da informação verdadeira, e, para isso, eles manipulam a realidade sem qualquer escrúpulo, de acordo com seus próprios interesses, com o propósito de influenciar e moldar o comportamento coletivo.

Um exemplo bem atual pode ser encontrado na chamada "Guerra do Iraque". Para guiar a convicção dos cidadãos a favor dela, os governantes e seus líderes-manipuladores da opinião pública garantiram que Saddam Hussein possuía armas de destruição em massa, e que ele era um dos principais guardiões do terrorismo internacional. Hoje sabemos como se desenrolaram os acontecimentos que levaram à derrubada do ditador iraquiano. E também sabemos que a imprensa independente pressionou tanto George Bush, o maior fomentador do ataque ao Iraque, que ele teve de admitir publicamente que jamais existiram as tão faladas armas de destruição em massa, uma expressão surgida após o 11 de Setembro.

A "ilusão" dos boletins informativos

A imprensa é a via que coloca o poder em contato com a sociedade, é o intermediário, e sua tarefa é vigiar os que estão no topo da pirâmide e denunciar seus atropelos, corrupções e depravações. Por isso é importante entender o funcionamento do processo de como o poder faz uso da imprensa. A concentração das mídias oficiais nas mãos dos magnatas vinculados a sociedades como o Clube Bilderberg é o paradigma perfeito para a frase do semiótico e filósofo canadense dos anos 1960 Marshall McLuhan: "O meio é a mensagem". Isso significa que as notícias que os meios de comunicação publicam sofrerão interferência, manipulação prévia, e seleção pelo proprietário do veículo jornalístico. McLuhan, considerado um visionário da sociedade da informação, cunhou o termo

"aldeia global" para descrever a interligação humana em escala mundial gerada pelos meios eletrônicos de comunicação. Conforme McLuhan explicou, a mensagem não pode ser reduzida a simples "conteúdo" ou "informação", porque, desse modo, excluiríamos algumas das características mais importantes dos meios: seu poder de modificar o curso e o funcionamento das relações e atividades humanas. O lingüista definiu a "mensagem" emitida por um meio de comunicação como toda mudança de dimensão, ritmo ou padrão que esse meio provoca nas sociedades ou culturas. O "conteúdo" se transforma numa "ilusão", no sentido de que ele se encontra mascarado pela intervenção do meio ou da midiatização. A conclusão a que McLuhan chegou com essa análise foi a seguinte: "O meio é a mensagem".

Manipulação das informações

Quando George Bush deixou seu posto na Casa Branca, sua popularidade estava em seu pior momento, embora uma grande parcela dos cidadãos estadunidenses continuasse acreditando fervorosamente nele, mesmo após Bush declarar que havia mentido. O jornal *La Vanguardia* publicou, no fim de outubro de 2005, a entrevista de um carcereiro norte-americano chamado Robert Farmer, de 65 anos e veterano da Guerra da Coréia, sobre sua intenção de voto, pouco antes das eleições legislativas em que ganharam os democratas. Farmer defendia, inequivocamente, que a decisão de Bush de atacar o Iraque fora acertada.

> — Se eles não tivessem vindo aqui, nós não teríamos ido lá — retrucou Farmer.
> — Mas não foi Saddam quem atacou as Torres Gêmeas — recordou o jornalista.
> — Nosso presidente achava que tinha sido ele. Tinha fortes indícios para acreditar nisso. [...] E eu tive que o apoiar.
> — Quais questões são do seu interesse, tendo em vista as eleições?
> — Tudo é importante, mas o mais importante é nossa segurança.
> — O senhor sabe o que é uma guerra. É preciso ser forte, agüentar?
> — É preciso defender nosso território. Quero que meus netos estejam seguros. Se não for possível ganhar a guerra em uma semana, haverá aqueles que abandonarão o barco. O mesmo aconteceu no Vietnã. Não

> podemos recuar agora, devemos continuar. A liberdade não é gratuita nem barata. Se você trava uma guerra, alguém tem que morrer pela liberdade. É triste, mas é assim.

As respostas do Sr. Farmer refletiam o pensamento do cidadão médio estadunidense. A crença dele, que condicionaria seu voto, era resultado da informação transmitida por seu presidente e pela grande mídia, na qual ele havia acreditado, sem sequer considerar a possibilidade de questioná-la. Vale destacar que era um homem de 65 anos, da geração das guerras da Coréia e do Vietnã.

Em virtude de sua idade, arrisco afirmar que o Sr. Farmer não esteja familiarizado com a internet nem outros meios de comunicação atuais. Nem creio que ele se informe pela imprensa independente; provavelmente, todas as notícias chegam até ele pelos mesmos meios: pelo mesmo jornal que costuma ler há décadas e pelo mesmo canal de televisão que, diariamente, trata das notícias mundiais, e tudo isso no conforto de seu sofá.

É importante compreender como funciona a sutil e intransigente força da propaganda política nas sociedades democráticas. Quando um líder quer convencer o povo da necessidade de empreender um determinado projeto (por exemplo, a Guerra do Iraque/defesa contra o terrorismo internacional), assim o faz mediante a repetição infinita de um axioma, seja ou não adequado, porque nesses momentos em que a sociedade se move num ritmo vertiginoso não é preciso demonstrá-lo, não há tempo. Esse uso que Bush fez da palavra, da mentira, da manipulação, é semelhante ao que fazem os líderes de outros países, de outros partidos, independentemente das concepções políticas, tanto de direita quanto de esquerda. Atualmente, há pouca diferença entre ambas as tendências, já que o importante é conseguir votos. Não há mais ideologias, por isso é invocado o "senso comum", embora ultimamente até este esteja perdido.

Propaganda bélica e jornalismo comprado

Durante a Primeira Guerra Mundial, a maioria dos jornais estadunidenses mais importantes era controlada pelos interesses dos banqueiros Rockefeller e Morgan. O *Congressional Record* de 1917 fez o seguinte registro:

> Em março de 1917, o pessoal do P. Morgan reuniu doze dos homens mais importantes do mundo jornalístico, aos quais foi pedido que fizessem uma seleção das publicações mais influentes dos EUA e determinassem a quantidade necessária delas para se controlar a política global da imprensa diária. A conclusão foi de que era necessário apenas assumir o controle de 25 dos periódicos mais importantes. Então, eles chegaram a um acordo: compraram as linhas editoriais dos periódicos, que recebiam mensalmente um determinado valor, e foi designado um diretor em cada jornal que se encarregaria de supervisionar e corrigir adequadamente as informações sobre militarismo, políticas financeiras e outros temas de natureza nacional e internacional considerados vitais para os interesses dos compradores.

Era o fim do jornalismo e o começo da propaganda. Rockefeller e Morgan queriam uma guerra, pois, com ela, obteriam consideráveis vantagens. Com o auxílio dos meios de comunicação, eles definiram as abordagens e opiniões necessárias para convencer o povo norte-americano a entrar em guerra. Assim, observamos que o mecanismo utilizado por Bush na invasão do Iraque não tem nada de inovador.

A figura e o prestígio do diretor de jornalismo se misturam com a luz dos cristais do Clube Bilderberg. Em troca de participar do jogo, os membros jamais poderão, sob nenhum pretexto, revelar o conteúdo das reuniões e, muito menos, a mera existência do grupo. "Mantiveram o voto de silêncio como se pertencessem a uma ordem de monges. Conseguiram que os editores dos principais periódicos ocultassem a própria existência do Clube Bilderberg", destaca um editor independente.

Jornalistas no Clube Bilderberg

Dessa forma, os diretores de redação e os colunistas mais renomados do mundo comparecem às reuniões e aceitam a lei do silêncio imposta pelo clube. Inclusive se comprometem a divulgar uma imagem positiva e escrever, como verdadeiros capangas, sobre o clube sempre que os *bilderbergs* assim o desejam. Além daqueles que já vimos no terceiro capítulo, entre os membros rotativos, que já participaram ou continuam participando dos encontros da elite, podemos listar os seguintes: *Financial*

Times, *The Economist*, Norwegian Broadcasting Corp., *Politiken*, *Newsweek*, *La Repubblica* e grupos como o conglomerado audiovisual estadunidense News Corp., de Rupert Murdoch, ou o espanhol Prisa, com Juan Luis Cebrián, seu diretor executivo. Outros veículos de imprensa presentes são *Corriere della Sera*, *Die Zeit*, *Le Figaro*, *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal* e *The National Post*. Outro freqüentador é Andrew Knight, diretor da News Corporation, com um currículo impressionante como ex-diretor do *News International*, *The Daily Telegraph* e *The Economist*.

Eles se encarregaram de enaltecer o êxito humanitário das novas propostas da ONU, da União Européia ou das conquistas da OTAN nas páginas dos gigantes da comunicação.

Como amostra representativa de nossa análise, podemos nos ater à reunião do Clube Bilderberg de 2006, à qual estiveram presentes os seguintes meios de comunicação e jornalistas:

Oscar Bronner, editor do *Der Standard* (Áustria); Phillip Crawley, editor e diretor do *The Globe and Mail* (Canadá); Paul A. Gigot, editor do *The Wall Street Journal* (EUA); Hubert Burda, editor e diretor da Hubert Burda Media Holding GmbH & Co. KG (Bélgica); Josef Joffe, editor do *Die Zeit* (Alemanha); Matthias Nass, jornalista do *Die Zeit*; Anatole Kaletsky, jornalista do *The Times* (Grã-Bretanha); Yves de Kerdrel, jornalista do *Le Figaro* (França); Fehmi Koru, escritor e um dos jornalistas islâmicos mais influentes da Turquia; Denis O'Brien, presidente da Communicorp Group Ltd. (Irlanda); Tøger Seidenfaden, redator-chefe do *Politiken* (Dinamarca); John Vinocur, correspondente do *International Herald Tribune* (EUA); Martin H. Wolf, colunista de economia do *Financial Times* (Grã-Bretanha), e os jornalistas do *The Economist*, Vendeline von Bredow, correspondente em Paris, e Adrian D. Wooldridge, correspondente na Grã-Bretanha.

Os acadêmicos e intelectuais que participaram da reunião de 2006 no Canadá foram, entre outros: Soli Özel, professor de relações internacionais e ciências políticas da Universidade Bilgi de Istambul (Turquia); Mahmood Sariolghalam, professor adjunto da Universidade Nacional do Irã, e James B. Steinberg, decano da Universidade do Texas.

Informação e propaganda

Pela ótica de um repórter das antigas, não estariam os jornalistas presentes no Clube Bilderberg, em virtude de seu silêncio, traindo o código de ética que juraram cumprir? Como fica a tarefa deles de informar a sociedade? E a função de observadores diante das corrupções, crimes, abusos de poder? Será mais importante para eles o *status* e o dinheiro que o trabalho digno que deveriam desempenhar? Claro que a pergunta é retórica e, depois de tudo o que vimos, você já deve saber a resposta.

Não apenas a inteligência militar cuida da segurança dos *bilderbergs* no decurso de suas reuniões, mas também impérios da imprensa cuidam de seus interesses. Diante do axioma de que o avanço da globalização é inevitável, renderam-se aqueles que preferem estar do lado dos poderosos.

Os debates do Clube Bilderberg não são difundidos para o público porque os magnatas do clube não permitem que os temas ali tratados saiam de suas paredes, apesar de os encontros serem mais que noticiados, tanto pela natureza de seus emissores quanto pelas mensagens que articulam. Como aponta com grande perspicácia o *Asia Times*: "Não há negócio como os negócios (privados) da elite".

Essa postura de submissão ao poder e aliança com este insere os meios de comunicação no modelo de propaganda analisado por Noam Chomsky e Edward S. Herman no livro *Manufacturing consent*, publicado em 1988. Afirmam os autores que a função desses meios é "adestrar a mentalidade da sociedade para que esta seja devota do governo e da ordem social, econômica e política".

Em outros estudos, Chomsky analisou as expressões utilizadas no contexto da Guerra do Iraque: "Falar sobre 'entrar em conflito' é em si mesmo pura propaganda". O pesquisador ressalta que o sistema de propaganda é mais eficaz nas democracias ocidentais que nos regimes totalitários. Em outras palavras, "na União Soviética se sabia, na maioria dos casos, que as informações dos meios estatais eram invencionices e mentiras. O sistema de propaganda ocidental é mais complexo e refinado", como examinamos no início do capítulo.

A partir de outra perspectiva, a servidão das grandes mídias poderia estar fundamentada no convencimento obstinado e na plena concordância

dos editores e proprietários, tendo como base as idéias e objetivos do Clube Bilderberg.

Repórteres corajosos

Fazendo oposição à servidão das grandes mídias como instituição já consolidada no Clube Bilderberg, estão os jornalistas independentes, corajosos, audazes e até românticos, que preferiram desempenhar sua profissão com dignidade e honestidade. Eles trabalham diariamente para apurar a verdade e transmitir aos leitores os objetivos escusos dos poderosos. Esses jornalistas independentes, além de publicarem críticas ácidas contra os *bilderbergs*, fazem investigações durante o ano todo para descobrirem qual será o ponto geográfico escolhido para o próximo encontro. Uma vez localizado o hotel, ficam de guarda nos arredores para fotografar qualquer movimento. Dessa maneira, suas imagens confirmaram a existência do clube, assim como a presença e a identidade de membros e convidados.

Dentre eles, destaca-se o norte-americano James Tucker, falecido em 2013 e considerado um pioneiro nessa tarefa. Nos anos 1970, o jornalista de Washington ouviu falar de um grupo que governava o mundo em segredo, então um pressentimento, ou uma intuição jornalística, o fez crer que isso pudesse ser real. Ele abandonou uma carreira em ascensão no jornalismo esportivo local e dedicou sua vida a perseguir o Clube Bilderberg.

Tucker era um completo anti-*bilderberg*. "Esses intelectuais doentes — destacou o jornalista — estão em constante movimentação. São perversos, e sua maldade anda pelas sombras, a portas fechadas. Comandam o mundo entre quatro paredes". As primeiras críticas de Tucker ao Clube Bilderberg começaram a ser publicadas no jornal *The Spotlight*, que desapareceu em 2001. Os ex-funcionários do periódico criaram o *American Free Press*, a partir do qual ele pôde realizar suas denúncias contra os *bilderbergs* até a sua morte. Tucker afirmava que temia por sua vida todos os dias: "Se me pegarem, farão parecer o típico assalto de Washington, um roubo a céu aberto. Morto por alguns dólares, noticiaria a imprensa".

O jornalista e documentarista londrino Jon Ronson quis conhecer de perto a natureza do clube, e para isso pediu ajuda ao veterano Tucker. Em 1999, o americano o levou consigo até Sintra, em Portugal, ao golfe hotel Caesar Park, onde se encontraram os *bilderbergs*. Ao lado de Tucker, Ronson viveu uma aventura estonteante que, posteriormente, relatou em seu livro *Them: Adventures with Extremists*.[2]

"Eles sempre escolhem um hotel cinco estrelas com instalações de golfe — Tucker contou a Ronson —, mas acredite quando digo que eles não estão ali para jogar golfe; estão ocupados demais criando guerras".

De acordo com um relato em seu livro, certa vez em Sintra, Ronson e Tucker começaram a perambular pelo hotel em busca de alguma pista. No fim da tarde, eles decidiram voltar à cidade e notaram que estavam sendo seguidos por um carro com vidros escurecidos. Tomaram um susto e rapidamente telefonaram para a Embaixada Britânica para explicar sua situação. A encarregada da assessoria de imprensa que atendeu lhes disse: "Ouçam bem, o Clube Bilderberg é muito maior do que nós. Somos apenas uma mísera embaixada. Vocês entenderam? Estão fora de nossa jurisdição. A única coisa que posso dizer é que voltem ao hotel de vocês e fiquem por lá".

Porém, claro que eles não deram ouvidos à mulher. A dupla de repórteres voltou no dia seguinte à porta do hotel, de onde viram chegar os homens mais poderosos do mundo: David Rockefeller; Giovanni Agnelli; Vernon Jordan, amigo íntimo de Bill Clinton, seu conselheiro e companheiro de golfe, treze anos diretor da segunda maior empresa de tabaco da América, a RJR Nabisco; James Wolfensohn, presidente do Banco Mundial; Diogo Freitas do Amaral; Peter Mandelson, amigo de Blair, nomeado comissário europeu do Reino Unido em 2004 e apelidado de "Príncipe das Trevas", por conta de sua fama como conspirador e manipulador nas sombras; Richard Holbrooke, representante das Nações Unidas, e, é claro, Henry Kissinger. Também estavam presentes diversos CEOs de empresas e gigantes farmacêuticas, do tabaco, fabricantes de automóveis, etc.

"São os donos do universo — concluiu Tucker —, os dirigentes do mundo. Você agora sabe seus nomes". O repórter acrescentou: "Agora só podemos nos perguntar que coisas diabólicas estão fazendo lá dentro nesse exato momento".

2 Jon Ronson, *Them: Adventures with Extremists*, Editorial Bronce, Madrid, 2002.

Pouco tempo depois, chegou à reunião o Lord Conrad Black, magnata do terceiro maior conglomerado de comunicação do mundo. Ele mesmo esclareceu em determinada ocasião o que é proibido para a imprensa no Clube Bilderberg: "Quando não há jornalistas, o debate é mais intimista. Não ocorrem grandes indiscrições". Isso quer dizer que os conspiradores se sentem com liberdade absoluta para falar abertamente, sem nenhuma intermediação, sobre seus planos de conquista mundial e sem que ninguém perturbe a sua tranqüilidade, nem tenham que passar pelo crivo da opinião pública.

Sendo mais específica, um exemplo das redes de influências dos poderosos pode ser encontrado no caso de Conrad Black. No início de 2004, ele foi expulso do conselho da Hollinger International, sendo proprietário, dentre outras publicações, do *Chicago Sun-Times, The Jerusalem Post* e do baluarte da direita britânica, *The Daily Telegraph*. Havia sido descoberto que Black e seus mais fiéis seguidores do conselho da Hollinger, entre eles Henry Kissinger e o até recentemente assessor de Bush em matéria de defesa, Richard Perle, estavam roubando milhões de dólares da empresa em forma de pagamentos injustificáveis.

Para Black, ser dono do *Telegraph* era muito mais que um bom investimento; era um instrumento para obter relevância social e poder: "As distinções que a cultura britânica confere aos donos dos grandes jornais — declarou ele em certa ocasião — são motivo de enorme satisfação". Desde criança, Conrad acreditava piamente que tinha uma missão especial na vida. O diretor do *The Spectator* ressaltou que Black não aspirava a "ser invencível, mas imortal". Por ser conselheiro da Hollinger, Richard Perle, fomentador da Guerra do Iraque, cobrava milhões de dólares como diretor de uma filial da empresa, chamada Ravelston. Quanto a Kissinger, foi demonstrado que um *think tank* neoconservador do qual participava recebia anualmente 200 mil dólares pertencentes aos acionistas da Hollinger.

Também foram assessores da Hollinger, uma tarefa paga a preço de ouro, pesos-pesados da direita européia, como a ex-Primeira-ministra britânica Margaret Thatcher e o ex-Presidente da França Valéry Giscard d'Estaing, árduo defensor de uma Europa federal.[3]

---

[3] Cayetana Álvarez de Toledo, *El Mundo*, 25 de janeiro de 2005.

Sem que se imaginasse, o encontro de Portugal foi divulgado num pequeno diário local de língua inglesa, *The Portugal News*, cujo editor era o Pároco Paul Luckman. Ele se reuniu com os repórteres e, depois de conversar a respeito de suas investigações, partilhou com todos um ponto de vista particular que, posteriormente, o londrino relatou em seu texto:

> — Talvez eu tenha perdido o juízo — confidenciou-lhes o pároco —, mas o livro do Apocalipse fala de uma ordem mundial, uma ordem financeira, uma religião mundial. Haverá um senso de desordem, de crianças que não respeitam seus pais, e então será formado um grupo muito poderoso. Portanto, tudo se encaixa.
> — Sei que são pessoas más — ressaltou Tucker — e eu os odeio, mas não acredito que sejam satânicos.
> — Não acredito que Paul tenha dito que são satânicos — concluiu Ronson. Na verdade, está afirmando que eles são o próprio Satã.

Aliança contra o Clube Bilderberg

Muitos são os jornalistas que sofreram com as pressões e as fórmulas antidemocráticas do Clube Bilderberg cujo fim era evitar que violassem seu santuário sagrado. De acordo com Tucker, em certas ocasiões, as equipes de segurança receberam ordens de "atirar para matar". Em 1998, um jornalista escocês levou um susto enorme quando o clube quis dar-lhe uma lição. O homem tinha seguido os *bilderbergs* até o Hotel Turnberry, em Ayrshire, mas, quando começou a fazer perguntas "inadmissíveis", foi algemado pela polícia de Strathclyde e acabou detido na delegacia por várias horas com uma justificativa banal. Outro exemplo de pressão que o grupo exerce sobre a imprensa foi relatado pelo sociólogo britânico Michael A. Peters, renomado pesquisador de sociedades secretas. Peters conta que, em 1976, o jornalista C. Gordon Tether foi demitido do *Financial Times* ao tentar publicar um artigo demasiado explícito sobre o clube. Em sua coluna do *Financial Times* de 6 de maio de 1975, C. Gordon Tether escreveu: "Se o Grupo Bilderberg não é uma conspiração, trata-se de uma imitação muito bem-feita". Menos de um ano depois, em 3 de março de 1976, Tether retomou o tema:

> Os *bilderbergs* sempre fizeram questão de que suas idas e vindas estivessem envoltas num profundo segredo. Pouco tempo atrás, o mistério chegou a tal ponto que a reunião anual deles ficou de fora de toda a imprensa mundial. Recentemente, o véu foi erguido só até o ponto em que pudéssemos saber que as reuniões existem. No entanto, a proibição total de noticiar sobre eles continuou em vigor. Qualquer que seja a "conspiralogia" quanto ao objetivo principal do Clube Bilderberg, sempre restará a pergunta: se o que ocorre ali é tão insignificante, por que se esforçam tanto a esconder?

Essa segunda coluna nunca foi publicada; foi censurada pelo editor do *Financial Times*, Mark Fisher, um dos membros da Comissão Trilateral. Três meses depois do incidente, Tether foi demitido.

Nesse contexto, é relevante salientar que este livro que você está lendo (fato que explico no prólogo) desapareceu misteriosamente das livrarias espanholas poucos meses após sua publicação em maio de 2010.

As credenciais ficam na porta

Durante a reunião de 2003 em Versalhes, os vizinhos do bairro Trianon se perguntavam por que mais de cem policiais estavam de prontidão nas redondezas e haviam interrompido o trânsito local. "Nossas forças policiais foram reagrupadas nessa zona para controlar os excessos de velocidade dos cidadãos que viajam durante o fim de semana da Quinta-feira Santa", afirmou o porta-voz da Polícia.

No dia 20 de maio — como relatado num artigo de Christopher Bollyn —, o *American Free Press* perguntou a David Oakley, redator do londrino *Financial Times*, por que o jornal não cobriria a conferência do Clube Bilderberg que estava sendo realizada. "Estamos muito, muito ocupados — respondeu Oakley — Gostaríamos muito de escrever sobre o assunto, inclusive publicá-lo na primeira página, se pudéssemos averiguar quais são os temas lá tratados. Caso contrário, não teria sentido".

Mas talvez o episódio mais emblemático da negativa dos meios de comunicação a escrever a respeito do Clube Bilderberg seja o que vem a seguir. James Tucker telefonou para o editor do *The Wall Street Journal*, Paul Gigot, freqüentador assíduo das reuniões. Sua secretária, que se identificou como Marianne, disse que Gigot não poderia atender

e demonstrou grande surpresa quando o repórter lhe perguntou por que o jornal nunca trazia notícias sobre o Clube Bilderberg: "Ele é um assistente, não um repórter. Os participantes não dão informações desse tipo". Tucker exclamou: "Mas é uma notícia histórica, vocês ignoram um furo de reportagem?". Ele explicou à secretária: "Quando há 120 líderes mundiais da política, do mundo financeiro e, inclusive, chefes de Estado e altos funcionários do governo americano, como não vai ser notícia?". Fez-se um silêncio e Tucker acrescentou: "As reuniões do Clube Bilderberg são fechadas, proíbem a entrada de jornalistas". Marianne respondeu: "Esse é um problema seu".

A secretária nem sequer soube responder por que seu próprio jornal, além do *The Washington Post* e dos três canais mais importantes dos Estados Unidos, participou da reunião em Versalhes, mas não noticiou o evento: "Você deve perguntar isso a eles", finalizou Marianne. "Os jornalistas convidados têm de deixar suas credenciais na porta", explicaram fontes anônimas oriundas do Clube Bilderberg.

A dívida externa não interessa

Outro dos jornalistas que escrevem contra o império do Clube Bilderberg é o britânico Tony Gosling. Ele continua seguindo seus rastros há anos, e de seu pequeno escritório em casa divulga ao mundo todo suas críticas ácidas por meio do site www.bilderberg.org.

Em 2003, mais uma vez ele seguiu os *bilderbergs*, sendo que dessa vez foi até Versalhes. Enquanto aguardava atrás do cordão policial mobilizado na entrada do Hotel Trianon Palace, ele viu David Rockefeller se aproximar acompanhado por seu guarda-costas, James Ford, e não perdeu a oportunidade de lhe fazer algumas perguntas.

> — Sobre quais assuntos vocês conversaram no decorrer da reunião do Clube Bilderberg? — perguntou Gosling.
>
> — Mudanças na situação mundial — respondeu Rockefeller, sem detalhar.
>
> — Acho que você teria mais informações se perguntasse a cada um dos participantes suas opiniões pessoais — interveio o guarda-costas.
>
> — Acredito que com uma coletiva de imprensa seria possível obter mais informações — replicou o inglês.

— Mas tem bastante gente da imprensa presente à reunião — ressaltou o guarda-costas, fingindo desconhecer as regras do jogo.
— Eu sei — argumentou Gosling —, mas é engraçado que só a imprensa independente cubra o evento. Como é possível que o londrino *The Times* nunca fale do Clube Bilderberg?
— Não é um segredo. É uma reunião privada. Há uma diferença entre privado e secreto — completou o magnata do petróleo, atendo-se ao discurso de sempre do grupo.
— Não é uma organização governamental — disse o guarda-costas.
— Porém, há muita gente que pertence a vários governos lá dentro. E tem temas como a dívida do Terceiro Mundo, que é um problema grave para milhões de pessoas, mas nem mesmo foi incluída na agenda do Clube Bilderberg — protestou Gosling.
— Não seria apropriado — salientou Rockefeller — Selecionamos assuntos que o grupo está interessado em discutir.
— O poder que muita dessa gente tem também abrange responsabilidades. Em especial, os membros de governos que estão lá dentro — retrucou o inglês.
— Fazemos várias coisas nesse sentido, como congressos... — concluiu o magnata antes de se afastar.

Alguns jornais que publicam notícias sobre o Clube Bilderberg são o inglês *The Guardian* e o site *American Free Press*. Entre os espanhóis que conseguiram publicar artigos sobre o clube, podemos citar os jornalistas Magdalena Bandera, Rolando Balcells e esta que vos escreve. Outro trabalho de destaque são as informações do site www.solidaridad.net.

Como destaca Magda Bandera:

> O Fórum Econômico Mundial de Davos reúne todos os anos nesta cidade suíça a nata da sociedade mundial para evocar publicamente os temas mais em voga. O Clube Bilderberg faz a mesma coisa, porém a portas fechadas, sem coletivas de imprensa nem qualquer tipo de publicidade. Como sempre, os "antiglobalização" se manifestaram contra o G-8. E o fato é que hoje em dia existe até um *establishment* da dissidência.

O sociólogo Geoffrey Geuens, da Universidade de Lovaina, autor do estudo *All Powers mixed up* [Todos os poderes misturados], conclui que o Clube Bilderberg concentra "o pacto estrutural entre a elite dos negócios, a elite política e a elite dos meios de comunicação".

O discurso típico do clube é difundido para o público por meio das mídias oficiais com conceitos como globalização, direitos humanos, aliança atlântica, solidariedade, paz mundial, segurança internacional, consenso. Lemos diariamente na imprensa termos aos quais passamos a nos habituar, quase sem nos darmos conta. Aparecem, geralmente, acompanhados de atributos positivos. A análise jornalística não só foi sumindo dos gêneros jornalísticos, mas, desde o fim do século passado, a informação está se transformando num espetáculo. A propaganda e a publicidade, pouco a pouco, preenchem as lacunas que gradualmente estão matando a informação. Estamos nos referindo aos meios de comunicação em massa, não à imprensa independente, que, da mesma maneira, pouco a pouco, vai ganhando um espaço valioso.

Mas as grandes mídias são, hoje em dia, um conjunto de meios de comunicação globalistas, alienantes, subjugados; em síntese, uma fábrica de ficções.

CAPÍTULO 8

A democracia e a Nova Ordem dos donos do mundo

É sempre mais fácil enganar a coletividade do que um indivíduo.

— Pío Baroja[1]

Os *bilderbergs* defendem a bandeira da democracia como se fosse a coisa mais preciosa do mundo todo. É a pedra angular da estratégia expansionista adotada para impor o império da Nova Ordem Mundial nos mais longínquos rincões do planeta. O termo, ultimamente, tornou-se tão clichê e desvirtuado que não custa nada recordarmos seu significado original. A democracia é um sistema de governo no qual os governantes são eleitos pelos cidadãos por meio do voto, e neste reside o poder da soberania nacional. Abraham Lincoln, em seu famoso discurso de Gettysburg, definiu-a como "o governo do povo, para o povo e pelo povo". Winston Churchill afirmou que "a democracia é o pior dos regimes, com exceção de todos os outros que já foram testados". Porém, do meu ponto de vista, foi o erudito espanhol Miguel de Unamuno quem deu a melhor definição ao destacar que a democracia é compreendida como "processo histórico de efetiva concretização da liberdade e da igualdade, como processo de real e

1 Pío Baroja (1872–1956), escritor espanhol.

crescente participação de todos os homens na vida política e econômica da sociedade". Neste ponto, gostaria de ressaltar um detalhe essencial: não se conquista a democracia do dia para a noite, muito menos esta pode ser implantada num piscar de olhos. Isso significa que é uma construção que se aperfeiçoa com o tempo e com a participação ativa de todos os cidadãos da comunidade. E para que seja efetiva, essas pessoas devem se instruir e se informar, pois a autêntica liberdade só advém do conhecimento.

Uma vez esboçada a essência do conceito, não podemos deixar de fazer uma pergunta relevante. O que os donos do mundo entendem por democracia? Que modelo de democracia o Clube Bilderberg pretende instaurar? É democrático que a elite mundial aprove leis e medidas sem consultar os cidadãos? A democracia, plenamente aceita pela sociedade ocidental como o menos pior dos regimes políticos, é a melhor justificativa dos *bilderbergs* para defender e apresentar questões que vão permitir que eles alcancem os objetivos almejados — o que significa que a democracia dos donos do mundo não é legítima, está desvirtuada e foi despida de seu sentido original; é uma pseudodemocracia na qual impera o poder financeiro e verdadeiro diante da soberania nacional, própria do sistema original. É uma plutocracia. É uma oligarquia. Uma timocracia. É um totalitarismo.

Para Noam Chomsky, "o problema das verdadeiras democracias é que elas cedem à heresia de acreditar que os governos deveriam atender às necessidades de sua própria população, em vez dos interesses dos investidores".

A democracia ocidental pré-fabricada pelos donos do mundo é uma falácia alicerçada sobre o falso pilar de que "todos somos iguais". Igualdade não é o mesmo que igualitarismo. Esses homens que tanto defendem publicamente a igualdade se formaram em instituições elitistas, receberam educação e conhecimentos que estão a anos-luz daqueles recebidos pelo restante da sociedade. É impossível que se dediquem à luta pela igualdade de todos, quando eles próprios fazem parte de uma organização esnobe que se vê muito acima do resto dos cidadãos do planeta. Isso não é do interesse deles porque perderiam seus privilégios. O que dão ao povo são sobras, resquícios de liberdade e igualdade.

De acordo com o discurso do grupo e de seus acólitos, a internacionalização das finanças e o sistemático intercâmbio comercial garantiriam a melhora das condições de vida da maioria das pessoas dentro de um contexto democrático. Mas a que preço? Trata-se de implementar um novo Estado de bem-estar, uma versão reformulada e corrigida da anterior que se apresenta como o modelo ideal a ser adotado num mundo globalizado, no qual as soberanias nacionais dão lugar a uma soberania mundial gerida pelos *bilderbergs*.

Os donos do mundo são inimigos da democracia autêntica, porque obtêm mais vantagens dos regimes corruptos, do *totum revolutum*, do que de um sistema completamente limpo no qual todas as leis sejam cumpridas ao pé da letra e de maneira igual para todos. O filósofo Agostinho de Hipona (mais conhecido como Santo Agostinho) expressou com clareza de sol a pino a forma injusta como se manifestam os poderosos na sociedade:

> Afastada a justiça, que são, na verdade, os reinos senão grandes quadrilhas de ladrões? Que é que são, na verdade, as quadrilhas de ladrões senão pequenos reinos? Estas são bandos de gente que se submete ao comando de um chefe, que se vincula por um pacto social e reparte a presa segundo a lei por ela aceite. Se este mal for engrossando pela afluência de numerosos homens perdidos, a ponto de ocuparem territórios, constituírem sedes, ocuparem cidades e subjugarem povos arroga-se então abertamente o título de reino, título que lhe confere aos olhos de todos, não a renúncia à cupidez, mas a garantia da impunidade. Foi o que com finura e verdade respondeu a Alexandre Magno certo pirata que tinha sido aprisionado. De fato, quando o rei perguntou ao homem que lhe parecia isso de infestar os mares, respondeu ele com franca audácia: "O mesmo que a ti parece isso de infestar todo o mundo; mas a mim, porque o faço com um pequeno navio, chamam-me ladrão; e a ti porque o fazes com uma grande armada, chamam-te imperador".

Os inimigos da democracia

Para os *bilderbergs*, o maior inimigo, ou o verso da moeda democrática, reside nos movimentos populares que criticam e denunciam os excessos

e abusos do sistema. Daí vem seu grande interesse em controlar e conter os impulsos da opinião pública por meio das redes sociais. Essa repulsa à livre associação civil foi expressa por Samuel Huntington, Michel Crozier e Joji Watanuki no relatório *The crisis of Democracy: Report on the Governability of Democracies to the Trilateral Commission*, no ano de 1975. O referido texto quis denunciar "os excessos da democracia", que para os autores eram o perigo que os encontros e a mobilização civis representavam para o poder estabelecido.

O poder se viu oprimido pelas oposições generalizadas daquela época realizadas pelos grupos que reivindicavam outro tipo de globalização, os chamados *hippies*. Samuel Huntington afirmou, então, que "alguns dos problemas relacionados com a governabilidade dos Estados Unidos, hoje em dia, provêm de um excesso de democracia. Exige-se uma maior moderação da democracia".

Na atualidade, as plataformas de protesto recebem o nome de grupos antiglobalização, e instauram o medo nos círculos dos poderosos. O poder fica assustado quando a sociedade desenvolve os próprios meios de se manifestar contra as decisões tomadas pelos políticos, que, é preciso lembrar, não passam de representantes eleitos pelo povo. Essas plataformas de protesto popular surgiram para questionar a política externa dos Estados Unidos em temas como a Guerra do Vietnã ou o papel da CIA no golpe de Estado do Chile, e defenderam, acima de tudo, a instauração de novos direitos sociais.

Como era de se esperar, o relatório gerou um enorme repúdio por parte da sociedade. Os *hippies*, indignados, concentraram seus protestos abstratos na administração de James Carter, que fazia parte da Trilateral, assim como, posteriormente, Bill Clinton e os Bush também o seriam.

Os atuais movimentos antiglobalização se aglomeram nas entradas das reuniões do G-8, mas já passou da hora de também começarem a pressionar o Clube Bilderberg e, quem sabe, aglomerarem-se nos portões das casas de figuras como David Rockefeller ou seu discípulo mais famoso, Henry Kissinger, que deveria devolver o Nobel da Paz, se tivesse um pingo de consciência.

O Clube Bilderberg é o lugar ideal para articular secretamente acordos almejados pelos ricos e poderosos, sem ter que percorrer a via

democrática, evitando assim a lentidão e a relutância das instituições parlamentares e de associações civis. O Clube Bilderberg se converte em juiz e parte sobre um delicado tabuleiro no qual estão em jogo não só suas ambições pessoais e coletivas, mas o futuro da humanidade.

Julio Anguita, ex-coordenador geral do grupo político espanhol Esquerda Unida (IU, na sigla em espanhol) e figura histórica do comunismo espanhol, reagiu diante da pergunta que lhe fiz sobre se é lícito que os políticos mais poderosos e os homens mais ricos do mundo se reúnam às escondidas para decidir o destino de todos, ainda que no âmbito de regimes democráticos, e disse o seguinte: "Estão defendendo seus interesses. O certo seria que isso não fosse permitido. Mas não acredito naqueles que se consideram, ou se autodenominam, democratas".

A cultura do terror e o imperativo do silêncio

Os *bilderbergs* desenvolveram diferentes metodologias para aniquilar o inimigo interno, o movimento *hippie* e outros opositores de seu sistema. Numa conferência sobre o terrorismo de Estado organizada pelos jesuítas em El Salvador, em janeiro de 1994, advertia-se, com razão, a respeito da "pertinência de se pesquisar a importância que a cultura do terror teve na domesticação das expectativas da maioria em relação às alternativas oferecidas pelos poderosos". Expectativa é a esperança de melhora ou mudança prevista para o futuro, por isso, se o poder dominante utiliza seus métodos e ferramentas — como a imprensa — para apresentar à opinião pública um horizonte limitado, caso sigam por um caminho alternativo ao seu, ele pretende fazer acreditar que não existe qualquer possibilidade de escolha, a não ser submeter-se às idéias impostas pelas potências dirigentes.

Nesse sentido, a médica israelense Ruchama Marton, famosa integrante da vanguarda de pesquisas a respeito dos métodos de tortura utilizados pelas forças de segurança de seu país, salienta que, como as confissões obtidas sob tortura não têm nenhum valor, o verdadeiro propósito da tortura não é a confissão, senão "o silêncio induzido pelo medo". "O medo é contagioso — acrescenta a pesquisadora — e se propaga pelos demais membros do grupo oprimido, paralisando-os.

A indução ao silêncio por meio do tormento é o verdadeiro objetivo da tortura, em seu sentido mais profundo e fundamental".

Um exemplo dos efeitos da "cultura do medo" pode ser encontrado na Colômbia, onde, desde o início dos anos 1980, seus cidadãos vêm sofrendo com a *guerra suja* perpetrada pelas forças de segurança estatais e paramilitares. O resultado é o marasmo atual de meios pseudodemocráticos e o terror totalitário, o que Eduardo Galeano denomina "democra-tadura" da Colômbia, país que lidera o índice de vulnerabilidade dos direitos humanos no hemisfério. Esta república ibero-americana tem contado com certos "cúmplices" para levar a cabo suas transgressões, sendo o principal deles o governo dos EUA, embora também possamos incluir nessa lista Grã-Bretanha, Israel e Alemanha, que colaboraram com o treinamento e o fornecimento de armas para a rede de latifundiários narcomilitares que controla o país. Observando a origem dos fatos, o especialista em assuntos latino-americanos Piero Gleijeses ressaltou: "A paz e a ordem eram garantidas mediante uma feroz repressão, e seus contemporâneos seguem o mesmo rumo".

A coação do inimigo interno por meio do silêncio é essencial nas "democra-taduras" que os EUA, e seus aliados, desejam impor a seus domínios desde que "assumiram, de acordo com seus próprios interesses, a responsabilidade do bem-estar do sistema capitalista mundial", segundo alegava o diplomata e historiador da CIA Gerald Haines, num debate sobre a invasão norte-americana do Brasil, em 1945. O destino dos cidadãos do planeta e da nossa própria liberdade depende da nossa disposição e capacidade de reconhecer e combater esse tipo de ação.

Um papel paternal

Os membros do Clube Bilderberg adotam uma função tutelar e paternalista, semelhante ao papel exercido pelos dirigentes totalitários em relação aos seus cidadãos na implementação de seus regimes (Benito Mussolini; Vladimir Ilich Ulianov, Lênin; Augusto Pinochet; Fidel Castro). Tais indivíduos, de suas posições privilegiadas e tendo em mãos o controle sobre todos os instrumentos sociais e financeiros, orquestram qual será o modelo do sistema internacional. A diferença é que não os

vemos, pois a maioria está escondida; os pais da Nova Ordem Mundial não querem ser conhecidos.

Eles exigem que os mandatários dos países desenvolvidos unifiquem suas posturas e conjuguem esforços em prol da estabilidade mundial. A idéia dos *bilderbergs* é chegar a esse estado de serenidade por intermédio da uniformização e da exportação do modelo econômico e político dominante. Este paradigma ideal não é outra coisa senão a democracia inscrita no livre mercado, que consiste no ponto nevrálgico da vida, da economia, da criação de sua nova ordem.

Os *bilderbergs* querem exportar "sua democracia" para o resto do mundo e implementar um planeta globalizado segundo sua própria definição de democracia. Porém, essa idéia bate de frente com as diferentes culturas e civilizações que formam o mundo. A maior e mais recente repercussão foi a resposta fundamentalista de um certo grupo adepto do islamismo (o 11 de Setembro). É dificílimo encontrar um ponto de convergência entre culturas tão díspares. Pelo menos, não encontraremos tão cedo.

O Clube Bilderberg absorve e coordena os temores e as necessidades das elites econômicas e financeiras globalistas; transforma-os em questões políticas que apresenta à sociedade por meio de conceitos difundidos pelos grandes meios de comunicação. Em seguida, esses tópicos são suscitados por presidentes e altos funcionários, quase sempre membros do clube, para que sejam convertidos em leis. Dessa forma, seus temores e necessidades sujeitam o destino de milhões de cidadãos que não fazem idéia de quem decide por eles. O jornalista norte-americano Jonathan Vankin acusa o governo dos EUA da seguinte maneira: "O governo surge como uma figura distante e de maneira nenhuma autoritária. O mistério é o instrumento mais eficaz para o poder. Paulatinamente, vamos nos distanciando uns dos outros, imersos diante de computadores e televisões, prisioneiros atrás dos pára-brisas. Há um sentimento de distração frustrante na vida moderna norte-americana".

Os centros de poder, que neste século encontram-se nos EUA, estão constantemente empenhados em sugerir aos demais países, com métodos mais que questionáveis, que o melhor para eles é aderir a suas doutrinas e aceitar sua liderança.

Os EUA lutam para perpetuar sua supremacia econômica e cultural mediante a consolidação de sua filosofia da Nova Ordem Mundial, revigorada após a queda do Muro de Berlim. Não à toa, em setembro de 2014, Henry Kissinger publicou seu último livro, intitulado... adivinhem só? *Ordem Mundial.*

A Nova Ordem Mundial

A expressão *Nova Ordem Mundial* tem origem na sociedade secreta Illuminati, que, rigorosamente, se encarregava de levar a luz à elite governante da Europa para erigir uma república universal de tendência liberal, acabando, assim, com o poder da Igreja, das monarquias e dos governos nacionais. Lembremo-nos de que os Illuminati adotaram como um de seus lemas a *Novus Ordo Seclorum*, que aludia ao novo sistema mundial que seria concretizado ao longo do tempo.

Até o princípio do século XX, o plano para estabelecer a Nova Ordem Mundial era executado pela maçonaria dos escolhidos, mas, depois da formação das Távolas Redondas e suas organizações-satélite, como o CFR e, posteriormente, o Clube Bilderberg, "o fogo da tocha foi sendo transmitido século após século", como bem registrou o jornalista e escritor William T. Still.

Na verdade, as idéias fundamentais da Nova Ordem Mundial foram evoluindo desde o século XVIII até serem sistematizadas num conjunto de objetivos abrangentes: materializar um governo mundial supranacional, carente de soberanias nacionais. A ONU centralizaria esse poder global, sob a custódia do exército da OTAN. Uma moeda, uma religião e uma bandeira comum completam os objetivos a serem alcançados pelos idealistas da Nova Ordem Mundial.

Apesar de alguns pesquisadores afirmarem que esses fins, *grosso modo*, já foram alcançados e que nada mais pode impedir que o mecanismo do governo global seja desencadeado, ainda não estão tão próximos como parece. A ideologia radical da Nova Ordem Mundial não é aceita pelo conjunto da elite globalista, que diverge em diversos aspectos da teoria. A elite norte-americana é a maior defensora da Nova Ordem, enquanto que grande parte dos europeus, herdeiros de uma história

imersa no berço da civilização, optam por tratar a questão de forma diferente, por isso são fortes críticos da radicalidade.

No entanto, as duas extremidades convergem no projeto em comum de conquista mundial por parte da elite financeira internacional. O Professor Carroll Quigley expôs o tema em *Tragedy and Hope* da seguinte maneira: "O poder do capitalismo financeiro tem um objetivo transcendental: nada menos que criar um sistema de controle financeiro mundial em mãos privadas, capaz de dominar o sistema político de todos os países e a economia mundial por completo". Quem controla o dinheiro controla o mundo, porque este gira em torno da economia e das finanças. O domínio das políticas de cada uma das nações e a concepção delas em função dos interesses dos bancos internacionais têm base na aplicação de um dos pontos da chamada "fórmula Rothschild", atribuída ao fundador dessa dinastia de banqueiros, Mayer Amschel: "Permitam que eu emita e controle a moeda de uma nação e não me preocuparei com a autoria das leis". O poder do dinheiro surge como epicentro gerador da organização social, desvinculando-se na prática da teoria democrática, de acordo com a qual a matriz deveria estar centrada no poder dos cidadãos de escolher livremente as leis e medidas que lhes sejam mais adequadas.

A guerra como método de dominação

Quais são as leis, as armas ou o mecanismo por que se manifesta o poder da elite? Já analisamos isso no relatório Iron Mountain: a guerra, como forma de dominação e controle dos poderosos sobre sociedades mais frágeis. Porém, como ela pode ser legitimada no seio de sociedades democráticas em que, *a priori*, é inviável a utilização do poderio militar para que se possa alcançar os objetivos? Nesse caso, recorre-se à ameaça de um perigo externo que precisa ser combatido; e para convencer a população disso, o conhecimento é manipulado e as elites decidem invocar a cultura do medo. Em última instância, elas fazem uso da guerra contra o inimigo externo.

Outro documento secreto que veio à tona recentemente é o denominado "relatório Kissinger", que defende a redução populacional como um

mal necessário para o desenvolvimento do mundo. É bem possível que o político estadunidense tenha pegado a idéia do filósofo inglês Bertrand Russell, laureado com o Prêmio Nobel da Paz, apesar da pressão exercida sobre Winston Churchill para que lançasse a bomba atômica sobre Moscou, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Em seu livro *The Impact of Science Upon Society* [O impacto da ciência na sociedade], de 1953, Russell propõe uma solução drástica para dizimar a população:

> Mas como, segundo o que disse, vivemos tempos excepcionalmente sombrios, podemos enfrentá-los com métodos igualmente excepcionais. Foi mais ou menos isso o que houve durante a lua-de-mel da Revolução Industrial, porém deixará de ser verdade a não ser que diminuamos drasticamente o aumento populacional do planeta. As guerras, até agora, não têm surtido grande efeito nesse aumento, que se manteve constante durante as duas guerras mundiais. De fato, o resultado foi frustrante. Mas, talvez, a guerra bacteriológica seja mais eficaz. Se a cada geração fosse propagada pelo mundo uma peste negra, os sobreviventes poderiam procriar livremente, sem se preocuparem com o excesso populacional. Talvez a situação seja desagradável, mas e daí? Os verdadeiramente nobres são indiferentes à felicidade, especialmente à alheia.

Sua mensagem é, sem dúvida, avassaladora, ainda mais se observarmos os trágicos efeitos da AIDS na atualidade e os rumores não confirmados referentes à possibilidade de que seja um vírus criado em laboratório.

Estados Unidos versus Europa

Lembremos que o general Colin Powell, então secretário de Estado dos EUA, apareceu de última hora na reunião do Clube Bilderberg de 2002 com o claro objetivo de defender a postura da elite estadunidense de intervir no Iraque, em face da divergência quase generalizada dos países aliados da Europa. Com a mesma finalidade, ele também compareceu perante a Comissão Trilateral no princípio de abril de 2002.

Nessa época, a harmonia, que durante anos definiu as relações transatlânticas, se transformou num conflito que estava se agravando perigosamente. As principais potências mundiais não só divergiam

no tema do Iraque, mas em outras questões internacionais, como no Acordo de Kyoto, na divergência sobre a criação de um Tribunal Penal Internacional, na análise do denominado "eixo do mal" ou na política colonizadora israelense. E o grande escândalo surgiu quando a Europa descobriu, graças à denúncia de Snowden, que seus governantes estavam sendo espionados pela Agência de Segurança Nacional estadunidense, local onde eram gravadas suas conversas telefônicas. Como resultado disso, cresceu vertiginosamente a venda de exemplares do mítico e lendário *1984*, de George Orwell.

Os europeus se distanciam em muitas questões da postura americana, da qual, inclusive, têm muito receio. O ex-Presidente francês François Mitterrand se lamentou, numa entrevista privada no fim de sua vida, a esse respeito:

> O povo francês não sabe, mas estamos em guerra contra os Estados Unidos. Uma guerra permanente, econômica, uma guerra sem mortos. Sim, os americanos realmente são muito rígidos, são vorazes; querem o poder sobre o mundo e não desejam compartilhá-lo. Uma guerra desconhecida, uma guerra permanente, sem mortes aparentes, mas, sem dúvidas, uma guerra mortal.[2]

No início do ano de 2005, após a divergência fundamental de posicionamentos entre americanos e europeus, estes liderados por França e Alemanha, a respeito da invasão do Iraque, a diplomacia dos EUA se viu obrigada a dar um passeio pela Europa para cicatrizar as feridas abertas. A então secretária de Estado dos EUA, Condoleezza Rice, na França, deu a entender que seu país estava "disposto a trabalhar com a Europa por nossos objetivos em comum, e a Europa deve estar disposta a atuar ao lado dos Estados Unidos. É tempo de começar um novo capítulo nas nossas relações e um novo capítulo em nossa aliança [...]. Está na hora de superar as desavenças do passado". Alguns dias antes, ela afirmara em Londres que um ataque militar de seu país ao Irã "não está na agenda, por ora". As duas últimas palavras ressoaram com receio, já que seu antecessor no cargo, Colin Powell, fizera a mesma declaração, porém referindo-se ao Iraque.

[2] Citado no *Courrier International*, abril de 2000.

No fim de 2004, os *bilderbergs* acompanhavam bem de perto o assunto da energia nuclear no Irã. Eles a hipotecaram por meio do FMI, do Banco Mundial, etc. O Greenpeace é uma criação do clube, financiado por este para fazer frente à energia nuclear. O ocorrido no fim de 2006 com o tema nuclear iraniano já vinha sendo discutido há anos nas reuniões.

Durante a campanha lançada para buscar a reconciliação com a Europa, o Presidente George W. Bush fez alusão à democracia como sendo o motivo para a invasão do Iraque. Ele disse que os EUA estavam dispostos a favorecer "as condições para que todas as nações e todas as sociedades pudessem escolher por si mesmas as recompensas e os incentivos da liberdade política e econômica". Em todos os seus níveis, o grupo luta oficialmente pela instauração da democracia no mundo e pela consolidação da crença nas virtudes da globalização e, obviamente, na liberação das economias, mas não uma liberação real, senão uma liberação com suas próprias condições e baseada no ponto de vista do grupo. Em outras palavras, uma liberação protecionista em que os beneficiados seriam os EUA, porém deixando algumas migalhas para os seus aliados. O Clube Bilderberg trabalha duro para guiar o mundo pelo rumo que serve aos seus interesses. Trata-se daquilo que Will Hutton, analista econômico que esteve presente às reuniões do grupo, chama de exercer influência "no senso comum internacional por meio da política".

Um único governo: a ONU

Gary Allen salientou que um dos principais motivos pelos quais os bancos internacionais atuaram nos bastidores para fomentar a Primeira Guerra Mundial foi a criação imediatamente posterior de um governo mundial. Pouco depois da assinatura do armistício (11 de novembro de 1918), o Presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson e seu inseparável Coronel Edward Mandell House fizeram uma viagem à Europa com essa finalidade. Anteriormente, reuniram-se em Nova York com uma centena de nomes importantes para debater a respeito do mundo que devia emergir no pós-guerra e nas décadas posteriores. A assembléia de notáveis autodenominou-se "comissão de inquérito" e

concebeu o sistema de paz nos famosos "quatorze pontos" de Wilson. A essência do grupo era globalista, já que reivindicava a supressão de todas as barreiras econômicas entre os países, a igualdade de condições comerciais e o estabelecimento de uma "associação geral das nações". O projeto mundialista receberia o nome de Sociedade das Nações.

No fim da guerra, o Presidente Wilson esteve presente à assinatura do Tratado de Versalhes (a Conferência de Paz de Paris, em 28 de junho de 1919) com seus assessores pessoais, entre os quais estavam, além do Coronel House, os banqueiros James Paul Warburg e Bernard Baruch, assim como 24 membros da "comissão de inquérito", que não era outra coisa senão o futuro CFR. O pacto incluía, aliás, a criação da Liga das Nações, que, a princípio, não foi ratificada pelo Senado americano porque este desconfiava do caráter supranacional da instituição. Porém, o coronel não desistiu de sua idéia e seguiu conspirando na surdina até, finalmente, conseguir que se incluísse sua tão sonhada Sociedade das Nações no Tratado de Versalhes. A sede da instituição seria fixada em Genebra.

O secretário de Relações Exteriores britânico, Lord Nathaniel Curzon, outro dos delegados de Versalhes, denunciou, então, as precárias condições do tratado, que, segundo ele, configuravam o cenário adequado para uma nova guerra, tendo inclusive profetizado na oportunidade: "Isso não é paz, senão uma mera trégua de vinte anos". Sua sentença foi precisa, já que a Segunda Guerra Mundial começou em 1939, justamente duas décadas depois.

Os anos 1930 marcariam o fracasso da Sociedade das Nações em virtude das investidas das potências fascistas e militaristas, que constataram a ineficácia da Sociedade em reunir esforços em prol da paz numa zona de interesses comuns. O início da Segunda Guerra Mundial anunciaria a morte da primeira sociedade internacional, dissolvida em 18 de abril de 1946 para dar lugar à Organização das Nações Unidas (ONU).

As investigações de renomados autores revelam que as duas guerras mundiais foram fomentadas estrategicamente pelo sistema bancário internacional e outros membros das sociedades secretas que operavam na época. "Os membros do CFR estavam interessados em tirar proveito da Segunda Guerra Mundial, como fizeram com a Primeira, para justificar

o governo mundial", ressalta James Perloff, em seu livro *The Shadows of Power: The Council on Foreign Relations and the American Decline*. "Os globalistas esperavam utilizar a ameaça do Eixo para forçar os EUA e a Grã-Bretanha a manterem uma aliança atlântica permanente como medida intermediária para o governo mundial". E foi exatamente o que aconteceu.

O Clube Bilderberg assumiu o comando dos líderes da vez para estabelecer esse governo mundial por meio da ONU; e não é que estejam transformando as Nações Unidas num governo planetário, mas, sim, que a criaram para dar vida a uma administração única, homogênea, que não faz distinção entre países, senão entre regiões da Terra. A ONU utiliza uma linguagem sentimentalista, que estimula a emotividade, com nobres e sublimes propósitos, por trás dos quais se esconde seu verdadeiro motivo de ser: impor as mesmas leis, ou melhor, as suas leis, a povos tão diferentes e com tradições culturais tão distintas quanto orientais e ocidentais, indígenas e chineses, alemães e espanhóis. Eles desejam realizar uma tarefa que seria impossível sem o uso da mentira, da persuasão e da força. Já dizia o banqueiro James Paul Warburg (1896–1969): "Quer queira, quer não, teremos um governo mundial. A única dúvida é se será alcançado por imposição ou por consentimento".

Objetivos ilusórios

Mais de meio século após a sua criação, a ONU deu claras demonstrações de sua ineficácia no cumprimento dos fins a que se propôs em sua Carta Universal dos Direitos Humanos promulgada em 1948.

O referido documento enunciava quatro objetivos e princípios fundamentais: manter a paz e a segurança internacionais; fomentar as relações amistosas entre as nações; potencializar a cooperação internacional para a solução dos problemas econômicos, sociais, culturais e humanitários, além de estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais; e, por último, servir de centro de conciliação para os esforços das nações a fim de alcançarem esses objetivos comuns.

Levando-se em consideração as mentes maquiavélicas de seus criadores, é impossível admitir que um de seus propósitos seja trabalhar para fomentar a amizade, ao menos no sentido normalmente atribuído ao

termo. Parece mais um texto em código cujo verdadeiro sentido semântico e alcance de cada vocábulo inserido na Carta só seus fundadores e sucessores têm como conhecer, aplicados ao seu âmbito hegemônico.

Nos primeiros anos, a ONU conseguiu despistar as pessoas quanto ao seu verdadeiro caráter, mas, atualmente, existem muitos pesquisadores e escritores que questionam as práticas antidemocráticas da entidade. Por ela ser um organismo supranacional e integrado por sociedades complexas que atua, sobretudo, em países distantes sobre os quais somos pouco ou nada informados pelos principais veículos de imprensa, num esquema global sem nenhuma transparência, é difícil comprovar pontualmente suas artimanhas, mas podemos, sim, apontar a incongruência entre suas premissas e suas ações.

Vá embora, ONU!

Por todo lado, vemos choverem críticas. No fim de outubro de 2006, centenas de haitianos se manifestaram pacificamente contra a permanência dos capacetes azuis da ONU no país, os quais eram acusados do assassinato de civis durante protestos de rua contra as organizações criminais da favela Ciudad del Sol (Porto Príncipe). "Estamos cansados de ouvir os tiros da ONU. As pessoas estão sofrendo", relatou um dos manifestantes concentrados nas ruas, que não paravam de gritar "abaixo a ONU!" e "vá embora, ONU!".

> Cerca de 9 mil capacetes azuis chegaram ao país caribenho em junho de 2004 para conter a revolta de grupos rebeldes, após a deposição do último — e primeiro — presidente eleito democraticamente, Jean-Bertrand Aristide. A princípio, as tropas da ONU foram recebidas com satisfação, pois garantiram que houvesse as eleições presidenciais de fevereiro de 2006 para, assim, ser suprida a ausência da figura de Aristide. O vencedor foi o atual presidente, René Préval, que apóia a permanência da ONU pelo tempo que for necessário. Apesar dos confrontos, o Conselho de Segurança da ONU decidiu, em agosto, estender por mais seis meses o destacamento de capacetes azuis no Haiti, e garantiu que, segundo suas tropas, elas só respondem aos disparos quando agredidas.[3]

[3] *La Vanguardia*, 28 de outubro de 2006.

A ONU não é um órgão independente, como defendem seus estatutos, já que suas decisões são submetidas ao veto dos cinco membros permanentes, ou seja, os países mais ricos do mundo: Estados Unidos, Reino Unido, França, China e Rússia. Quando foram enviados observadores para avaliar o alcance das armas de destruição em massa existentes no Iraque, viu-se como seus trabalhos eram manipulados em prol do projeto de invasão defendido a todo custo pelos EUA. Tempos depois da Operação Liberdade, um dos observadores confessou que nunca encontrou as tais armas, e pouco depois foi encontrado morto.

Juiz e partes

Logo após os desastrosos resultados no Iraque, os *bilderbergs* concordaram em não invadir nenhum país sem a autorização da ONU. No entanto, a entidade mostrou que trabalha em prol dos interesses dos países poderosos, o que significa que sua intermediação nos conflitos internacionais não é sinônimo de justiça, democracia, isonomia entre os povos e liberdade.

O próprio sistema hierárquico de seu órgão mais importante, o Conselho de Segurança, que estabelece uma distinção entre países de primeira classe, com direito a veto, e de segunda classe, privados desse direito, vai de encontro à igualdade entre todos os povos preconizada pela ONU.

Apesar de não concordar com todos os termos da entidade, o professor universitário e historiador italiano Ernesto Galli della Loggia defende o maior valor da instituição:

> A ONU não pode ser o tribunal de coisa nenhuma; não pode ser o juiz de coisa nenhuma, e menos ainda o juiz do bem e do mal, porque o primeiro requisito de qualquer juiz é a imparcialidade, o fato de não ser juiz nem parte; e, por sua vez, no "palácio de cristal", todos são juízes e partes, e defendem inevitável e principalmente apenas os interesses próprios. Mas quero que uma coisa fique bem clara: compreender o que realmente é a ONU não significa diminuir sua importância. Além disso, a ONU é uma grande assembléia de Estados da qual não emanam sentenças segundo as normas do direito, tampouco são formuladas declarações morais, mas faz algo que é igualmente importante ou, talvez, até mais importante: confere (ou nega) legitimidade política.

Não concordo com o professor, pois, de acordo com sua própria exposição, essa legitimidade política que a ONU dá ou nega é ditada por países que têm interesses próprios e exclusivos. É possível comprovar o que estou dizendo ao se considerar a recente guerra ucraniana. Na ONU, os EUA acusaram a Rússia de ser a culpada por esse conflito e, ao mesmo tempo, tinham ajudado a destituir o governo anterior e a colocar lá um presidente fantoche dos interesses estadunidenses. Pelo fato de a potência mundial e hegemônica atual serem os EUA, o resto dos países não ousou contrariar seus postulados. No entanto, é mais um caso claro em que a ONU voltou a fazer as vezes de juiz e parte.

Um governo mundial

A partir de uma ótica diferente, a Igreja Católica fez alertas sobre as manobras da ONU e sobre o perigo de que ela pudesse se tornar um governo mundial. O Monsenhor Michel Schooyans, professor emérito da Universidade de Lovaina e representante do Vaticano perante as Nações Unidas, declarou que o órgão, "sob o disfarce da responsabilidade compartilhada e da globalização, convida os Estados a limitar suas soberanias e a professar um pensamento único". Schooyans afirmou:

> Estamos diante de um projeto gigantesco que visa a concretizar a utopia de Kelsen com o objetivo de legitimar e criar um governo mundial único, no qual as agências da ONU poderiam ser transformadas em ministérios. Dessa forma, a FAO se transformaria no Ministério Mundial da Agricultura; a UNIDO seria o Ministério Mundial da Indústria e a ILO, o Ministério Mundial para Assuntos Sociais. Em outros casos, seriam necessárias instituições completamente novas: estas poderiam incluir uma Polícia Mundial, uma Corte Internacional de Justiça, etc. Eles garantem que é urgente a criação de um novo governo mundial, político e legal, e é preciso pressa de encontrar os fundos para executar o projeto.

Conforme destaca o Monsenhor Schooyans em seu livro *La cara oculta de la ONU* [A face oculta da ONU], "essa superestrutura internacional planejada pela ONU foi elaborada num relatório do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) em 1994. O texto, escrito por

Jan Tinbergen, Prêmio Nobel de Economia de 1969, considera que os problemas da humanidade não podem mais ser resolvidos por governos nacionais, motivo pelo qual precisamos de um governo mundial". O professor acrescenta que "a ONU providenciou para si um futuro gabinete do mundo e se apresenta, cada vez mais, como um super-Estado mundial. A tendência dela é governar todas as dimensões da vida, do pensamento e das atividades humanas, exercendo um controle cada vez mais centralizado sobre a informação e o conhecimento".

Michel Schooyans também denunciou a nova ética dos direitos humanos promovida pela ONU com o documento doutrinário chamado Carta da Terra:

> É um instrumento ideológico utilizado para legitimar políticas de controle populacional em nível mundial, especialmente dos mais pobres, pois comem e não produzem. Há trinta anos fala-se de uma nova teoria segundo a qual os direitos humanos devem ser submetidos às limitações da Terra. Trata-se de uma reformulação da doutrina malthusiana, que afirma não haver recursos suficientes para alimentar todas as pessoas do mundo. Desde o século XIX já é sabido que o malthusianismo é falso. Serve para justificar (com uma falsa justificativa anticientífica) políticas que não querem revelar sua verdadeira face: "Não queremos uma população idosa, de inválidos e enfermos".

Uma única religião global

Em 1977, constituiu-se uma comissão para elaborar a Carta da Terra. Este documento, publicado pela ONU no ano 2000, preconiza uma nova espiritualidade universal, a religião única apregoada pela Nova Ordem Mundial. Embora sua formulação tenha contado com a assessoria de mais de trezentos líderes religiosos, alguns dos mais influentes foram excluídos, como o Dalai Lama. A ONU justificou sua ausência sob a alegação de que não desejava contrariar a China. Os católicos também ficaram de fora "numa manobra típica dos maçons, que, desde o início de sua trajetória histórica, têm buscado abolir o poder da Igreja de todos os âmbitos", de acordo com Salvador Arguedas, famoso analista da Carta da Terra.

O ex-Presidente soviético e ex-chefe da KGB Mikhail Gorbatchov é um dos principais autores do documento e o define assim: "É o manifesto de uma nova ética para o novo mundo, um decálogo da nova era". Trata-se de um código de comportamento e crenças universal que começaria a reger o mundo a partir do ano 2000. "Esses novos conceitos — continua Gorbatchov — deverão ser aplicados a todo sistema de idéias, à moral e à ética para constituir um novo modo de vida. O mecanismo que usaremos será a substituição dos dez mandamentos pelos princípios contidos nesta Carta ou Constituição da Terra", que pretende sobrepor-se à Declaração Universal de 1948. Trata-se de um projeto ambicioso implícito no documento da ONU.

Para aqueles que compreendem o significado dos termos globalistas, Gorbatchov falou claramente quando determinou que:

> [...] o Conselho de Segurança das Nações Unidas deve promover a Nova Ordem Mundial. As Nações Unidas têm as armas legais para fazê-lo. Deverá ser construído um novo mundo com base num novo sistema de valores liberais, sociais e democráticos. A ecologia é o centro desse novo sistema de valores, manifestado na Carta da Terra, e a globalização deve ser o conceito no qual se alicerça o êxito da Carta da Terra. Por isso, minha organização (Cruz Verde) tem como finalidade criar e fomentar essa consciência global.

A Carta da Terra complementa sua doutrina religiosa, ou ética, única da Nova Ordem Mundial, com a da nova ética global, que Hans Küng apresentou há poucos anos no Fórum Econômico de Davos, patrocinado pelo World Wildlife Fund (WWF, Fundo para a Vida Selvagem, do Príncipe Filipe de Edimburgo, consorte da Rainha Isabel e primo de Bernardo da Holanda). Arguedas salienta que Hans Küng, cuja licença como sacerdote católico para ensinar Teologia foi revogada pelo Vaticano e que, desde 1995, é presidente da Fundação Ética Mundial, declarou em Davos que não se pode estabelecer a Nova Ordem Mundial sem sua nova ética planetária. "Hans Küng é a cabeça visível do processo para impor — por meio das Nações Unidas — essa nova ética cósmica, síntese que sobrepuja todas as religiões do mundo, sendo uma mescla de gnose, manifestações de boas intenções e outras características da vaga e alienante espiritualidade da Nova Era". Segundo Arguedas:

"A nova ideologia defende a manutenção plena da natureza, bosques, mares e montanhas, porém ignora as diferenças naturais entre homem e mulher, procurando impor novos direitos, contrários à própria natureza, baseados na teologia do gênero e da livre opção sexual".

Michel Schooyans conclui que:

> [...] a argumentação ecológica elaborada na Carta da Terra é, na verdade, um artifício ideológico para camuflar algo mais grave: entramos numa nova revolução cultural. As verdades fundadoras da ONU que dizem respeito à centralidade do homem no mundo vão sendo gradualmente neutralizadas. Fortemente influenciado pela *New Age*, o referido projeto indica a criação de uma nova religião mundial única, o que significaria proibir imediatamente que todas as outras religiões praticassem o proselitismo. Para a ONU, a globalização não deve envolver apenas as esferas da política, da economia, do direito; deve envolver a alma global. Daqui por diante, os direitos humanos serão o resultado de procedimentos consensuais.

A Carta recebeu tantas críticas, antes mesmo de entrar em vigor, que acabou se transformando nos chamados Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, apresentados em abril de 2000, que incentivam os Estados-membros a implementarem um plano de ação concretizado em oito objetivos, entre os quais estão o fim da pobreza e da fome, universalização do ensino básico, combate ao vírus HIV/AIDS, preservação do meio ambiente e consolidação da igualdade de gênero. O relatório, que não traz nada de novo, pois seus objetivos flutuam à deriva com uma redação vazia e sem fornecer mecanismos para solucionar os graves problemas citados, constituiu a base da Declaração do Milênio, que foi subscrita pelos chefes de Estado e de governo na Cúpula do Milênio, celebrada em setembro de 2000, na qual participaram diversos líderes espirituais e religiosos.

Apesar de tudo, o ex-Secretário-Geral da ONU Kofi Annan, bem como a própria organização das Nações Unidas, foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz em 10 de dezembro de 2001. Durante o ato de entrega do prêmio, o comitê do Nobel destacou o trabalho de Annan à frente da entidade: "Foi proeminente ao dar novos ares à organização". Com relação à honraria conferida à ONU, o comitê destacou que desejava

"declarar que o único caminho negociável para a paz mundial e a cooperação é por meio das Nações Unidas".

Homenagem à ONU

O Clube Bilderberg está planejando há anos um sistema tributário que possa impor a todos os habitantes da Terra um imposto destinado à ONU. Ao que parece, essa contribuição pessoal, que começaria baixa, mas aumentaria paulatinamente, seria destinada à erradicação da pobreza do planeta. O imposto pago pelos cidadãos diretamente à ONU seria um grande passo para a assimilação da entidade como governo supranacional que decidiria a vida de todos os habitantes do planeta, principal objetivo do clube.

Os *bilderbergs* estão cientes das críticas que podem receber suscitando a idéia, mas isso não os preocupa. Eles não têm pressa, porque a paciência sempre foi sua maior aliada. Nós, os depositários da democracia, não podemos ficar de braços cruzados enquanto os *bilderbergs* manipulam o mundo de acordo com seu próprio ideal. Temos a responsabilidade de cuidar do que foi conquistado com tanto suor e sangue, e lutar para aprimorar a democracia e erradicar os vícios e corrupções que a rodeiam. Como destaca o filósofo e escritor português José Saramago:

> Não tenhamos a inocência ou ingenuidade de acreditar em tudo aquilo que nos dizem; temos de ser críticos. Não vivemos numa democracia, mas numa plutocracia, ou seja, o poder está nas mãos dos ricos. O verdadeiro poder está nas mãos do dinheiro, das multinacionais. Existe uma batalha pela autêntica democracia. Para reformá-la e, até, reinventá-la. A outra batalha é a dos direitos humanos; sem democracia, não há direitos humanos; e sem direitos humanos, não há democracia. A batalha é pela democracia e pelos direitos humanos.

Porém, somente o conhecimento da verdade nos tornará fortes para empreender a luta pela vida.

CAPÍTULO 9

As mentiras do "aquecimento global"

Nada na vida deve ser temido,
somente compreendido.
Agora é o momento de compreender
mais para temer menos.
— Marie Curie[1]

Reconstituição de uma reunião secreta do Clube Bilderberg

Há mais de uma década, o núcleo duro do Clube Bilderberg se reuniu em segredo, enquanto o resto dos convidados se divertia jogando golfe. Estavam planejando uma nova estratégia para dar mais um passo em direção à sua ânsia por impor um governo mundial. A expressão de David Rockefeller se manteve serena como de costume quando interrompeu o grupo para manifestar sua genial e mais recente idéia.

— Diremos aos cidadãos que todos nós temos que lutar contra um grande perigo que ameaça nossa própria existência: a mudança climática — disse o banqueiro. — Mas, para que o plano seja eficaz, precisamos acrescentar o bordão "causado pelo homem", porque se não convencermos as pessoas de que somos nós que a estamos causando,

[1] Marie Curie (1867–1934), física polaco-francesa.

não seria possível lutar contra isso para resolver os problemas que supostamente geramos.

Exercendo a função de advogado do diabo, um dos discípulos menos qualificados atreveu-se a rebater o argumento do homem:

— Mas quem vai acreditar que nós, meros humanos, podemos lutar contra imponentes forças da natureza?

Ao escutar tais palavras, um membro mais influente intercedeu:

— Por acaso você ainda não aprendeu que as pessoas acreditam em qualquer coisa que dizemos, contanto que utilizemos o medo como arma de controle social? Você não sabe quem somos? Somos os donos do mundo, nós temos o controle sobre os meios de comunicação em massa, podemos dizer o que quisermos e transformar a maior mentira do mundo em realidade. Só temos que repeti-la cem vezes, a todo instante, em nossos jornais e canais de televisão. Contrataremos as atrizes e atores mais populares e famosos de Hollywood, e eles saberão falar isso ao mundo como ninguém, e até verterão algumas lágrimas para emocionar o público, impedindo que haja uma exposição crítica do futuro apocalíptico apresentado por nós.

Então, Rockefeller retomou a palavra:

— Sim, contrataremos algum ator famoso, mas, para começar, acredito que Al Gore será um excelente candidato para implementar o plano. Viajará por todo o mundo, dando conferências por ingressos milionários, assim ficará satisfeito economicamente e obterá grande prestígio, de modo que se submeterá sem problemas às nossas ordens — disse Rockefeller, enquanto um sorriso cínico brotava por dentro e se manifestava em seus lábios. — Não vai apenas angariar muito dinheiro, como também terá a ilusão de ser poderoso, porque o mundo vai idolatrá-lo. Falaremos com nossos contatos em Hollywood para que lhe dêem um Óscar pelos documentários que vamos realizar com as imagens mais impactantes da Terra, e nada será mais fácil para nós do que obter o Prêmio Nobel pela luta incansável a favor da humanidade.

— Mas como seremos capazes de fazê-los acreditar nisso? — repetiu o discípulo lerdo.

— Vamos revestir a informação de religiosidade, a ecologia será a grande religião do milênio, ou, melhor ainda, nós a transformaremos

numa seita. As pessoas estão querendo pertencer a um grupo; melhor dizendo, a um grupo que lute pela verdade, um que tenha o potencial de se sacrificar para defender uma ideologia autêntica. E vamos conseguir fazer com que a coisa mais autêntica nesses momentos de incerteza seja a luta pela vida na Terra. Tiraremos proveito da mudança que já está em curso no clima para elaborar uma nova mentira, a grande mentira. Para nós, é muito fácil fazer isso, contamos com todos os meios à nossa disposição. Além do mais, falaremos com legisladores para que seja obrigatório ver o documentário em todas as escolas do mundo, assim doutrinaremos os cidadãos desde a infância.

O discípulo lerdo não conseguia acreditar no que estava vendo, quando descobriu que, dia após dia, mais adeptos eram atraídos para a seita e que aquela idéia, que lhe pareceu tão despropositada, estava recebendo subvenções e dinheiro público e privado como se não houvesse amanhã. Tinha quem pagasse para embarcar naquela loucura e nenhum dos humildes servos sequer suscitava a possibilidade de tudo aquilo ser uma grande mentira, a mentira de que o ser humano fosse capaz de intervir na força da natureza.

— Que os deuses nos livrem das meias verdades, pois das mentiras eu me encarrego — disse o lerdo na ocasião, enquanto via em sua televisão de quinhentas polegadas o documentário de Al Gore.

***

Recordemos alguns dados do capítulo 4, "A manipulação institucional da sociedade". Nele expus os principais pontos do relatório Iron Mountain, no qual um grupo de especialistas alinhados com o Clube Bilderberg realizou uma análise a respeito da conveniência de um planeta sem guerras. Lembremos que o objetivo final desse documento era garantir que o controle social permanecesse nas mãos da elite. O grupo de estudos concluiu que, para consolidar um mundo de paz permanente, era necessário encontrar substitutos para a guerra; então, para isso, assinalaram algumas fórmulas, entre as quais estava a criação de inimigos fictícios, por exemplo, a ameaça de uma contaminação ambiental em massa e global. *Eureka!* O relatório data do início dos anos 1960, razão pela qual descobrimos que a possibilidade de uma

luta contra a mudança climática não é uma invenção de nossos dias. Na época, ela já figurava como uma solução para a questão de como amedrontar a sociedade e mantê-la facilmente manipulável.

Aflige-nos a semelhança dessa proposta com a situação que estamos vivenciando na atualidade. O chamado "aquecimento global causado pelo homem" está sendo usado pelos donos do mundo, com seu "profeta" Al Gore à frente de toda a história, para nos atemorizar e, assim, nos controlar e nos conduzir a um governo mundial que solucione a problemática. Além disso, pensem em como tudo se encaixa nas doutrinas da Carta da Terra e da Declaração do Milênio, nas quais a ecologia se torna o alicerce moral da Terra.

Os *bilderbergs* e seus asseclas estão se aproveitando da mudança natural que o clima sofre de tempos em tempos para controlar as emoções da população, a cujo propósito destinam milhões de dólares procedentes de nossos impostos e dos bilionários do clube.

De um dia para o outro, e sem aviso prévio, "a mudança climática provocada pelo homem" se tornou a responsável por todos os males do mundo, até da fome africana. A seguir, vamos analisar até que ponto o último aspecto é uma realidade, porém no sentido contrário.

Uma (meia) verdade inconveniente

O ex-Vice-presidente dos EUA Al Gore se transformou (embora seja mais correto dizer que o transformaram) no porta-voz internacional de uma teoria que ninguém se atreveu a refutar: presenciamos um "aquecimento global" cujo responsável é o homem por causa de suas emissões de CO_2 na atmosfera terrestre. Ele apresentou sua tese no documentário doutrinário *Uma verdade inconveniente*, com estréia no Festival de Cinema de Cannes em 2006, que rapidamente se transformou numa nova religião, ou melhor, numa seita global, que desde sua estréia não tem permitido nenhum tipo de debate nem dissidência na mídia oficial. É uma verdade inquestionável, um totalitarismo ecológico, uma nova moral para a geração globalizada. Lembrem-se do que disse o banqueiro James Paul Warburg: "Querendo ou não, teremos um governo mundial. A única pergunta é se ele ocorrerá por meio de consenso ou imposição".

Haverá aqueles que implorarão para se tornarem escravos; em breve, veremos isso. Na verdade, já estamos vendo.

Um Óscar, um Emmy e o Prêmio Nobel da Paz compartilhado com o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU, o IPCC,[2] avalizaram o documentário mais embusteiro dos últimos tempos. Diante da população, a autoridade da ONU e desses prêmios garantiria a autenticidade da teoria apresentada pelo guru Al Gore. Porém, como as conferências dele ao redor do mundo não eram suficientes para doutrinar a parcela adulta da sociedade, os donos do mundo queriam manipular as mentes de nossas crianças, tornando obrigatória a exibição do filme nas escolas. Tudo tinha sido milimetricamente calculado. Aliás, nem tudo. A polêmica surgiu na Grã-Bretanha.

A denúncia contra Al Gore foi apresentada por um diretor escolar do condado de Kent, Stewart Dimmock, contra a decisão do governo britânico de exibir a fita nas escolas secundárias do país. Michael Burton, juiz do Tribunal Superior de Londres, sentenciou que o governo britânico poderia enviar a fita para as escolas apenas se fosse acompanhada por um manual de orientação em que estivesse exposto o outro lado do argumento, para contrabalançar o ponto de vista "unilateral" e a fim de desenvolver um espírito crítico nos alunos. Sem o manual, o governo violaria os artigos 406 e 407 da Lei de Ensino. Dimmock afirmou que "se não fosse pela causa iniciada por mim, nossos jovens ainda estariam sendo doutrinados por esse filme político".

As nove mentiras do documentário de Al Gore

Ao mesmo tempo que ocorria a entrega do Prêmio Nobel da Paz, em outubro de 2007, o juiz Burton considerou o documentário do ex-vice-presidente "alarmista e exagerado", e afirmou ter identificado nove erros importantes. Apesar disso, o Nobel foi entregue a Al Gore e à ONU. Segundo o veredito do juiz, "a visão apocalíptica" do documentário é político-partidária e não uma análise imparcial da ciência da mudança climática. "É sabido por todos que não é um filme meramente científico, embora fique claro que se baseia em pesquisas e opiniões científicas, mas político", sentenciou o juiz.

[2] O painel foi criado em 1988 pelo programa de meio ambiente da ONU e pela Organização Meteorológica Mundial.

De acordo com Al Gore, as mudanças climáticas são decorrentes das emissões de dióxido de carbono, metano e óxido nítrico produzidos pela ação do homem, uma tese corroborada pelos relatórios do IPCC da ONU. Nesse sentido, o juiz não se opôs e reconheceu que o documentário é "bastante preciso" no tocante às causas e aos possíveis efeitos da mudança climática. Isso veremos mais adiante. Por ora, temos abaixo os noves equívocos identificados pelo juiz.

Erro científico 1: Al Gore afirma que o nível do mar poderia aumentar em até seis metros "num futuro próximo" em virtude do degelo na Antártida Ocidental.

Juiz Burton: Essa afirmação é extremamente alarmista e contrária ao "consenso científico". Isso só deverá acontecer daqui a um milênio ou mais.

Erro científico 2: Os atóis do Pacífico, em virtude de sua baixa altitude em relação ao mar, já foram evacuados.

Juiz Burton: Não há evidências de nenhuma evacuação em nenhum atol.

Erro científico 3: A corrente do Golfo do México, que aquece o Atlântico Norte, poderia deixar de circular.

Juiz Burton: Seria "muito estranho" que tal corrente deixasse de fluir no futuro. A fala de Gore contradiz as hipóteses aventadas pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, segundo as quais é pouco provável que isso ocorra.

Erro científico 4: Os gráficos que mostram a relação entre o aumento do CO_2 e da temperatura ao longo de 650 mil anos se encaixam perfeitamente.

Juiz Burton: Existe certa conexão, mas a eventual correspondência entre os dois gráficos não corrobora a afirmação do Sr. Al Gore.

Erros científicos 5, 6 e 7: O derretimento da neve do Monte Kilimanjaro (na África oriental), o desaparecimento do Lago Chade e o Furacão Katrina são conseqüências da mudança climática causada pela ação humana.

Juiz Burton: Os cientistas não puderam comprovar que houvesse uma relação direta entre o aquecimento do planeta provocado pelo homem e esses fenômenos.

Erro científico 8: Com o derretimento das calotas de gelo de seu *habitat* natural e enquanto nadam em busca de outras, os ursos polares estão se afogando.

Juiz Burton: Segundo o estudo científico que encontrei, há uma indicação de que recentemente foram encontrados quatro ursos polares afogados em razão de uma tempestade.

Erro científico 9: Os recifes de coral estão descolorindo em função do aquecimento global, entre outras causas.

Juiz Burton: É muito difícil discernir qual é o fator principal para tal descoloração. Pode ter ocorrido tanto pela poluição quanto pelo excesso de pesca.

Pode ter sido condescendência por parte do juiz chamar de equívocos o que considero como mentiras. Apesar da quantidade de meias verdades e inexatidões contidas em *Uma verdade inconveniente*, a Academia da Suécia concedeu o Prêmio Nobel da Paz a Al Gore, compartilhado com o IPCC da ONU, por sua luta contra as mudanças climáticas (por acaso o clima está em guerra contra nós?). Nesse sentido, pergunto-me: que validade têm esses prêmios? Al Gore levou o prêmio para casa, mas também uma denúncia interposta em razão de fraude. Parece que nem todo mundo está disposto a ser enganado. Ao lado de mais de 30 mil cientistas, John Coleman, fundador do Weather Channel americano, cansado de convidar Al Gore e o IPCC da ONU para um debate televisivo, disse que o ex-vice-presidente não poderá recusar o debate que ocorrerá durante o julgamento por conta de uma acusação de fraude.

A grande farsa do aquecimento global

Sem tanta repercussão política nem midiática, mas realizado com grande bravura, o documentário *A grande farsa do aquecimento global*, produzido e exibido pelo Canal 4 britânico, em 2007, mostra a fragilidade da teoria exposta em *Uma verdade inconveniente*. O diretor do trabalho, Martin Durkin, afirmou: "Cientistas legítimos, pessoas com diplomas, são os malvados nessa história de aquecimento global. Penso que esse episódio será lembrado na história como o primeiro capítulo de uma nova era das relações entre os cientistas e a sociedade". Os cientistas da

ONU se transformaram em seguidores, visto que o alarmismo sobre o aquecimento global se revestiu de ciência sem o ser. É pura propaganda.

Por ser uma questão científica, o ideal seria dar voz a essas pessoas corajosas acima citadas, os verdadeiros especialistas no assunto do clima. Esses cientistas, que participaram do documentário do Canal 4, colocaram em jogo suas reputações, seus empregos e a possibilidade de receber financiamentos para suas pesquisas. Porém, assim o fizeram por amor à verdade, à sua vocação e à sua grande paixão: o estudo do clima.

Os alarmistas afirmam que "qualquer crítica, não importa o quão cientificamente rigorosa seja, é ilegítima; ou pior: perigosa". Como salientou Aldous Huxley em seu romance *Admirável mundo novo*: "A verdade é uma ameaça e a ciência é um perigo público. Somos obrigados a mantê-las cuidadosamente encadeadas e amordaçadas". Será verdadeiro o que afirma o pensamento único a respeito do clima? Será que, realmente, as emissões de CO_2 geradas pelo homem causaram o "aquecimento global"? Segundo os cientistas da reportagem, não faz nenhum sentido atribuir a variação do clima ao CO_2, pois o dióxido de carbono tem uma proporção mínima entre os componentes que formam a atmosfera terrestre. É por isso que as mudanças nos níveis de CO_2 atmosférico se medem em décimos de partes por milhão. O Professor Tim Ball, do Departamento de Climatologia da Universidade de Winnipeg, Canadá, afirma:

> Se se considerar o CO_2 como uma porcentagem de todos os gases da atmosfera (nitrogênio, oxigênio, argônio...), ele representará 0,054%. Depois, naturalmente, você pega essa porção que supostamente os humanos estão acrescentando, e ela se torna ainda menor. A atmosfera é composta de uma infinidade de gases, e somente uma pequena porcentagem deles é chamada de gases de efeito estufa. Dessa pequeníssima porcentagem, 95% é vapor de água, que é o gás de efeito estufa mais significativo.

O Professor Philip Stott, do Departamento de Biogeografia da Universidade de Londres, afirma que:

> [...] no século XIV, a Europa entrou na chamada Pequena Idade do Gelo, cujas evidências encontramos nas antigas ilustrações, imagens

> e pinturas do Rio Tâmisa. Durante os invernos mais severos dessa pequena era glacial, o rio se congelava e havia feiras na sua superfície, onde as pessoas patinavam e vendiam todo tipo de coisa. Se voltarmos um pouco mais na história, antes da pequena era do gelo, encontramos uma emergente era de ouro, quando as temperaturas eram mais altas do que as atuais, um período conhecido pelos climatologistas como o Período Quente Medieval. É importante que as pessoas saibam que o clima possibilitou um estilo de vida bastante diferente no período medieval. Hoje temos a crença de que um aquecimento teria efeitos apocalípticos, mas, quando vemos as descrições desse período quente do passado, constatamos que ele é associado com riquezas. Segundo Chaucer, floresceram vinhedos até no norte da Inglaterra. Por toda a cidade de Londres, existem pequenas recordações (inúmeros nomes de ruas) dos vinhedos que cresceram no período quente medieval. Foi um período bastante rico.

Vale ressaltar que na Idade do Bronze, no período do Máximo do Holoceno, durante mais de três milênios, as temperaturas foram consideravelmente mais altas do que hoje, e a vida seguiu seu curso na Terra.

O desenvolvimento tecnológico tornou a vida mais fácil, abundante e duradoura. O progresso industrial a transformou em muitos aspectos, mas jamais influenciou na variação climática, ao contrário do que dizem os profetas do clima. O Professor Patrick Michaels, da Universidade da Virgínia, afirma o seguinte: "Qualquer um que disser que o dióxido de carbono é responsável pela maior parte do aquecimento do século XX, nem sequer conhece os dados mais elementares".

Desde meados do século XIX, a temperatura da Terra aumentou apenas meio grau centígrado. Mas esse aquecimento começou muito antes de carros e aviões serem inventados. Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu o que os historiadores chamam de *boom* econômico do pós-guerra, a expansão global da atividade industrial. A maior parte do aumento da temperatura ocorreu antes de 1940, quando a produção industrial era quase insignificante. Durante o auge econômico do pós-guerra, em tese, as temperaturas deveriam ter subido, mas isso não só deixou de acontecer como, ainda por cima, as temperaturas baixaram

por um período de quarenta anos. Paradoxalmente, elas só pararam de baixar quando da recessão econômica mundial dos anos 1970.

A esse respeito, o Professor Syun-Ichi Akasofu, diretor do Centro Internacional de Pesquisa Ártica no Alasca, o IARC, instituto líder de pesquisas no Ártico, destaca que: "Se o CO_2 aumenta rapidamente, mas a temperatura cai, não podemos dizer que o CO_2 e a temperatura caminham de mãos dadas". Tal informação coincide com o testemunho do Professor Tim Ball:

> A temperatura aumentou de maneira significativa nos anos anteriores a 1940, quando a produção humana de CO_2 era relativamente baixa. Logo em seguida, nos anos do pós-guerra, quando a indústria e a economia mundial prosperavam e a produção humana de CO_2 disparava, a temperatura mundial baixou. Em outras palavras: os fatos não corroboram a teoria.

Os argumentos do filme emocionante de Al Gore giram em torno de um teste: os estudos de blocos de gelo. Os cientistas perfuram o gelo para estudar a história climática da Terra desde centenas de milhares de anos atrás. O primeiro estudo em blocos de gelo foi realizado em Vostok (Antártida) e a conclusão, como Al Gore salientou veementemente, foi uma clara correlação entre o CO_2 e a temperatura. Mas onde está a armadilha? Exatamente no fato de que Al Gore silenciou sobre um dado muito importante. O Professor Ian Clark é um renomado paleoclimatologista especialista no Ártico e, assim como outros de seus colegas, verificou essa relação entre o CO_2 e a temperatura:

> Sendo assim, verificamos os registros dos blocos de gelo em Vostok e vimos a temperatura aumentar quando saímos de uma era glacial, então, depois, vimos que o CO_2 também aumenta, mas com um atraso de oitocentos anos. Portanto, a temperatura se adianta ao CO_2 cerca de oitocentos anos. O CO_2 não pode estar causando as mudanças de temperatura, mas, ao contrário, acompanha as mudanças de temperatura.

O professor Syun-Ichi Akasofu insiste que, com o decorrer do tempo, as calotas de gelo estão sempre se expandindo e contraindo. Nos noticiários, vemos

grandes fragmentos de gelo se destacarem do continente Antártico. Isso sempre aconteceu, mas, como agora temos satélites, podemos detectar o fenômeno; por isso, vira notícia. Eu diria que todos os programas televisivos que falam do aquecimento global, mostrando grandes pedaços de gelo caindo das bordas dos glaciares, esquecem de dizer que o gelo sempre se movimenta. O desastre do efeito estufa não existe. Os grandes blocos se desfazem todos os anos na primavera.

O CO_2 é um gás natural produzido por todos os seres vivos. Nigel Calder, ex-editor da revista *New Scientist*, afirma que "poucas coisas me incomodam tanto como ouvir as pessoas falando do CO_2 como se ele fosse poluente. Você é feito de CO_2, eu sou feito de CO_2. O CO_2 é igual aos seres vivos: cresce (expande)". E os humanos não são a principal fonte de geração do CO_2; os vulcões produzem mais dióxido de carbono anualmente do que todas as fábricas, carros, aviões e outras fontes humanas de CO_2 combinadas. Os animais e as bactérias geram cerca de 150 gigatoneladas de CO_2 todos os anos, enquanto que os humanos liberam 6,5 gigatoneladas, embora os maiores geradores de CO_2 sejam os oceanos.

Carl Busch, Professor de Oceanografia no MIT (foi também professor visitante de oceanografia na Universidade de Harvard e na University College de Londres), afirma o seguinte a esse respeito:

> Os oceanos têm memória dos acontecimentos passados até 10 mil anos atrás. Quando alguém diz: "Observo mudanças no Atlântico Norte, isso deve significar que o sistema climático está mudando", não é bem assim: isso só pode significar que algo ocorreu numa parte remota do oceano dezenas ou centenas de anos antes, cujos efeitos estão agora começando a se manifestar no Atlântico Norte.

Se não é o CO_2, quem ou o que é o verdadeiro responsável por essa alteração? O Sol, o ser humano, nosso sistema de vida, o aspecto cíclico do clima? O Dr. Piers Corbyn, pesquisador do clima, resolve esse imbróglio: "O Sol está no comando das mudanças climáticas. O CO_2 é irrelevante". E acrescenta: "Não se pode afirmar que o CO_2 governa o clima, já que, de fato, não o fez no passado. Nenhuma das principais mudanças climáticas dos últimos mil anos pode ser explicada pelo CO_2".

No ano 1883, o astrônomo britânico Edward W. Maunder observou que durante a pequena era glacial quase não havia manchas solares (as manchas solares são campos magnéticos intensos que surgem em períodos de maior atividade solar). Em 1991, cientistas do Instituto Meteorológico dinamarquês compararam os registros das manchas solares do século XX com as temperaturas e descobriram uma relação muito próxima entre o que ocorria no Sol e as mudanças no clima da Terra. Como salientamos anteriormente, a atividade solar aumentou até 1940, diminuiu durante quatro décadas, até 1970, e logo voltou a subir. Foram examinados quatrocentos anos de registros astronômicos, e, pelo que parece, o Sol, não o dióxido carbônico nem nenhuma outra coisa, era que estava causando as mudanças na temperatura da Terra.

Em suma, o clima era controlado pelas nuvens; as nuvens, pelos raios cósmicos; e estes pelo Sol. Tudo se resumia ao Sol. Nigel ressalta que "o Sol é uma besta incrivelmente violenta e está irradiando grandes explosões, sopros de gás e ventos solares que não param de ser enviados à Terra".

Mas se for assim, por que todos os dias nos bombardeiam pelos meios de comunicação garantindo que as mudanças são provocadas pelo homem e considerando-as um fato indiscutível?

Teorias que não são novas: o discurso da ONU

Em 1974, a BBC alertava sobre catástrofes climáticas iminentes que nos são muito familiares. O ex-diretor da *New Scientist*, Nigel Calder, relembra aqueles acontecimentos: "Publicamos uma reportagem com a opinião mais difundida do momento, que era o resfriamento global e a ameaça de uma nova Era do Gelo".

No auge do resfriamento sobre o qual políticos e meios de comunicação alertavam nos anos 1970, o cientista Bert Bolin expôs sua própria solução para o problema e foi tachado de excêntrico. Paradoxalmente, ele defendia que, se produzíssemos CO_2 na queima de petróleo e carvão, poderíamos aquecer a Terra que supostamente estava esfriando. "Não testamos ainda, mas poderia funcionar". Todos acharam sua teoria absurda. Porém, aconteceram duas coisas que mudaram o horizonte: primeiro, as temperaturas começaram a subir, e segundo, os mineiros

britânicos entraram em greve. Nos anos 1970, a crise do petróleo colocou o mundo numa recessão antecipada. Margaret Thatcher não confiava no petróleo nem no carvão, por isso queria estimular a energia nuclear. E quando a mudança climática veio à tona para o público, ela ficou contente, pois encontrou — sem ter de fazer nenhum esforço — outro argumento para defender sua iniciativa, já que a energia nuclear não produzia nenhuma emissão de CO_2. Nigel Calder destaca que "ela foi falar com os cientistas da Royal Society e lhes disse: 'Tem dinheiro em caixa para vocês provarem isso aí', e foi o que eles fizeram".

Todos os cientistas entrevistados no documentário *A grande farsa do aquecimento global* estão de acordo que, atualmente, estamos passando por uma variação climática, mas ninguém concorda que o CO_2 emitido pelo homem esteja causando o aquecimento. O Professor Nir Shaviv resume com simplicidade o que está acontecendo: "Se tivesse me perguntado há alguns anos, teria dito: 'É o CO_2'. Por quê? Porque, como qualquer outra pessoa, dei ouvidos ao que dizia a mídia".

Para os climatologistas, o clima está sempre mudando, de modo que não há nada de anormal na temperatura atual, mas os relatórios sobre o CO_2 são corroborados pela ONU. Quem tem razão? Façamos a leitura de um pequeno excerto dos documentos do IPCC:

> As evidências mostram uma clara influência da ação humana no clima do planeta, segundo o relatório de 1995 do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), uma rede mundial formada por 2.500 dos melhores cientistas e especialistas promovida pela ONU. Esses cientistas prevêem um aquecimento global entre 1 e 3,5 graus centígrados no próximo século.

Então, o que significa tudo o que vimos? Por acaso a ONU está mentindo? O Professor Paul Reiter, do Instituto Pasteur de Paris e ex-IPCC, sabe bem do que está falando quando diz:

> Essa afirmação de que o IPCC é composto de 2.500 dos melhores cientistas do mundo todo [...], se observar a bibliografia dessa gente, você vai perceber que isso não é verdade; há uma enorme quantidade de pseudocientistas. E quanto aos especialistas que não estão de acordo com a polêmica e abandonaram o grupo (e eu conheço muitos deles), simplesmente foram inseridos na lista de autores e se tornaram parte desses 2.500 melhores cientistas do mundo.

Quando renunciou ao seu trabalho no IPCC, Reiter teve que ameaçar entrar na justiça contra eles para que tirassem seu nome do estudo.

O Professor Richard Lindzen, do IPCC e do MIT, acrescenta:

> E para aumentar o número de 2.500 tiveram que começar a apelar para críticos, funcionários governamentais e qualquer conhecido. Não perguntaram a nenhum deles se estavam de acordo, e tem muitos que não estão. O pessoal decidiu que tinha de convencer mais gente, e que, como nenhum cientista discorda, você também não deveria discordar. Mas isso, embora digam que é ciência, não passa de pura propaganda. Há só uma coisa que não deveria ser dita: talvez isso não seja um problema.

A questão é que o IPCC, como qualquer outro órgão da ONU, é uma entidade política, por isso as conclusões de seus relatórios são orientadas politicamente.

Dando continuidade ao discurso propagandístico da ONU, vou separar as frases mais significativas do discurso de Helen Clark por ocasião do Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho de 2009, ocorrido antes do debate em Copenhague:

> A mudança climática é uma ameaça para todos, mas, se não agirmos, o pior impacto será sentido pelos mais pobres e vulneráveis dos países em desenvolvimento. Eles têm pouca capacidade de superar as adversidades e, portanto, muito mais gente passará a ficar malnutrida. Em alguns casos, será difícil encontrar água para eles, e podem chegar ao ponto de terem de ser realocados. Com isso, podemos constatar o quanto estão relacionadas as tarefas de combater as mudanças climáticas, reduzir a pobreza do mundo e alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.
>
> MENTIRA.
>
> Levando isso em consideração, os líderes mundiais têm uma escolha a fazer antes da reunião de Copenhague em dezembro: ou chegam a um acordo no sentido de uma produção e um consumo com menores índices de carbono, que ajude a recuperar o crescimento econômico mundial, gere empregos e coloque os países mais pobres do mundo num caminho sustentável para sair da pobreza; ou continuam como estão, ameaçando, assim, o futuro do planeta e seus habitantes.

MENTIRA.

Depois do compromisso assumido pelo secretário-geral das Nações Unidas, no Dia Mundial do Meio Ambiente de 2007, e dos compromissos subseqüentes assumidos pela junta de diretores executivos da ONU, o PNUD se unirá ao resto da ONU para cumprir com o prometido em matéria de mudança climática.

MENTIRA.

Não vou continuar, porque o restante do documento é uma série interminável de mentiras e propaganda. Nego-me a continuar dedicando espaço para a MENTIRA.

A nova era da ecologia: uma seita econômica

Recordemos também quando falamos da religião única dos *bilderbergs* promovida pela ONU e por Mikhail Gorbatchov, que visa a dar mais peso e importância à ecologia do que à vida humana. Como podem ver, os donos do mundo não trabalham sozinhos; suas políticas e estratégias estão intimamente ligadas.

Alguns, como Nigel Calder, afirmam que a ciência climática se converteu numa religião: "Toda essa história de aquecimento global é quase uma religião, e as pessoas que discordam são chamadas de hereges. Eu sou um herege. Nós que criamos esse programa somos todos hereges". Nem a Santa Inquisição foi tão ilegítima quanto o problema de que estamos tratando. No entanto, vou mais além e defendo que, mais do que uma religião, é uma seita. Isso porque nenhum de seus adeptos pode discordar. É uma seita voltada para o dinheiro, puro e simples. O Professor John Christy, do Departamento de Ciência Atmosférica da Universidade do Alabama, em Huntsville, expressa com grande sagacidade que "existe um enorme interesse em criar pânico, porque, assim, o dinheiro fluirá para a ciência climática". O Dr. Roy Spencer, do Weather Satellite Team Leader da NASA, ressalta o seguinte: "Os climatologistas precisam que haja um problema para angariarem fundos". Patrick Michaels, Professor do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade de Virgínia e ex-presidente da American Association of State Climatologists, observa que as mudanças climáticas se transformaram

num bonde burocrático que todos querem apanhar: "Agora, dezenas de milhares de postos de trabalho dependem do aquecimento global. É um grande negócio. Tornou-se, por si só, uma grande indústria". E o Professor Philip Stott, da Universidade de Londres, continua: "E se a teoria do aquecimento global fosse derrubada, haveria uma quantidade enorme de gente demitida e em busca de emprego".

Jornalistas especializados em meio ambiente, funcionários públicos medíocres que não servem para mais nada, políticos, pseudocientistas, empresários... uma turba de ladrões que gastam nosso dinheiro a fim de terem uma vida cômoda graças à mentira mais absurda de nossa era. Seria surreal se não fosse uma questão tão dolorosa para as pessoas que mais sofrem por conta das conseqüências dessa seita desalmada: os mais pobres da Terra.

Os talibãs do clima

Enfim, apesar de três anos de atraso, ouviu-se uma voz dissonante vinda de uma entidade oficial. No caso, foi o governo chinês que colocou em dúvida o papel do homem na mudança climática. Não duvido que a crítica deles tenha motivações políticas, mas, ao menos, alguém se opôs a esse absurdo.

O aquecimento global provocado pelo homem deixou de ser uma teoria sobre o clima para se transformar na ética global do século XXI. Não se pode discordar quando colocam você diante do seguinte argumento: "Se não quer contribuir para o combate às mudanças climáticas, é porque não quer ajudar os pobres do planeta. Você é uma pessoa sem sentimentos, um nazista". Ou este aqui: "Por acaso você é maluco? Como pode duvidar de uma coisa que foi comprovada cientificamente? Não ouviu os cientistas da televisão?". Como disse Konrad Lorenz (prêmio Nobel): "A humanidade está sendo doutrinada por um código de valores fictício, somente apreciado por aqueles que o manipulam".

Ao mesmo tempo, é uma questão política. Espetáculos em que os organizadores usam da palavra gritando slogans ultrapassados e enfáticos, culpando o capitalismo e sua indústria da mudança climática, movimentos do tipo *hippie*, manifestações por todo o mundo, etc.; todas essas coisas caracterizam e canalizam os protestos civis atuais contra

o sistema. Será que não percebem que estão sendo manipulados pelo Clube Bilderberg? Patrick Moore, co-fundador do Greenpeace, diz que "não gosto sequer de chamá-lo de movimento ambiental; nunca mais vou chamá-lo assim, porque, na verdade, é um movimento político com muita influência em todas as partes do mundo". Como deslocam ativistas para realizarem manifestações em diversas cidades do planeta? Se querem mesmo fazer algo a favor do clima (considerando que isso seja possível, é claro), que façam o trajeto da França a Copenhague de bicicleta.

Quando os ativistas afirmam que "não podemos mais esperar" (fala extraída do título de um livro de Martin Luther King) e que "o tempo para debates acabou", não passa de uma falácia, porque jamais existiu tal debate; a crença foi, simplesmente, imposta com base em dados fraudulentos divulgados pela grande mídia. Lord Lawson de Blaby descreve muito bem essa situação quando afirma que "há uma enorme intolerância em relação a qualquer voz dissonante. A coisa mais politicamente incorreta é duvidar dessa ortodoxia". Muitos matariam por essa ortodoxia, já que é um negócio e um modo de vida muito lucrativo. O contexto do "aquecimento global" é um dos mais bem financiados. Só os EUA destinam uma verba de 4 bilhões de dólares por ano.

O aquecimento global não é uma questão de justiça civil, é um movimento político que usa a intimidação, o medo e a censura para se legitimar. E se não reagirmos, o governo único do Clube Bilderberg se estabelecerá muito antes do imaginado. Estão aniquilando todo tipo de reação, pois a farsa é global. Ao que parece, a primeira coisa a ser globalizada foi a mentira... que coisa mais triste! A imprensa, o quarto poder, nas mãos dos donos do mundo se transforma numa arma letal.

Os principais conceitos do jornalismo se esvaneceram diante dos temas climáticos. Ninguém contesta nem se dá ao trabalho de pensar, analisar e buscar outras fontes de informação. Na grande mídia, a culpa de furacões, erupções vulcânicas e outras catástrofes naturais é colocada nas costas do aquecimento global causado pelo CO_2, mas já vimos que no passado, quando não havia fábricas, veículos nem tecnologia, o clima também era mutável. Não há informação, é pura propaganda. O público ama dramas. Se lêem que o clima está normal,

que ele se estabiliza por si só, não há matéria. Então, o que os jornais vão publicar se não tiverem notícias para contar? Agora, se divulgarem que o mundo pode entrar em chamas, então haverá notícia.

Negar esta teoria não significa que você não ama a Terra. Pelo contrário, eu amo o planeta e tudo o que vive nele, por isso sinto a obrigação de denunciar as mentiras que nos contam. Por acaso acham que somos idiotas? Pois estão muito enganados. Não somos. Será que todos nós somos loucos? Talvez. Não caiamos nessa armadilha.

Porém, como é possível um assunto ecológico se transformar numa questão moral, política, religiosa e, até, sectária? Após a queda do Muro de Berlim, o desmembramento da antiga URSS e de seu sistema comunista, os ativistas ficaram sem uma boa causa pela qual lutar, por isso tiveram que explorar novos horizontes. O "movimento ambientalista" é uma forma de crítica a todo o sistema capitalista atual. É a sua maneira de canalizar o ataque contra um meio de vida que odeiam, por isso adoram o ambientalismo a ponto de transformá-lo numa seita. Para eles, o CO_2 é um símbolo da industrialização capitalista, e acreditam que, assumindo essa postura contrária, estarão contra o sistema, quando, na realidade, se verifica o paradoxo de que estão sendo manipulados pelos poderosos que acreditam estar combatendo.

O Professor Frederick Singer, ex-diretor do US National Weather Service, ressalta que "existem forças no movimento ambiental que vão de encontro ao crescimento econômico, pois acham que é uma coisa ruim". O Professor Philip Stott acrescenta: "Serve para legitimar uma porção de mitos que já existiam: anticarros, anticrescimento, antidesenvolvimento e, sobretudo, contra esse grande vilão: os EUA".

O pior é que toda mentira gera vítimas e, nesse caso, os mais prejudicados são os pobres da Terra. James Shikwati, economista e escritor africano, salienta o seguinte: "Uma coisa que fica bem clara em tudo isso é que há gente interessada em arrasar o sonho africano. O sonho africano é o próprio desenvolvimento". Por que as superpotências permitiram a descolonização da África? O continente tem carvão e petróleo, mas os governos ocidentais e seus ativistas subornados o pressionam para que não use essas energias. Eles afirmam que a África e o resto do mundo em desenvolvimento devem utilizar as energias solar

e eólica para gerar eletricidade. No entanto, se nós mesmos ainda não as usamos em nossas casas por serem até três vezes mais caras que as fontes de energia convencionais, como é que os mais pobres vão ter condições para isso? Seria puro cinismo, se não fosse pura maldade. E não nos esqueçamos da questão do Coltan. Estão sendo criadas redes tirânicas de dependência por meio de instrumentos inviáveis a fim de criar obstáculos ao desenvolvimento econômico. Um provérbio ancestral fala que a riqueza é amaldiçoada. E quanta maldição há na crueldade e na mentira?

Penso que as meias verdades são mais perigosas que as mentiras, e este é o método de ação dos pseudoclimatologistas defensores da vida na Terra. As evidências deixam claro que estamos diante de um período climatológico diferente, mas não é verdade que a culpa disso seja do homem. Nossos rios estão contaminados, não há controle da devastação indiscriminada de florestas em várias regiões do mundo, as praias estão cheias de lixo e desperdiçamos fontes de energia e recursos. Uma coisa é o problema relacionado a esses fatores, outra bem diferente é que nossas emissões de CO_2 estejam aquecendo o clima e, por conseqüência, a humanidade seja capaz de desencadear as incontroláveis forças da natureza. Por acaso somos deuses?

Qual foi a contribuição dos ativistas contra os terremotos do Haiti e da China, ou contra o vulcão Eyjafjallajökull na Islândia? Nenhuma. Embora esses fenômenos liberem mais CO_2 do que toda a humanidade combinada é capaz de emitir. Terá Al Gore enviado a esses países parte do dinheiro ganho com suas conferências e prêmios? Não. Por que a grande mídia não fala nada a respeito do CO_2 liberado pelo vulcão islandês? Espero com a paciência de um *bilderberg*, dia após dia, que esses dados apareçam na imprensa, na televisão, mas eles estão absortos, reféns de um único pensamento, e não há espaço nos meios de comunicação para debates e verdades, enquanto observo perplexa o desfile solene das grandes mentiras do século XXI.

A única coisa que ouvi nos meios de comunicação, além da questão do caos aéreo, é que a explosão do vulcão islandês se deveu à força e à energia dinâmica da Terra. Há duzentos anos ele estava inativo, o que significa que, nessa oportunidade, mostrou todo seu potencial, como o fez a partir de 15 de abril de 2010. Houve muitos comentários do tipo:

"Os especialistas garantem que não nevava assim há cinqüenta anos". "Não chove com tanta constância há vinte anos". O que quer dizer que tais coisas já ocorreram anteriormente. O clima é cíclico e gera mudanças na Terra. Estamos vivendo um novo ciclo geológico, como o que transformou em deserto algumas florestas do México e o Saara.

Verifica-se um claro objetivo na obrigatoriedade da exibição do filme de Al Gore nas escolas: doutrinar as crianças. Não querem a religião católica, mas, sim, que as crianças cresçam com um sentimento de culpa em relação ao prejuízo que os humanos (supostamente) causam ao planeta. Por isso, a "mudança climática" é mais do que uma ideologia, mais que uma religião. Não me cansarei de repetir que é uma seita, porque não permitem que a humanidade tenha uma idéia própria, uma crença distinta daquela que querem impor.

O "aquecimento global" é uma questão absurdamente emocional. O medo é o alicerce para controlar as pessoas e torná-las massa de manobra. O aquecimento global é utilizado como arma psicológica e é a melhor justificativa para se obter financiamento dos governos e, sobretudo, é o argumento ideal para que o mundo inteiro colabore em torno de um governo único que será capaz de solucionar o problema. Al Gore disse: "Se o tema em questão não está na boca de seus eleitores, então é muito fácil que o ignorem. Dizem: 'Amanhã mudamos isso'". Quanto cinismo! Uma última pergunta: por que Al Gore aparece em seu documentário pegando um vôo comercial, se ele sempre viaja com seu jato privado?

A meu ver, acho que ficou bem claro que a teoria, ou política, do aquecimento global antropogênico é falsa. O que me resta dizer é que o *modus operandi* do Clube Bilderberg para reduzir a pobreza nos países menos desenvolvidos não é lutar contra o clima, mas aplicar políticas eugenistas, como veremos a seguir.

O pensamento único do "aquecimento global causado pelo homem" é uma grande mentira que demanda uma insurreição por parte dos verdadeiros cientistas contra as figuras midiáticas, a propaganda e a pseudociência. Os cientistas, políticos e ativistas que conhecem a verdade traem o que afirmam defender: a vida humana. São traidores da vida alheia e defensores de seus interesses pessoais. Dissimulados e impostores. Hoje em dia, o oportunista é a espécie de gente mais comum.

Ganhamos em ignorância e perdemos em capacidade racional. Tanto o Canal 4 britânico quanto os cientistas que consentiram em participar de seu documentário deram um passo muito importante. Mas que não seja o único. Façamos o bem em prol daqueles que mais são prejudicados pela mentira. Enquanto a Europa morre espiritualmente, a África morre fisicamente. Porém, não é só o Clube Bilderberg que as está matando, mas todos que alimentam essa mesma mentira.

CAPÍTULO 10

A tática das pandemias

O medo é um sentimento que
gera a expectativa de um mal.
— Aristóteles[1]

Os meios de comunicação levaram o pânico a todos os cantos do planeta. Começou na primavera de 2009, num ano em que ninguém esperava que fosse acontecer. Rapidamente, sem prévio aviso, a Organização Mundial da Saúde, órgão pertencente à ONU,[2] ousou afirmar que, no mínimo, 150 milhões de pessoas morreriam vítimas da gripe A, quatro vezes mais que as mortes causadas pela gripe do ano de 1918. O governo do Reino Unido chegou a aventar a possibilidade de disponibilizar valas comuns e falou em 60 mil mortes. Os políticos ingleses mais alarmistas falaram em 700 mil casos, mas não passaram de sessenta. Na Espanha, a gripe A ceifou a vida de 275 pessoas, enquanto que a gripe sazonal mata entre 3 e 4 mil pessoas todos

1 Aristóteles (384–322 a.C.), filósofo grego.

2 A Organização Mundial da Saúde (OMS) é o órgão das Nações Unidas (ONU) especializado na gestão de políticas de prevenção, promoção e intervenção em saúde no contexto mundial. Foi criada por iniciativa do Conselho Econômico e Social da ONU, que promoveu a redação dos primeiros estatutos da OMS. A primeira reunião da OMS aconteceu em Genebra, em 1948. Os 193 Estados-membros da OMS comandam a organização por meio da Assembléia Mundial da Saúde. A assembléia é composta de representantes de todos os Estados-membros da OMS.

os anos. O alarmismo infundado custou aos espanhóis 333 milhões de euros em vacinas e antivirais. Mas por que a OMS declarou o vírus da gripe A como uma pandemia, se teve uma mortalidade inferior à da gripe sazonal? Várias frentes de cientistas, políticos e cidadãos acusam a OMS de colaborar na estratégia dos laboratórios farmacêuticos, que têm o intuito de criar um alarmismo global com a finalidade de se enriquecerem por meio da venda de vacinas. Mas será que tudo, ou melhor, todos fizeram isso por dinheiro?

Muitos cidadãos acharam que o motivo do alarmismo da gripe A não era outro senão o enriquecimento de donos de indústrias e políticos vinculados às empresas de medicamentos. Mas foi justamente o contrário. O Clube Bilderberg tem interesse em manter relações com donos e acionistas de laboratórios farmacêuticos porque eles são instrumentos do clube, manipulados pelos membros do núcleo duro para manter sob controle a população mediante o medo constante. Os lucros substanciais que as farmacêuticas obtêm é o pagamento pelos serviços prestados à causa. Neste contexto, como em muitos outros, para o Clube Bilderberg o fim não é o dinheiro, mas o controle social. A ilusão é que querem que acreditemos que fazem isso por dinheiro. Pois é aí que mora a mentira usada para despistar a opinião pública.

Esse caso serve para entendermos como eles atuaram e como atuarão no futuro, criando um alvoroço por meio da exploração do temor pelas nossas vidas. Aliás, o mesmo voltou a acontecer pouco tempo depois, justamente no outono de 2014, com o vírus ebola, que se tornou o maior protagonista dos noticiários, apesar de estar impregnado na África desde os anos 1970 e ninguém ter dado a mínima atenção até então. Nos EUA, a encenação foi digna de um filme de Hollywood, com ruas fechadas e policiais motorizados abrindo caminho para as ambulâncias que levavam os doentes recém-chegados do continente negro até o hospital. Os "heróis do ebola" foram declarados "personalidades do ano" pela revista *Time*, vinculada ao Clube Bilderberg.

O fato de que políticos, não os cientistas, se tornaram porta-vozes da gripe A significa que essa doença, mais do que um caso de saúde pública, é uma questão política. Mas como é possível que isso aconteça? Simples: porque o Clube Bilderberg domina todos os aspectos da nossa

vida cotidiana e, por meio de sua rede de fantoches (nesse caso, inserida na OMS), dá ordens aos governantes para que nos informem daquilo que julgam ser devido. Por que permitimos uma coisa dessas? Onde estão os especialistas, os cientistas, aquelas pessoas que têm o embasamento para informar a sociedade da verdadeira natureza e das conseqüências desse e de outros males? Estão amordaçados, não lhes dão espaço nos meios de comunicação e são forçados a ficarem calados por medo de possíveis represálias.

Novamente, só que dessa vez no âmbito da saúde, surge o medo como pilar fundamental para o controle da sociedade. Deixemos o temor de lado! Não podemos viver desse jeito. Não deixemos que nos manipulem com mentiras. Se os políticos influenciam na questão da gripe A, então é porque não passa de propaganda. Será que isso não está claro o bastante? Hoje, a política não defende certos ideais, mas os interesses dos donos do mundo. No entanto, será que não percebem que os autênticos donos de suas vidas são vocês mesmos? Não tenham medo. Sem falar que é um medo irracional, absurdo. Ficamos aflitos com questões que são pura mentira, sem nenhuma base na ciência ou na realidade. Devemos fazer jus ao exemplo do Presidente Franklin Delano Roosevelt, quando em seu discurso de posse (em 4 de março de 1933) proferiu, diante de 250 mil pessoas, as seguintes palavras: "[...] permitam-me manifestar minha total convicção no fato de que a única coisa que devemos temer é o próprio temor, o medo anônimo, irracional e sem sentido, que impede todos os esforços necessários para transformar o retrocesso em progresso [...]".

Este não é o momento para retrocessos em nossa luta pela liberdade, porque nos encontramos mais escravizados do que nas épocas históricas em que o povo brigava com unhas e dentes pela emancipação. Lembrem-se do que aconteceu depois da Revolução Francesa: instaurou-se o que os historiadores chamam de período do terror. Napoleão, valendo-se do medo, aboliu os direitos adquiridos. Encontramo-nos diante de um momento decisivo, e não nos resta alternativa a não ser lutar. Porém, não estamos aqui falando de uma luta física, na guerra travada contra nós não se utilizam armas, mas apenas mentiras e propaganda. Trata-se de uma batalha espiritual.

Nessa guerra de narrativas, com a qual desejam nos confundir para que não saibamos o que é verdade e o que é mentira, os donos do mundo empreenderam uma campanha contra nossa saúde. No tocante à mentira da gripe A, há aqueles que acreditam que os poderosos fazem isso por dinheiro, mas não é o que os *bilderbergs* querem; com o dinheiro, eles compram quem está em posição inferior na escala hierárquica, nesse caso as farmacêuticas, e usam esses indivíduos como meras ferramentas para nos amedrontar.

Fui testemunha de como uma amiga, que além de tudo era filha de médico, ingeria o famoso Tamiflu por medo, já que, em virtude da propaganda em massa nos veículos de comunicação, estava convencida de ter contraído a gripe A. Porém, não era a doença que havia se instalado nela, mas um temor infundado; ela tinha criado uma auto-sugestão por conta do alarmismo que absorvia pelas mensagens da imprensa. Por sua vez, um amigo contraiu o vírus e só ficou sabendo quando, passados os sintomas, relatou o que sentira ao seu médico, e este confirmou que ele tinha contraído a doença: "É como uma gripe normal, mas agravada com dores na barriga", meu amigo me contou. Mas a comoção social foi às alturas, e todo mundo ficou com medo. Todo mundo? A seguir, veremos que não.

Uma pandemia "global"

A comoção da gripe suína, depois chamada de gripe A, representou a primeira experiência do Clube Bilderberg na disseminação de um pânico sanitário global, ou seja, de um temor que tomaria conta de todos os habitantes do planeta. O grupo, então, surfou na onda do catastrofismo. E é preciso dizer que não tiveram tanto sucesso como previram. Na Suécia, a propaganda das autoridades e dos meios de comunicação provocaram na maior parte da população uma reação contrária à iniciativa de coagir os cidadãos a tomarem a vacina. Assim como em outros lugares do mundo, o governo declarou o seguinte: "Se 80% da população não tomar a vacina, correremos o risco de ter 100 mil mortes pela gripe suína".

Felizmente, um número expressivo de cidadãos questionou os motivos para a vacinação em massa. De acordo com o jornal sueco *Svenska*

Dagbladet, a vacina provocou diversos óbitos e centenas de pessoas que a tomaram sofreram efeitos colaterais, sendo que, ainda hoje, não se sabe ao certo quais conseqüências ela pode acarretar em longo prazo. Alguns cientistas afirmaram que a vacina contra a gripe A contém uma mistura de substâncias muito perigosas e até fatais, e, segundo o jornal *Tages-Anzeiger*, as autoridades governamentais mudaram as diretrizes para a vacinação de mulheres grávidas e crianças pequenas, recomendando uma vacina sem adjuvantes. Essa decisão coincidiu com os protestos na Alemanha contra a utilização de ingredientes tóxicos justificada pela alegação de que haveria uma pandemia.

Até um porta-voz da farmacêutica suíça Swissmedical, Joachim Gross, viu-se obrigado a declarar o seguinte: "Como as vacinas não possuem dados clínicos suficientes, especialmente para crianças e gestantes, daremos recomendações específicas para a vacinação". Na campanha de vacinação de 2009, uma pessoa na Suécia morreu de ataque cardíaco após ser vacinada e mais de duzentas pessoas sofreram efeitos colaterais. Vejamos algumas das declarações obtidas pelo jornal *Expressen.se-Hälsa*.

O médico-chefe Pietro Vernazza, do Hospital St. Gallen, injetou em si mesmo o adjuvante AS03 da GSK como parte de um estudo e afirmou: "Pude sentir que meu braço doía. Foi difícil dormir à noite. Em alguns casos, pode haver febre, e algumas pessoas podem ter dificuldades de mobilidade por alguns dias".

A enfermeira Lotta Lindström, de 49 anos, acordou com febre alta e calafrios, um dia após ter tomado a dose da vacina.

> Isso é muito preocupante. Na mesma noite em que tomei a injeção, não consegui dormir nada, porque a dor no meu braço era muito forte. Meu corpo inteiro estava tremendo, sem forças, a ponto de não conseguir sequer sustentar um copo de água. Agora fico imaginando o que será que eles injetaram em nós. Estou muito abalada mesmo. É uma sensação desagradável demais.

Maria Strindlund, também enfermeira, relatou:

> Já que trabalho como enfermeira, concluí que tomar a vacina era a melhor coisa que podia fazer. No início, não senti nada, mas, poucas horas depois, os efeitos colaterais começaram a se manifestar. Estou

> com uma dor aguda no braço. Nem consigo levantá-lo. Fiquei deitada na cama, tremendo e com muito frio.

No dia seguinte, no trabalho, ela sentiu uma febre tomando conta e, logo depois, teve dores de cabeça. Strindlund afirma que muitos de seus colegas que também tomaram a vacina sofreram com efeitos semelhantes, e que foi a primeira vez que ela teve esse tipo de sensação depois de ser vacinada.

Como podem ver, o pior é que estiveram brincando com a nossa saúde, usando cidadãos comuns como ratos de laboratório, nos quais injetaram uma vacina cujos efeitos em humanos eram desconhecidos. É uma atitude diabólica.

Rebecka Andersson foi a primeira pessoa que se vacinou na Suécia. "Perdi toda a energia. Nunca fico doente, por isso deve ser a vacina". Seus colegas de sala também se vacinaram na mesma ocasião, e ela afirmou que cinco dos dezenove ficaram doentes por causa da vacina contra a gripe A.

Annika Linde, diretora do Instituto Sueco para o Controle de Doenças Infecciosas (SMI), quis sanar a polêmica da seguinte maneira:

> A vacina contra a gripe A tem mais efeitos colaterais do que a vacina contra a gripe normal. É sinal de que ela proporciona uma proteção efetiva. Tem mais efeitos colaterais porque contém adjuvantes, óleo de fígado de tubarão, o que provoca uma resposta de defesa do sistema imunológico. Mas isso também significa que ela é melhor na proteção contra o vírus.

Os alemães se revoltam

Em outubro de 2009, na Alemanha, os cidadãos protestaram contra o projeto do governo de vacinar toda a população, depois de o exército resolver encomendar uma vacina sem metais pesados, mercúrio nem adjuvantes, e produzida do mesmo modo que as vacinas antigripais de costume.

Alexander Kekulé, microbiólogo da Universidade de Halle, na Alemanha, foi à televisão para alertar o governo sobre o perigo das vacinas contra a gripe A para a população, afirmando que os adjuvantes

causam graves efeitos colaterais. Kekulé disse que esse tipo de ingrediente não deveria ser utilizado.

A porta-voz do Instituto Paul-Ehrlich, Susanne Stöcker, defendeu a vacina, dizendo que "cumpria os critérios da União Européia", mas não informou que o órgão regulador da União Européia, a EMEA, havia declarado que não existiam dados sobre qual seria o impacto dessa vacina com adjuvantes ilegais sobre gestantes e crianças.

"A monja da gripe A"

A monja beneditina do monastério de Sant Benet de Montserrat, em Barcelona, Teresa Forcades, que também é teóloga e doutora em medicina, postou, em 2009, um vídeo no YouTube intitulado *Campanas por la gripe A* [Badaladas de sinos pela gripe A], que teve um sucesso e uma difusão imensos na rede, gerando grande polêmica nos meios de comunicação convencionais. O motivo? Ela se atreveu a questionar e criticar a gestão política e farmacêutica da gripe A, além de chamar a atenção da população para que esta se mobilizasse contra a obrigatoriedade da vacinação.

Conforme ressaltou Forcades, que fez residência em Clínica Médica em Nova York, a imunização contra a gripe A só se torna obrigatória a partir do momento em que a OMS a declara uma pandemia, visto que, desde 2005, a organização pode mandar que os governos forcem a população a se vacinar em casos de pandemia. Embora na Espanha e em outros países a vacinação não tenha sido obrigatória, houve uma grande polêmica nos Estados Unidos em torno do assunto. Lembram-se dos capítulos anteriores em que falamos sobre a possível transformação da ONU num governo mundial? Lembram-se de que seus órgãos internacionais, como a OMS, acabariam se tornando ministérios globais com capacidade de obrigar os cidadãos a obedecerem às suas ordens? Pois, com a suposta pandemia da gripe, foi realizado um ensaio prévio. O incrível desse caso é que muitas pessoas — muito mais gente do que eles imaginavam — não se conformaram com a imposição.

Forcades é autora do livro *Los crímenes de las grandes compañías farmacéuticas*, no qual denuncia que os conglomerados farmacêuticos

conquistaram um grande poder econômico e político que lhes permite auferir lucros exorbitantes, mesmo que às custas da saúde da população. Na ocasião, a beneditina defendeu que a "nova gripe" não é nova por ser do tipo A nem do subtipo H1N1. A novidade é ela pertencer à cepa S-OIV. Além disso, ela lembra que a epidemia de gripe do ano de 1918 foi do tipo A (H1N1), e desde 1977 os vírus A (H1N1) fazem parte da gripe comum sazonal.

Para Forcades, foi importante destacar que, desde que a doença foi detectada, em abril de 2009, até 15 de setembro do mesmo ano, morreram 137 pessoas na Europa e 3.559 em todo o mundo, enquanto que a gripe estacionária mata entre 40 mil e 200 mil pessoas anualmente. A OMS anunciou a pandemia em 11 de junho de 2009. De acordo com a religiosa, as indústrias farmacêuticas estão exigindo que os governos celebrem acordos para que, no caso de as vacinas provocarem efeitos colaterais graves, a indústria fique isenta de toda e qualquer responsabilidade. Só faltava essa! Eles nos forçam a tomar a vacina e, se acontecer algo conosco, nós somos os culpados. Parece muito com um suicídio.

A doutora garante que a gripe A é uma pandemia criada pelos grandes laboratórios e ressalta que estes usam co-adjuvantes muito potentes para estimular o sistema imunológico, que podem até decuplicar a resposta imunológica, o que poderia provocar doenças auto-imunes graves com o passar do tempo. Isso quer dizer que a vacina atenta contra a nossa saúde e debilita nosso sistema de defesa.

A indústria farmacêutica obteve quantidades indecentes de dinheiro com o famoso fármaco da vacina contra a gripe A. Como diz o escritor inglês William Boyd: "Quando você gera quantias absurdas de dinheiro, sempre surge a tentação de se quebrar as regras".

A população contra o governo chileno

Graças ao meu colega Francisco Luna, jornalista do El Ciudadano TV,[3] fiquei sabendo que no Chile foi interposta uma ação contra o Ministério da Saúde.[4] No dia 9 de abril de 2010, as advogadas Margarita Barbería

3 www.elciudadano.cl

4 http://www.elciudadano.cl/2010/04/14/20935/presentan-recurso-de-proteccion-en-contra--del-ministerio-de-salud-por-vacuna-ah1n1/.

e María Riveros, representando Andrea Santander, da organização Detengan la Vacuna, apresentaram uma medida cautelar contra o Ministério da Saúde em virtude de sua campanha de vacinação contra a gripe A (o respectivo procedimento de inoculação da gripe A terminava em 30 de abril). "A campanha que o ministério está realizando fere o direito à informação, o direito à vida do nascituro, o direito à propriedade e à segurança, todos previstos na Constituição, que assegura que nenhum desses direitos será violado", ressalta Barbería.

A petição assinala que falta informação sobre as conseqüências da vacina e de sua aplicação em gestantes. As advogadas apresentaram um estudo no qual se verifica não haver nenhuma certificação de que a vacina não põe em risco a vida do feto. Ademais, elas solicitaram que cada pessoa pudesse escolher livremente se desejava submeter-se ou não à vacinação. Segundo Riveros,

> [...] estamos entrando com um mandado de segurança para que os tribunais impeçam a vacinação em massa, enquanto a informação não for disponibilizada e não seja da vontade das pessoas tomar a vacina. Temos um documento do ISP (Instituto de Saúde Pública) que alerta os profissionais da saúde do fato de que, como a vacina não foi testada em gestantes, é preferível vacinar apenas os indivíduos que estejam em estado mais grave.

No Chile, a imprensa investigou os casos de mortes e efeitos colaterais registrados na Europa. Depois da ação interposta e das queixas da organização Detengan la Vacuna, a subsecretária de Saúde, Liliana Jadue, através de sua porta-voz de imprensa, garantiu que estudaria o tema num futuro próximo.

De acordo com o salientado por Andrea Santander, o ISP estaria a par das contra-indicações da vacina por conta de um documento que o laboratório Sanofi Pasteur lhe enviou em 25 de fevereiro de 2010. Santander o mostrou diante das câmeras de televisão e acrescentou que a população chilena não foi informada de tais efeitos colaterais.

Argentina alerta sobre a gripe A de 2010

Um ano depois, na Argentina, começava a campanha de vacinação de 2010 contra a gripe A. As manchetes dos jornais e demais meios de

comunicação eram iguais às do ano anterior. Por exemplo, no jornal *Clarín*, lia-se: "Gripe A: aconselham que não demorem a tomar a vacina". No corpo da notícia, vinha o seguinte texto:

> [...] os laboratórios de todo o mundo focaram suas produções na vacina monovalente, que previne especificamente esse vírus [...]. O diretor de Epidemiologia, Mario Masana Wilson, esclareceu que "do total de amostras correspondentes a doenças do tipo influenza estudadas na Província (Buenos Aires) durante 2009, 95% eram por gripe A HINI, e se espera que ocorra o mesmo neste ano".

De novo, mais alarmismo.

> A Organização Mundial da Saúde afirmou ontem que os meios de comunicação on-line geraram confusão a respeito da gripe A, apesar de um relatório apresentado em Viena ter considerado que esses sites poderiam colaborar com o alerta em caso de epidemias. Houve "informações, rumores, muita especulação e críticas em diversos canais" midiáticos, opinou em Genebra o conselheiro especial para as gripes, Keiji Fukuda.

Certamente o Sr. Fukuda conhece o vídeo *Operación Pandemia*, produzido por Julián Alterini para o YouTube. O argentino fez uma denúncia contra o medo difundido pela grande mídia sobre a suposta pandemia global, e, no dia 26 de abril de 2010, seu vídeo tinha 8.437.352 visualizações. Entre outras questões, Alterini salientava:

> Em 1996, a empresa farmacêutica norte-americana Gilead Sciences patenteia o Tamiflu como medicamento contra vários tipos de gripe. Em 1997, Donald Rumsfeld, como membro da diretoria da Gilead Sciences desde 1988, é nomeado presidente da diretoria da empresa. A referida empresa chegou a um acordo com o laboratório suíço Roche para fabricar e distribuir o Tamiflu até o ano de 2016 em troca de uma comissão de 10% do total de vendas. Donald Rumsfeld presidiu a diretoria até 2001, quando foi nomeado secretário de Defesa no primeiro mandato de George W. Bush. O Tamiflu é um dos dois fármacos recomendados pela OMS para combater a gripe suína. Qual a melhor maneira de comercializá-lo senão gerando uma necessidade alimentada pelo medo e pela paranóia da sociedade? As ações na bolsa da Roche subiram em cinco dias, de 23 a 29 de abril, cerca de 50%. O Tamiflu

tem efeitos colaterais psicológicos e psiquiátricos. No Japão, a morte de quatorze crianças por causa das infecções cerebrais levou o governo a proibir o Tamiflu durante o ano de 2007. Segundo a *Associated Press*, nos dias atuais, morrem no mundo, todos os anos, cerca de 2 milhões de pessoas por causa da malária, 2 milhões de crianças por diarréia (mortes que poderiam ser evitadas com um soro oral que custa 25 centavos de dólar) e 10 milhões de pessoas por causa de doenças curáveis, como sarampo ou pneumonia. Quantas dessas mortes estão nas manchetes dos jornais? Nenhuma.

"O *filho da gripe A*"

Ocorreu no estado mexicano de Veracruz.[5] No dia 26 de abril de 2009, confirmaram que Edgar Hernández, de seis anos, tinha a gripe A. O garoto se recuperou após oito dias, mas, três semanas mais tarde, alguém desceu do céu, vestido com a camisa e o boné característicos dos membros do PRI (Partido Revolucionário Institucional do México). Fidel Herrera, governador de Veracruz, fez uma aparição espetacular de helicóptero e, sem saber que o menino estava curado, comunicou à sua mãe, todo consternado, que Edgar tinha obtido resultado positivo no teste de gripe suína.

O garoto se tornou, contra a sua vontade, o foco das atenções do mundo inteiro, e o governador do Estado mandou erigir uma estátua do menino no parque La Gloria, seu povoado. Seria a eterna lembrança do jovem cuja morte era certa. Hoje em dia, aqueles que acreditam que sua recuperação foi um milagre jogam moedas na água da fonte que circunda sua estátua. Todos os veículos de imprensa diziam que Edgar espalharia sua doença pelo planeta, transformando-a numa pandemia global, a grande pandemia do século XXI, assim como afirmava a OMS. Mesmo já havendo outros casos de gripe suína no México, alguém o indicou como o primeiro caso do mundo, escolhendo-o como símbolo, assim como o garoto Elián se tornou a referência da Cuba castrista.

O governador presenteou a família com uma viagem luxuosa ao Porto de Veracruz e uma van. O povoado de La Gloria também conseguiu

---

5 Samuel Maio, *El Mundo*, Crônica, domingo, 25 de abril de 2010.

uma parte do bolo, pois, como tinha se tornado o centro das atenções, ostentava uma imagem rural muito ruim, então era preciso receber diversas melhorias. O pessoal lá de cima enviou uma cozinha móvel que alimentou durante três meses os 3 mil vizinhos do município, um luxo para uma comunidade rural que comia milho e feijão em tempos de seca.

La Gloria, um dos milhares de povoados mexicanos largados ao deus-dará, também recebeu verbas para restaurar a igreja e foi iniciada a construção de um campo de beisebol, cuja obra não foi concluída. Falou-se muito sobre reformar a escola e transformar a comunidade num importante destino turístico, como anunciou o governador diante das câmeras de meio mundo. Mas não deu em nada: não há água potável, e o vendedor quer que lhe devolvam o sino da igreja porque o governo não o pagou. Uma idosa do local afirmou: "Nãããão, essa história de gripe é bobagem. Na minha época, nos curavam pegando urina quente e tomate, e depois esfregavam a mistura nas nossas costas e na barriga. Aqui sempre teve gripes nas mudanças de estação".

No México, morrem 14 mil pessoas por ano em razão de doenças respiratórias, ao contrário da gripe A, que contabilizou 1.185 óbitos até abril de 2010, segundo a Secretaria da Saúde. O governo gastou 55 milhões de euros em vacinas para a gripe A.

Como em uma das lendas do realismo mágico, até hoje não sabemos por que La Gloria foi declarada como marco zero da suposta pandemia. Três meses e meio depois de o resultado do teste de Edgar dar positivo, a OMS declarou nível 6 de pandemia (em 11 de julho de 2009), o grau mais elevado que existe. Creio ter demonstrado que tudo não passou de pura farsa.

Porém, apesar disso tudo, a vida continuará seguindo seu curso, enquanto os donos do mundo esperam avidamente pelo descobrimento de uma nova pandemia que permitirá que alguns encham seus cofres e outros nos transformem em escravos.

Rockefeller e a eugenia

A suposta pandemia da gripe A e sua duvidosa vacina também estão relacionadas diretamente com o plano de redução populacional que a

alta cúpula do Clube Bilderberg colocou em prática há mais de duas décadas. O uso de vacinas que prejudicam o sistema imunológico humano está vinculado à política eugenista disseminada pelos *bilderbergs*. David Rockefeller interveio (no âmbito do Business Council for the United Nations), como presidente do Grupo Rockefeller, na Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento realizada na primeira quinzena de setembro de 1994, no Cairo (Egito), organizada pela ONU. Estas foram suas palavras:

> Ironicamente, nossas próprias inovações, que estão trazendo grandes progressos em benefício da existência humana, estão criando também novos problemas que apontam para a presença de um desastre alarmante, e possivelmente catastrófico, para a biosfera em que vivemos. Eis aqui o dilema enfrentado por todos nós. Permitam-me exemplificar: os avanços na saúde pública estimularam uma queda de 60% na taxa de mortalidade infantil mundial nos últimos quarenta anos. No mesmo período, a expectativa média de vida aumentou de 46 anos na década de 1950 para 63 anos hoje.
>
> Essa é uma evolução que, como indivíduos, só podemos exaltar. No entanto, o resultado dessas medidas positivas é que a população mundial cresceu em progressão geométrica no mesmo curto período de tempo até quase 6 bilhões de pessoas, e pode facilmente superar os 8 bilhões no ano de 2020. O impacto negativo do crescimento populacional em todos os ecossistemas planetários está se tornando evidente.[6]
>
> O acelerado aumento da exploração e do fornecimento mundial de energia e água é um tema de grande preocupação, e os subprodutos tóxicos da industrialização altamente propagada elevaram a contaminação atmosférica a níveis perigosos.[7] A menos que as nações concordem em trabalhar juntas[8] para enfrentar esses enormes desafios representados pelo crescimento populacional, o consumo excessivo dos recursos e a degradação ambiental, as expectativas de uma vida decente em nosso planeta estarão ameaçadas.
>
> A reunião da ONU no Cairo está adequadamente focada num dos assuntos-chave: o crescimento populacional. Mas as controvérsias que

---

6 A ecologia como centro do mundo tem mais importância do que a vida humana. Há uma mudança cultural.

7 Isso remete diretamente à teoria da mudança climática, também criada pelo Clube Bilderberg.

8 Propaganda de seu desejado governo mundial por intermédio da ONU.

> surgiram na conferência ilustram o problema de se apegar a temas que são profundamente decisivos e que têm uma profunda dimensão moral. As Nações Unidas podem — e deveriam — cumprir um papel essencial para ajudar o mundo a encontrar uma maneira satisfatória de estabilizar a população mundial e estimular o desenvolvimento econômico de uma maneira que seja sensível às considerações religiosas e morais.[9]
>
> Claro que o crescimento econômico é inevitavelmente proporcional a uma população crescente e é essencial para melhores padrões de vida, mas, sem uma coordenação cuidadosa para conter o crescimento econômico[10], o meio ambiente pode ser ainda mais ameaçado. Esse foi um tema importante na discussão da conferência do Rio de Janeiro sobre meio ambiente (Rio–92) há dois anos. O foco na época foi o crescimento sustentável e o desenvolvimento global. Salientaram na conferência que o crescimento é melhor controlado pelo setor privado[11], mas a regulação do processo por governos nacionais e órgãos internacionais também é necessária, e, mais uma vez, as Nações Unidas devem estar entre os catalisadores e os coordenadores desse processo.[12]

Em seu discurso, podemos observar várias tendências propagandistas. Primeiro, Rockefeller salienta a idéia da necessidade de conter o crescimento humano para evitar uma superpopulação. Daí ser imprescindível aprovar medidas eugenistas. Por que a vacina contra a gripe A causa tantas mortes e tem tantos efeitos colaterais em longo prazo a ponto de ninguém (exceto os *bilderbergs*, imagino) saber responder? E agora, 26 anos depois desse discurso, estão sendo concedidas as maiores facilidades para o aborto e a eutanásia nos países ocidentais. A Nicarágua, que se negou a legalizar a prática do aborto, está sofrendo pressões dos governos mais maçons. Em segundo lugar, deve-se ressaltar o papel preponderante e exclusivo que Rockefeller visa a atribuir à

---

9 Propaganda de seu desejado governo mundial por intermédio da ONU.

10 Ora, podemos observar os planos do Clube Bilderberg para criar a crise econômica e financeira global da qual estamos padecendo. Lembremos que eles atuam e planejam com anos de antecedência, e aqui podemos comprovar a tese, já que se trata de uma conferência da Rockefeller do ano de 1994.

11 David Rockefeller declarou em 1° de fevereiro de 1999, na *Newsweek International*: "Algo deve substituir os governos, e o poder privado me parece a entidade mais adequada para a tarefa".

12 De novo a ONU como centro do governo mundial a serviço da elite global.

ONU nessa tarefa de regular o desenvolvimento da população mundial. A ONU é o órgão que os *bilderbergs* querem como governo mundial, controlado, é claro, por uma elite privada. Ou seja, por eles.

Uma vacina contra a liberdade individual

Barbara Loe Fisher, presidente do Centro Nacional de Informação sobre Vacinas dos EUA, relatou que a legislação da vacina da gripe A instaurada em alguns estados norte-americanos infringe o poder de escolha e liberdade do cidadão. Por que não se adota toda essa série de medidas exageradas e comoções sociais contra a gripe comum, a qual são incapazes de curar e mata milhares de pessoas anualmente? Por que não destinam a verba da gripe A para o tratamento de gripe sazonal, malária, varíola, ou mesmo para o combate à fome?

Fisher esclarece que "80% de todas as enfermidades gripais não são causadas pelas cepas A ou B da gripe, nem mesmo pelas cepas contidas nas vacinas anuais. A imunidade adquirida com a vacinação é temporária, ao passo que a imunidade adquirida de forma natural, após debelar a gripe, tem maior duração". De acordo com Fisher, isso significa que existem indícios de que as pessoas nascidas antes do ano de 1957 estão naturalmente protegidas e têm menores chances de serem infectadas, porque os sobreviventes da gripe causada por cepas semelhantes às que circularam em décadas anteriores dispõem de anticorpos de longa duração, que os ajudam a superar a infecção.

"O novo tipo de gripe A H1N1, que os especialistas em saúde pública dizem estar adoecendo pessoas do mundo todo, é uma combinação pouco comum de vírus humanos, aviários e suínos". De onde e como surgiu essa miscelânea? Parece que ninguém sabe dizer ao certo como o vírus H1N1 foi gerado, embora a Irmã Forcades indique a possibilidade de que seja um vírus criado em laboratório. Não se sabe também se ele se manifestará, como ocorreu com alguns vírus gripais do passado, por exemplo o surgido em 1967, que causou a morte de 68 mil norte-americanos e, no ano seguinte, levou a óbito outros 34 mil indivíduos.

"Os médicos estadunidenses insistem há anos que toda criança, entre seis meses e dezoito anos de idade, deve receber uma vacina

contra gripe por ano. E os profissionais da saúde estão lançando um apelo para ministrar às crianças estadunidenses as primeiras doses das vacinas experimentais da gripe suína em campanhas escolares". É importante ressaltar que o maior risco é o fato de serem vacinas experimentais, portanto não está comprovado que elas surtem efeito e são desconhecidas todas as conseqüências secundárias em longo prazo. Que estratégia se esconde por trás dessa campanha de vacinação infantil em massa? Como vão reagir suas mentes, seus neurônios, seus corpos no futuro?

Os médicos da OMS começaram a trabalhar imediatamente após serem detectados os primeiros casos de gripe suína no México, e logo declararam emergência de saúde pública. Por fim, elevaram o alerta de pandemia ao nível 6, o mais alto de todos. O nível 6 equivale ao código de alerta vermelho da Segurança Nacional dos EUA em virtude de um ataque terrorista iminente. Já sabemos que a tática do Clube Bilderberg é nos manter sempre em estado de pânico para nos manipularem e, assim, fazer com que acreditemos em tudo aquilo que seja do interesse deles. Fica claro que, nesse caso, eles vinculam a saúde à questão terrorista. Querem sempre que estejamos com o medo na mente e no corpo, que jamais deixemos o temor de lado.

A Dra. Fisher prossegue:

> Os médicos do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças), que lideram a OMS, fizeram o mesmo e estão exercendo um poder sem precedentes, que lhes foi outorgado pelo Congresso no dia 11 de setembro de 2009. Agora, toda vez que o CDC declara uma emergência de saúde pública, essa declaração permite que a FDA (Agência Americana de Medicamentos) autorize as indústrias farmacêuticas, em caráter emergencial, a se apressarem na criação de drogas e vacinas experimentais, que não exigem testes tão rigorosos quanto as vacinas que passam pelo processo normal de licença da FDA.

Isso quer dizer que as vacinas criadas para a gripe em questão não seguiram as vias normais de comprovação dos efeitos colaterais que elas podem ter. Esse poder permitiu à indústria farmacêutica agir sem o tempo devido para ponderar os efeitos nocivos. Aparentemente, isso quer dizer que quanto mais cidadãos morrerem, melhor.

> Na época, o Congresso reagiu à declaração de emergência de saúde pública disponibilizando a um grupo de indústrias farmacêuticas 1 bilhão de dólares para acelerar a criação de vacinas experimentais para a gripe suína, que podem conter vírus vivos, mortos ou geneticamente modificados, de origem animal ou humana, produtos químicos e adjuvantes derivados do petróleo, potencialmente reagentes, que alteram o sistema imunológico para aumentar a potência da vacina.

Estão usando a população como cobaia, mas o pior é que fazem isso com as crianças. Como será que seu sistema imunológico vai reagir às enfermidades que o Clube Bilderberg mandará criar no futuro?

No estado de Massachusetts, os médicos da saúde pública convenceram os legisladores a aprovar leis de gripe pandêmica que poderão permitir que funcionários públicos entrem em casas e comércios, sem o consentimento de seus proprietários, para investigá-los e colocá-los em quarentena sem sua permissão. A lei também proíbe o direito de associação dos cidadãos. Os membros da Agência de Segurança Nacional afirmam que o surto de qualquer enfermidade é um assunto deles, já que os responsáveis do Departamento de Defesa definem protestos públicos como "terrorismo leve". Por esse motivo, estão delineando planos para transformar determinados aeroportos americanos em centros de quarentena, mediante os quais todos os aviões teriam que ser submetidos a uma inspeção sanitária dos passageiros. Isso é mais grave do que parece à primeira vista. Vincular um tema de saúde ao Departamento de Defesa e, dessa forma, poder qualificar um cidadão que se negue a tomar a vacina de terrorista é inconstitucional, ilegal, imoral e mortal para sua liberdade. A vacinação deve ser um ato voluntário. Mas será que a vacina é mais perigosa que a doença? Ao que tudo indica, sim, pois o mais grave é que a conjuntura dos fatos fere a liberdade individual das pessoas.

O que aconteceu com a divisão dos poderes executivo, legislativo e judiciário, enunciada pelo Barão de Montesquieu, pela qual os estados democráticos se orientaram até hoje? Nessa era do medo, não podemos permitir que nos furtem à liberdade de tomar decisões voluntariamente acerca de nossa saúde e de outras questões que nos dizem respeito. Precisamos defender nossa liberdade. Temos de pensar e decidir por nós mesmos.

Como pretendem nos fazer acreditar que, em tempo recorde, inventaram uma vacina contra uma pandemia recém-surgida, se durante toda a história da medicina não conseguiram criar uma vacina contra a gripe comum, que causa milhares de mortes em todo o mundo, todos os anos?

Desde Obama, tanto para o aquecimento climático quanto para a gripe A, o termo "global" se difundiu por todos os âmbitos. Agora, mais do que nunca, tudo é "global". No fundo, a idéia é manter a população sob controle, o que nos faz voltar à mesma questão de sempre: a manutenção do poder. Antes, os controles de natalidade e de expansão populacional eram efetivados por meio de guerras mundiais. Agora, como houve tantos anos sem guerras em determinados países, os donos do mundo precisam elaborar outras táticas para diminuir o número de pessoas. Se compreendermos as chaves, motivações e mecanismos utilizados para a perpetuação do poder, conseguiremos expandir nossa liberdade individual.[13]

Para aqueles que nos governam, a vida não tem valor, especialmente a vida alheia.

Aqui explicamos o mecanismo de como fazer para desencadear uma pandemia global. Depois da gripe A veio o ebola, que proporcionou aos noticiários cenas impactantes dignas de filmes de Hollywood, com procissões de motos e viaturas policiais para vigiar os missionários e enfermeiras afetados. E falta pouco para surgir uma nova pandemia, porque, de vez em quando, é preciso dar um susto na população e lembrar quem manda no pedaço.

13 Depois do Zika, um vírus patenteado pelos Rockefeller, o *bilderberg* Bill Gates anunciou no início do mesmo ano que temos de estar preparados para uma pandemia mundial. Esse alerta foi dado durante a celebração da Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2017 (http://www.elciudadano.cl/2017/02/19/360004/bill-gates-advierte-una-pandemia-global-para-la-que-el-mundo-debe-prepararse/).

CAPÍTULO 11

Barack Obama, o presidente do Clube Bilderberg

A guerra não determina quem tem razão, só quem morre.
— Bertrand Russell[1]

Quero trazer aqui uma nota para abrir este capítulo. As palavras que a compõem, como o restante do livro, foram escritas muitos anos antes de ouvirmos na televisão e no rádio ou lermos em jornais e revistas algumas críticas ao falido Nobel da Paz. Quando redigi este capítulo, o mundo todo se mostrava encantado com o salvador que a elite nos havia enviado, com esse messias vendido pela grande mídia. Até hoje, milhares de pessoas seguem iludidas e ignoram quem realmente é Barack Obama.

Com a perspectiva do tempo em mente, acho interessante constatar que, sendo a Mentira o significado simbólico do arquétipo do Anticristo, seja Obama quem melhor represente este símbolo emblemático.

O Clube Bilderberg conseguiu perturbar, revolucionar tudo e o presente.

A mentira é a verdade. O mal é o bem. O feio é o belo.

Foi o que escrevi no fim de 2009, e o que aconteceu depois já entrou para a história.

1 Bertrand Russell (1872–1970), filósofo, matemático e escritor inglês

O messias, o salvador do mundo

A elite do Clube Bilderberg pensa que, por olhar para o outro lado, somos estúpidos ou alienados. Talvez tenham razão quanto ao último aspecto. De tanto olharmos para o lado em vez de para a frente, nós nos perdemos e esquecemos de quem somos e para onde vamos. O problema da loucura é que, do mesmo modo que a gripe A, ela é uma doença contagiosa, e, quando queremos reagir, às vezes é tarde demais: sem estarmos conscientes, perdemos nosso senso comum. Menos mal que os cidadãos americanos não são como os europeus. Agora vamos examinar isso com mais atenção.

Nos momentos de crise, sentimos a necessidade de salvadores, mas é justamente aí que ocorre o paradoxo, pois a crise e os salvadores são impostos pela mesma entidade: o Clube Bilderberg. Lembrem-se: criar o problema para logo apresentar a solução.

Dias antes da eleição de Barack Obama como presidente dos EUA, tive uma conversa inspiradora com um amigo a respeito da natureza real de como seria o país ter seu primeiro presidente negro da história. Depois de muita discordância, nosso diálogo acabou da seguinte maneira:

> — Você não vai me fazer mudar de opinião. Continuo achando que é um candidato designado pelo Clube Bilderberg para cumprir seus objetivos — disse eu.
> — Está enganada — respondeu meu amigo. — Até poderia concordar com o que está dizendo, mas não se esqueça de uma questão essencial: os americanos são muito diferentes dos europeus; não pensam como nós. Não caia no erro de acreditar que fazem as coisas à nossa maneira.
> — Pois reside bem aí a chave da minha tese — redargüi. — Pela primeira vez na história, os *bilderbergs* americanos se colocaram na pele dos europeus para indicar seu candidato. Pense bem: por acaso Bush seria capaz de negociar com os países árabes ou com o resto do mundo? Está com a imagem tão desgastada que ninguém dialogaria com ele. Por isso, o núcleo duro do Clube Bilderberg pensou: "que tipo de presidente seria aceito pelo mundo todo?". Depois dessa pergunta, outra veio logo em seguida: "o que é mais improvável: uma mulher ou um homem negro ser eleito pela primeira vez como presidente?". A princípio, a segunda hipótese, é claro. Dessa maneira, partiram em busca

do desafio mais complexo, já que os seres humanos gostam de superar dificuldades, e se souberem nos sensibilizar, ficaremos encantados ao ver um homem que superou um caminho tortuoso e atingiu sua meta. Se souberem vender bem o drama do homem, quanto mais difícil for para ele alcançar o seu sonho, melhor. Ouvimos durante anos que Hillary Clinton seria a primeira presidente mulher dos EUA, por isso o estranho seria o contrário: que pela primeira vez um negro entrasse na Casa Branca pela porta principal. Portanto, sem que ninguém esperasse, os *bilderbergs* tiraram um ás da manga e apresentaram Barack Obama ao mundo. Mas para que ele brilhasse ainda mais que um diamante, eles tinham que se dedicar a desprestigiar seu presidente à época: George Bush. Não duvide que o Clube Bilderberg esteja por trás da campanha contra Bush com a finalidade de fazer Obama surgir como o grande salvador do mundo.

— Agora entendi o que você quis dizer. Colocaram-se no lugar dos outros, não no lugar dos americanos.

— E se for necessário para cumprir seus planos, podem até assassinar Obama e transformá-lo num mártir da democracia.

— Agora estou entendendo.

— Mas não acho que chegarão a tal ponto. Não haverá um magnicídio, porque Obama não é um líder natural e saberá obedecer direitinho aos seus senhores.

Os *bilderbergs* venderam Obama como o salvador do mundo. Um candidato negro tinha uma forte conotação histórica. Sua cor, sua luta para alcançar a presidência e seu slogan político remetiam à luta de Martin Luther King, e à frase que ficou no inconsciente coletivo com a qual este começou seu fabuloso discurso: "*I have a dream*" [Eu tenho um sonho]. Obama também teve o seu sonho e fez o mundo ver que juntos podíamos mudar a história. O "*Yes, we can*" chegou a todos os cantos do planeta, porque ele, como presidente do império mais poderoso do mundo, se transformaria no presidente de toda a Terra.

Mas Obama não era Martin Luther King, um homem negro lendário por sua personalidade e comprometido com seus ideais. Obama não era um líder natural, mas artificial, fabricado, saído do laboratório de idéias do Clube Bilderberg. Apresentaram-no como o expoente máximo do sonho americano e, mais ainda, do sonho de qualquer mortal. Sua

ascendência era de escravos negros que foram levados à América, sua família de origem era da mais baixa classe social — basta lembrar as reportagens e entrevistas realizadas com sua avó, na pequena aldeia africana da qual é proveniente. Por esse motivo, um escravo estava a um passo de realizar o maior sonho jamais imaginado por uma pessoa: ser presidente do país da liberdade.

Porém, Obama não tinha ascendido à candidatura presidencial por mérito próprio, senão passando por um processo seletivo rigoroso para executar uma tarefa concreta. Num mundo em que existe uma Europa atéia e uma zona islâmica de fé intensa, Obama figurava como um homem religioso. Ao contrário da aparência de um homem com idade avançada do ex-Presidente Bush, ele parecia um príncipe de ébano, atraente, elegante, jovem e possuidor de algo essencial para os eleitores americanos: uma bela família unida. Não prometia uma mudança, mas a mudança definitiva que devolveria a dignidade à América do Norte, coisa que George Bush extirpara da região. Ele traria um novo rumo, um futuro especial para um país especial. E, por conseguinte, para o mundo inteiro. Uma nova ordem mundial.

Desde sua independência, a América do Norte tem sido exemplo, paradigma e ponto de referência para o resto do planeta. Por isso ela era, igualmente, amada e odiada até a era Bush, quando a balança se desequilibrou a favor de Obama, que restabeleceria o propósito original. Agora só faltava um slogan impactante para que a campanha de marketing fosse um sucesso absoluto. Foi quando o *Yes, we can* chegou a todos os rincões do globo em forma de canção, na qual estiveram envolvidos artistas e atores de Hollywood, queridos dentro e fora de suas fronteiras.

Pilhas e mais pilhas de dinheiro custeavam sua campanha, mas de onde vinha isso tudo? Eram doações mínimas, milhões de pequenas porções, para que todos acreditássemos que cada cidadão norte-americano havia contribuído como podia. Não, não acredito nessa história. Até isso os *bilderbergs* souberam fazer direito.

A família, a religião, a classe social, o aspecto político, o sonho americano: todos os ingredientes foram colocados à venda e o mundo comprou Barack Obama. E digo o mundo, porque o tempo que dedicavam

os noticiários ocidentais ao candidato democrata superava muito o do candidato republicano, John McCain. Obama era o melhor produto já exportado pelos EUA. Deus salve a América! Obama venceu as eleições e milhões de espectadores no mundo todo — inclusive eu, na função de jornalista — aguardaram para assistir à cerimônia de posse, digna de um filme hollywoodiano. A produção foi fantástica. Os primeiros planos de câmera nos mostravam como a emoção contagiava as pessoas, enquanto uma enxurrada de lágrimas infinitas ameaçava inundar os arredores do Capitólio. Era a apoteose de Obama, sua transformação num deus. Teve lágrimas e até falhas que o próprio presidente quis resolver, ratificando a sensação de que ele tinha chegado para consertar tudo. Em seu segundo mandato, ele também deu uma leve travada, no caso pronunciando as palavras "Estados Unidos". Um tanto profético para um país que atingiu o fundo do poço, após ter chegado ao poder, do ponto de vista da liberdade, paz, economia e democracia; um país cujos falcões tomaram como referência o modelo imperialista romano, ansiando aquela glória lendária sem se dar conta de que sua duração seria muito menor, porque a elite que hoje o domina é mais gananciosa e mesquinha: uma elite que pretende acelerar a história para conquistar em três anos o que os antecessores conquistaram em três séculos.

Mas voltemos ao príncipe da paz, o príncipe da guerra: Obama. O que aconteceria com a Guerra do Iraque? Ele traria uma solução. E com o Afeganistão? Ele sabia o que fazer. E com o terrorismo internacional? Fiquem calmos, pois, junto com Barack Hussein Obama, chegava uma nova forma de fazer política, uma nova era, uma Nova Ordem Mundial. Ele resolveria todos os problemas do mundo. Por acaso duvidaram dele alguma vez? A televisão e os colunistas dos jornais permitiram que duvidássemos ou contribuíram nesse sentido? *Yes, we can.*

Cresce a sombra do Clube Bilderberg

No entanto, seria Obama um presidente escolhido livremente, ou ocultava segredos obscuros e inadmissíveis para as pessoas que o elevaram às alturas da infâmia? Seria ele um fantoche do Clube Bilderberg? Passei muito tempo refletindo, mas, enfim, os fatos me levaram a concluir que

ele não é um presidente livre, mas uma pedra angular do templo. Todas as provas e indícios apontavam para isso. Por quê? Primeiro, por tudo o que foi dito anteriormente, e segundo, pela observação e investigação que realizei. Em sua primeira administração, Obama estava rodeado de *bilderbergs*. Podemos começar por sua ex-Secretária de Estado, Hillary Clinton, que está entre as primeiras mulheres convidadas para as reuniões do clube, o que levou muitos analistas a afirmar que ela seria a primeira presidente mulher dos EUA. Ambos representaram muito bem o papel de rivais durante a farsa das prévias democratas. Eram adversários fortes e serviram para medir o ânimo dos eleitores: o que preferem, uma mulher ou um negro? Um sonho ou a apoteose? Incontestavelmente, o paradigma do mundo livre não estava preparado para se deixar governar por uma mulher, mas, sim, por um homem negro. Como Hillary teria tocado as negociações com o mundo árabe? Ela não conseguiria, mas Obama *can*.

O secretário de Estado de sua segunda administração foi John Kerry, que já havia enfrentado Bush na campanha presidencial nos EUA e que, assim como ele, é membro de destaque da Skull and Bones. Vejam bem: que diferença faz uma disputa entre Hillary e Obama? Onde está a rivalidade entre Bush e Kerry? Só na maneira de fazer política, pois, no mais, tanto a equipe quanto as metas são as mesmas.

Outro notável *bilderberg* era o vice-presidente dos dois mandatos de Obama, Joe Biden, que no mês de maio de 2010 visitou a Espanha pela primeira vez. Teria ele vindo para supervisionar os preparativos da reunião do Clube Bilderberg em Barcelona? O secretário do Tesouro, Timothy Geithner, é outra figura importante do clube que, logo que concluiu seus estudos, foi trabalhar para a Kissinger Associados, em Washington D.C., durante três anos e, em seguida, se juntou à Divisão de Assuntos Internacionais dos Estados Unidos, do Departamento do Tesouro, em 1988. Foi secretário adjunto do Tesouro para assuntos internacionais (1998–2001) junto com os Secretários do Tesouro Robert Rubin e Lawrence Summers, sendo o último seu mentor. Em 2002, ele deixou o Tesouro para participar do Conselho de Relações Exteriores (CFR) como pesquisador no Departamento de Economia Internacional. No Fundo Monetário Internacional, foi diretor de Elaboração e Análise

de Políticas do Departamento (2001–2003). Em outubro de 2003, foi nomeado presidente do Federal Reserve de Nova York. É um currículo 100% Bilderberg, pois todas as instituições em que trabalhou pertencem ao clube. Além disso, foi o próprio Clube Bilderberg que modelou o currículo.

Para completar, temos o secretário de Defesa, Robert Gates, que foi escolhido para o cargo durante a administração Bush e é outra cria do Clube Bilderberg, bem como o chefe de gabinete, Rahm Emanuel. O representante especial norte-americano para o Afeganistão, Richard Holbrooke, é outro conhecido *bilderberg*. Embora muitos acreditem que é uma instituição pública, o Federal Reserve é uma entidade privada, e seu ex-presidente, Ben Bernanke, também é um renomado *bilderberg*.

Será que Obama sabia com quem estava brincando? Será que o ex-senador sabia que, se as circunstâncias assim o exigissem, ele seria assassinado? Contudo, como veremos mais à frente, penso que já não será importante planejar sua morte.

Um Nobel da Paz para um patrocinador de guerras

A cereja do bolo veio com o Nobel da Paz. Obviamente, Obama, embora ainda não tivesse tido tempo para fazer nada, nem para impedir guerra nenhuma nem acabar com a tragédia silenciosa dos milhões de refugiados em virtude de conflitos bélicos no mundo, aceitou o prêmio assim mesmo. O imperador recebeu, com todas as honras, sua coroa de louros antes de ganhar as batalhas. Nem um roteirista de Hollywood teria criado uma história melhor. Se quiser contar uma mentira, aumente-a até níveis inverossímeis, pois só assim vão acreditar.

O maior paradoxo, para mim, é que, em seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel (dezembro de 2009), o príncipe da paz tenha defendido a "guerra justa". Foi a primeira vez que ouvi falar desse conceito, e se trata de um dos últimos introduzidos pela máquina de propaganda do Clube Bilderberg. E ninguém acha uma aberração falar de guerra justa, exatamente quando se está recebendo um prêmio por uma suposta contribuição para a paz? É a primeira vez que ocorre algo do tipo na história dos prêmios Nobel da Paz. Seja ou não necessária, seja ou não

justa, o contexto não era adequado, sobretudo porque Obama havia focado a maior parte de seus discursos eleitorais na questão de colocar um fim nas guerras e conflitos. Nenhum dos laureados jamais falou em termos positivos em relação à guerra, e vou expor aqui três exemplos. O que expressou o ex-Presidente dos EUA Jimmy Carter, que o recebeu em 2002 por seu trabalho na resolução de conflitos internacionais, veio bem a calhar, pois ele assegurou que "insinuar que a guerra pode prevenir a guerra é um jogo de palavras abjeto. O mundo já tem provas suficientes para saber que guerra só gera mais guerra". Em 1919, deram o mesmo prêmio a Woodrow Wilson pela promoção da Sociedade das Nações, a antecessora da ONU. Afirmou o ex-presidente na época: "A humanidade ainda não se livrou do inefável horror da guerra. Estou certo de que nossa geração, apesar das feridas, realizou um progresso notável". Theodore Roosevelt recebeu a honraria em 1906 por seu feito de alcançar a paz entre Rússia e Japão. "A paz, em geral, é boa em si mesma, mas nunca é um bem maior se não anda de mãos dadas com a justiça moral, sendo, neste caso, uma simples máscara para a covardia e para a indolência".

Então por que Obama fala de "guerra justa"? Numa conjuntura internacional como a atual, ele quer dizer que a guerra é necessária para se estar em paz. Estão nos preparando para uma guerra que avança a passos largos. Apesar de seu discurso de "aliança entre as civilizações", Obama foi colocado lá pelo Clube Bilderberg para conseguir entrar em guerra contra os países islâmicos.[2]

Num discurso proferido em junho de 2009, no Cairo, Obama declarou que "os países ocidentais deveriam permitir que os cidadãos

2 Ao reler essas palavras escritas em 2010, enquanto preparava este livro para a publicação no Uruguai, senti um calafrio. Há sete anos, previ o que está acontecendo hoje. Compreender naquela época — quando o mundo estava aturdido, fascinado e hipnotizado por Obama —, ver além das aparências, das palavras, não foi uma tarefa fácil; no entanto, considero-a puramente jornalística, porque escrevi o presente trabalho com base na informação que tinha. O jornalista é obrigado a analisar os textos e discursos proferidos pelos governantes e seus acólitos para transmitir a informação mais precisa possível aos seus leitores. Mesmo assim, com seu trabalho, o jornalista tentará adiantar-se ao tempo e lucubrar sobre quais serão os fatos supervenientes, com o objetivo de que a sociedade esteja alerta e, por conseguinte, informada e pronta para se defender. Essa tem sido minha meta desde que comecei a investigar sobre a natureza do poder contemporâneo. O tipo de poder que investigo visa a sempre nos enganar para se perpetuar e, enfim, passando por cima de tudo e de todos, sair como vencedor.

muçulmanos praticassem a religião de acordo com seus costumes, sem impor quais roupas as mulheres muçulmanas deveriam vestir". E ainda acrescentou: "Não podemos fingir que não existe hostilidade em relação a uma religião sob o pretexto do liberalismo". Quem tem hostilidade em relação a uma religião? A que ele se referiu? Como mulher, tanto faz para mim se as muçulmanas usam *hijab*, véu ou lenço para cobrir a cabeça, mas fico revoltada ao saber como as mulheres afegãs têm de se vestir por imposição governamental, cobertas dos pés à cabeça, assim como as iranianas, sauditas, líbias, marroquinas... Tampouco tolero a mutilação genital, nem que tenham que caminhar alguns metros atrás de seus maridos; que não externem suas opiniões, que não possam dirigir nem abrir uma conta no banco. Se isso é a religião, então não a aceito; não por ser ocidental, mas porque sou mulher. Do mesmo modo que consideraria uma aberração um homem ter de caminhar pelas ruas aprisionado pela própria vestimenta. É uma questão humana, não de sexo ou religião.

O discurso de Obama se fundamentou em "direitos humanos, justiça, educação e progresso". Porém, a linguagem está tão pervertida atualmente que é impossível saber o que significa cada um desses conceitos. Foram completamente relativizados. Em seu discurso polêmico no Cairo, o ex-presidente disse que "os EUA não estiveram nem nunca estarão em guerra contra o Islã", mas o que ele esqueceu de mencionar é que, na atualidade, estão em guerra contra o que o país denominou de "terrorismo islâmico", no Iraque e no Afeganistão. É apenas um estratagema, um jogo de palavras com a intenção de nos confundir.

Após o discurso de Obama no Egito, o jornal espanhol *El País* publicou a seguinte manchete: "Obama põe fim ao antagonismo entre Islã e Ocidente". Uma informação que é pura propaganda; não nos esqueçamos de que o diretor executivo do Grupo Prisa, ao qual pertence o jornal, Juan Luis Cebrián, é um membro de destaque do Clube Bilderberg, e seus veículos de comunicação atuam como suas ferramentas de propaganda. O presidente dos EUA afirmou em várias ocasiões que seu país "não está em guerra com o Islã" e insistiu em colocar um ponto-final na hostilidade mútua dos últimos anos.

> Desde nossa fundação, os muçulmanos americanos enriqueceram os Estados Unidos. Lutaram em nossas guerras, prestaram serviços ao governo, atuaram em prol dos direitos civis, abriram empresas, deram aulas nas universidades, competiram em nossos estádios, ganharam prêmios Nobel. E quando o primeiro muçulmano americano foi recentemente eleito para o Congresso, jurou defender a Constituição usando o mesmo sagrado Corão que um de nossos pais fundadores, Thomas Jefferson, tinha em sua biblioteca pessoal.

Os jovens que o escutaram no Cairo se identificaram tanto com as palavras do presidente que quase soltaram um "we love you" [nós o amamos]. Obama afirmou: "Não tenham dúvida de que o Islã é parte integrante da América", acrescentando que também era parte do Ocidente, "como podemos verificar na história de Andaluzia e Córdoba, durante a Inquisição".

Quem será que escreveu o discurso de Obama? Como o presidente dos EUA pôde cometer uma gafe histórico-cultural tão absurda ao comparar o califado de Córdoba com a Inquisição? Ou teria sido um erro intencional para induzir a uma guerra inter-religiosa?

O discurso de Barack

A mensagem de Obama não casa com a realidade. O presidente dos EUA é o imperador da ditadura do relativismo, falando e fazendo o que melhor convém a cada situação. Não é um homem de personalidade e não consigo enxergá-lo como alguém dotado de carisma. Os olhos são o espelho da alma, e nos dele vejo apenas domesticação e submissão. Ele nem sequer chega a ser um lobo em pele de cordeiro. É uma marionete, uma personagem burlesca, um bufão da corte dos *bilderbergs*.

O historiador Manuel Lucena diz o seguinte:

> Quando os políticos se tornam cada vez mais ignorantes e passam a conhecer menos a história, o populismo encontra terreno fértil. Esse é um problema que percorre toda a Europa na medida em que está arruinando o projeto político europeu que fundou a globalização. Desde Júlio César, tal populismo funciona e é muito perigoso. O político populista menospreza a excelência política dos cidadãos, subestimando-os e infantilizando-os. O populismo diz o que os outros

querem ouvir, não a verdade. A história não conta o que as pessoas querem escutar, mas apenas que o mundo é complicado.

Seu livro *Naciones Rebeldes* foi eleito, em 2010, pelo suplemento do *The Times* como um dos dez melhores livros da história do mundo. "Existem ideais e instituições que estão vivendo às custas da radicalização, que, ainda por cima, está sendo fortemente financiada. Há grupos que vivem muito bem por conta disso, pois ocuparam durante muitos anos o poder político e cultural, e agora não querem perder as mordomias", acrescenta Lucena.

Robert Hugh Benson, em 1904, fez um prognóstico a respeito do surgimento de um humanismo do tipo totalitário. Sua profecia parece ter-se cumprido com a eleição de um messias, um salvador, um deus, um ideólogo. Obama, o fantoche dos donos do mundo.

A queda de popularidade

Um levantamento realizado pelo Pew Research Center e tornado público no fim do mês de abril de 2010 demonstrou um enorme declínio na popularidade de Obama. Menos de um ano e meio depois de sua chegada ao poder, cerca de 80% da opinião pública norte-americana não confiava em seu presidente. O que teria ocorrido? Algo, ao mesmo tempo, muito simples e muito complexo. As guerras do Afeganistão e do Iraque? A tentativa de aproximação com o povo muçulmano depois do atentado às Torres Gêmeas? A reforma da saúde pública? Não exatamente. Obama brincou com a coisa mais sagrada para o povo norte-americano: a liberdade individual. Não podemos esquecer que esta é uma nação que, para defender a sua liberdade, declarou guerra contra o poderosíssimo Império Britânico e, inclusive, contra seus compatriotas durante a guerra civil separatista. Quase 250 anos depois, não vão deixar que ninguém lhes tome o que custaram a ganhar — e ainda custam, dia após dia. As pessoas não são burras, por mais que os *bilderbergs* assim as considerem.

O relatório citado coletou os resultados de quatro enquetes realizadas naqueles meses de março e abril a respeito da animosidade da sociedade norte-americana quanto ao seu presidente. Três em cada quatro

entrevistados declararam-se "frustrados" ou "aborrecidos" com seu governo federal, sobretudo em virtude da incapacidade de solucionar as picuinhas advindas do partidarismo de Washington, do crescimento do setor público e da má situação econômica, problemas que, supostamente, seriam solucionados pelo super-Obama. Mas o pior, segundo a visão norte-americana, era que as autoridades da capital "são uma ameaça para sua liberdade individual"; isso era o que pensava quase um terço dos entrevistados. O resultado contrastou com os levantamentos realizados durante a administração de Eisenhower, quando cerca de 78% dos cidadãos tinham plena confiança em seu governo. Justamente depois de Eisenhower, todos os presidentes americanos passaram a ser selecionados pelo Clube Bilderberg. Que dado mais impressionante!

No entanto, por que o povo norte-americano sentiu uma ameaça contra sua liberdade individual em tão pouco tempo? O estopim foi uma proposta bastante difícil de compreender pela nossa ótica européia. A paciência de todos se esgotou em decorrência da iniciativa de Obama de fazer uma reforma no sistema de acesso à saúde, transferindo-o para o sistema de seguro social. A proposta fez com que um tsunâmi tomasse conta da sociedade americana, e as águas bravas de cidadãos indignados chegaram a cobri-lo com o pior insulto que um presidente dos EUA pode receber: chamaram-no de "socialista". Na Europa, somos levados a pensar que os americanos se negaram a oferecer cobertura médica aos mais necessitados, mas não foi isso que aconteceu. Antes de seguir em frente, vamos analisar melhor como funciona o serviço de saúde na América do Norte para podermos falar com propriedade.

As empresas nos EUA não têm de contribuir para a previdência (seguro social), motivo pelo qual podem destinar esse dinheiro para arcar com as despesas médicas dos empregados por meio do serviço ou plano de saúde que seja mais conveniente. Em outras palavras, os trabalhadores dos EUA têm incluído no salário um plano de saúde que a empresa paga toda vez que o salário anual não ultrapassa os 50 mil dólares. Se o plano selecionado pela empresa não lhe satisfizer, o empregado tem a opção de trocá-lo por um dentre inúmeros seguros que não constituirão nenhum gasto para seus bolsos. Os que ganham mais de 50 mil dólares têm a possibilidade de custear o próprio plano de

saúde, mas optam por não gastarem com isso para que suas respectivas rendas não sejam diminuídas, por isso preferem pagar os gastos com um hospital particular caso adoeçam. Trata-se de uma livre escolha.

Em 1965, surgiram o Medicare e o Medicaid, ambos criados pelo Presidente Lyndon B. Johnson, que são seguros de saúde que dão cobertura a indivíduos com mais de 65 anos, a pessoas e famílias de baixa renda e àqueles que necessitam de cuidados especiais em virtude de doença grave (diálise, deficiências, etc.).

Os 10 milhões de estadunidenses que estão em busca de um novo emprego ficam temporariamente sem uma cobertura médica. Em contrapartida, há 8,5 milhões de jovens entre dezoito e 25 anos que não pagam um plano por acreditarem que, na idade em que se encontram, não há tal necessidade. Além disso, existem 11,5 milhões de norte-americanos (entre os quais, aqueles que têm direito por seu tipo de enfermidade e as crianças cujos genitores não receberam alta) sem nenhum plano porque não se deram ao trabalho de solicitar o Medicare ou o Medicaid. Tudo isso é feito livremente.

Mas Obama passou a lhes dizer que, a partir da entrada em vigor de sua iniciativa, já não poderiam decidir livremente, porque ele escolheu por todos que, com o novo seguro social, teriam plano de saúde, querendo ou não, e se não o quisessem, de toda forma teriam que pagar. Para os norte-americanos, isso é uma grave intromissão em sua liberdade individual e, ao lado do inchaço do setor público e da má situação econômica, fez com que Obama perdesse por volta de 80% da sua popularidade. Por isso que quase um terço dos norte-americanos considera que as autoridades da capital são "uma ameaça para sua liberdade individual".

Obama assinou a reforma da Lei da Saúde Pública em 23 de março de 2010: "Hoje, após quase um século de experiências, hoje, após mais de um ano de debates, hoje, depois de contarem todos os votos, a reforma do sistema de saúde converte-se em lei nos Estados Unidos. Hoje". Para a reforma ser aprovada, ele teve de desistir de sua reivindicação por "um direito público", um plano de saúde oferecido pelo governo que competiria com as seguradoras privadas. A lei proíbe que estas possam negar cobertura a qualquer um que adoeça antes de contratar a apólice,

e barateia o custo das apólices de planos de saúde para as famílias e para pequenas empresas.

Um único governo

Quando foi escolhida como secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton afirmou perante o Conselho de Relações Exteriores (CFR) que a "América não pode resolver sozinha os problemas prementes do mundo, e o mundo não pode resolvê-los sem a América. A melhor maneira de fazer com que os interesses americanos avancem é planejando e pondo em prática soluções globais". O que ela não disse é que essas soluções globais já estão planejadas pelo Clube Bilderberg com o objetivo de dominar todo o planeta. Em sua visita ao CFR, Clinton disse que os EUA estão preparados "para colaborar com a nova estrutura econômica internacional". Será que não lembravam do que Bush havia dito sobre a nova era? O que Hillary não mencionou é que existe uma panelinha de mafiosos à qual ela pertence que pretende promover toda essa nova estrutura internacional para a glória dos *bunkers* em que guardam suas riquezas.

Depois da mudança no sistema de saúde, Obama quer aprovar uma reforma financeira, e, para isso, utiliza-se do novo medo para alcançar seus propósitos: "Obama alertou sobre uma nova crise, caso não seja aprovada a reforma financeira", lemos nas manchetes da imprensa mundial. O presidente informa, faz propaganda ou demagogia? Afirmo desde já que a primeira hipótese está descartada.

As palavras da Nova Ordem Mundial são assuntos "comuns", "globalizar", "globalização", "global", "reforma financeira", "justiça", "progresso", "educação", "guerra justa" e "nova estrutura econômica internacional", entre muitas outras.

Sob o disfarce de interesses comuns e globais, pede-se aos países que cedam parte de suas soberanias (na Europa, tivemos que ceder após a crise da União Européia controlada pelo Clube Bilderberg), e o que escondem é a criação de um governo mundial, político, econômico e legal. A ONU vem avançando dia após dia em sua transformação institucional para um super-Estado global que governe todos os âmbitos

da vida humana, realizando um controle exaustivo de todas as nossas atividades, do pensamento e da informação. Por conta disso, atrevo-me a advogar em prol da defesa do pensamento crítico contra o sistema de pensamento único.

Se continuar assim, a implementação de um governo único não será nem por consenso, nem por imposição. Imploraremos pela chegada do governo mundial para acabar com os medos criados pelo Clube Bilderberg. O oxímoro é que os humanos se desumanizaram. Voltamos à Idade das Cavernas. E a mediocridade dos políticos resulta no sectarismo. E o relativismo moral só empobrece nossa moral e cultura, gerando desigualdades, corrupção e ilegalidade. Como podemos ser tão cegos? Será que nada mais importa? Precisamos ficar incomodados. Se apoiarmos Obama, estamos acabando com os valores, a justiça e aquilo que deve ser a coisa mais sagrada para todos os cidadãos do planeta: a liberdade. Se nascemos livres, por que vamos permitir que o medo nos transforme em escravos?

Barack quer dizer "bendito", e é uma palavra africana que provém do hebraico, "Baruch". Obama foi professor na Faculdade de Direito de Chicago, fundada por John Davison Rockefeller em 1890, durante doze anos, até 2004, quando se candidatou ao Senado federal. O que será que ele pensou quando o designaram para a presidência do país mais poderoso do mundo? Que reflexões terá feito? Será que chegou à conclusão de que era o mais preparado? Terá pensado: quais são os meus méritos, o que terei de fazer? E quando recebeu o Nobel, será que ele se sentiu um escolhido, um deus?

Estamos em grave perigo. Os agentes do Clube Bilderberg estão reforçando a chegada de uma guerra muito próxima de sua agenda. Se dependesse deles, já a teriam iniciado, mas a consciência dos cidadãos está despertando em todo o mundo, obrigando-os a se controlarem em diversas ocasiões. Eles não vão conseguir implantar seu governo único por consenso, nem por imposição. Se conseguirem, será por intermédio da mentira e do medo. Mas há muita gente que não tem medo... e haverá cada vez mais. A bravura também é contagiosa.

Obama foi eleito pelo Clube Bilderberg para exportar e impor seu pensamento único por todo o mundo, assim como aconteceu com

Al Gore. Cada um deles é uma pedra angular do templo. E ambos acreditaram ser o "salvador", o "messias".

Imagino que Nietzsche deve ter-se remoído no túmulo porque, no fim, surgiu seu tão desejado super-homem.

CAPÍTULO 12

O império Bilderberg

O poder intensifica sua eficácia
enquanto permanece nas sombras.
— Byung-Chul Han[1] em *Sobre o poder*

A história do Clube Bilderberg é a história do nosso planeta após a Segunda Guerra Mundial. O Plano Marshall colocou em contato as duas margens do Atlântico e teve um papel essencial na criação da nova Europa surgida após a devastação e o caos inerentes à guerra. Nesse momento, ela começou sua transformação de vassala a senhora do Velho Continente.

Pouco depois, teve início a implantação de sua Nova Ordem Mundial: a globalização. Esta implica a instituição de um governo único que irá liderar e comandar a vida de todos os habitantes do planeta por meio da ONU. Tal governo contará com uma força militar única, que inclui a OTAN e o exército da ONU, e irá impor uma só religião ou ética (como preferirem chamar) dominada pela Nova Era, baseada nas crenças da maçonaria e da ecologia mal interpretada. O ideário é arrematado por uma moeda única, que pode receber vários nomes, mas que tende a alcançar o mesmo valor no mercado.

Os líderes do mundo ocidental, indivíduos do mundo financeiro e estrategistas da política externa, ajudam o Clube Bilderberg a aprimorar

1 Byung-Chul Han (1959), filósofo e escritor sul-coreano.

e reforçar um acordo geral virtual, uma ilusão globalista, definida de acordo com as suas condições: o que é bom para os bancos e para os grandes negócios é bom para o planeta.

Para o mundo ideal deles ser eficaz, cada cidadão deverá cumprir de maneira fidedigna seu devido papel sob as seguintes palavras de ordem: trabalhe, consuma e submeta-se ao sistema, porque não existem alternativas além do mundo maravilhoso que fabricamos para você.

Se resistíssemos a obedecer a esses mandamentos, os princípios de sua estrutura se desmantelariam e seu sistema ficaria vulnerável, sem sustentação. Não se oporiam objeções, caso houvesse uma redistribuição mais justa da riqueza; se todos os habitantes do planeta desfrutassem, ao menos, das necessidades básicas — mas é inadmissível que, em pleno século XXI, haja uma diferença abissal entre o que eles chamam de Terceiro e Primeiro Mundo; é um completo absurdo. Não podemos ficar de braços cruzados e assistir a esse espetáculo grotesco como se não tivesse nada a ver conosco. O papel do Clube Bilderberg na história é tão significativo que é necessário conhecê-lo, para saber onde estamos e para onde vamos.

Arthur Schnitzler escreveu em 1948,[2] em *De la guerra y la paz* [Sobre a guerra e a paz]:

> Enquanto houver alguém que, por meio da guerra, seja capaz de aumentar ou adquirir sua riqueza e que, ao mesmo tempo, tenha poder e influência para deflagrá-la, as guerras subsistirão. Essa é a premissa que se deve ter em conta na hora de abordar a questão da "paz mundial". Não nos motivos religiosos, filosóficos ou éticos; esses não têm importância. Com melancolias e sentimentalismos, jamais será possível tocar o coração dos diplomatas, nem dos generais e fornecedores do exército. A solidariedade entre os poderosos é mais forte que a solidariedade entre os povos.

Para os donos do mundo, a guerra é necessária em várias partes do planeta para a derradeira implementação de uma ordem superior, na qual não existam barreiras comerciais e ideológicas entre países, só a subordinação à legislação estabelecida por eles. À morte de milhões de

2 Trata-se da obra Über Krieg und Frieden, sem edições em português, publicada postumamente em 1939 e não em 1948 — NT.

inocentes, que são e continuarão a ser tragados por essa louca espiral, eles dão o nome de "danos colaterais" inevitáveis para se alcançar um estado supremo da humanidade. A questão é a seguinte: foi mesmo necessário e inevitável tanto sangue inocente derramado para que hoje uma parte do mundo vivesse com as necessidades resguardadas? Konrad Lorenz destacou: "Quando uma ideologia universal, aliada à política dela decorrente, é baseada numa mentira, o resultado, simplesmente, deverá trazer consigo as mais adversas conseqüências".

A democracia, como disse Unamuno, "é um processo histórico" no qual é imprescindível a participação ativa de todos os agentes envolvidos. Não podemos deixar nas mãos dos poderosos um tesouro tão valioso como a nossa própria vida, embora, pouco a pouco, estejamos nos subordinando em virtude dos substitutos que o sistema nos impõe.

No mundo atual, manifesta-se uma nova sinergia que substituiu os poderes tradicionais delimitados por Montesquieu. Os poderes judiciário, executivo e legislativo estão se unindo num só poder: o financeiro, que controla os outros mediante a manipulação social. Amontoaram todos num só barco e os colocaram para navegar numa só direção: a conquista global do planeta. Recentemente, essas elites tornaram pública sua intenção de conquistar também o espaço do nosso sistema solar, uma alternativa prevista no relatório Iron Mountain. Nesse sistema, em que o núcleo financeiro reúne todos os outros, a democracia se transforma num objeto de mudança, de uso liberado, numa mercadoria de importação semelhante a qualquer bem de consumo. Os globalistas não só importam comida ou roupa, mas algo que é mais perigoso e sutil: idéias, e, mais ainda, obnubilam o novo destino do mundo que já planejaram, a Terceira Guerra Mundial.

O Clube Bilderberg e a Terceira Guerra Mundial

Desde 2010 até os nossos dias, muitas coisas já aconteceram. O mundo atravessou uma mudança vertiginosa da qual não sei ao certo se o ser humano está plenamente consciente. A Europa está morta, afogada no orgulho de seu falido Estado de bem-estar. Cúmplice silenciosa da Terceira Guerra Mundial, cujo epicentro se encontra no Oriente Médio. Por sua vez, a América Latina, continente cheio de vida e esperanças,

tenta escapar das águas revoltas da Nova Ordem Mundial, mas, ao mesmo tempo, faz alianças com ela. No início do século XXI, os EUA se consolidaram como a sede do poder global que se estende por todo o planeta, com suas multinacionais de famílias aristocráticas. Com a instrumentalização da OTAN, elas tramam para desencadear a guerra com a qual os perversos capangas da Nova Ordem Mundial se enriquecem sem limites. É o Estado invisível a serviço dos interesses e benefícios de uma meia dúzia de homens.

As "primaveras árabes" não foram nada além de invenções da CIA para provocar um alvoroço que se espalhou por Líbia, Síria, Iraque, Irã e Egito. Com a CIA no comando, as "primaveras árabes" escaparam das mãos do Clube Bilderberg.

Fui a primeira jornalista que falou da existência da Terceira Guerra Mundial. Em 2010, num programa de debates do canal de televisão espanhol Telecinco, adverti que os membros do Clube Bilderberg desejavam ver o seu início, mas os jornalistas presentes caíram na gargalhada. Acredito que hoje já não estejam rindo tanto, pois, quatro anos mais tarde, pessoas de peso para a imprensa oficial subscreveram o que adiantei. Em outubro de 2013, publiquei meu quarto livro, *Perdidos. ¿Quién maneja los hilos del poder? Los planes secretos del Club Bilderberg*, no qual dediquei um capítulo inteiro à Terceira Guerra Mundial. Ali apontei que esta já havia começado, mas que não era fácil reconhecê-la, porque é diferente das anteriores: não tinha sido reconhecida nem declarada publicamente, tampouco estava centralizada num único ponto do planeta (as anteriores ocorreram em território europeu), mas em todo o globo. Acrescentei ainda que todas as nações estavam envolvidas. Nesta ocasião, as ideologias conflitantes são o Ocidente e o Islã.

Em 3 de junho de 2014, na segunda-feira seguinte ao encerramento da reunião anual do clube, fui entrevistada pelo portal *El Confidencial Digital*,[3] ocasião em que afirmei que, no evento Bilderberg de 2014, "grande parte das conversas giraram em torno de possíveis conflitos armados na Rússia, China e Oriente Médio", por isso "consentiram que, dali a alguns meses ou um ano, vai acontecer uma imensa reestruturação

3 http://www.elconfidencial.com/alma-corazon-vida/2014-06-03/bilderberg-2014-estos-son-los-planes-de-los-poderosos-para-el-mundo_140260/.

militar, econômica e comercial originada de uma importante mudança na história mundial: um conflito bélico de grandes dimensões". O fato é que, depois de uma década de investigação, me deparei com a reunião mais bélica de todas. Apenas dez dias depois, a grande mídia começou a difundir a existência do Estado Islâmico, e, durante todo aquele verão, as notícias de todo o planeta giraram em torno desse tema, que, até então, não existia, apesar de os serviços secretos curdos terem informado seus pares na Europa e nos EUA sobre a existência de uma engrenagem militar islâmica radical que avançava sem trégua em direção à capital do Iraque. Já sabem como funciona a lógica das grandes mídias: o que eles não publicam, simplesmente não existe.

Dez meses depois da publicação de *Perdidos...*, o Papa Francisco surpreendeu os jornalistas, falando, pela primeira vez, da Terceira Guerra Mundial.[4] Em agosto de 2014, durante a conversa com a imprensa que teve a bordo do avião de volta para Roma saído da Coréia do Sul, ele afirmou de maneira contundente: "A Terceira Guerra Mundial já começou, só que ela é apresentada em pequenas partes, em capítulos", referindo-se ao fato de os conflitos armados estarem em atividade em diversas partes do planeta.

A guerra no Afeganistão é aquela em que os Estados Unidos têm permanecido há mais tempo, pois começou há quatorze anos, com a invasão do país centro-asiático após os atentados de 11 de Setembro de 2001. Com o golpe de Estado na Ucrânia, a Europa sofre hoje com a primeira guerra civil desde a Guerra dos Bálcãs, nos anos 1990. Na África, há pelo menos quatro países afetados por conflitos bélicos: Líbia, Mali, República Centro-africana e Sudão do Sul. Além disso, as populações de outros países africanos, como Nigéria e Somália, são alvos constantes de grupos extremistas que colocam bombas em espaços públicos, realizam seqüestros em massa e torturam seus capturados.

Na entrevista com o jornalista Henrique Cymerman, publicada no jornal *La Vanguardia*, em 12 de junho de 2014, o Papa foi direto:

> Descartamos toda uma geração para manter um sistema econômico que não se sustenta, um sistema que, para sobreviver, é preciso haver uma guerra, como sempre ocorreu nos grandes impérios. Porém,

[4] http://vaticaninsider.lastampa.it/es/vaticano/dettagliospain/articolo/francesco-corea-35862/.

> como não se pode declarar a Terceira Guerra Mundial, então são feitas guerras locais. E o que isso significa? Que armas são fabricadas e vendidas, e, assim, os balanços das economias idólatras, as grandes economias mundiais que sacrificam o homem aos pés do ídolo dinheiro, obviamente se restabelecem.

Em setembro de 2014, o pontífice foi ainda mais longe ao esclarecer que a guerra acontece por convergirem nas "sombras" o que denominou "agenda do terror", ou seja, "interesses, estratégias geopolíticas, ganância de dinheiro e poder" e uma indústria armamentista cujo cerne está "corrompido" por "especular com a guerra". A guerra, acrescentou, é "uma loucura com a qual a humanidade não aprendeu a devida lição".

Um ano mais tarde, o papa voltou a falar sobre o assunto, em setembro de 2015: "Acredito que o mundo tem sede de paz, por conta de guerras, imigrantes, pessoas que fogem de conflitos e morte".

Qualquer um de nós assinaria embaixo dessas palavras do Papa Francisco. Mas desde que o mundo é mundo, um dos maiores negócios, senão o maior, é o mercado da guerra. Tanto é assim que a fórmula de financiar ambos os lados de uma guerra é conhecida como "fórmula Rothschild": esse ente agora conhecido como "mercado" financia as armas de um grupo e do outro para que entrem em guerra, daí, mais tarde, o povo derrotado terá de recorrer ao financiamento dos mercados para a reconstrução de seus lares, tijolo por tijolo.

Francisco também acrescentou que "o mundo precisa se reconciliar nessa atmosfera de Terceira Guerra Mundial em etapas que estamos vivendo". Precisamos apenas ligar a televisão, sintonizarmos com a rádio, entrar na internet ou ler um jornal qualquer para nos darmos conta de que estamos imersos na Terceira Guerra Mundial. Existem conflitos em todas as partes do mundo: Ásia, Oriente Médio, América do Sul, África... Temos tropas da ONU mobilizadas por todo o mundo. No entanto, reparem bem na seguinte nuance: o Papa fala de uma "Terceira Guerra Mundial em etapas". Suas palavras foram bastante familiares para mim, pois, como escrevi em *Perdidos...*, a guerra mundial atual não é como a que conhecemos, mas está dividida em três fases:

Primeira fase: a guerra sutil e discreta

O objetivo dessa guerra sutil e discreta, que parte de frentes como a cultura, o ensino, a religião, a comunicação, a moral, o ócio, etc., é nos adestrar negativamente com a finalidade de nos desumanizar e nos transformar em escravos; seus escravos. Eles pretendem que cada um de nós sinta a mesma coisa diante dos temas que chegam às primeiras páginas de seus meios de comunicação em massa. E, sobretudo, que sintamos ódio pelos outros, porque sem ódio não há guerra.

Segunda fase: a guerra econômica e psicológica

Para os donos do mundo, a guerra é um instrumento de organização social. A crise é uma guerra econômica usada para estabelecer uma escravidão humana mais sofisticada, de acordo com o conceito de sociedade global que nos está sendo imposto. Os que antes eram ricos, agora são muito mais, ao passo que a maioria do planeta se empobrece. E para isso, não pensaram duas vezes antes de derrubar alguns de seus peões, como o ex-presidente do Fundo Monetário Internacional, Dominique Strauss-Kahn. A tática consistiu em eliminar um determinado número de corruptos para deixar o mundo nas mãos de um número de corruptos reduzido. Em linhas gerais, esse é o motivo pelo qual, da noite para o dia, seja qual for o trovão no céu que perturbe o silêncio e a escuridão da noite, ataques serão feitos a determinadas pessoas e instituições que tempos atrás pareciam intocáveis. Acima de tudo, eles organizaram um ataque a pessoas comuns para ficarem com suas fortunas e recapitalizarem seus bancos.[5]

Terceira fase: a guerra mundial clássica

Hoje, muitos jornalistas estão escrevendo sobre o que denunciei em 2010, quando afirmei que o ocorrido na entrega do Nobel da Paz a Obama foi um feito sem precedentes, pois nunca antes na história um dos laureados aludiu à necessidade de uma guerra no momento de

[5] Explano toda a trama da "primeira crise global" em meu livro *Perdidos: ¿Quién maneja los hilos del poder?*, Martínez Roca, Madrid, 2013.

receber um prêmio por uma suposta contribuição para a paz. Obama nos falou sobre a "guerra justa". E como é criada uma guerra justa?

Suscita-se a ameaça de um perigo contra o qual as pessoas precisarão se defender. Então, por meio da propaganda difundida nos meios de comunicação, os cidadãos são convencidos de que esta é a única solução: a militar. As causas são maquiadas, os inimigos são definidos e catalogados, os dados, o conhecimento, as emoções, os sentimentos são tergiversados, e, assim, espalha-se o medo e o ódio como último passo em direção à guerra. Dessa forma, alguns morrem, outros fogem de seus territórios, outros se enriquecem (volto a fazer referência à "fórmula Rothschild") e outros recebem Prêmios Nobel sem o devido merecimento. Bom, na verdade, obedeceram às ordens superiores. Obama, o Nobel da Paz, é o príncipe da guerra.

Desconheço se as declarações do Papa Francisco sobre a Terceira Guerra Mundial em fases foram motivadas pela leitura do meu livro *Perdidos...*. Porém, fica muito claro para mim que, assim como eu, o Papa se deu conta da natureza dessa guerra e assim a relatou.

Fico otimista ao ver que, embora eu tenha sido a primeira, não sou a única que hoje fala numa Terceira Guerra Mundial. E digo otimista porque isso desperta a consciência adormecida de muitos. Igualmente, no Oriente Próximo, alerta-se a respeito de sua existência. No início de agosto de 2015, o Aiatolá Akbar Hashemi Rafsanjani, presidente do Conselho de Discernimento do Interesse Superior do Regime e presidente iraniano entre 1989 e 1997, afirmou que "a ameaça de deflagração da Terceira Guerra Mundial por causa dos terroristas é grave". Rafsanjani ressaltou as intromissões dos EUA e da OTAN, e os responsabiliza pelas condições que conduzirão à guerra. "Estados Unidos e OTAN invadiram o Afeganistão para extirpar pela raiz o terrorismo e o narcotráfico, mas vimos que o terrorismo se expandiu na forma de Estado Islâmico, Boko Haram e Frente Al-Nusra até partes remotas do mundo a partir da Al-Qaeda e do Talibã no Paquistão e no Afeganistão". O ex-presidente iraniano pediu aos países ocidentais que deixassem de apoiar o terrorismo e, em vez disso, tomassem medidas sérias para combatê-lo.[6]

---

6 http://actualidad.rt.com/actualidad/182290-iran-inminente-tercera-guerra-terroristas.

Na Rússia, o presidente da Duma Estatal, Serguei Naryshkin, afirmou numa entrevista publicada pelo *Izvestia*,[7] em julho de 2015, que é muito provável que os conflitos se intensifiquem em todo o mundo. Nesse sentido, ele lembra que em várias regiões estão ocorrendo confrontos "quentes" e "frios", motivo pelo qual a palavra "guerra" aparece mais a cada dia. O representante institucional russo está convencido de que, se acontecesse, "a Terceira Guerra Mundial seria a última da humanidade". Segundo Naryshkin, na Ucrânia e nos países bálticos se observa "a ascensão do neonazismo e a glorificação dos capangas de Hitler". O presidente da Duma considera que os principais países ocidentais, lamentavelmente, "preferem não se dar conta disso".

Naryshkin lembrou a importância de aprender com a história e, em especial, com episódios como a Primeira Guerra Mundial: "A principal lição é a necessidade de encontrar formas pacíficas de resolver qualquer desavença".

O representante institucional russo argumenta que vários países ainda desejam instaurar uma política imperial e colonial, e que em alguns lugares essa política já está sendo imposta.

> A situação está intimamente ligada à impunidade prolongada tanto dos crimes contra a paz e a humanidade quanto em relação à tolerância a ideologias neofascistas e similares com nuances de racismo. Em virtude da concordância tácita com idéias de superioridade de um povo sobre o outro, muitos conflitos armados tiveram início. As ideologias modernas sobre exclusividade são extremamente perigosas. As idéias de superioridade sustentadas pelos nossos oponentes no Ocidente não são compatíveis com a igualdade. Querem subjugar o mundo todo e, de fato, alguns governos já estão dominados. No entanto, a Rússia e outros países não concordam com isso, então se opõem a essas tentativas. Os princípios da Rússia incomodam nossos oponentes.

O presidente da Duma garante que "se nos impuserem [à Rússia] a lógica da Guerra Fria, teremos que dar uma resposta adequada a essa provocação", e acrescenta que a Rússia tem aliados na Europa: "Se tivessem dado a todos os países da UE a oportunidade de tomar suas

[7] http://izvestia.ru/news/589303#ixzz3hNzBzlSK e http://actualidad.rt.com/actualidad/181622-tercera-guerra-mundial-rusia-union-europea-sanciones.

próprias decisões sobre as chamadas sanções, como deveria ocorrer de acordo com o ponto de vista do direito internacional, teríamos uma idéia diferente da atual". Naryshkin disse ainda que os EUA estão debilitando o potencial econômico e a autoridade internacional dos países da Europa.

No Oriente Médio, depois que soldados do Estado Islâmico queimaram vivo um piloto jordaniano, o rei da Jordânia, Abdala II, falou sobre a Terceira Guerra Mundial: "Como já disse aos líderes do mundo islâmico e árabe, bem como ao mundo em geral, trata-se de uma Terceira Guerra Mundial por outros meios. Ela une os muçulmanos, os cristãos e os representantes de outras religiões nessa luta geracional na qual todos temos de estar juntos", afirmou numa entrevista exclusiva concedida a Fareed Zakaria, do canal CNN.

Para o Rei Abdala II, "não se trata de uma luta ocidental", mas de "uma luta dentro do Islã, em que o mundo inteiro se uniu contra esses bandidos".

O rei ressaltou que, com a publicação do vídeo, a organização terrorista visa a intimidar os jordanianos, mas ele acredita que lograram "o efeito inverso".

> Eles estão sempre querendo intimidar, assustar, levar medo aos corações das pessoas. É um grupo que trabalha por meio da intimidação. Inventam um falso vínculo com um califado, com nossa história do Islã. Não sei quem são essas pessoas, mas, definitivamente, não têm nenhuma relação com a nossa fé. E o líder deles, Abu Bakr al-Baghdadi [...] não tem relação nenhuma com os princípios do Islã.

E agora, pensem bem: estamos ou não imersos na Terceira Guerra Mundial?

O prognóstico do genial físico Albert Einstein já está se cumprindo: "Não sei como será a Terceira Guerra Mundial, mas a Quarta será com pedras e lanças".

A Terceira Guerra Mundial e o governo único

A Terceira Guerra Mundial — sua expansão e resolução — está diretamente relacionada com um dos objetivos primordiais do Clube

Bilderberg: o estabelecimento de um governo único, que articule leis universais para todo o planeta. Já nos anos 1950, o banqueiro James Paul Warburg assegurou perante o Senado dos Estados Unidos que: "Querendo ou não, teremos um governo mundial. A única pergunta é se ele ocorrerá por meio de consenso ou imposição".

Também conhecemos as declarações de David Rockefeller nesse sentido: "Alguma coisa deverá substituir os governos, e o poder privado me parece a entidade adequada para tal".

Os antecedentes das duas guerras mundiais nos deixam em alerta de que isso poderia ocorrer ao término da Terceira. Refiro-me ao fato de que a Sociedade das Nações e a ONU foram fundadas justamente após o fim de ambos os conflitos bélicos. Será inaugurado um governo mundial ao fim da Terceira Grande Guerra?

Mudança climática: um argumento de peso

Para convencer a população da necessidade de implantar um governo mundial, o Clube Bilderberg precisa de um argumento de peso para que os habitantes do planeta estejam conscientes de que o melhor, diante do problema existente, é um governo mundial que resolva tudo.

No ano passado, na Dinamarca, o político holandês Diederik M. Samsom, que de membro do Greenpeace se tornou parlamentar trabalhista e *bilderberg*, foi ao encontro dos jornalistas de veículos *on-line* e de blogs que montavam guarda em torno do Hotel Marriott Copenhagen e, diante das câmeras, defendeu a necessidade de uma Nova Ordem Mundial em virtude das mudanças climáticas. A partir desse problema surge a necessidade de cooperação entre os países para combatê-lo. É uma estratégia retórica de comunicação por meio da qual eles disfarçam a finalidade original, colocando em primeiro plano um problema: o clima. E deste problema surge a solução: um governo mundial.

Apresentar problema — propor a solução

Desde o seio do Clube Bilderberg esse problema foi apresentado como um desafio. É o único grande desafio da humanidade do século XXI, e,

em sua mensagem, Samsom está nos dizendo que devemos nos unir, porque só assim poderemos enfrentar o grande desafio.

A jornalista russa Julia Tourianski, que reside no Canadá, teve um interessante debate com Samsom a respeito da mudança climática. Depois de algumas perguntas, Tourianski disse ao interlocutor que não achava uma boa idéia haver um grupo de indivíduos decidindo o futuro da economia mundial, "por isso as pessoas se preocupam com reuniões desse tipo". Samsom respondeu que os governos "deveriam cooperar", e o que mais chamou nossa atenção foi o motivo ao qual ele recorreu:

> — Se olharmos para a questão da mudança climática, só seremos capazes de combatê-la unidos como uma só sociedade.
> — Mas nem todo mundo concorda que a mudança climática deve ser combatida — ressaltou a jornalista.
> — Bem — prosseguiu Samsom, com um sorriso de superioridade —, estamos falando que o aumento do CO_2 afeta nosso clima.

Então, outros jornalistas entraram na conversa e o surpreenderam com o fato de não haver um consenso no debate científico, ou seja, nem todos os cientistas concordam com a teoria das mudanças climáticas e não são todos que vêem a necessidade de impostos sobre o carbono.

> — Eu sei, há muito debate. Mas vamos ficar esperando que os cientistas tomem uma decisão? — argumentou Samsom.
> — Não há provas científicas — respondeu a jornalista.
> — Não podemos esperar.
> — Então é melhor destinar o dinheiro de nossos impostos para solucionar um problema que pode não existir? — ela redargüiu.
> — Digamos que estamos tentando entrar em um consenso de que a energia renovável faz parte da solução.
> — E o que fazer com países como a Índia ou a África, que ainda estão em desenvolvimento, e para os quais a energia renovável é muito cara?
> — Por isso devemos cooperar. Por isso devemos ajudar uns aos outros. Por isso demos início a essa discussão, por isso a nova ordem. A comunidade deve trabalhar unida. [...] A mudança climática é algo que deveríamos prever.

Tourianski olhou para seus companheiros e outros manifestantes que, àquela altura da entrevista, estavam reunidos em volta deles e exclamou:

— Todos sabemos que estão mentindo.

— Então todos os que estão aqui não acreditam que o CO_2 é um problema?

— Não, não, não. São apenas mentiras! A mudança climática é uma farsa.[8]

O vídeo é mais longo, mas recomendo que assistam a ele. Porém, o que fica claro é a armadilha retórica utilizada no tocante às mudanças climáticas: precisamos nos unir, criar uma comunidade internacional, um governo mundial, se quisermos salvar o planeta, pois estamos em perigo em função das mudanças climáticas.

Como vemos, a propaganda do governo mundial nunca deixa de ser trazida à tona por parte do Clube Bilderberg, seja de forma oportuna ou não. No ano de 2015, a poucos dias da reunião anual do clube, o *bilderberg* e ex-presidente da Comissão Européia, José Manuel Durão Barroso, defendeu que só uma "gestão mundial" seria capaz de lidar com os perigos que ameaçam o planeta. O dignitário fez essa afirmação na palestra que ministrou na aula magna do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, em Portugal (ISCSP), diante de uma platéia abarrotada.

Durão Barroso afirmou que a União Européia é a "precursora do governo mundial"; é aquela que permite a todos — pequenos, médios e grandes — "discutirem em pé de igualdade com os EUA e a China". O político ainda acrescentou: a idéia de "governabilidade mundial" é a única capaz de fazer frente à "ameaça" que pesa sobre o futuro, "como a instabilidade financeira, as ameaças terroristas e as pandemias".

Durão Barroso é agora professor na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos, e continua sendo conselheiro político internacional em Bruxelas e em outros países. Mas sua principal função está ligada ao Clube Bilderberg. No corrente ano, seus correligionários o nomearam membro do comitê diretor do Clube, entidade à qual chegou há mais de uma década e que o promoveu à presidência de Portugal, porém, logo depois, ele abandonou seus eleitores quando o Clube Bilderberg o chamou para presidir a Comissão Européia da UE.

---

[8] https://www.youtube.com/watch?v=UkBMOD11kxc. Bilderberg Member Double-Speaks to Protestors.

Por todos os lados e com base em diversos argumentos, sejam políticos, econômicos ou ambientais, vários líderes vinculados ao clube nos asseguram que é urgente e necessário criar um governo mundial, além de ser preciso cooperar por meio da obtenção de financiamentos para implementá-lo o quanto antes, tudo em nome do bem da humanidade. Mas ninguém fala nada sobre quais serão as figuras à frente deste grande governo.

Como George Orwell já dizia, sabemos que é preciso analisar a fundo as mensagens políticas para encontrar o verdadeiro sentido delas, por isso mesmo vemos que o real anseio do núcleo duro do Clube Bilderberg é implantar um governo mundial que trabalhe em prol de seus interesses. A partir de seu cerne, ele governará todas as dimensões da vida, do pensamento e das atividades humanas, centralizando o controle das finanças, da ciência, da informação e do conhecimento, como já está ocorrendo.

Bill Gates e sua propaganda

Bill Gates aterrissou na cidade catalã de Sitges, um dia antes da reunião do clube de 2010, para dar uma palestra no primeiro ato público do Instituto de Saúde Global (ISGlobal) sobre a importância de se investir no desenvolvimento. Na coletiva de imprensa no Museu CosmoCaixa, após cancelar a conferência, afirmou sem rodeios: "Sou um dos que estarão presentes [à reunião do Clube Bilderberg]". Foi a única exceção entre os convidados, que mantiveram fielmente a discrição e evitaram falar com a imprensa. Gates esclareceu que participaria de um "debate sobre energia e as necessidades dos mais pobres", no qual tratariam sobre como as mudanças climáticas e as energias renováveis afetam os países menos desenvolvidos. Ele disse ainda que seriam abordados vários debates financeiros.[9]

E essa foi a coisa mais relevante tratada naquela coletiva de imprensa; frases que, com toda a certeza, foram pronunciadas no seio do Clube Bilderberg. Nós, reles mortais que não fomos convidados a participar da reunião, tivemos de esperar cinco anos para ter conhecimento de suas idéias. Em janeiro de 2015, o homem mais rico do mundo, de

---

9 http://www.20minutos.es/noticia/727227/0/club/bilderberg/sitges/.

acordo com a revista *Forbes*, reivindicava publicamente "uma espécie de governo mundial", alegando que era "extremamente necessário" para combater os problemas mais críticos do mundo, por exemplo, "as mudanças climáticas".

Ele pediu a instauração de tal governo durante uma entrevista concedida ao jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*, em que criticou o fato de que o propósito das Nações Unidas não se havia materializado como previsto. "Na verdade, foi triste ver como se desenrolou a Conferência em Copenhague, o que mostra que o sistema da ONU fracassou", disse Gates, referindo-se à Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas da ONU em 2009, na capital dinamarquesa.

"A ONU foi criada para garantir a segurança mundial, estamos prontos para a guerra, porque tomamos todas as precauções. Temos a OTAN, temos divisões, jipes, pessoas capacitadas", afirmou Gates. "Mas e quanto às epidemias? Quantos médicos, aviões, barracas de campanha, cientistas temos à disposição? Se houvesse algo como um governo mundial, estaríamos mais bem preparados", asseverou.[10]

> *A guerra é a paz,*
> *A liberdade é a escravidão,*
> *A ignorância é a força.*
> George Orwell, *1984*

É bem provável que, após a leitura dessas declarações, tenham vindo à mente de muitos as imagens da suposta pandemia de ebola que ocorreu em vários países, logo após o término da reunião Bilderberg de 2014. Na América do Norte, a mobilização policial e de agentes de saúde assemelhou-se muito com uma produção hollywoodiana. A contaminação também chegou à Espanha. Os protocolos da agência da ONU chamada de Organização Mundial da Saúde foram os mais adequados? De acordo com a própria agência, não. Veio à minha mente também a denúncia que fiz no meu terceiro livro, de 2010, este que agora está em suas mãos, contra as mentiras da mudança climática, as mentiras da gripe A, as mentiras de Obama e as mentiras da ONU.

10 http://www.huffingtonpost.de/2015/01/27/bill-gates-wir-brauchen-eine--weltregierung_n_6556658.html?utm_hp_ref=germany e http://actualidad.rt.com/actualidad/165093-bill-gates-gobierno-mundial.

Porém, sigamos adiante. Poucos meses após as declarações de Bill Gates, mais precisamente em 18 de fevereiro de 2010, Javier Solana, o ex-secretário-geral da OTAN e primeiro presidente informal da União Européia, fez uma sugestiva declaração durante uma conferência acadêmica na universidade catalã de ESADE: "A Europa pode e deve ser uma espécie de laboratório do que poderia ser um sistema de governo mundial". Como destacou o aristocrata e um dos fundadores do Clube Bilderberg, Denis Healey, ex-ministro da Economia e da Defesa do Reino Unido, a respeito da obscura entidade da qual estamos tratando:

> Dizer que nos esforçávamos para estabelecer um governo único no mundo é um tanto exagerado, mas não completamente equivocado. Nós, no Clube Bilderberg, partilhávamos o sentimento de que não podíamos continuar lutando uns contra os outros para sempre, matando pessoas e deixando milhões sem um lar. Por isso pensamos que uma só comunidade em todo o mundo seria uma boa solução.

Não acho estranho ver esse tipo de proposta por parte de *bilderbergs*, mas, sim, vejo uma tremenda contradição quando governantes de esquerda, como José Mujica, defendem os mesmos objetivos do clube. Em março de 2014, foi exatamente isso o que ele fez durante uma entrevista ao portal *En Perspectiva*.[11] O jornalista perguntava sobre seu possível encontro na Casa Branca com o Presidente Barack Obama e os temas que o presidente uruguaio poderia abordar. De repente, sem nenhuma relação com o que estava sendo dito, Mujica manifestou a necessidade de um governo mundial:

> O mundo está precisando de uma agenda e necessita um governo mundial. Tal coisa não existe atualmente, e essa é uma responsabilidade das grandes potências. Sei que só falar não ajuda em nada, mas é preciso falar e é preciso insistir no assunto. Porque a humanidade está entrando numa era em que deve ser governada como espécie, porque estamos todos nesse mesmo barco que está cada vez menor. Essa é uma responsabilidade dos EUA, da China, da Rússia, da Alemanha... O resto de nós somos meros espectadores e vítimas.

Assim se expressou, com a voz carregada de emoção.

---

11 www.enperspectiva.net

Mujica ressaltou, além disso, que "se a humanidade não começar a tratar desses problemas-chave, uma grande crise tende a se estabelecer. Exemplo disso é o continente de plástico que existe no fundo do Oceano Pacífico". Novamente nos deparamos com um governante ou líder que apela à questão ecológica como pretexto para defender um governo mundial. Mas Mujica também clamou por uma moeda única e um foro mundial que nos governe. Como é possível coincidir exatamente com a cosmovisão do Clube Bilderberg?

Qual é a minha principal objeção ao possível governo mundial? Um modelo desses abandona os valores pelo caminho. Concentra-se na produção, no mercado e, no fundo, é controlado pela ganância e psicopatia da autodenominada elite, que trabalha para implantá-lo. Deixa de lado o sentido da vida, a humildade, a humanidade. Torna-nos escravos no sentido espiritual, pois considera o ser humano um simples produtor e consumidor, um número, um escravo de sua Arcádia feliz. O restante dos aspectos humanos não mais importa, não tem lugar em sua análise do progresso.

E devo acrescentar às minhas objeções as figuras que poderiam ser os governantes mundiais. Será que poderíamos confiar neles?

Um sistema eclético

A sociedade atual, chamada por muitos de neocapitalista ou ultracapitalista, é a conseqüência eclética das grandes ideologias que marcaram a existência humana desde o século XIX: o capitalismo, o liberalismo, o comunismo e o fascismo. Se nos dedicássemos a analisar as características da globalização do século XXI, observaríamos nela posturas, ações e tendências próprias dessas quatro doutrinas. Não é fascista um Estado que deixa morrer imigrantes em alto-mar para, depois, explorar os pobres que sobrevivem? Não é marxista o sistema tributário segundo o qual quem mais tem mais paga? Não é o capital que organiza cada detalhe da nossa existência social? O socialismo utópico também aparece em nosso horizonte para nos manter desejosos desse sistema capaz de controlar tudo e entregues a ele, sistema o qual busca constantemente se aperfeiçoar, levando em conta a variável da expectativa. Por sua vez, o liberalismo se transforma numa faca de

dois gumes, com sua promoção da iniciativa privada e seu controle da intervenção estatal e dos poderes públicos na vida social, econômica e cultural. É exatamente isso o que defendem os *bilderbergs*, quando não se deixam controlar por nenhum Estado ou lei externa que os contenha.

Mediante sua excelente oratória, os donos do mundo tentam nos distrair da realidade entre as estreitas margens dicotômicas de direita e esquerda, moral e ética, capitalismo e comunismo, quando hoje existe apenas uma única via em atividade: a globalização.

A sociedade epicurista

Sem nos darmos conta, contribuímos todos os dias para a construção da pseudodemocracia criada nos laboratórios por cientistas sob o jugo dos *bilderbergs*. O sistema eclético no qual se assenta nossa vida, orquestrada em torno do dinheiro, é prejudicial à estabilidade emocional. O ser humano deve encontrar o equilíbrio entre os distintos aspectos que o compõem: o trabalho, o dinheiro necessário para viver, seus sonhos, o descanso, a diversão, a vida social, as relações pessoais, a busca pela felicidade. Mas hoje impera uma psicologia desalmada que retornou ao epicurismo, que anseia pelo prazer corporal e intelectual, sem dar importância a mais nada. Esse sistema filosófico foi condenado ao esquecimento no início da Idade Média, já que o cristianismo não o adaptou à sua fé, como o fez com o aristotelismo e o platonismo, que tiveram forte influência sobre os donos do mundo.

Atualmente, o epicurismo leva as pessoas ao adoecimento extremo, como deixa claro o paradoxo dos incontáveis casos de bulimia e anorexia ocorridos em abundância nas sociedades — uma contrariedade que ganha ares de absurdo e crueldade num mundo em que as pessoas ainda morrem de fome.

Estamos tão entretidos com o trabalho e com coisas a consumir que, às vezes, não nos conscientizamos da roda em que giramos. Não sabemos sair dela, porque já não pertencemos a nós mesmos, mas à sinergia do mercado social. Sucumbimos aos ilusionismos e ao oásis dos *bilderbergs*, aos quais obedecemos com uma fé cega: deixem o mundo em nossas mãos, pois somos os únicos que sabem como as coisas

funcionam e como levá-los à felicidade. Claro que sabem, porque eles inventaram o sistema.

Ação social

Enquanto não inventarem coisa melhor, a única alternativa possível à nova ordem é a democracia autêntica. Porém, o maior inimigo desta não é o Clube Bilderberg e o conjunto de sociedades secretas que agem para controlar o mundo, mas a indiferença do povo.

Os globalistas potencializaram essa apatia com suas armas de manipulação social, mas a população, como depositária do poder soberano, deve assumir sua responsabilidade e sobrepujar-se às maquinações dos "sumos sacerdotes". Conhecer a existência do Clube Bilderberg, bem como de seus planos secretos, é um passo fundamental, mas logo em seguida é preciso compreender como seus integrantes se organizam. Podemos seguir o exemplo deles: os cidadãos devem formar suas próprias sociedades, sem o conhecimento dos órgãos que elas controlam, evitando apadrinhamentos para agir com total liberdade. A finalidade disso é fomentar a ação conjunta e global, atuando em todos os cantos do planeta. Podemos seguir seu exemplo de guerra silenciosa, de maneira tranqüila, com paciência, sem pressa, paulatinamente. Existem interesses conflitantes pendentes: os dos donos do mundo e os dos homens e mulheres que povoam o planeta.

A luta atual é contra o totalitarismo disfarçado de democracia, contra o poder injusto e arbitrário. Contra um sistema e alguns governos que mentem para nós e escondem seus objetivos reais. Contra um modelo de manipulação das massas mediante veículos de comunicação, cinema, teatro e arte. A oligarquia colocou em nossas mãos uma arma poderosa: a internet. Graças a ela podemos criar nossa própria globalização.

O poema erroneamente atribuído a Bertolt Brecht, mas que, na verdade, foi escrito por Martin Niemöller, pastor protestante preso na época do nazismo, segue refletindo o mecanismo atual:

> Primeiro perseguiram os anarquistas,
> Mas como eu não era anarquista, não me preocupei;
> Depois perseguiram os comunistas,

> Mas como eu não era comunista, não me preocupei;
> Mais tarde perseguiram os socialistas,
> Mas como também não era socialista, não me preocupei.
> Depois perseguiram os judeus, e não falei nada, porque não era judeu.
> Em seguida perseguiram os católicos, e não falei nada, porque eu era protestante.
> Depois vieram atrás de mim, porque já era tarde demais para protestar.

O preço do bem-estar

O Clube Bilderberg financia e mantém certos pseudomovimentos antiglobalização, como o Greenpeace e outras ONGs, para oferecer à sociedade um palanque próprio de reclamação para tirar o peso de sua consciência. Encontramos um exemplo do tipo no tsunâmi ocorrido na Ásia, em dezembro de 2004. Não acha que é um enorme cinismo financiar ajuda humanitária e enviar toneladas de alimentos e dinheiro para os afetados pela tragédia, enquanto, todos os dias, milhares de crianças morrem de fome na África em razão da AIDS e de doenças endêmicas? Só com a metade do que foi destinado ao ocorrido, poderiam solucionar o problema africano. No entanto, esse é mais um caso em que se deve continuar com a ordem instituída pelo chamado Primeiro Mundo, a qual foi estabelecida a partir das orientações de comportamento social idealizadas pelo Clube Bilderberg. Para termos uma vida emocionalmente sossegada, esquecemo-nos do que realmente acontece à nossa volta, ou seja, não é que sejamos passivos diante dos acontecimentos mundiais, mas optamos por um conformismo compatível com a comodidade proporcionada por esse sistema de regulamentação social.

O motivo para essa decisão é simples: como em qualquer transação, obtemos um benefício em troca. Nos países desenvolvidos, vivemos com certa paz social, um conceito que o Clube Bilderberg incutiu em nosso pensamento e nosso estilo de vida, e que assimilamos como objetivo prioritário para nosso bem-estar (embora não saibamos o que exatamente isso significa).

Mas a globalização traz consigo uma noção de despertar para o que está ao nosso redor e faz com que sejamos conscientes de fazer parte de um todo interligado: o planeta Terra, que forma o conjunto de seus

habitantes. Nas tribos antigas, a consciência solidária de pertencimento a um grupo significava que todos ajudavam uns aos outros e que o bem-estar de um único membro era responsabilidade de toda a comunidade, um sistema que continua existindo em pequenas sociedades. Por mais quanto tempo seremos capazes de viver ignorando o sofrimento que o modelo do Clube Bilderberg proporciona ao resto da comunidade global? Se para que os adolescentes do Primeiro Mundo tenham meia dúzia de calças jeans, um chinês precisa sucumbir nos ateliês da morte, então é preferível ensinar aos jovens que devem possuir apenas o necessário.

O Nobel Konrad Lorenz, fundador da etologia, a ciência do comportamento, destacou em seu livro *Os oito pecados mortais da civilização*: "A humanidade está sendo doutrinada por um falso código de valores, somente apreciado por aqueles que o manipulam".

A união faz a força

O controle dos mais poderosos não tem influência apenas no âmbito econômico, mas também no social e, portanto, no educacional. Nessas áreas também são introduzidos conceitos e vocábulos que ficam impregnados em nosso cérebro e em nossos objetivos de vida. É tudo muito bem organizado, como vimos no capítulo 8. É a "guerra tranqüila", a guerra psicológica, a mais fácil e rápida para alcançar objetivos. Assim foi determinado. Daqui a mil anos, pode ser que chegue a vez de a África alçar vôos e se firmar como o novo império. Talvez algum dia vivamos no mundo ideal ansiado pelos nossos melhores sentimentos, mas há de ser pouco a pouco. Não podemos nos esquecer de que há não muito tempo vivíamos nas cavernas, e que fomos nós, os *Homo sapiens sapiens*, ou homens de Cro-Magnon, que abolimos a espécie dos homens de Neandertal a fim de ocuparmos seus territórios. Desde então, avançamos muito, e na maioria das vezes por meio de guerras. Porém, a barbárie também nos trouxe muitas perdas. Aprendemos a respeito dos erros que deveriam ter sido evitados para alcançar o maior bem-estar para o maior número de pessoas (sociedades), que é a idéia do Clube Bilderberg. Os donos do mundo subsistem por meio de objetivos: para alcançar tais fins tenho de agir de tais maneiras. Serão elas boas, serão más? Exatamente o contrário, porque eles regulam tudo, mas

somos nós que deixamos. A economia domina o mundo, e o mundo é dominado pelo império que se erige no presente como amo e senhor. A primazia deste vai mudando com o passar dos tempos. Agora é a vez dos Estados Unidos, mas antes já foram o império persa, o macedônico de Alexandre, o Grande, o romano, o espanhol, etc., que governavam a face da Terra.

Em sua última visita à Europa, em 21 de fevereiro de 2005, no auditório principal do Concert Noble de Bruxelas, George W. Bush qualificou de "desavença passageira" o conflito com a Europa por causa da Guerra do Iraque. E advertiu: "Ninguém na Terra poderá nos dividir. Nenhum debate temporal, nenhuma diferença passageira entre governos (dos EUA e da Europa), nenhum poder sobre a Terra jamais nos dividirá". Está na cara que isso não é do interesse deles, porque a união faz a força. Bush anunciou o início de "uma nova era" nas relações entre ambos os continentes. Essas declarações do *imperador* são um aviso aos navegantes, àqueles navegantes das sombras que, por enquanto, não têm como enfrentá-lo. Alguns tiveram que abaixar as orelhas, inclusive pode ser que tenham sido obrigados a prestar-lhe homenagens. Ou apenas se recolheram aos seus aposentos de inverno.

Todos esses dados fazem com que nos perguntemos: estamos nas mãos de que tipo de pessoas? Os avanços tecnológicos não só tornaram a vida mais fácil, senão que nos proporcionaram informações mais concretas, mais globais. E essa informação gerou perguntas em nós, questões sobre economia, organização, filosofia. Novamente, como outros pensadores do passado, olhamos com sensatez para o mundo do século XXI. Parafraseando Albert Einstein,[12] "para onde caminhamos agora?".

Escravos globais

Os *bilderbergs* se consideram seres superiores, são os iluminados, os escolhidos para nos conduzir a uma Nova Ordem Mundial. Não há alternativas, não há liberdade para aqueles que não desejam aderir ao seu sistema: serão declarados marginais e desajustados. Por isso, não podemos ser cúmplices silenciosos dessa nova cruzada promovida pelo

12 A autora se refere à seguinte frase de Einstein: "A desintegração do átomo transformou tudo, exceto nossa forma de pensar; por isso, caminhamos para uma catástrofe sem paralelo" — NT.

"império do bem". Se não reagirmos rápido, chegaremos a um difícil ponto de retorno em que a liberdade individual será substituída pela escravidão global e nos veremos obrigados a nos submetermos a certas supra-estruturas internacionais nas quais a vida de um homem inocente estará subordinada à segurança da coletividade. Agora, eles nos dão algumas amostras exemplares, como o caso do câmera televisivo espanhol José Couso, assassinado na sacada do hotel Palestine por *marines* americanos, durante a execução de seu trabalho informativo no Iraque, porque os EUA não queriam que fossem divulgadas imagens da ofensiva aliada em Bagdá. Com ele, também foram assassinados um câmera da *Reuters*, o ucraniano Taras Protsyuk, e o jordaniano Tarek Ayub, do canal árabe Al Jazeera. Foi a guerra mais sangrenta e a mais censurada para a imprensa; em apenas vinte dias, onze repórteres foram eliminados. Outra ação exemplar foi o assassinato de um jovem brasileiro, no metrô de Londres, consumado pela polícia britânica, pois o confundiram, de acordo com a versão oficial, com um terrorista pelo simples fato de estar portando uma mochila, como qualquer adolescente do mundo. Na seqüência dos debates, os meios de comunicação começaram a introduzir na sociedade referências a respeito da preferência por viver seguro ou viver livre. E ao mesmo tempo que perdemos liberdades, os donos do mundo continuam em sua caminhada.

O Clube Bilderberg deseja alcançar o poder absoluto, que compreende o econômico e o cultural, anseia acabar com todas as liberdades e nos tornar escravos. Aqueles que trabalham com eles e conhecem seus planos estão aterrorizados, e por isso filtram informações que vão para a imprensa e para os investigadores, porque tentam, por todos os meios possíveis, fazer que eles não alcancem seus objetivos.

Apesar disso, não é bem verdadeiro que eles queiram acabar com todas as liberdades; trata-se de mantê-las num nível que, segundo eles, é vantajoso para todos nós. Podemos classificar essa liberdade controlada como uma forma de escravidão, porém não aquela escravidão no sentido clássico da palavra. É mais uma questão de nos convencer, entre outras coisas, de que cada um possui um nível social, econômico ou intelectual estagnado, que pode até alcançar um nível mais elevado, mas nada muito além disso. Querem nos persuadir a ter uma função concreta dentro

das sociedades pseudodemocráticas que pretendem construir. Mais que uma escravidão, trata-se de um adestramento. Eles nos dão instruções para que sejamos dóceis, para deixarmos o mundo em suas mãos e que somente nos dediquemos a trabalhar, a consumir; não querem que sejamos seres pensantes e ativos, mas que estejamos entretidos com as bobagens que passam na televisão. Para eles, somos meros animais domésticos. O pior não é que ajam por nós, mas que lhes permitamos que pensem em nosso lugar. Temos inteligência suficiente para entender os acontecimentos, os temas cruciais, se nos explicarem tal e como são, sem ocultar dados. O fato é que não querem nos dar explicações, porque nosso conhecimento cercearia o poder e a capacidade de manipulação deles. Seu objetivo é a confusão, o caos, para que confiemos a eles — os detentores do conhecimento absoluto — as chaves do mundo.

Por isso nos iludem, tergiversando dados, contando mentiras, vendendo ética como quem vende um sabonete, com total impunidade. Procuram nos manter entretidos, absortos, abobados com banalidades insignificantes, porém enfeitadas com pompa e circunstância, como o fato de homossexuais poderem ou não casar, que nos é apresentado como o maior problema da nossa existência. No entanto, os problemas do mundo são outros.

Diante dessa perspectiva, devemos refletir sobre a sentença proferida por Frederick Douglass, em 1844: "O poder não concede nada sem prévia reivindicação. Nunca o fez e nunca o fará. Os limites dos tiranos são determinados pela capacidade de resistência daqueles que são oprimidos". O homem sabia do que estava falando, porque, antes de se tornar um dos mais renomados abolicionistas de seu país, nasceu como escravo numa plantação de algodão de Maryland.

Quando o senhor de Frederick descobriu que sua esposa o estava ensinando a ler, repreendeu-a: "Um negro não deve fazer outra coisa além de obedecer ao seu senhor, fazer o que lhe for ordenado. Dar-lhe conhecimento estragaria o melhor negro do mundo. Se ensinar um negro a ler, será impossível mantê-lo preso. Isso o incapacitará para ser escravo para o resto da vida". Hoje, em face dos *bilderbergs*, somos os representantes dos negros, aos quais não queriam ensinar a ler para que não se conscientizassem da realidade de sua escravidão.

"Para que um escravo fique contente, é necessário que não pense. É necessário obscurecer sua visão moral e mental, e, sempre que possível, aniquilar seu poder de racionalidade", escreveu Frederick. Esse é o motivo pelo qual "o olho" tem de ver tudo, saber, a cada instante, como pensam e agem os cidadãos, para, assim, corrigir de forma rápida e eficaz o trajeto da "ovelha desgarrada", o crítico subversivo que pode colocar em risco sua obra injusta.

Querem ser escravos ou preferem ser livres?

Vocês já conhecem os segredos. Agora só falta tomarem a decisão.

CAPÍTULO 12 + 1

Donald Trump, o inesperado

Uma mentira, devidamente repetida mil vezes, transforma-se numa verdade.
— Paul Joseph Goebbels[1]

O fato de os homens não aprenderem muito com as lições da história é a mais importante de todas as lições de história.
— Aldous Huxley[2]

O mundo não é simples. Não é composto de seres puramente bons nem radicalmente maus. Sem dúvida, eles existem. Mas são as exceções à regra. O comum, o habitual, é a mescla entre o que consideramos bom e mau numa mesma pessoa. E isso ocorre porque não somos criaturas simples, mas complexas.

O mundo é complexo. Os eventos e acontecimentos que nos rodeiam, nos precedem e os que virão não obedecem a uma única causa. Existem inúmeros fatores envolvidos. Alguns são mais fáceis de observar; outros são realmente invisíveis e imprevisíveis.

Sem precisar ir muito longe, hoje em dia, continuamos sofrendo com as conseqüências da época revolucionária, o que mostra que o tempo é,

1 Paul Joseph Goebbels (1897–1945), ministro da Educação Pública e Propaganda da Alemanha Nazista.

2 Aldous Huxley (1894–1963), escritor inglês.

sobretudo, um absoluto mistério. Para começar, o tempo não é linear, e por esse motivo há aqueles que continuam vivendo na Revolução Francesa e gritando todos os dias "Liberdade! Igualdade! Fraternidade! Ou a morte!".

Contudo, a teoria da complexidade nos diz que os melhores planejadores e manipuladores sociais são aqueles que aprenderam como agarrar o imprevisível pelo pescoço e transformá-lo em seu aliado. Os controladores mais inteligentes são aqueles que sabem manipular o imprevisível a fim de ganhar a partida repetidas vezes.

E essa teoria que poucos conhecem nos ensina algo muito importante: atualmente, não estamos nas mãos dos melhores. Se algum dia o foram, já não são mais. O mundo escapou das mãos do Clube Bilderberg. Eles se perderam no caminho. Acharam que nos enganariam novamente, após mais de seis décadas nessa toada.

Porém, eles não souberam reagir diante da arrebatadora chegada do inesperado, cujo nome é Donald Trump. Sim, ele chegou como o inocente pato do mundo da Disney que usaram para nos entorpecer. A raiva os deixou com espuma na boca. Estão raivosos como diabos apocalípticos. E enquanto prejudicam o mundo com seus ruídos, poucos parecem ler o que Donald disse nas entrelinhas.

Sim, exatamente, ele declarou guerra aos *bilderbergs*, e, toda vez que fala em público, com essa teatralidade furiosa, ameaça destruir suas obras, aquelas que se esforçaram tanto para realizar desde a Segunda Guerra Mundial. Este mundo que os avós deixaram para seus netos — os Rockefeller, os Rothschild e os Warburg —, essas crianças mimadas que pensam que as pessoas não sofrem, pois as consideram meras cobaias suas, utilizadas para testar, em virtude da fortuna absurda que possuem, as teorias mais assustadoras sem qualquer base científica...

Um novo xerife chegou à cidade. Um xerife que tem a cauda do pato Donald na cabeça. Tem o amor-próprio dos primeiros habitantes do faroeste. O mais estranho é que acredita em Cristo. E o mais nefasto é que quer ser amigo de Putin.

Nem os melhores roteiristas de Hollywood seriam capazes de criar um personagem mais excêntrico para seu novo filme. Isso é verdade. Ninguém é mais americano que o Pato Donald.

ANEXO 1

Quem governa o mundo?

O ato de nomeação é, tanto quanto o Batismo, muito importante para a criação da personalidade, porque um poder mágico foi atribuído ao nome desde tempos imemoriais. Conhecer o nome secreto de uma pessoa [ou de um demônio] é ter poder sobre ele.

— Carl G. Jung[1]

Alguma vez você já se perguntou quem mexe os pauzinhos do mundo? "O mundo é governado por figuras que aqueles cujos olhos não penetram nos bastidores não podem nem imaginar", afirmou Benjamin Disraeli, o lendário primeiro-ministro da Grã-Bretanha, em seu romance *Coningsby* (1844). Alguma vez você já se perguntou quem mexe os pauzinhos do mundo? Pensou na possibilidade de, por trás das radiantes figuras de Barack Obama, Angela Merkel ou Mariano Rajoy, haver alguém ou algo mais? Pois você está certo. Sua intuição não mente.

Desde a gênese bíblica, passando pela civilização suméria e, depois, pela Grécia clássica, a humanidade se alterna entre o mito e a realidade.

[1] Carl Gustav Jung (1875–1961), psiquiatra e psicoterapeuta suíço.

Em grande parte dos casos, a realidade nada tem a ver com a verdade. As lendas e acontecimentos foram imitados de tal modo que chegaram a nossos dias provocando-nos a mais absoluta incerteza sobre o que realmente ocorreu. Os anais egípcios e romanos eram reinventados com a ascensão de cada novo imperador, que manipulava os eventos precedentes para inventar e propagar sua própria lenda. A história foi escrita pelos vencedores.

Esses mesmos tipos de lendas rodeiam os *bilderbergs*, que as fomentaram de forma voluntária. Eles próprios promoveram uma aura de mistério à sua volta a fim de incitar medo e respeito em relação ao seu verdadeiro poder. Pretendiam permanecer na obscuridade, mas, de algum modo, fracassaram. Se falharam em manter uma de suas principais características (o segredo), será que poderão empreender outros planos mais ambiciosos?

Os *bilderbergs* vazam algumas de suas pretensões à imprensa, pois, assim, o mundo os coloca num pedestal, e então buscam a ajuda de todos aqueles que querem fazer parte de seu sistema e executar seus planos. Eles recorrem àqueles que compreendem parte da realidade humana. Por isso, por exemplo, vazaram o documento *top secret* da "guerra tranqüila".[2] Por isso fazem ilações nos mais diferentes jornais, um costume adquirido durante a Guerra Fria. Por isso convidam para suas reuniões os criadores das últimas invenções.

Nicholas Murray Butler, Nobel da Paz em 1931, presidente da Fundação Carnegie e do americano Conselho de Relações Exteriores (CFR), deixou para a posteridade uma sábia observação: "O mundo se divide em três categorias de pessoas: um pequeno número, que faz os acontecimentos virem à tona; um grupo um pouco mais numeroso, que monitora o andamento deles e garante que sejam cumpridos; e, por fim, uma ampla maioria, que jamais saberá o que realmente aconteceu". Murray foi professor de filosofia na Universidade de Columbia e, além disso, teve uma fecunda carreira política. Ele também esteve presente às reuniões do Clube Bilderberg, motivo pelo qual o peso de seu testemunho é inquestionável.

Sem dúvida, o Clube Bilderberg existe. A própria *Enciclopédia Britânica* o define em suas páginas da seguinte maneira:

2 Ver meu livro *Perdidos:¿Quién maneja los hilos del poder?*, Martínez Roca, Madrid, 2013.

> Conferência anual de três dias em que comparecem centenas dos mais influentes banqueiros, economistas, políticos e agentes governamentais da Europa e da América do Norte. Tal conferência, que a cada ano é realizada num país ocidental diferente, é mantida num ambiente de segredo absoluto. A reunião propicia um clima de privacidade e informalidade para que os indivíduos que influenciam as políticas internacionais se sintam mais confortáveis.

Antes do Clube Bilderberg já haviam sido fundadas outras instituições com essa finalidade, mas apenas entidades cujo funcionamento e operações eram conhecidos aberta e publicamente. As associações ocultas são, justamente, as que mais engendraram planos ao longo dos séculos para conquistar o poder planetário. Entre elas, podemos citar a maçonaria e os Illuminati; noutro contexto, embora intimamente relacionado, estão os grandes bancos internacionais. O Clube Bilderberg fez um apanhado geral dos métodos de controle das sociedades secretas antigas e os atualizou para os séculos XX e XXI em seu ímpeto pela conquista. O poder é o que estimula boa parte da humanidade desde os primórdios, e para exercê-lo de maneira plena é preciso estar atento aos movimentos do rival, do inimigo. Para os *bilderbergs*, os inimigos são as plataformas de protesto dos cidadãos, os movimentos nacionalistas dos povos que recusam se submeter ao seu jugo, o comunismo da Guerra Fria, o conhecimento verdadeiro e, por último, a luta do ser humano para alcançar a liberdade autêntica, que viria por meio da sabedoria.

Uma sociedade piramidal

Ressalvadas as diferenças, o sistema social estabelecido pelos *bilderbergs* é uma versão renovada da pirâmide de classes inflexível que regulava a hierarquia na Alta Idade Média. Recordemos que no topo estava o rei feudal absolutista, que recebia o poder diretamente de Deus. Sob seus pés, situavam-se três classes, em ordem decrescente: a nobreza, a Igreja e a população comum. Os membros de cada uma delas tinham uma missão de vida predeterminada que deveria ser respeitada e cumprida. Os nobres — divididos em alta nobreza, ou seja, duques, condes, barões, etc., e a baixa nobreza, ou seja, cavaleiros e fidalgos — defendiam o povo nas guerras e invasões. O trabalho do clero consistia em rezar para salvar as

almas e preservar a cultura. No último escalão da pirâmide, encontramos a população comum, os vilãos. Apesar de constituírem 75% da população, eles não dispunham de nenhum direito nem privilégio; viviam de acordo com as ordens impostas pelas demais classes, e eram majoritariamente camponeses. A inclusão numa classe vinha de berço e não era permitido o casamento entre membros de categorias sociais distintas.

Os *bilderbergs* iniciados estariam no topo da pirâmide. De lá, e às escondidas, eles gerem e controlam o resto da sociedade ocidental. Pensam por todos e realizam o que mais convém ao povo, ao menos de acordo com seu ponto de vista. A alta nobreza seria composta de seus fiéis escudeiros, os encarregados de introduzir suas idéias em todos os âmbitos sociais. O resto, o povo comum e a burguesia, vive sua vida despreocupadamente e ignorando as ações dos que se situam no ápice da pirâmide, de uma pirâmide obscura, que não pode ser percebida à primeira vista.

Justamente a figura que aparece nas notas de dólar americano é uma pirâmide, símbolo adotado pelos Illuminati contemporâneos em sua busca por uma Nova Ordem Mundial, expressão que se lê no sopé do poliedro. Em alguns anos, a pirâmide de classes atual será estudada nas escolas da mesma forma que hoje se estuda a do antigo regime.

O mundo, tal como estruturado hoje em dia, é obra do Clube Bilderberg.

Democracia? Que democracia?

Os membros do Clube Bilderberg, infiltrados em órgãos públicos e privados (onde desempenham suas funções discretas), asseguram que defendem a implantação da democracia em todos os países do mundo. Mas se nos detivermos a analisar a natureza de seus membros, veremos que eles não lideram pelo exemplo. É um clube fechado, não eleito pelo povo, muito menos representante deste, já que seus membros estão a anos-luz do que é ser um cidadão comum. São empresários multimilionários, influentes homens de negócios, da política, do setor bancário e dos meios de comunicação, que não estão nem aí se a opinião pública aprova ou não sua Nova Ordem Mundial. Como já disse o banqueiro James Paul Warburg: "Querendo ou não, teremos um governo mundial. A única pergunta é se ele ocorrerá por meio de consenso ou imposição".

Oficialmente, o clube foi fundado em 1954. Os eventos que ocasionaram o início e o fim da Segunda Guerra Mundial propiciaram os alicerces para sua criação, mas o Clube Bilderberg já tinha começado a ser elaborado muito antes, pois sua própria essência já existia. De um jeito ou de outro, o desejo, a ambição dos poderosos de controlar, mandar nos outros, organizar o mundo de acordo com uma visão globalizada particular, sempre quis encontrar um jeito de se materializar. Foi o que tentaram alguns reis da Idade Média na Europa e pretenderam os grandes impérios que se alternaram no decorrer da história.

O Clube Bilderberg conseguiu passar por cima dos trâmites parlamentares, por cima da lei; além do mais, eles fazem a lei, emitem decretos que, por meio das redes de influência que estabeleceram, são posteriormente aprovados nos organismos democráticos. Essa legislação, que afeta milhões de cidadãos comuns, insere-se num plano global que já de antemão alcançou o consenso no clube e coincide com uma linha de visão globalista. O pior é que, embora alguns de seus fins gerem benefícios para a sociedade, o pano de fundo dos golpes sujos utilizados para obtê-los de forma ilícita os esvazia de valor e significado.

Para atingir tais fins, eles utilizam todos os meios que estiverem ao alcance, entre eles a reorientação da opinião pública ocidental, e, até onde conseguem, da oriental também, por meio de manipulações da informação nos veículos de comunicação, os quais, é claro, estão em suas mãos, como demonstrei em minha tese de doutorado.

Por isso, desde a Segunda Guerra Mundial, os presidentes estadunidenses não passaram de fantoches dependentes das decisões do grupo. Mas o que aconteceria se o fracote se rebelasse? Se a marionete decidisse pensar e tomar decisões próprias? Em termos democráticos, o povo soberano é o detentor do poder a ele outorgado, então, qual seria a reação dos *bilderbergs* para se livrarem do *problema*? Será que Bush, Clinton, Obama e, agora, Trump seriam capazes de escapar dos tentáculos do clube todo-poderoso?

Bilderberg é a aliança de maior alcance em todo o mundo, tanto pela composição de seus membros quanto pela natureza de seus objetivos. É uma elite de pensadores estratégicos ocidentais, das principais forças políticas do Ocidente, de líderes empresariais e bancários. Durante o

relato de seus segredos, os participantes não têm nomes nem cargos. O difícil é chegar lá dentro, mas, uma vez dentro da sala de reuniões, todos têm voz; porém um detalhe: só dispõem de um minuto para expor suas opiniões.

Suas decisões influenciam e repercutem na vida cotidiana da maioria dos habitantes do planeta. Göran Greider, secretário de redação do jornal sueco *Dala-Demokraten*, estabelece um vínculo entre a ordem atual do mundo e as influências exercidas no seio do Clube Bilderberg há cinqüenta anos. De acordo com Greider, "o Clube Bilderberg contribuiu para instaurar o tipo de capitalismo que conhecemos hoje e para reunir as principais elites mundiais do âmbito dos negócios".

Os *bilderbergs* protegem sua clandestinidade alegando que, sem a presença da imprensa, podem expor suas opiniões com total liberdade, sem medo de serem mal interpretados. Mas se estão reunidos para discutir o bem comum, por que serão mal interpretados? Por que não divulgam publicamente suas conclusões? O que temem? Eles insistem em reiterar que o Clube Bilderberg "não é um órgão executivo; nenhuma decisão é tomada ali dentro".

No entanto, o que querem os *bilderbergs*? Alguns podem achar que eles pararam de se preocupar com suas ambições e foram se dedicar a curtir e gastar suas imensuráveis fortunas. Contudo, eles querem poder, o poder absoluto. Transformar-nos em escravos. Não querem acabar com todas as liberdades, mas mantê-las num nível que, segundo eles, traz benefícios a todos e, sem dúvida, a eles mesmos. Podemos chamar essa liberdade controlada de uma escravidão sofisticada. Esse tipo de escravidão é aquela que nos convence de que cada um tem um nível social, econômico e intelectual que não pode ser superado. Se alguém começar a pensar mais do que pode, será tachado de paranóico. Se pretender se tornar presidente, nossos meios de comunicação o transformarão num monstro. Segundo os *bilderbergs*, cada um de nós pode alcançar um nível determinado que não deverá ser ultrapassado. Ir além do permitido é um perigo. É mais perigoso para o poder, que se sentirá atacado, que para o ousado aspirante a atingir o topo. Isso não lembra um pouco o caso de Trump?

ANEXO 2

As origens do Clube Bilderberg

O que busca um homem com poder? Mais poder.
— "Matrix" (filme)

O Clube Bilderberg nasceu em plena Guerra Fria como um digno herdeiro da máxima ilustrada "Tudo para o povo, mas sem o povo" e a doutrina fisiocrata *laissez faire, laissez passer* ("deixai fazer, deixai passar") do século XVIII, embora na atualidade se tenha enaltecido o nada para o povo e, é claro, sem o povo. Retornamos ao despotismo evidente das elites.

A história atual começa a ser moldada na Segunda Guerra Mundial, que marca o ponto de inflexão e sem volta nas relações internacionais e na consolidação da hegemonia norte-americana. Com o fim da batalha, os países aliados e a União Soviética repartiram o mundo, apresentando um novo mapa territorial e de influências. O Planeta Terra se divide entre o que ficou conhecido como "ideologias" nos anos 1920 e o que, em 1945, passou a ser algo muito maior que isso: o capitalismo e o comunismo.

O temor que a área de influência capitalista tinha de ser superada e anexada pela zona comunista estimulou a criação de várias instituições que funcionariam como um muro de contenção e colocariam nas mãos dos vencedores a maior vantagem estratégica. Algumas foram concebidas

dentro do marco democrático ou da legalidade vigente, como a OTAN ou a ONU, e outras situaram-se, desde o início, em terra de ninguém, num espaço totalmente impune e fora do alcance da lei: o Clube Bilderberg.

O grupo começou a ser idealizado na metade da Segunda Guerra Mundial, depois da derrota alemã por mãos soviéticas em Stalingrado e Kursk, em 1942 e 1943, respectivamente. Os estrategistas europeus e americanos notaram que a queda de Hitler — a quem, inclusive, eles alçaram ao poder — estava próxima, então a elite bancária, os legisladores internacionais e as monarquias européias começaram a se reunir para definir as táticas necessárias para impedir que o comunismo contaminasse o resto do mundo e impusesse seu *status quo*. Os americanos salientavam que a natureza do regime soviético era expansionista e que sua influência deveria ser contida nas áreas estratégicas cruciais para os Estados Unidos. O Príncipe Bernardo da Holanda, portanto, argüiu: "Temos de expandir o livre-comércio em vez de impor barreiras aos países do Terceiro Mundo; esta será a melhor garantia para deter o comunismo". Liberar as fronteiras para o comércio e atrair, ainda que à força, o maior número possível de países para a doutrina do grupo capitalista era um objetivo vital. Do mesmo modo que também era vital para o grupo contrário ampliar seu domínio.

Para os neófitos da geopolítica, parece, no mínimo, paradoxal constatar que os bancos internacionais, aparentemente seus principais inimigos, foram os que financiaram a Revolução Russa de 1917, os projetos de Lênin e Stalin, além dos dois confrontos mundiais que conduziram à Guerra Fria, como mostram as pesquisas dos renomados historiadores Carroll Quigley e Gary Allen. Conseqüentemente, o sistema bancário internacional obteve uma enorme vantagem ao explorar os recursos da União Soviética.

Apesar de sua suposta loucura ter adquirido toques quixotescos, o Senador estadunidense Joseph McCarthy chegou a denunciar a existência de uma conspiração visando a estimular a guerra como forma de lucro, alegando que o Tratado de Yalta (1945), firmado por Churchill, Stalin e Roosevelt, era o causador dos conflitos da era pós-guerra. Em meados dos anos 1970, graças à publicação da correspondência pessoal de

Churchill e outros documentos revelados, soube-se que foi pactuada em segredo a cessão do Leste Europeu a Stalin, do Oriente Médio à Grã-Bretanha e do Pacífico e do Sudeste Asiático aos EUA. McCarthy afirmou em 23 de setembro de 1950:

> Em Yalta, foi assinada a sentença de morte dos jovens que hoje morrem nas montanhas e nos vales da Coréia. Aqui foi assinada a sentença de morte dos jovens que amanhã perecerão nas florestas da Indochina (posteriormente chamada de Vietnã). Como podemos explicar nossa atual situação, a menos que acreditemos que os homens que ocupam os mais altos cargos do governo estão discutindo sobre como nos levar ao caos? Há de ser uma grande conspiração, uma conspiração numa escala tão grande que apequene qualquer aventura prévia da história da humanidade. O que podemos dizer dessa série ininterrupta de decisões e atos que estão contribuindo para a estratégia do fracasso? Não há como atribuir isso tudo à incompetência.

Os dois lados da Guerra Fria

Os Estados Unidos foram incrivelmente beneficiados pela devastação do Velho Continente, cujo território ficou arrasado pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo que o solo americano permanecia intacto. Desde o início do século, esse país destacava-se como a primeira potência industrial, mas a guerra mais recente lhe proporcionaria o controle não só de 50% da riqueza mundial como dos dois lados do Atlântico, já que seu mercado havia triplicado. "Jamais na história houve uma época em que uma potência tivesse conquistado um controle tão amplo sobre o mundo, nem um período tão seguro", destaca o analista Noam Chomsky. Os Estados Unidos tiveram uma oportunidade única, que não deixaram escapar, de assumir o comando do mundo inteiro e consolidar sua posição privilegiada. Em virtude disso, durante a guerra, dedicaram-se a planejar com todo o cuidado, tanto no Departamento de Estado quanto no Conselho de Relações Exteriores (CFR) — o verdadeiro governo oculto dos EUA —, a estrutura mundial que desejavam instaurar no pós-guerra.

Houve disparidade de opiniões, ressalta Chomsky. O Memorando 68 do Conselho Nacional de Segurança, datado de 1950, expressou o

critério de linha dura, representado pela figura do secretário de Estado, Dean Acheson. Ele apoiava o fomento de "uma estratégia de declínio" do bloco oposto, que "plantaria as sementes da destruição dentro do sistema soviético", com o objetivo de que os EUA pudessem negociar os termos de um acordo "com a União Soviética ou com o Estado ou Estados sucessores". O memorando recomendava "sacrifício e disciplina" nos EUA, ou, em outras palavras, ampliar os gastos militares e fazer cortes nos serviços sociais. Além do mais, seria necessário vencer "os excessos de tolerância" que geram um transtorno interno indesejável.

Na linha liberal, destacavam-se as idéias do diretor de planejamento do Departamento de Estado, George F. Kennan, figura-chave da Guerra Fria, expostas num documento secreto, o Estudo 23 de Planejamento da Política (1948), nos seguintes termos:

> Temos cerca de 50% da riqueza mundial, mas apenas 6,3% de sua população [...]. Nessa situação, não podemos evitar ser objeto de inveja e ressentimento. Nossa tarefa real é arquitetar um modelo de relações que nos permitirá manter essa posição de disparidade [...]. Para isso, temos de nos livrar de todo sentimentalismo e devaneio; e a atenção, em todos os cantos do país, deverá estar concentrada em nossos objetivos nacionais imediatos [...]. Deveríamos parar de discutir objetivos vagos e irreais, como direitos humanos, melhora da qualidade de vida e democratização. Não estamos muito longe do dia em que teremos de abordar conceitos de poder direto. Quanto menos os slogans idealistas nos atrapalharem, melhor.

A diretriz interna era clara: nada de direitos humanos e sentimentalismos grosseiros que turvariam o caminho para a hegemonia mundial. Essas foram palavras proferidas a portas fechadas, francas, entre iguais, como os encontros celebrados no Clube Bilderberg. Tanto hoje como na época, falava-se à população em outros termos, fazendo apologia dos lemas idealistas e democráticos, enquanto eles falam de poder real e direto.

Os planos de Kennan se transformaram em textos constitutivos da Guerra Fria, que sintetizavam a nova política anti-soviética da administração Truman. Kennan também desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento de programas e instituições que caracterizaram aquela época, especialmente o Plano Marshall.

A verdadeira face do Plano Marshall

Na época, foi o Conselho de Relações Internacionais (CFR) — embrião americano do Clube Bilderberg, que ainda se encontrava em fase de amadurecimento — o primeiro que projetou seus ideais de pós-guerra na "área grande", como os estadunidenses denominaram a zona compreendida pela Europa Ocidental; o antigo Império Britânico; o Oriente Médio, com seus recursos incomparáveis, e o Terceiro Mundo, que deveria estar subordinado às necessidades da economia americana. Começava a implantação de uma Nova Ordem Mundial, segundo a qual seria designado um papel específico a cada zona do planeta. O Terceiro Mundo havia de realizar sua função essencial como fonte de matérias-primas e comércio para as sociedades industriais capitalistas; devia ser explorado para a reconstrução da Europa e do Japão, segundo Kennan, que acrescentou ainda que a exploração da África supunha, além de tudo, um excelente estímulo psicológico para a cabisbaixa Europa do pós-guerra.[1]

O Clube Bilderberg teve um papel essencial nesse mapa mundial que pretendiam criar após o fim do sistema de confrontos e receios entre as potências dominantes ao longo dos anos de Guerra Fria. Kennan expôs seus ideais sem nem um pingo de consciência pesada e profundamente convencido de estar do lado da verdade. "É assim que as coisas são feitas", respondeu Dick Cheney, vice-presidente de George W. Bush, ao jornalista e documentarista inglês Jon Ronson, quando este lhe perguntou sobre as atividades espúrias do Clube Bilderberg. A história mostra que o pensamento humano é, na maioria das vezes, muito mais letal e perigoso que a bomba atômica.

No ano de 1954, quando o clube foi oficialmente formado, a Europa se recuperava lentamente da tragédia provocada pela Segunda Guerra Mundial graças aos efeitos do Plano Marshall. Os norte-americanos estimulam o confronto bem ao estilo astuto dos Rothschild, cuja fórmula de colocar uma nação contra a outra ao mesmo tempo que emprestava dinheiro a ambas foi o que controlou o clima político da Europa desde

---

1 Noam Chomsky, *Lo que realmente quiere el tío Sam [O que o Tio Sam realmente quer]*, Siglo XXI, 2002.

a segunda metade do século XVIII, como salienta Jim Marrs em seu livro *Las sociedades secretas*.

Em 5 de junho de 1947, durante um discurso proferido na Universidade de Harvard, o secretário de Estado dos EUA, George Marshall, convidou os países europeus para participar de um plano cooperativo para a reconstrução econômica, com exigências explícitas de abertura do mercado e aumento da produtividade. Truman ratificou o Plano Marshall em 3 de abril de 1948 e criou a Administração para a Cooperação Econômica (ACE), liderada por Paul G. Hoffman. No mesmo ano, os países participantes (Alemanha Ocidental, Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Grécia, Islândia, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Noruega, Reino Unido, Suécia, Suíça, Turquia e Estados Unidos) assinaram o acordo de fundação da OCDE como agência coordenadora.

O dinheiro procedente dos Estados Unidos tinha como objetivo essencial o resgate da capacidade de consumo da classe média européia, que começaria a dispor de dinheiro para gastar em produtos fabricados nos EUA. O exercício de generosidade inigualável resultou em lucros formidáveis para as corporações estadunidenses que o promoveram. Por exemplo, a General Motors ganhou 5,5 milhões de dólares entre julho de 1950 e 1951 (14,7% do total) e a empresa Ford, 1 milhão de dólares (4,2% do total).

A União Soviética e os estados do Leste Europeu também foram convidados para participarem do plano, mas Josef Stalin encarou isso como uma ameaça e não permitiu a participação dos países de sua órbita. Antes da guerra, a Europa Ocidental dependia das importações da Europa Oriental, mas tais rotas comerciais foram interrompidas pela Cortina de Ferro. O êxito da manobra norte-americana tinha sido arquitetado com riqueza de detalhes. O Plano Marshall era a panacéia que consolidaria o Estado de bem-estar na Europa Ocidental. Era assim que o projeto era vendido nos *outdoors* da época.

American Lifestyle

Durante os quatro anos de vigência das contribuições dos Estados Unidos, a Europa recebeu 13 bilhões de dólares em valores da época e atingiu

um grau de prosperidade maior do que o que tinha antes da guerra. Mas por trás da aparente generosidade, o Plano Marshall foi o mecanismo pelo qual os EUA introduziram seu sistema administrativo na Europa. Como tática econômica, o plano estimulou a unificação européia ao eliminar os impostos comerciais e criou instituições para coordenar a economia européia. Sem falar que o Plano Marshall era o núcleo central da nova doutrina de "contenção" em relação à União Soviética, por isso as primeiras parcelas significativas da ajuda foram parar nas mãos da Grécia e da Turquia, em janeiro de 1947, consideradas a primeira linha de combate contra a expansão comunista. A disciplina leninista dizia que, quando as economias capitalistas começassem a entrar em colapso, tentariam, desesperadamente, negociar com os adversários comunistas. Lênin não viveu para ver isso acontecer.

Os objetivos principais do plano foram evitar a insolvência européia — que tivera conseqüências nefastas para a economia norte-americana —, prevenir a expansão do comunismo na Europa e criar uma estrutura que favorecesse a implantação e a manutenção dos regimes democráticos. Porém, os EUA não só se concentraram em implantar um sistema econômico e político, mas também um cultural, que tinha outra finalidade claramente militar: era um pré-requisito para implementar a OTAN. Por fim, o plano foi a via de inserção sutil do *american lifestyle* na Europa, com sua cultura de consumo, individualidade, ócio e produtividade. O êxito estratégico do Plano Marshall em prol dos EUA fez com que o país quisesse fortalecer esse clima favorável de relações com a Europa, desejando que o continente ficasse completamente subordinado ao seu modelo de governo. Tudo isso foi concebido por homens alinhados a entidades secretas que permaneceram caladas a respeito da finalidade real do plano.

O movimento de união europeu

O Plano Marshall surgiu nos Estudos de Guerra e Paz, criados pelo CFR em 1939, aos quais a Fundação Rockefeller concedeu quase 50 mil dólares para o financiamento do primeiro ano do projeto. O plano foi aperfeiçoado em 1946 pelos grupos de estudo do Programa de Recuperação Européia

(o nome oficial do Plano Marshall), patrocinado principalmente por David Rockefeller. Com o programa, veio uma proposta complementar: a criação da Europa Ocidental do carvão e do aço, um novo baluarte contra a URSS que resultou na fundação da Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA), em 1952. Esse foi o primeiro passo do movimento europeísta, cujo principal motor foi o banqueiro judeu Joseph H. Retinger, de origem polonesa e que morava parte do tempo nos EUA, e, além de tudo, era um membro de destaque da maçonaria na Suécia. No início de maio de 1946, Retinger criou a Liga Independente de Cooperação Européia (ILEC), da qual foi o secretário, e o Ministro belga Paul van Zeeland, seu diretor. Apesar do nome, o órgão era composto ativamente de diversos homens renomados do *establishment* americano, como aponta o famoso sociólogo britânico Michael A. Peters.

A partir da entidade, Retinger idealizou um plano específico para a criação de uma Europa federal, por meio do qual os estados renunciariam parcialmente a sua soberania. Retinger e Paul van Zeeland, durante a guerra, trabalharam ao lado de outros líderes, que, posteriormente, seriam renomados membros do Clube Bilderberg, como John McCloy (CFR, Chase Manhattan Bank; foi o primeiro presidente do Banco Mundial), William Averell Harriman (CFR, Pilgrims, Skull and Bones), George Franklin (CFR, Trilateral), John Foster Dulles (CFR), William Wiseman (sócio do Banco Kuhn & Loeb), M. Leffingwell (sócio do Banco Morgan), Nelson e David Rockefeller. Em seguida a essas conexões, foi sendo arquitetada, desde 1943, a união aduaneira Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo), uma espécie de protótipo do mercado comum.[2]

Pouco depois da criação da ILEC, o embaixador estadunidense na Grã-Bretanha (antes o fora na União Soviética), William Averell Harriman, convidou Retinger para ir aos EUA, ocasião em que foi assegurado o apoio americano à ILEC. Harriman também havia sido coordenador do Plano Marshall, além de candidato democrata nas eleições presidenciais de 1952. Posteriormente, ele participou no restante dos acontecimentos que marcaram o rumo do mundo até sua morte, sendo chefe dos embaixadores dos EUA e negociador na Guerra do Vietnã. Retinger relatou:

2 Michael A. Peters, "The Bilderberg Group and the project of European unification".

> Encontrei na América um apoio unânime para nossas idéias entre os bancários, os homens de negócio e os políticos. O Sr. Leffingwell, sócio majoritário do [banco] J. P. Morgan; Nelson e David Rockefeller; Alfred Sloan (da General Motors); Charles Hook, presidente da American Rolling Mills Company; Sir William Wiseman [serviço de inteligência britânico], sócio no Kuhn & Loeb [o banco de investimento de Nova York]; George Franklin, e sobretudo meu velho amigo Adolf Berle Jr. (CFR), estiveram todos a favor. E Berle concordou em conduzir a filial americana [da ILEC]. John Foster Dulles, secretário de Estado de Eisenhower, também se juntou para ajudar. Seu irmão, Allen Dulles, foi peça-chave nos grupos de Estudos de Guerra e Paz e, por conta disso, foi diretor da CIA.[3]

Os homens a que Retinger se referia eram altos representantes das sociedades secretas norte-americanas. Leffingwell precedeu John McCloy e David Rockefeller como dirigente do CFR (1946–1953), e tinha sido diretor desde 1927, enquanto Franklin foi o diretor executivo do CFR entre 1953 e 1957, e mais tarde foi coordenador da Comissão Trilateral.

O resultado dessas administrações foi a formação do Movimento Europeu, cujo primeiro congresso na Haia em 1948 foi a origem do Conselho da Europa. O movimento recebeu substanciais contribuições de fundos secretos do governo dos Estados Unidos, bem como do Comitê Americano para a Europa Unida (ACUE). Os nomes mencionados anteriormente são significativos nesse contexto.[4]

Os membros do Movimento Europeu pertenciam à classe dirigente da Europa Ocidental e da América do Norte. As conferências reuniram as figuras mais relevantes das grandes corporações internacionais com os protagonistas políticos da época e os intelectuais mais proeminentes, tanto catedráticos como jornalistas. Apesar de ter sido incrivelmente eficaz a manutenção desse segredo, praticamente todas as instituições européias, desde a ECSC, a CEE e a EURATOM e a atual União Européia, foram concebidas, planejadas e criadas pelas pessoas envolvidas no Clube Bilderberg, que também foi idealizado por Joseph Retinger.

---

[3] John Pomian, *Joseph Retinger: Memoirs of an Eminence Grise*. Sussex, University Press, 1972.

[4] Michael A. Peters, "The Bilderberg Group and the project of European unification".

Nascimento do Clube Bilderberg

Joseph Retinger foi o ideólogo e promotor do Clube Bilderberg. Em 1952, ele viajou para os EUA e, quando voltou para a Europa, pediu ao seu amigo, o Príncipe Bernardo da Holanda, pai da Rainha Beatriz, que o ajudasse a organizar uma conferência secreta que reunisse os líderes da OTAN num debate aberto e franco sobre questões internacionais com outros líderes mundiais. O príncipe tinha fortes laços com os altos ambientes financeiros e políticos do Ocidente, sendo o homem forte da Casa de Orange-Nassau, à qual pertence a família real da Holanda (titular de uma das maiores fortunas do planeta) e na qual ingressou ao casar-se com a Princesa Juliana. Bernardo recebeu a proposta com enorme entusiasmo, pois debater sobre o presente e planejar o futuro da Europa e da América primeiro, e do mundo mais tarde, era um projeto emocionante.

Para esse novo propósito, Retinger contatou seus conhecidos americanos, David Rockefeller, o embaixador William Averell Harriman e o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), o general Walter Bedell Smith, que, depois de escutar sua proposta, lhe respondeu: "Por que diabos você não veio falar comigo primeiro?". A CIA se envolveu profundamente com a organização do Clube Bilderberg e, desde então, tem protegido com eficiência tanto o segredo de sua existência quanto seus objetivos internos e a segurança de seus integrantes.

Outro que participou ativamente em sua implantação foi Paul Rijkens, o presidente da multinacional Unilever, uma das maiores e mais poderosas empresas capitalistas do mundo. Recomendo dar uma olhada em seu site[5] para compreender a expansão e o peso dessa empresa no planeta. Rijkens tinha laços estreitos com o Banco de Rotterdam e com a empresa de eletrônicos Philips.

Bedell Smith colocou Retinger em contato com Charles D. Jackson, assessor especial do Presidente Eisenhower e da CIA em matéria de ataque psicológico durante a guerra. Jackson era o presidente do Comitê para a Europa Livre (o precursor do Congresso para a Liberdade Cultural, CCF), que financiava as operações e a organização de intelectuais e políticos

[5] www.unilever.com

social-democratas e anticomunistas, e comandou a Rádio Europa Livre, na Alemanha, financiada pela CIA. Antes disso, ele tinha sido editor da revista *Fortune* e diretor administrativo da *Life*. Sem contar que tinha um grande vínculo com o clã Rockefeller. Não é por acaso que o principal financiador do clube foi o magnata David Rockefeller, que, desde as origens, assumiu a posição de principal membro americano do Clube Bilderberg. Rockefeller era o presidente do Chase Manhattan Bank, membro do CFR, do Conselho de Negócios, do Conselho dos EUA, da Câmara do Comércio Internacional e, mais tarde, veio a fundar a Comissão Trilateral. Outras fortes contribuições vieram da família judaica de origem inglesa Rothschild.

Entre os documentos encontrados após a morte de Jackson em seu escritório pessoal, doados por sua esposa à Biblioteca Eisenhower, em 2005, estavam as atas secretas das reuniões do Clube Bilderberg. Enquanto o Príncipe Bernardo e Retinger preparavam a lista de convidados dos países europeus, Jackson controlava a organização e a lista americana. No comitê estadunidense originário estavam Dean Rusk, Henry Heinz Filho e Joseph Johnson, entre outros. Na parte logística, houve a ajuda de Henry Kissinger, que, na época, tinha começado a trabalhar para Rockefeller. Embora a idéia tenha sido elogiada pelo presidente Truman, o primeiro grupo americano não ficou pronto até a administração de Eisenhower.

Primeira reunião e definição oficial

A primeira reunião oficial do Clube Bilderberg aconteceu entre os dias 29 e 31 de maio de 1954, na cidade holandesa de Oosterbeek. O nome do grupo foi escolhido nesse fatídico encontro e deveu-se à hospedagem que os acolheu, o Hotel Bilderberg, cujo proprietário era o Príncipe Bernardo. O soberano, que estava vinculado à Shell Oil e à *holding* internacional Société Générale de Belgique, foi o anfitrião e mestre de cerimônias.

Durante o primeiro encontro, os assistentes manifestaram sua indignação com a política do Senador Joseph Raymond McCarthy e sua "caça às bruxas". Sua ideologia nacionalista atrapalhava os planos globais dos presentes, e diversos europeus se mostraram receosos pela

possibilidade de que os EUA pudessem ser comandados por uma ditadura fascista. No terceiro dia, o Príncipe Bernardo anunciou: "Embora não esteja na agenda, falou-se tanto sobre o macarthismo que, se houver tempo, vou pedir a Jackson que exponha a opinião americana a respeito". C. D. Jackson mitigou os temores dos *bilderbergs* europeus, assegurando: "Independente se McCarthy morrer pela bala de um assassino ou desaparecer ao modo tradicional americano, profetizo que, quando houver nosso próximo encontro, ele já terá evaporado do cenário americano".[6]

McCarthy morreu aos 57 anos, por complicações decorrentes de seu alcoolismo crônico, de acordo com fontes oficiais, mas antes tinha sido reprovado pelo Senado, perdendo todo seu prestígio e poder. Aquilo convenceu os europeus de que os americanos cumpriam as suas promessas.

Um dos participantes da primeira reunião, George McGhee, do Departamento de Estado dos EUA, afirmou que "os mal-entendidos mais acalorados entre europeus e americanos foram dirimidos na primeira reunião do Clube Bilderberg. Desde então, nunca voltou a ocorrer uma divisão tão grave entre nós e a Europa".

O secretário de Retinger, John Pomian, relatou em seu livro as lembranças daquele encontro:

> Era tudo muito novo e diferente. Fomos até a Holanda. Não havia repórteres e a segurança era impressionante, com guardas posicionados em todos os cantos do hotel. Na abertura do evento, todos estavam inquietos, nervosos e se olhavam dos pés à cabeça, como estranhos. Temiam falar demais. O Príncipe Bernardo andava de um lado para o outro, exibindo seu charme pessoal. Pouco a pouco, o ambiente foi ficando descontraído e os presentes começaram a conversar. O príncipe manteve a calma e, quando sentia que as coisas estavam ficando muito tensas, era capaz de deixar todos relaxados com alguma colocação espirituosa ou impondo sua autoridade. Apesar de ser um homem encantador, também sabe ser severo. Restaurava a ordem de um modo tão sutil que ninguém se sentia ofendido.

---

6 Alden Hatch, *H. R. H. Prince Bernhard of the Netherlands; an authorized biography*, Londres, Harrap, 1962.

Em virtude da pressão exercida por diferentes meios de comunicação para que suas portas fossem abertas ao público, no ano de 1989 o Clube Bilderberg emitiu um breve resumo informativo no qual, depois de esclarecer de maneira sucinta sobre sua origem, ressaltou o motivo da primeira reunião com as seguintes palavras:

> Aquela reunião colmatou a preocupação manifestada por muitos cidadãos de relevância em ambos os lados do Atlântico a respeito de a Europa Ocidental e a América do Norte não se debruçarem tão estreitamente como deveriam sobre os assuntos de maior importância. Todos concordaram que um debate constante e extra-oficial ajudaria a fomentar um melhor entendimento entre as principais forças e tendências que afetavam as nações ocidentais no difícil período do pós-guerra.

O resultado foi tão favorável que eles decidiram voltar a se reunir anualmente, tanto para avaliar o desfecho das medidas firmadas no encontro quanto para continuar progredindo na elaboração de novos objetivos.

O Clube Bilderberg se definiu na referida nota como "uma entidade designada a fortalecer a unidade atlântica, frear o expansionismo soviético e fomentar a cooperação e o desenvolvimento econômico dos países da zona ocidental". Porém, por trás das palavras e das intenções, eles esconderam tanto os métodos que usariam para colocar em prática essa proximidade entre as nações ocidentais quanto seus verdadeiros fins.

Inerente à sua definição, observamos que a natureza do clube é supranacional, transcende estados e seu objetivo original foi unir os membros da Aliança Atlântica (OTAN) para projetar a política internacional dos aliados após o fim da Segunda Guerra Mundial.

Se já havia sido criada uma entidade voltada para o fortalecimento da harmonia entre os países do bloco ocidental, como foi o caso da Aliança Atlântica (1949), para que criar outra como o Clube Bilderberg? Para que tanto mistério, se a única finalidade era harmonizar a política em ambos os lados do Atlântico? Desde o princípio, algo muito maior do que nos contaram nos canais oficiais foi estruturado no seio do Clube Bilderberg.

Como podemos comprovar, décadas depois, as inquietudes dos fundadores do Clube Bilderberg se traduzem no sonho da unidade

mundial, da implementação de um planeta homogêneo regido por suas normas e princípios, sobre os quais se assentam as bases de seu *status quo*. Com as contínuas transformações sociais, suas finalidades originárias foram mudando, avançando e adaptando-se à evolução dos tempos.

Os *bilderbergs* trabalham para a concretização de seu próprio ideário globalizador. Reúnem-se de costas para o mundo a fim de lapidar as estratégias planetárias que farão com que atinjam esse objetivo, essencial para eles. Uma globalização movida por suas visões e condições: uma globalização que visa a implantar um governo único, uma moeda única e uma só religião. No início, quiseram concretizá-la por intermédio da ONU. Seu objetivo era transformar as Nações Unidas nesse governo planetário, homogêneo, que não faz distinção entre países, mas regiões da Terra. As mesmas leis para pessoas tão díspares como os orientais e os ocidentais, indígenas e chineses, alemães e espanhóis.

Sua criação na Holanda

O fato de que o Clube Bilderberg veio à luz na Holanda não significa que os cidadãos dos Países Baixos tenham mais informações a respeito do tema. Ao contrário, salvo um dado ou outro, eles partilham sua ignorância com o resto do mundo. "Na Holanda, há pouquíssima informação referente ao Clube Bilderberg", explica-me, do outro lado da linha, Gerrit Jan, correspondente na Espanha do jornal holandês *De Telegraaf*. E acrescenta:

> Quem procura nas hemerotecas não encontra quase nada. No início, todos queriam saber o que rolava no Hotel Bilderberg entre as grandes figuras do mundo, mas o príncipe sempre manteve a imprensa à margem, com exceção de alguns veículos importantes de setores conservadores. Se perguntar a um holandês médio a respeito do clube, ele responderá que foi criado em 1954, mas nada muito além disso. Por sua vez, a imprensa holandesa também não costuma fazer esse tipo de pergunta. Contudo, isso não impede que os jornalistas holandeses saibam que o clube foi fundado para reunir figurões europeus e americanos. Desde então, todas as reuniões anuais foram realizadas num clima de discrição e falta de transparência.

Os sumos sacerdotes do capitalismo

O Banco Rothschild, Rockefeller e Henry Kissinger formaram, desde o princípio, parte do núcleo duro do grupo; três peças-chave no curso da história, consideradas "sumos sacerdotes do capitalismo". Aos poucos, eles conseguiram que mais gente poderosa e influente aderisse ao clube, e, da mesma forma, foram filtrando suas fileiras e descartando os participantes que menos lhes interessavam ou eram muito pouco úteis.

David Rockefeller, também fundador da Comissão Trilateral, formulou a definição mais fiel ao propósito oculto do Clube Bilderberg que já vimos.[7]

Logo no nascedouro, Bilderberg se tornou uma poderosa aliança secreta freqüentada por magnatas de primeira ordem, estrategistas internacionais, a elite política, acadêmica e militar, cuja existência visa a salvaguardar a hegemonia ocidental e de seus membros pelo mundo. Por isso, em suas reuniões e em seus ambientes de influência eles procuram sensibilizar os políticos, através de seu prisma, acerca das necessidades da economia e do sistema financeiro internacional, que é uma finalidade que lhes traz vantagens incomensuráveis.

O desdobrar dos acontecimentos demonstrou que é nas reuniões do Clube Bilderberg que, verdadeiramente, articula-se o destino do mundo. O clube se vale de outras organizações secretas de características semelhantes para solidificar suas estratégias. Nelas não entram espectadores indiscretos, nem jornalistas contrários ao seu sistema, e só há pouco tempo começaram a franquear a entrada de mulheres.

O que, sim, podemos afirmar é que seus objetivos se resumem num só: o cerceamento progressivo das soberanias nacionais e sua transferência para instituições de caráter oligárquico e transacional. Como bem salientou David Rockefeller, seu fim é alcançar "uma soberania supranacional da elite intelectual e dos bancos mundiais, o que, certamente, é preferível à autodeterminação nacional praticada em séculos passados". Uma adaptação moderna do pensamento aristotélico, embora com finalidades completamente distintas.

---

7 Publicada em 1 de fevereiro de 1999, no *Newsweek International.*

ANEXO 3

Fundadores

Nada é mais perigoso que a riqueza sem poder.

— Ernst Jünger[1]

Os primeiros participantes

Em 15 de setembro de 1971, o congressista estadunidense John Rarick colocou em evidência na Câmara dos Representantes a autêntica política desenvolvida pelos *bilderbergs* por meio do exitoso modelo do Plano Marshall: "Sob o pretexto de defender a ajuda à Europa, foi imposta a esta uma elite controladora que segue as ordens dos empresários internacionais do CFR".

Entre os participantes europeus na primeira reunião do clube estavam todos os países da OTAN mais a Suécia; os primeiros-ministros belga e italiano Paul van Zeeland e Alcide de Gasperi (CDU); da França, o Primeiro-ministro da ala direita Antoine Pinay e o líder socialista Guy Mollet; diplomatas como Pietro Quaroni, da Itália, e Panavotis Pipinelis, da Grécia; o advogado alemão Rudolf Miller, o industrial Otto Wolff von Amerongen e o Ministro das Relações Exteriores dinamarquês Ole Bjørn Kraft (editor de jornais da Dinamarca). Da Inglaterra, vieram Denis Healey e Hugh Gaitskell, do Partido Trabalhista, e Robert Boothby do

1 Ernst Jünger (1895–1998), filósofo, historiador e escritor alemão.

Partido Conservador, bem como Sir Oliver Franks do Estado britânico e Sir Colin Gubbins, que tinha comandado o Special Operations Executive (SOE) durante a guerra.[2]

Além dos americanos citados, participaram da primeira reunião George Ball e Dean Rusk. Ball era chefe do Lehman Brothers, ex-membro do Departamento de Estado, período em que se responsabilizou pela política da Aliança Atlântica, e posteriormente membro da Comissão Trilateral. Também tinha fortes ligações com a França. Rusk foi o secretário de Relações Exteriores estadunidense entre 1961 e 1969 e o primeiro presidente da Fundação Rockefeller (1952–1960). Finalmente, a lista foi concluída com 67 participantes. Desde então, o grupo vem crescendo paulatinamente.

Figuras-chave

Um presidente nazista e corrupto: o Príncipe Bernardo da Holanda

Bernardo de Lippe-Biesterfeld faleceu em decorrência de um câncer em 1° de dezembro de 2004, mesmo ano em que o clube celebrou suas bodas de ouro. Nascido em 29 de junho de 1911 de uma família alemã aristocrata empobrecida, ele era primo do Príncipe Filipe, consorte da Rainha Isabel II da Inglaterra.

Bernardo tornou-se um jovem atraente, pois era muito alto e possuía um grande carisma. Ele destacava-se pela elegância no vestir e sempre portava um cravo na lapela. Alemão de linhagem pura, juntou-se ao Partido Nazista em maio do ano de 1933 e abandonou sua afiliação para casar-se com a Princesa Juliana da Holanda, como consta em sua ficha. Ao sair do partido, enviou uma carta de renúncia ao *führer*, assinando-a com a saudação oficial: *Heil Hitler*!.

O correspondente na Espanha do jornal holandês *De Telegraaf*, Gerrit Jan, faz uma crítica à obscura personalidade do Príncipe Bernardo com as seguintes palavras:

> Era um homem sem escrúpulos. Durante a juventude, foi membro ativo dos nazistas. Ele disse que foi forçado, que não teve outra saída,

2 Michael A. Peters, "The Bilderberg Group and the project of European unification".

> mas isso é falso. Ninguém jamais acreditou em suas mentiras. Além disso, ele teve um papel ativo nos EUA. Sempre desconfiaram de que ele fosse um agente duplo, que trabalhava para os aliados ao mesmo tempo que para os nazistas. Isso não pôde ser provado, mas em breve todos poderão saber, porque logo virá à luz a série de entrevistas que concedeu em vida ao jornal *De Volkskrant*, com a condição de que não fosse publicada até depois de sua morte.

Gerrit Jan investigou um assunto nebuloso sem saber que o Príncipe Bernardo estava envolvido naquilo até o pescoço. Apesar de acostumada com seus freqüentes escândalos, a sociedade holandesa se sentiu profundamente comovida:

> No início de maio de 1975, chegaram até mim e a um colega americano certas informações a respeito de um grande escândalo que estava prestes a vir à tona. Ficamos em estado de alerta, pois sabíamos que se tratava de um alto funcionário envolvido num caso de corrupção com a empresa Lockheed Corp.. Porém, fomos surpreendidos ao descobrir que aquilo tinha a ver com o próprio Príncipe Bernardo. Foi um escândalo nacional, porque ele estava recebendo subornos, 1 milhão de dólares, em troca de promover produtos da empresa bélica Lockheed por toda a Europa. Por conseqüência, destituíram-no de seus cargos como representante oficial; ele também foi proibido de usar o uniforme do Exército holandês.

A vida privada de Bernardo andava lado a lado com a pública, como sublinha Jan: "Teve filhos fora do casamento, sendo dois na França e dois em Londres, porém não podia mantê-los com os subsídios de príncipe, por isso precisava do dinheiro das propinas de Lockheed". O correspondente salienta que, quando a Rainha Juliana e Bernardo noivaram, "todo mundo na Holanda desconfiou dele por conta de seu passado. Não se casaram por amor. O povo o aceitou por medo de a princesa ficar solteira, já que não era muito agraciada fisicamente, e ele foi o primeiro que aceitou tomá-la como esposa".

Apesar de seu entusiasmo inicial, o príncipe viria a compreender, com o passar dos anos, que a tarefa de conduzir o Clube Bilderberg não era simples e demandava grandes doses de paciência: "É difícil reeducar pessoas que foram educadas sob a égide do nacionalismo", destacou o

jornalista. "É muito difícil convencê-los de que devem renunciar a parte de sua soberania em prol de uma instituição supranacional".

Bernardo de Lippe-Biesterfeld foi presidente do Clube Bilderberg desde sua criação até o ano de 1976, quando o escândalo de corrupção o obrigou a deixar o cargo. Por essa razão, a reunião daquele ano não foi realizada. Por sua vez, Joseph Retinger desempenhou o cargo de secretário até seu falecimento em 1960, quando o economista holandês Ernst van der Beugel o substituiu. Em 1977, Alec Douglas-Home, ex-primeiro-ministro britânico, foi nomeado presidente. Atualmente, a presidência está com o nobre francês Henri de Castries, que também é presidente do conglomerado AXA. Antes dele, permaneceu no cargo por muito tempo o aristocrata belga Étienne Davignon, ex-vice-presidente da Comissão Européia e um homem que ocupou diversas diretorias corporativas.

Joseph H. Retinger

Personagem intrigante, Joseph Retinger foi peça imprescindível para assentar as bases da unidade européia. Apesar disso, é muito difícil encontrar dados sobre sua vida, sendo que a maioria destes foi levantada pelo autor Martín Lozano.

Retinger nasceu na Cracóvia, em 1888, numa família endinheirada de origem judaico-austríaca, e foi educado por um membro da Sociedade Fabiana. Quando completou dezoito anos, ele foi para Paris estudar letras e lá teve suas primeiras relações com a alta sociedade. Sua amizade com o Coronel americano Mandell House permitiu que adentrasse a Távola Redonda e o CFR. Protagonizou uma vida atribulada, com viagens constantes, que o levaram aos cenários político-diplomáticos em que aconteceram os conflitos europeus da primeira metade do século XX. Sua atividade frenética conserva um paralelismo surpreendente com as andanças dos célebres agentes itinerantes da franco-maçonaria iluminista.

Em Paris, ele também estudou na Escola de Ciências Políticas e, em seguida, em Munique, cursou psicologia. Mais tarde, em 1914, matriculou-se na London School of Economics, local em que firmou laços estreitos com os círculos fabianos britânicos reunidos em torno dessa influente instituição. Após iniciar-se na maçonaria sueca, mudou-se para os Estados Unidos, país no qual ampliaria suas relações com o

alto escalão. No México, foi um dos principais artífices da fundação do PRI (Partido Revolucionário Institucional) e, após ser empossado pelo partido no cargo de diplomata, negociou com o Vaticano.

Uma vez findada a Segunda Guerra Mundial, Joseph Retinger se entregou de corpo e alma à tarefa de construir as bases do movimento europeísta. Em função dos lugares em que estudou, Retinger teceu uma magnífica rede de contatos e influências que se estendia por toda a Europa e a América. Diziam que ele podia falar com o presidente dos Estados Unidos apenas tirando o telefone do gancho. Apesar de quase não ter relevância pública, Retinger foi um homem de grande influência nas antesalas mais discretas e seletas do poder. O Príncipe Bernardo da Holanda prestou-lhe uma homenagem, destacando seu papel e sua invisibilidade, com as seguintes palavras:

> A história conhece diversas figuras notáveis que, durante a vida, atraem os olhares de todo mundo. Eles foram admirados e celebrados por quem os rodeou e ninguém se esqueceu de seus nomes. No entanto, existem outros homens cuja influência é ainda maior, causando, em razão de sua personalidade, forte impacto no tempo em que viveram, ainda que fossem conhecidos somente por um círculo muito restrito de iniciados. Joseph Retinger foi um desses.[3]

David Rockefeller

Atribuem a autoria do Clube Bilderberg ao Príncipe Bernardo da Holanda e a Retinger porque foram eles que o promoveram na Europa e nos EUA. Porém, seu autêntico criador oculto foi o multimilionário David Rockefeller, que, entre muitas outras coisas, era maçom. Com seu dinheiro, ele implementou o ambicioso projeto, como posteriormente o faria com a Comissão Trilateral, que analisaremos mais adiante. Rockefeller morreu em 20 de março de 2017, tornando-se o multimilionário mais longevo da história.

O primeiro membro da lendária saga foi John Davison Rockefeller, que nasceu em 1839, em Richford (Nova York), numa família descendente de imigrantes judeus-alemães que chegaram aos Estados Unidos em 1733. Após uma longa experiência no setor petrolífero, John fundou sozinho

[3] Centre de Culture Europeèn, *Bulletin*, n. 5.

a empresa Standard Oil e, a partir daí, protagonizou uma ascensão imbatível que resultou no domínio praticamente absoluto do truste de Rockefeller sobre a indústria do petróleo. Durante sua trajetória, ele atropelou seus concorrentes com todo tipo de artimanhas, extorsões, subornos e irregularidades. O bordão preferido do fundador da dinastia era "Deus abençoe a Standard Oil" e o slogan de seu império econômico é: "Pelo bem da humanidade". Uma das chaves para a consolidação do seu reinado foi a entrada no setor bancário, que culminou, em 1955, na fusão do Chase National Bank com o Bank of Manhattan Company, ligado ao grupo Warburg, da qual emergiu o Chase Manhattan Bank, presidido desde 1969 por David Rockefeller, neto do fundador da dinastia. Seu avô, John D. Rockefeller, criou uma série de fundações filantrópicas para as quais transferiu boa parte de seus ativos. Como exemplo, cabe destacar que a Fundação Rockefeller recebeu 4 milhões de ações da Standard de New Jersey e 2 milhões de títulos da filial de Indiana. Apesar de o primeiro a vislumbrar as vantagens da filantropia moderna ter sido o escocês Andrew Carnegie, foram os Rockefeller que se aproveitaram mais desse valioso instrumento, já que as entidades serviram não apenas para propagar uma imagem positiva da família, mas também para que ela pudesse escapar das regras antitruste. Como se não fosse o bastante, as fundações são isentas do pagamento de tributos.

Nas últimas cinco décadas, essas entidades ostentaram um poder e uma influência determinantes perante a elite política e financeira mundial, dando origem à maior parte das personagens da política norte-americana desse período. De dentro dos órgãos governamentais, atuavam homens do pós-guerra e seus descendentes, entre os quais citaremos Walt W. Rostow, Zbigniew Brzezinski e Henry Kissinger.

Já no ano de 1936, a Fundação Rockefeller foi precursora do controle de natalidade. A moral da época não estava preparada para assimilar as teorias contraceptivas, porém o passar do tempo e uma campanha publicitária eficaz são capazes de derrubar qualquer obstáculo.

> No fim dos anos 1950, o controle de natalidade tinha se transformado numa das prioridades da política externa norte-americana — destaca o escritor Martín Lozano. Tanto é assim que, em 1958, o Departamento de Estado adotou a tese oficial de que o crescimento demográfico

> constituía o maior obstáculo para o desenvolvimento econômico e social, sem falar na manutenção da estabilidade política nos países do Terceiro Mundo. Boa parte do orçamento destinado pela administração norte-americana ao controle da natalidade nas regiões subdesenvolvidas corria, tradicionalmente, às expensas das Fundações Ford e Rockefeller, cujo notório altruísmo também se manifesta no bloco ocidental por meio de subsídios milionários à causa abortista.

Ao lado da Fundação Carnegie, Rockefeller financiou os programas de seleção racial e eugenia na Alemanha nazista.

Do mesmo modo, as Fundações Rockefeller financiaram movimentos pseudo-espirituais modernos e até seitas, como os Hare Krishna. David Rockefeller patrocinava pessoalmente várias sociedades pseudo-iniciáticas que garantiam representar a tradição perdida, como é o caso da denominada AMORC (Antiquae et Misticae Ordo Rosae Crucis).

O clã também patrocina as campanhas políticas de candidatos afinados com a causa. Na década de 1950, Robert Taft, candidato à Casa Branca, denunciou que "desde 1936, todos os candidatos republicanos à presidência dos Estados Unidos foram indicados pelo Chase Manhattan Bank". O poder de David Rockefeller se espalhou por uma imensa rede de influências e relações sociais tecida ao longo do tempo e do espaço pelas fundações do truste, bem como por sua ocupação de cargos altos em entidades como a Távola Redonda, o Conselho de Relações Exteriores, a Comissão Trilateral ou o Clube Bilderberg, sem falar na presidência do Chase Manhattan Bank. E é em associações desse tipo, não no *establishment* político, que reside o verdadeiro poder. Já na sua época, o patriarca da família, John D. Rockefeller, afirmou em seu livro autobiográfico *Random Reminiscences of Men and Events* que "uma das entidades que mais nos ajudou foi o Departamento de Estado".

O clã Rockefeller não pensou duas vezes antes de obter vantagens durante os momentos mais delicados dos últimos dois séculos, negociando com criminosos e ditadores de todas as índoles, tanto em tempos de paz quanto de guerra. Tanto a Guerra do Vietnã como a árabe-israelense de 1973 suscitaram diversas denúncias acusando os trustes petroleiros (entre eles, Exxon e Socony de Rockefeller) de lucrarem com a primeira e de promoverem a segunda com o intuito de provocar a alta dos preços do

óleo cru. Manifestaram-se nesse sentido o jornal *Washington Observer* e o pesquisador C. Baker, em seu livro *The Great Rockefeller Energy Hoax*, publicado em 1974.

David Rockefeller foi o mais conhecido internacionalmente dos membros de seu clã. Desde os anos 1960, ele vinha percorrendo o planeta em seu jato particular para se encontrar e negociar com chefes de Estado e primeiros-ministros de todas as vertentes ideológicas. Em todos os lugares foi recebido com temor reverencial, especialmente nos países da antiga União Soviética. Tal fato foi comentado por George Gilder, amigo íntimo da família, nos seguintes termos: "Quando David vai à Rússia, é tratado como rei. Curioso que ninguém é capaz de reverenciar, bajular e enaltecer um Rockefeller tão bem quanto os marxistas".

Durante 35 anos, o referido membro da prolífica dinastia foi presidente do Chase Manhattan Bank, a partir do qual teceu a rede de interesses econômico-políticos dos Estados Unidos pelo mundo todo. Além disso, várias acusações foram-lhe feitas acerca de negócios escusos com ditadores como Saddam Hussein e Augusto Pinochet, das quais se defendia assim: "Gostaria de ter feito coisas melhores — afirmou em sua autobiografia —, mas não fiz nada tão terrível a ponto de me arrepender". David preferia ser reconhecido por suas ações como patrocinador e realizador de obras beneficentes por meio da Fundação Rockefeller.

De acordo com o investigador Jim Marrs, a perspectiva de "um só mundo" dos Rockefeller é mencionada no relatório anual da fundação publicado em 1997. A sobrinha de David, Abby M. O'Neill, presidente da entidade à época, escreveu que a fundação visava a "uma estratégia mundial, com uma explícita perspectiva global e ênfase na convergência dos acordos nacionais e internacionais".

David foi membro do comitê dos sábios do Clube Bilderberg, e a entidade o condecorou com a medalha pela criação de um mundo feliz.

Os Rothschild

Além de Rockefeller, há outro sobrenome extremamente conhecido no cenário internacional: Rothschild. De origem judaico-alemã, o lendário clã é peça fundamental nos acontecimentos político-econômicos dos

dois últimos séculos e também é um dos responsáveis envolvidos na modelagem do mundo atual.

Mayer Amschel (1743–1812), franco-maçom de renome, criou um estabelecimento bancário em Frankfurt especializado no tipo de negócio que tornaria a família rica e poderosa: o crédito para as casas reais; embora ela também tenha feito fortuna com o comércio atacadista (bens de luxo, aprovisionamentos militares), contrabando, especulação monetária, mercado de câmbio e letras de crédito. Segundo vários pesquisadores, a fortuna familiar cresceu a partir do dinheiro procedente de Guilherme IX, que investiu no comércio para prover às necessidades dos soldados alemães na luta contra a Independência Americana. Se havia uma guerra, o clã Rothschild fomentava o conflito financiando ambos os lados ao mesmo tempo. Dessa forma, está sempre ganhando.

Por motivos raciais e anti-semitas da época, Mayer mudou seu sobrenome original, Bauer, para Rothschild, inspirado no escudo vermelho (*rot schild*) que adornava a casa em que seus ancestrais viviam, no gueto de Frankfurt. Com o início da industrialização européia, os Rothschild foram igualmente bem-sucedidos quando passaram a investir em setores em alta, como o ferroviário, de mineração e metalurgia.

A época das guerras da Revolução Francesa e do Império Napoleônico (1792–1815) foi propícia à expansão dos negócios de Mayer Amschel, em grande escala, por toda a Europa, com a criação de sucursais comandadas por seus cinco filhos homens (além deles, teve mais cinco filhas); o mais velho deles, Mayer Amschel (1773–1855), permaneceu na matriz de Frankfurt, ajudando o pai até sua morte, quando o sucedeu.

O segundo filho do fundador, Salomon Amschel (1774–1855), criou, em 1820, a filial de Viena, que permaneceu aberta até os nazistas anexarem a Áustria e Salomon ter de fugir em função da perseguição anti-semita (1934). Os serviços prestados pelos Rothschild à casa imperial dos Habsburgo fez com que esta nomeasse barões os cinco filhos de Mayer Amschel.

O terceiro deles, Nathan (1777–1836), encarregou-se da primeira filial aberta em território estrangeiro, que foi a da Inglaterra (1804), situada primeiro em Manchester e, depois, em Londres, onde continua até os dias de hoje. O ramo britânico dos Rothschild, integrado à vida

nacional, assumiu a liderança (hereditária) sobre os judeus ingleses, aos quais proporcionou seu primeiro representante no Parlamento. Seu irmão Karl (1778–1855) dirigiu outra filial em Nápoles, fechada no começo do século XX.

O irmão caçula, James (ou Jakob) (1792–1868), ficou responsável pela importante filial de Paris, criada nos tempos de Napoleão (1811). James e Nathan foram os banqueiros mais competentes da família nessa geração e, além de terem comandado as duas principais filiais, exerceram liderança sobre a família, levando-a ao ápice quando se tornaram o principal grupo bancário do mundo até meados do século XIX. Desde a segunda geração de banqueiros, os Rothschild combinaram, com maestria, a fidelidade aos interesses familiares com a inserção nas sociedades que os acolheram, em cujos círculos empresariais e políticos chegaram a ocupar posições reais de liderança. Para manter a coesão da extensa rede familiar, freqüentemente praticaram a endogamia, e, quando isso não ocorria, procuravam se casar dentro da comunidade judaica. Não obstante, sua posição hegemônica nas finanças européias entrou em declínio no fim do século XIX diante da concorrência com outros grupos europeus e norte-americanos.

Outro apoio recebido por seu império financeiro foi o prestado pelo Príncipe de Thurn und Taxis, que detinha o monopólio do serviço postal. À época, o monarca informou-lhes sobre o conteúdo de algumas cartas, colocando-os a par de dados fundamentais antes de chegarem ao governo. A relação de poder entre ambos pode ser vislumbrada na anedota a seguir. Mayer Rothschild estava trabalhando em seu escritório, quando chegou o príncipe: "Pegue uma cadeira", disse-lhe. O visitante reagiu com arrogância: "Sou o Príncipe de Thurn und Taxis!". Rothschild respondeu-lhe com calma: "Pois bem, então traga duas cadeiras".

O clã aprendeu rápido a respeito do valor da informação e instituiu um serviço postal próprio. Após a derrota de Napoleão em Waterloo, eles obtiveram um lucro milionário na bolsa de Londres, pois Nathan Rothschild foi informado dos acontecimentos horas antes do governo.

Depois da morte de Mayer Amschel, em 1812, o secretário de Metternich escreveu: "Eles são judeus comuns e ignorantes de aspecto respeitável. Mas têm um instinto valioso para escolher o certo e, entre duas coisas certas, a melhor. São os indivíduos mais ricos da Europa".

Os Rothschild simpatizaram com a causa sionista e foram os maiores protetores dos judeus pioneiros que emigraram para a Palestina com o intuito de se estabelecerem como colonos. Merece destaque o trabalho de um dos filhos de James, Edmond (1845–1934), que financiou a criação da segunda colônia judaica em Israel, formada por emigrantes da Rússia, quando a Palestina ainda estava sob domínio turco: Rishon LeẔiyyon (1882). Um neto de Nathan, Lionel (1868–1937), foi um importante zoólogo, fundador do Museu Rothschild de História Natural de Londres (ao mesmo tempo que cuidava dos negócios bancários). Ele também foi membro da Câmara dos Comuns e um dos maiores defensores do sionismo. Dirigiu-se a ele a carta de Lord Balfour que falava sobre o governo britânico estar disposto a criar um "lar nacional" para os judeus na Palestina (a Declaração Balfour de 1917, fundamento do posterior Estado de Israel).

E foi o dinheiro dos Rothschild, por meio de empréstimos, que fez a família Rockefeller se tornar a potência que é hoje.

Henry Kissinger

Henry Alfred Kissinger nasceu em Fürth, Alemanha, em 27 de maio de 1923 e emigrou para os EUA com sua família, de origem judaica, aos quinze anos, em razão da perseguição nazista. A partir daí, ele personificou o sonho americano, tornando-se não só um dos homens mais influentes do país, mas do mundo. Graças às suas escolhas, adquiriu uma das piores reputações da história atual, por sua participação em conspirações políticas para derrubar regimes socialistas e comunistas na América Latina e pela promoção de guerras com finalidades imperialistas e econômicas. Nos anos 1950, Rockefeller forneceu-lhe a chave mestra para adentrar no círculo dos escolhidos, e, pouco depois, Kissinger entrou para o Pentágono. Ele trabalhou com os presidentes John F. Kennedy, Richard Nixon, Henry Ford, Jimmy Carter e George Walker Bush, servindo à oligarquia financeira, em especial a David Rockefeller, que o promoveu e amparou, e a ele mesmo, pois se tornou um dos funcionários mais ricos da América. Os anti-semitas o acusam de ser o judeu que garantiu a Israel a obtenção contínua de imensos financiamentos e das melhores armas. Os judeus ortodoxos o expulsaram da sinagoga,

acusando-o de traidor, já que crêem que na Guerra do Yom Kippur ele atravancou intencionalmente o envio de ajuda militar americana para que Israel "se banhasse em sangue" e aceitasse um acordo de paz.

Em 1973, ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz ao lado de seu interlocutor vietnamita Lê Đức Thọ, pelos acordos realizados para pôr fim àquela guerra. Apesar de o vietnamita ter recusado o prêmio conjunto por considerar a tarefa inacabada, Henry Kissinger preferiu ficar com a honraria.

Um grande paradoxo, pois, naquele mesmo ano, Kissinger participou ativamente nos golpes de Estado do Chile e do Uruguai. É ele o ideólogo da Operação Condor, um plano sistemático para sumir com opositores visando a "combater o comunismo" na América Latina. Durante o encontro que Henry Kissinger teve com Augusto Pinochet em Santiago do Chile, em 8 de junho de 1976, o estadunidense disse ao general: "Nos EUA, temos admiração pelo que está tentando fazer aqui. Creio que o governo anterior estava se aproximando do comunismo. Desejamos-lhe boa sorte". O pior é que Kissinger sabia o que estava acontecendo no país, pois tinha acabado de enviar um relatório ao Presidente Ford narrando as práticas de tortura no Chile como se fossem algo natural. E ele acrescentou que o novo poder estava resolvendo o problema da expropriação das empresas norte-americanas: "É de grande interesse para nós a manutenção da Junta, a qual deve ter nosso apoio discreto, mas vigoroso".

No golpe de Estado da Argentina, em 24 de março de 1976, ele incentivou e apoiou a tomada do poder pela junta militar. Sabe-se de sua implicação direta nos bombardeios secretos do Laos e do Camboja, ordenados em 1969 sem a permissão do Congresso, que causaram o extermínio em massa de civis. Kissinger também apoiou o regime indonésio do General Suharto, acusado do genocídio contra a população do Timor-Leste.

Existem diversas iniciativas que visam a processá-lo em instâncias judiciais internacionais, assim como a retirar seu prêmio Nobel. Alguns magistrados tentaram, sem sucesso, levar Kissinger ao banco de réus por conta de seus inúmeros crimes contra a humanidade. Por ocasião do processo de Pinochet pelo Juiz Baltasar Garzón, o jornal *The New*

York Times ressaltou que não está longe o dia em que figuras abjetas, como Henry Kissinger, terão de responder por seus atos perante tribunais internacionais. Ele respondeu: "Não creio que as pessoas bem conhecidas estejam em perigo. Pelo menos, eu não estou preocupado". O jornalista Christopher Hitchens, falecido em 2011, autor do famoso livro *The Trial of Henry Kissinger* [o julgamento de Henry Kissinger], garantiu que o octogenário está aterrorizado e que consulta seus advogados antes de realizar qualquer viagem para o exterior. Contudo, Kissinger não deixa de comparecer a nenhuma reunião do Clube Bilderberg, por mais longe que ela seja celebrada.

Em dezembro de 1974, irritado com as exigências dos defensores dos direitos humanos, Kissinger afirmou indignado diante de seus auxiliares: "Isso não passa de estupidez sentimental. Aqui fazemos política externa, não regeneração moral". Com esse tipo de resposta, não admira que até a Cátedra UNESCO da Paz da Universidade de Bradford, no Reino Unido, tivesse exigido que a Fundação Nobel retirasse o prêmio de Henry Kissinger.

Edward Herman, catedrático emérito da Escola Wharton (Universidade da Pensilvânia), faz esta crítica: "O papel de Kissinger nos genocídios do Camboja, do Chile e do Timor-Leste o tornam um criminoso de guerra de primeira categoria, ao menos da categoria do chanceler de Hitler, Joachim von Ribbentrop, enforcado em 1946. Mas Kissinger goza da impunidade que têm os líderes e agentes da potência dominante".

Quem sabe a hora dele não esteja tão longe.

ANEXO 4

Estrutura. Os círculos concêntricos. As reuniões

É difícil acreditar que um homem diz a verdade, quando se sabe que em seu lugar você teria mentido.

— Henry Mencken[1]

Ignorado pelas pessoas comuns, um ritual secreto tem-se repetido todos os anos, desde 1954, ao abrigo de quatro pesos-pesados das finanças e da estratégia política internacional: o magnata norte-americano David Rockefeller, falecido em março de 2017; Giovanni Agnelli, que foi presidente da Fiat (apelidado de "rei da Itália"); o ex-Secretário de Estado americano Henry Kissinger; e Denis Healey (ministro da Economia do Reino Unido nos anos 1970, falecido em 2015). Desde essa data emblemática, os *bilderbergs*, vindos de todas as partes do mundo, reúnem-se de forma clandestina para celebrar seu aguardado encontro anual, ao qual comparecem os indivíduos mais seletos dos âmbitos da economia, da política, da intelectualidade e das finanças. Nunca antes houve maior concentração de poder num espaço tão reduzido.

Apesar de o segredo proteger ferozmente seu funcionamento interno, nem todos os membros do clube desempenham o mesmo papel, pois a

[1] Henry Mencken (1880–1956), jornalista e crítico social estadunidense.

hierarquia do Clube Bilderberg é estruturada em três círculos concêntricos. O intermediário não é muito numeroso, e a partir de 1956 passou a ser chamado de comitê diretor. Representa a artilharia pesada do Clube Bilderberg e é composto do presidente, das secretarias e dos tesoureiros dos EUA e da Europa. A cadeira presidencial é ocupada desde 2011 pelo quinto conde de Castries, Henri de Castries, que preside o conglomerado AXA e nasceu no mesmo ano da fundação do clube. De 2000 até a ocasião, quem a ocupava era o visconde belga Étienne Davignon. Com a morte de Retinger, em 1960, a secretaria passou para E. H. van der Beugel, ex-diretor do escritório holandês do Plano Marshall (que depois assumiria o cargo de presidente das linhas aéreas KLM e do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos em Londres). Após a demissão do Príncipe Bernardo da Holanda, o ex-Primeiro-ministro britânico Lord Alec Douglas-Home foi nomeado presidente do clube. Em seguida, vieram Walter Scheel, ex-presidente da Alemanha; Eric Roll, o ex-chefe do S. G. Warburg, e Lord Peter Carrington, ex-secretário-geral da OTAN.

O comitê diretor, que se reúne mais freqüentemente, é formado por 33 membros norte-americanos e europeus que são encarregados de elaborar a lista exclusiva de participantes com base na agenda temática prevista. A pauta freqüente é que cada um convide duas personalidades: a dupla ideal seria formada por um político de alto nível e um empresário da indústria ou um banqueiro e um intelectual (professor ou jornalista). Em sua fundação, ficou acordado que seriam convidadas duas personalidades de cada nação que representassem os pontos de vista conservador e liberal. O secretário de Retinger, John Pomian, salientou em seu livro *Memoirs of an Eminence Grise*[2] que a princípio:

> [...] não foi fácil reunir líderes governamentais de oposição na mesma sala. Durante os primeiros três ou quatro anos, a seleção dos participantes era uma tarefa delicada e complicada; particularmente no encontro de políticos. Não era tão simples persuadir os principais representantes a comparecerem à reunião. Retinger mostrou grande habilidade e uma misteriosa capacidade de escolher pessoas que, poucos anos depois, chegariam aos cargos mais altos de seus respectivos países. Hoje, há poucas figuras dos governos de ambos os lados do Atlântico que não participaram, ao menos uma vez, dessas reuniões.

2 John Pomian, *Memoirs of an Eminence Grise*, Sussex University Press, 1972.

As seleções dos membros do comitê fecham a lista final, com pouco mais de cem nomes. Conforme ressaltou o próprio Retinger, os convites "são enviados apenas a pessoas importantes e, geralmente, respeitadas, que por seu conhecimento especial ou experiência, seus contatos pessoais e sua influência nos círculos nacionais e internacionais podem ajudar a atingir os objetivos do Clube Bilderberg" — uma observação que resume a própria essência do clube.

Os membros do comitê diretor têm sua agenda própria e discutem os temas mais discretos sem que o resto dos participantes, com os quais se reúnem para debater outras questões mais amenas, tenham conhecimento a esse respeito. O tema da energia nuclear é uma constante há anos, e recentemente foram incorporadas a agenda da biotecnologia e da inteligência artificial.

Alguns dos nomes recentes que compuseram, ou ainda compõem, o comitê diretor (embora alguns não trabalhem mais nas empresas que cito) são Josef Ackermann, do Deutsche Bank; Jorma Ollila, da Nokia; Richard Perle, ex-conselheiro do Pentágono; Vernon Jordan, conselheiro do ex-Presidente Bill Clinton; Jürgen Schrempp, da Daimler-Chrysler; Peter Sutherland, do Goldman Sachs International; Daniel Vasella, da Novartis; e James Wolfensohn, do Banco Mundial. Também pertencem ao círculo intermediário Zbigniew Brzezinski (ex-conselheiro de Segurança Nacional da administração Carter), Paul Volcker (ex-presidente do Federal Reserve) e o espanhol Jaime Carvajal y Urquijo (já falecido), ilustre empresário, famoso por sua eficácia, profissionalismo e discrição, e amigo íntimo do rei da Espanha. Depois de deixar o cargo de presidente da Comissão Européia, José Manuel Durão Barroso foi convidado para fazer parte do comitê.

O sanctum sanctorum

O círculo interno e inacessível é composto do chamado comitê dos sábios, integrado por quatro iniciados, expressão advinda do grupo Illuminati-maçônico. É o mais hermético dos três, caracterizado por seus debates particulares e não se sabe quem são os seus membros, com exceção de David Rockefeller (já falecido). Os sábios nomearam, em 1954, os primeiros integrantes do comitê diretor e continuaram a selecioná-los no decorrer dos anos.

O último círculo, o mais externo, é composto dos convidados eventuais e do restante dos afiliados permanentes. Os participantes ocasionais são chamados pelo apelido de "inocentes", já que alguns supostamente trabalham em prol de metas que desconhecem, estabelecidas previamente pelos iniciados. Com exceção dos membros ativos, que sempre estão presentes no organograma, os convidados esporádicos costumam participar para oferecer uma palestra sobre sua especialidade ou suas experiências em diferentes campos e matérias. Certamente, eles não sabem da existência do grupo menor e impenetrável que discute os temas internacionais de maneira ainda mais reclusa, que conhece e embaralha dados e estratégias que o resto ignora. Por isso, como assinala o sociólogo Michael A. Peters, que alguns ficaram profundamente decepcionados após a reunião, como é o caso do lingüista e profissional de meios de comunicação em massa dos anos 1960, Marshall McLuhan. Depois da reunião de 1969, na Dinamarca, ele declarou que foi "quase asfixiado por tanta banalidade e irrelevância", e descreveu os *bilderbergs* como "mentes uniformes do século XIX fingindo acompanhar o século XX". Outro dos eventuais convidados que pararam de acreditar no evento foi Christopher Price: "[...] o candidato trabalhista para Lewisham West achou tudo uma grande demonstração de presunção [...] só para encher lingüiça".[3]

Apesar dos desencantados, o êxito do Clube Bilderberg se deve, sobretudo, à capacidade de seus fundadores e de seus atuais dirigentes de reunir e empolgar as pessoas poderosas e influentes de todos os setores, com peso e influência suficientes para tornar realidade as aspirações conjuntas. O poder do clube se torna eficaz não por se considerar sua potencialidade como um todo, mas ao se contemplar o trabalho independente realizado por cada um de seus membros. E não nos esqueçamos da paciência que mostram quando projetam metas atingíveis a longo prazo.

O consenso como norma

As resoluções dos *bilderbergs* são regidas pelo princípio do consenso. Nada de votações ou pareceres; todos têm que estar de acordo na hora

3 Robert Eringer, *The Global Manipulators*, Pentacle Books, 1980.

de subscrever uma determinada ação. Nesse caso concreto, o clube recorreu à substituição da regra de não-atribuição da Chatham House, sede do britânico Royal Institute of International Affairs, segundo a qual todos podem falar com liberdade, já que os participantes concordam em guardar com lealdade o segredo da autoria dos discursos e medidas adotadas lá dentro. E isso tudo ocorre mesmo com jornalistas influentes da imprensa ocupando assentos nas reuniões do Clube Bilderberg.

Os pesos-pesados de Bilderberg têm tantas redes de influência que, uma vez alcançada a unanimidade em determinada questão, esta se tornará efetiva nos parlamentos ou nas decisões sobre mudanças estruturais de um país ou uma região, por exemplo, na União Européia. Os pactos nunca são abertos ao público e acabam sendo aplicados em segredo, o que reforça a garantia de livre manifestação dos participantes. "A franqueza é a regra de ouro — salienta o ex-Presidente Étienne Davignon. — Se o Clube Bilderberg é um sucesso, deve-se ao fato de que ninguém chateia ninguém; todos os participantes julgam ser importante escutar algo diferente daquilo que estão acostumados a ouvir".[4] Um freqüentador assíduo das reuniões do clube chegou a declarar: "Aqui é possível ir a fundo nas questões, aqui se fala de geopolítica, de estratégia".

Ninguém pode solicitar admissão no clube. Tampouco é possível convidar a si mesmo. Em virtude das oportunidades proporcionadas pelo Clube Bilderberg de se relacionar com aqueles que participam das reuniões, muitas entidades e personalidades já ofereceram dinheiro para estar lá, mas foram recusadas. É como bem destacou um membro do clube: "aquele que vai a Davos, paga para ser notado. Em Bilderberg, a pessoa vem para escutar sem ser vista". Porém, para ir, deve-se antes receber o convite formal.

Tanto a lista quanto a vez de falar dos participantes se dão por ordem alfabética, um detalhe que comprova que, na hora de decidir sobre os assuntos internacionais, os países e os cargos valem menos do que as multinacionais ou o peso de algumas personalidades.

Até a presente data, não foi convidada para suas reuniões ou nelas aceita nenhuma personalidade da América Latina, África, Ásia ou do Oriente Médio, salvo pouquíssimas exceções. Essas exceções estão

---

[4] http://www.economist.com/node/17928993. 20/01/2011.

ficando cada vez mais comuns, por isso podemos constatar a presença de poloneses, turcos, palestinos, eslovacos, iranianos, etc., embora o número seja praticamente irrelevante diante da participação norte--americana e européia.

O segredo é a essência

A característica essencial do clube é seu secretismo, o sigilo que o envolve, o zelo com que os *bilderbergs* se reúnem de costas para o mundo sem que nem uma palavra relevante proferida dentro de suas quatro paredes torne-se pública. Muitos concordam em ressaltar que, apesar do desconhecimento generalizado a respeito de sua existência, já não se pode considerá-lo um grupo secreto. Eu não concordo, pois, na verdade, o que a maioria sabe é que há um clube chamado Bilderberg e mais um ou outro detalhe, mas o conteúdo de seus debates continua sendo um segredo guardado a sete chaves, pois as atas das reuniões não vêm a público, portanto não sabemos ao certo o que foi acordado para os anos vindouros. Graças ao muro impenetrável que eles ergueram ao redor de si mesmos, é impossível saber com exatidão os assuntos tratados em suas reuniões há mais de cinqüenta anos.

Os *bilderbergs* se defendem das acusações de obscurantismo que pesam sobre eles com o argumento de que não são "um clube secreto, mas discreto", um simples encontro para fazer reflexões. Esse obscurantismo não faz referência apenas ao segredo, mas às diretrizes maçônicas e *iluministas* imputadas ao clube; atribuições que analisaremos mais à frente.

O *bilderberg* Van der Pijl afirma que

> mais que uma entidade Atlântica onipotente e secreta, o Clube Bilderberg serve de marco do florescimento de idéias conduzidas a uma direção concreta. O segredo é necessário para permitir que as diferenças sejam dirimidas, mais que para ocultar projetos do conhecimento público. Nesse sentido, o Clube Bilderberg tem funcionado como alicerce para novas iniciativas da unidade Atlântica.

Porém, em certas ocasiões, outros *bilderbergs* reconhecem, sim, que o grupo tem exercido o poder verdadeiro, como quando Davignon admitiu que o euro e a União Européia nasceram no Clube Bilderberg e foram impelidos por este.

O português Pinto Balsemão, que durante uma década foi membro do comitê diretor dos Bilderberg antes de ceder o lugar a Durão Barroso, quando este saiu da Comissão Européia, garantiu numa entrevista que aqueles que criticam o clube fazem-no por inveja:[5]

> *Editor*: De onde vem a crítica de seus opositores sobre o fato de você pertencer ao exclusivo — e, por vezes, pouco transparente — grupo de interesse Clube Bilderberg?
> *Pinto Balsemão*: Creio que seja inveja. O Clube Bilderberg é um grupo da sociedade civil que, uma vez por ano, reúne norte-americanos, canadenses e europeus para falar, em alto nível, sobre os problemas atuais. Pode ser das relações entre os dois continentes, da Guerra do Iraque ou da economia na China. É tudo muito bem organizado, e por não haver imprensa, nem conclusões, nem comunicados finais, as pessoas podem falar livremente. Muita gente que o critica adoraria pertencer a ele.

Em certa ocasião, tive a chance de perguntar ao ex-Chanceler espanhol Josep Piqué, que foi membro da Trilateral, a respeito do Clube Bilderberg. Ele esboçou um sorriso desconfiado e me respondeu que, para ele, os *bilderbergs* "são mais discretos do que secretos", e acrescentou que o Clube Bilderberg "foi criado para superar a banalização em que havia caído a Trilateral, mas não passa de uma reunião privada na qual são ouvidas vozes procedentes de todos os contextos sociais. Os organizadores querem escutar acadêmicos, a imprensa, os empresários, para ter uma visão ampla do que as sociedades estão demandando". Piqué salientou que o clube "tem um caráter eminentemente liberal e suas idéias são globalistas. O segredo sempre despertou a imaginação, por isso que surgiram todas essas teorias da conspiração, com as quais não concordo". Em contrapartida, o ex-chanceler também disse que os *bilderbergs* "estimularam por vontade própria o secretismo, inspirando toda uma mitologia à sua volta. Eles acham que é bom aparentar ter poder".

O poder. Já conhecem aquela máxima do despotismo: tudo para o povo, mas sem o povo. Agora passou a "nada para o povo e sem o povo".

---

5 Entrevista publicada no jornal *Abc* em 21 de abril de 2011.

Jogos de guerra

Do mesmo modo que as alarmantes — e hipotéticas — mudanças climáticas causadas pelo homem buscam manipular as emoções dos cidadãos e induzir neles um forte desejo de proteção, além de outras finalidades que veremos mais à frente, outra das características utilizadas pelos *bilderbergs* em seu afã de controlar todos os aspectos da sociedade mundial são os *jogos de guerra*. Assim são conhecidas, segundo o próprio jargão do grupo, certas práticas que já vinham sendo desenvolvidas no Conselho de Relações Exteriores. O escritor Martín Lozano[6] descreve esses jogos como um dos passatempos prediletos dos *bilderbergs*, que consiste em simular situações de crise extrema em assuntos de política internacional a fim de prever todas as eventualidades que determinado obstáculo pode acarretar e, assim, atingirem o resultado desejado.

Os seminários ou fóruns de reflexão em que ocorrem esses simulacros costumam ser realizados em lugares separados, sob a tutela de instituições acadêmicas, como o Instituto Averell Harriman, o Conselho de Yale sobre Estudos Internacionais ou a Academia para o Desenvolvimento da Educação, sendo que todas são vinculadas à ordem Skull and Bones (que estudamos no capítulo 3). Os participantes desses seminários são, normalmente, especialistas recrutados dos mais altos cargos científicos e acadêmicos, ligados às figuras-chave da política externa de seus respectivos países.

Paralelamente aos *jogos de guerra*, ocorrem os *jogos políticos*, e ambos se complementam. "Na verdade — explica Lozano —, os *jogos de guerra* são executados quando, num *jogo político*, transcorrem, ou são introduzidos, acontecimentos críticos, como golpes de Estado, graves distúrbios sociais, assassinatos de presidentes, invasões, etc.". Os *jogos de guerra* são concebidos para prever todos os possíveis incidentes e as melhores soluções para cada caso concreto, mas, às vezes, acontece que o evento real, seja espontâneo, seja provocado, se desencadeia de maneira diversa daquela prevista. Caso isso ocorra, há a necessidade de intervir para corrigir os desvios e reconduzir o processo até o resultado adequado.

6 Martín Lozano, *Nuevo Orden Mundial*, Alba Longa Editorial, Madrid, 1996.

Trata-se, em última análise, de utilizar todas as artimanhas e meios que estiverem ao alcance, por mais espúrios que sejam, com o objetivo de manter a população alienada e num estado de controle absoluto em que, talvez num futuro mais próximo do que imaginamos, a liberdade de ação e pensamento seja apenas uma lembrança efêmera, um mito que percorre a imaginação de nossos descendentes.

Viagens particulares com verbas públicas

Os membros do Clube Bilderberg também se defendem alegando que são um grupo "privado", constituído por cidadãos comuns. Peters expressa a fragilidade do argumento da seguinte forma: "Quando os líderes políticos buscam um acordo geral em parceria com líderes da indústria e das finanças internacionais, e pressionam os magnatas e jornalistas mais influentes para implementar tal acordo, não estamos falando do mesmo tipo de reunião que realizam os cidadãos comuns, ou particulares". Os políticos argumentam que não comparecem às reuniões em caráter oficial, senão pessoal; porém, essa é uma afirmação falsa. A justificativa legal para essas reuniões não-governamentais cai por terra diante das respostas obtidas pela comissária Patricia McKenna no Parlamento Europeu. Por exemplo, em 14 de maio de 2003:

> — Senhor presidente — começou a comissária —, amanhã começará em Versalhes uma reunião do Grupo Bilderberg. O motivo para trazer este tema é que vários comissários — os senhores Monti, Liikanen, Solbes Mira, Verheugen, Vitorino e Bolkestein — compareceram no ano passado às reuniões do Clube Bilderberg. De fato, o comissário Prodi foi membro de um comitê diretor nos anos 1980, quando Wim Duisenberg era o tesoureiro do clube. Outro motivo para eu ter tocado nesse assunto é que submeti uma pergunta escrita urgente por meio do Parlamento, mas sempre que trago à tona o tema Bilderberg, todos passam a batata quente para a frente. Eu deveria ter recebido uma resposta em 25 de abril, mas ainda não chegou nada. A reunião do Grupo Bilderberg começa neste fim de semana. Toda vez que tento indagar oralmente a este Parlamento ou ao anterior, o que ocorre é que os comissários têm tido medo de contestar. O que realmente quero saber é se os comissários participam dessas reuniões na qualidade de cidadãos privados ou se o

fazem representando a Comissão. Se representam a Comissão, temos que saber o que ocorre nessas reuniões do Grupo Bilderberg, visto que, na verdade, se trata de uma organização secreta que está decidindo a política mundial sem nenhuma intervenção do povo. Já passou da hora de as portas do Clube Bilderberg serem abertas e o público ter conhecimento do que realmente ocorre, porque a maior parte dos protagonistas do mundo atual participam deste clube. O presidente deste Parlamento, o Sr. Cox, compareceu a uma dessas reuniões, na Suécia, há alguns anos. As pessoas precisam saber o que ocorre nas reuniões do Clube Bilderberg, e se eu submeto uma pergunta dentro do prazo, a Comissão deveria responder. Não há nenhuma justificativa para que a Comissão não a responda.

— Senhora McKenna, tomei nota de seus comentários, que também transmitirei à Comissão Européia, para que, como está se referindo a comissários, possa receber a resposta adequada — respondeu o presidente.

McKenna vem perguntando no Parlamento, desde 1998, a respeito da participação de diversos membros da Comissão Européia nas reuniões do Clube Bilderberg, como Emma Bonino (participou em 1998), Hans van den Broek (1995), Leon Brittan (1998), Ritt Bjerregaard (1995), Mario Monti (1996), etc. Em 19 de maio de 2000, ela perguntou por aquele que em breve seria ministro da Economia do governo de Rodríguez Zapatero, Pedro Solbes Mira, que então era membro do comitê executivo da Comissão Trilateral. E obteve uma resposta:

> A Comissão acha importante que seus membros tenham participação no trabalho dos fóruns internacionais e manifestem seus pontos de vista em assuntos de interesse político. Assim como a Comissão teve a oportunidade de recordar em resposta às perguntas orais e escritas de deputados do Parlamento Europeu, seus membros desempenham uma função política e, ao mesmo tempo que respeitam as obrigações impostas por seu cargo, são livres para expressar suas opiniões políticas de maneira independente e sob sua própria responsabilidade.
>
> O Sr. Solbes Mira foi membro do comitê executivo internacional da Comissão Trilateral. Apresentou sua carta de demissão quando assumiu seu cargo como membro da Comissão Européia. As atividades da Comissão Trilateral e o caráter de membro da referida organização

> não servem para justificar uma declaração de suspeição. Os senhores Solbes Mira e Patten são membros da Comissão Trilateral, e o seu pertencimento a ela não gera obrigações nem compromissos; o fato apenas dá a eles a oportunidade de serem selecionados para participar em reuniões da Comissão Trilateral.
>
> No que diz respeito às reuniões do Clube Bilderberg, o Sr. Lamy pretende participar da reunião em junho próximo. E, no que se refere à participação nas reuniões do Clube Bilderberg por parte de membros da antiga Comissão, o orçamento da instituição apenas arcou com os gastos de viagem e alimentação.

A resposta do Parlamento Europeu contém uma contradição notável. Por um lado, afirma-se que os comissários participam em caráter pessoal das reuniões de Bilderberg, mas por outro também se garante que a Comissão Européia é que paga os gastos de viagem e alimentação. Como é possível que o bolso dos europeus arque com os gastos de alguém que participa em caráter privado de uma reunião privada? Mais uma razão para termos todo o direito a que o conteúdo das reuniões se torne público e o segredo seja revelado.

Hotéis de luxo com campo de golfe

Impelidos por seu afã clandestino e hermético, os membros realizam os encontros uma só vez ao ano, e escolhem uma cidade diferente em cada ocasião, embora já tenham repetido o hotel. Eles sempre se reúnem em cidades pequenas com o intuito de chamarem o mínimo possível de atenção. No entanto, é imprescindível que o hotel disponha de um campo de golfe.

Na Espanha, a localidade galega de La Toja foi a escolhida para receber o encontro de 1989, no qual Felipe González, o então presidente do governo, atuou como anfitrião. Alguns ressaltam que, durante certo tempo, o líder trabalhista resistiu aos incessantes convites feitos pelo clube porque não queria ter sua imagem relacionada com essa elite econômica mundial. Mas, por fim, González rendeu-se ao poder do capital, ou melhor dizendo, nunca chegou a resistir de fato.

É importante salientar que a escolha das sedes dos encontros não é aleatória. Do mesmo modo que não é coincidência o fato de o clube ter o

costume de se reunir um pouco antes do G-8. Vale destacar que a edição de 2001 ocorreu na cidade sueca de Gotemburgo, onde, poucos dias depois, foi realizada a cúpula semestral da União Européia. Isso significa que os participantes escolhem para os seus encontros lugares próximos ao local em que será realizada uma próxima cúpula ou conferência internacional, nos quais vão rever as mesmas caras, para, assim, não perderem seu valioso tempo em contínuos deslocamentos. Os países que mais vezes receberam os *bilderbergs* são Suécia, Estados Unidos e Canadá.

Não é permitido aos convidados que tragam seus cônjuges ou parceiros. Seus agentes de segurança ou guarda-costas não podem participar da conferência e fazem suas refeições num *hall* separado. Pede-se-lhes expressamente que não dêem entrevistas aos jornalistas. Os aposentos, as bebidas, o vinho e os coquetéis antes do jantar são pagos pelo clube. O telefone, o serviço de quarto e as contas da lavanderia ficam por conta dos participantes. Há duas sessões pela manhã e duas sessões à tarde, exceto no sábado, quando as sessões são somente realizadas à tarde para que os *bilderbergs* possam jogar golfe. O Clube Bilderberg traz até seus próprios cozinheiros e empregados, além dos guarda-costas, para evitar qualquer intromissão inoportuna.

Os assentos são dispostos em ordem alfabética, mas são invertidos todos os anos. Por exemplo, se Umberto Agnelli, o presidente da Fiat, sentava-se na frente, no ano seguinte Norbert Zimmermann, o presidente da Berndorf, fabricante austríaca de talheres e objetos de metal, ocupará seu lugar.

Segurança de elite

Ao gasto com alimentação e deslocamento dos convidados, deve-se acrescentar a despesa com o sistema de segurança no lugar de destino — militar, serviço secreto, polícia nacional e local —, que fica por conta do governo do país onde o encontro será celebrado e, portanto, é custeado com o orçamento federal do Estado. As quantias despendidas geram pânico nos países anfitriões, quando chega a vez deles.

Ademais, um hotel completo de cinco estrelas precisa ser reservado durante quatro dias, além de alimentação, transporte e segurança, gastos

que são pagos pelos países anfitriões, com alguma ajuda das empresas que patrocinam a entidade, como a norte-americana Associação dos Amigos de Bilderberg. Também é contratada segurança privada para garantir que não haja brechas na proteção dos membros. A vigilância rigorosa não permite que nenhum intruso, jornalista ou curioso se aproximem do hotel. A inteligência da CIA, do MOSSAD ou do MI6 também velam pela integridade dos participantes.

ANEXO 5

A identidade secreta dos *bilderbergs*

Uma consciência tranqüila não
teme nenhuma testemunha.
— Sêneca[1]

Agora que conhecemos a natureza do Clube Bilderberg e sua interação com os acontecimentos internacionais que moldaram a história recente, torna-se indispensável revelar quem são os homens e mulheres que participam do conclave secreto dos governantes globais.

Para incutirem suas idéias e perpetuarem seus privilégios de poder, é vital que a composição do Clube Bilderberg seja bastante variada. Como fez em sua primeira reunião, o grupo seleciona personalidades internacionais que já estão nos mais altos níveis de poder ou que chegarão lá em seus respectivos países ou em seus âmbitos profissionais. Considera-se que um terço de seus membros pertença ao mundo da política; e o restante, ao das finanças, mídia e indústrias em geral.

Todos juram fielmente não falar sobre o conteúdo de suas reuniões nem sobre as decisões tomadas com ninguém, e, ao contrário do que algumas fontes afirmam, não vão em caráter pessoal; se não fosse pela posição de destaque que ocupam na sociedade ou pelas possibilidades de alcançá-las, não estariam lá. São homens influentes, capazes de

[1] Lucius Annaeus Sêneca (4 a.C.–65 d.C.), filósofo romano.

pôr em prática, dentro de seu âmbito profissional e social, as decisões acordadas em seus encontros.

Trinidad Jiménez, ex-secretária de Política Internacional do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), com quem tive uma conversa a respeito do grupo — ocasião em que ela me confirmou sua participação nas reuniões —, mostrou-se cautelosa e discreta ao falar dos *bilderbergs*. Atualmente, segundo ela, o grupo não atua na obscuridade nem constitui o governo mundial: "Eu mesma pertenço ao clube e à Comissão Trilateral, e posso garantir que as coisas mudaram muito. Agora é muito mais difícil contemplar o mundo todo; isso era antes".

É verdade que nos anos do pós-guerra era mais fácil controlar o planeta, pois era tudo muito menor e havia apenas dois blocos de influência: os países do Leste e os do Oeste. Hoje em dia, o controle é bem mais complicado, porque a sociedade é composta de divisões minoritárias, grupos étnicos, organizações não-governamentais, associações regionais, etc. Mas nem assim os *bilderbergs* modificaram seus objetivos. A única coisa que mudou é que agora precisam de muitos outros agentes sociais envolvidos para alcançar suas metas, pois no mundo imenso do século XXI é necessário contar com a cumplicidade e a aprovação de uma ampla gama de redes sociais, em cujo âmbito eles inserem sutilmente seus objetivos, por meio de conceitos gerais que a sociedade vai aceitando gradualmente e, enfim, reproduzindo e assimilando.

A seguir vamos transpor o umbral hermético dos poderosos e o muro de silêncio atrás de onde o governo invisível se materializa e atua. Penetremos no esqueleto que sustenta os líderes do G-8 (o grupo dos oito países mais ricos do mundo); daremos um passo além do Fundo Monetário Internacional, do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio, sem nos esquecermos dos fios ocultos que manipulam os chefes de Estado e de governo da União Européia e dos EUA. Revelaremos quais são as pessoas com capacidade plena para elaborar e executar as decisões que mudam o mundo. Conheçamos, agora, quem são os indivíduos que criam e solucionam os conflitos globais, penetrando o *sanctum sanctorum* do Clube Bilderberg.

A lei do silêncio

Depois de muitos anos de recusas, a alma do clube, David Rockefeller, publicou em 1999 uma autobiografia na qual, enfim, reconheceu a paternidade do Clube Bilderberg e da Comissão Trilateral. Claro que, mais uma vez, suas declarações não passaram de uma breve confirmação do que, verdade seja dita, já era sabido há muito tempo.

A lei do sigilo do Clube Bilderberg impediu que os membros jornalistas publicassem as listas de participantes nos meios de comunicação em massa; apesar disso, não foi possível evitar que alguns dos presentes as vazassem, depois de cada edição, para a imprensa independente ou para pesquisadores particulares. Dessa forma, passou a ser conhecida a identidade da maioria dos *bilderbergs* permanentes e eventuais, ainda que alguns tenham preservado o anonimato, uma vez que é possível solicitar ao clube que seu nome seja excluído da lista.

Durante a elaboração deste livro, telefonei para o escritório principal do Clube Bilderberg, localizado em Leiden, Holanda, para solicitar todo tipo de informação a respeito da natureza do grupo e de seus integrantes. A senhorita que me atendeu, respondeu com rispidez: "Não damos nenhum tipo de informação sobre o Clube Bilderberg. Além de que eu jamais o faria por telefone, muito menos a qualquer um". Eles consideram um jornalista não-convidado como um jornalista "qualquer". Minhas insistências foram inúteis.

Os *bilderbergs* estão ligados por aspectos em comum: fazem parte das famílias mais endinheiradas do planeta, estudaram nas mesmas universidades, onde criaram um conceito de mundo idêntico. Após o período acadêmico, continuaram a se encontrar nos clubes exclusivos de alta classe, bem como em seus ambientes de trabalho. Alguns são donos das empresas mais desenvolvidas e prósperas do planeta, outros têm algum cargo executivo nos governos mais influentes do globo e há aqueles que exercem sua influência social pelos meios de comunicação ou nas universidades mais prestigiadas do mundo. São responsáveis por instituir, mediante consenso, as decisões aparentemente democráticas que, posteriormente, serão adotadas e executadas nos parlamentos, na ONU, no FMI, no BM, na OMC ou na OTAN. São pessoas globais, dirigentes do

governo secreto e mundialista, com fortuna e poder incomensuráveis, que transcendem o espaço territorial de suas nacionalidades.

Vamos rever agora as figuras de maior destaque que já compareceram no Clube Bilderberg ao longo de seu mais de meio século de existência.

A monarquia frívola

A presença da realeza européia já se tornou um hábito; comparecem anualmente. O Príncipe Bernardo dos Países Baixos (já falecido); sua filha, a Rainha Beatriz (que abdicou em 2013); o Rei Gustavo da Suécia; o Príncipe Filipe da Bélgica; a Rainha Sofía da Espanha, o Rei Juan Carlos e o Rei Filipe VI, ou o Príncipe Charles da Inglaterra são figuras assíduas nas reuniões. Holanda, Inglaterra, Suécia e Bélgica estão entre os países mais ricos e socialmente avançados da União Européia, e têm um peso fundamental nas diretrizes assumidas pelo Clube Bilderberg. Conquanto alguns monarcas governem e mandem mais do que outros, não passam de fantoches.

Aqueles que criticam as atividades frívolas da monarquia podem comprovar agora quais são as outras atividades relevantes a que ela dedica seu soberano tempo. Durante minha investigação, entrei em contato com a Casa Real espanhola para solicitar uma audiência com a Rainha Sofía a respeito de sua presença no Clube Bilderberg. O departamento de imprensa me comunicou que o encontro não seria possível devido ao fato de que "os membros da família real raramente concedem entrevistas, em razão dos numerosos pedidos que recebem", e que tampouco costumava fornecer informações "a respeito das atividades oficiais de suas majestades e altezas". Chamou minha atenção eles considerarem a presença da família real na conferência do Clube Bilderberg como um ato oficial da Rainha Sofía, visto que na agenda de atividades enviada semanalmente pelo departamento de imprensa aos jornalistas nunca chegaram a constar as reuniões Bilderberg. Nesse sentido, o único dado disponível foi emitido na internet pela Fundação Rainha Sofía em 24 de maio de 2001, quando foi informada a presença da rainha na reunião Bilderberg em Stenungsund, na Suécia. O departamento de imprensa da Casa Real me disse que os únicos detalhes que estavam autorizados a

me fornecer eram referentes aos anos em que Sofía estivera nas reuniões, estando confirmadas apenas as seguintes ocasiões: 1991 (Baden-Baden, Alemanha), 1994 (Helsinki, Finlândia), 1996 (Toronto, Canadá), 2001 (Gotemburgo, Suécia) e 2005 (Rottach-Egern, Alemanha). Quando a então Princesa Letícia anunciou sua primeira gravidez, em 8 de maio de 2005, a rainha estava presente à reunião anual do Clube Bilderberg; por isso, as primeiras declarações públicas foram feitas somente pelo rei, pois foi preciso aguardar vários dias até que a rainha regressasse e aparecesse diante da mídia a fim de manifestar sua alegria pela boa nova. Perguntei ao meu interlocutor se a presença de Sua Majestade, a rainha, nas reuniões do clube se dava em decorrência de seu trabalho em prol da tutela e implantação do sistema de microcréditos para países subdesenvolvidos, por meio da fundação que leva seu nome. Com a mesma amabilidade com que me atenderam desde o princípio, disseram-me que "não podiam responder" a essa pergunta.

Ministros e parlamentares "democráticos"

Desde Eisenhower, todos os presidentes norte-americanos foram membros do clube, que tem funcionado como um ambiente de recrutamento de jovens promessas da política, do setor militar e da inteligência internacional, assim como do mundo das finanças. Na mesma toada, também estiveram presentes a maioria dos integrantes de maior destaque dos governos europeus, como Lionel Jospin, ex-primeiro-ministro francês; Romano Prodi, membro do comitê diretor desde a década de 1980, ex-primeiro-ministro italiano e ex-presidente da Comissão Européia; Tony Blair, ex-primeiro-ministro do Reino Unido; o ex-Presidente espanhol José María Aznar (ano 1999, Sintra, Portugal); os comissários europeus Pascal Lamy e Mario Monti; Valéry Giscard d'Estaing, autor do projeto da Constituição Européia e ex-presidente da República francesa; o ex-ministro britânico da economia, Kenneth Clarke, conhecido europeísta e amante de jazz; e Graham Avery, diretor de Estratégia, Coordenação e Análise das Relações Exteriores da Comissão Européia e o principal conselheiro para a ampliação da Comunidade Européia.

O ex-alto representante da União Européia para a política externa e segurança, Javier Solana, é outro dos *habitués*. O grau de cinismo desses grandes defensores da "democracia" e da "paz mundial", termos que em seu código secreto adquirem outros significados, pode inspirar declarações como a de Solana, à revista dominical do jornal *El País*, publicada em 27 de novembro de 2005: "Sofro com o sofrimento alheio". Talvez o ex-secretário da OTAN tenha escolhido a vocação profissional errada.

Obviamente, jamais faltaram ao encontro o presidente do clube, Henri de Castries, e seus fundadores David Rockefeller, Henry Kissinger, Giovanni Agnelli e Denis Healey. Os Bush, pai e filho, costumavam ser representados por integrantes de suas respectivas administrações, como o ex-secretário de Defesa americano e antigo interlocutor de Saddam Hussein, Donald Rumsfeld, que raramente falta às reuniões, e Richard Perle, conhecido pelo apelido de "Príncipe das Trevas", ex-conselheiro de Defesa da administração Bush e um dos defensores da Iniciativa Estratégica de Defesa e do lançamento de mísseis de longo alcance (ultimamente ele aparece nas listas como representante do Instituto Empresarial Americano); Bill e Hillary Clinton; o gênio da informática e das vacinas na África, Bill Gates; Umberto Agnelli (ex-presidente da Fiat e irmão de Giovanni, falecido em 2004); José M. Durão Barroso, ex-presidente da Comissão Européia; o Senador e ex-candidato à Presidência dos Estados Unidos John Kerry; Alan Greenspan, ex-diretor do banco Federal Reserve dos Estados Unidos e ex-diretor do Banco Morgan; o Senador estadunidense John Edwards; e o ex-Primeiro-ministro português Pedro M. Santana Lopes.

Outros freqüentadores são Paul Wolfowitz, ex-presidente do Banco Mundial, antigo subsecretário do Ministério da Defesa dos EUA e um dos principais artífices da invasão do Iraque, além de fanático pró-Israel; Emma Bonino, líder do Partido Radical (PR) italiano, comissária européia que propôs "legalizar todas as drogas para arruinar os narcotraficantes", atribuindo "a corrupção das instituições ao dinheiro sujo dos entorpecentes"; Fredrik Reinfeldt, ex-primeiro-ministro da Suécia; Zbigniew Brzezinski, ex-conselheiro de Jimmy Carter e ex-assessor do Presidente Bush; Anna Lindh (a ministra sueca para Assuntos

Exteriores que foi assassinada); e Klaus Schwab, presidente do Fórum de Davos.

Outras personalidades conhecidas do Clube Bilderberg são o multimilionário George Soros, atual crítico da "imoralidade do mercado", embora tenha feito sua fortuna graças a operações especulativas; Jacob Rothschild; Cem Boyner, presidente do Movimento Nova Democracia da Turquia (Liberal); Dwayne Andreas, ex-acionista majoritário da Archer-Daniels Midland (falecido em 2016); Jean-Claude Trichet, ex-presidente do Banco Central Europeu; Lord Carrington, ex-secretário de Defesa britânico e ex-secretário-geral da OTAN; Paul Volcker, ex-presidente do Federal Reserve; Jessica T. Mathews, presidente do Fundo Carnegie para a Paz Internacional, criado pelo multimilionário escocês e pai da filantropia moderna Andrew Carnegie; Jorge Sampaio, ex-presidente de Portugal; Giorgio La Malfa, secretário do PRI (Partido Republicano Italiano); Carlos Ferrer Salat, ex-presidente da UNICE (Federação de Empresários Europeus), falecido em 1998, além de representantes das Nações Unidas, diplomatas e embaixadores.

Bancos e multinacionais

Os bancos internacionais constituem uma das pedras angulares do clube: Lazard Frères & Co., Barclays, Chase Manhattan Bank, o Banco Morgan, Goldman Sachs, Deutsche Bank, Société Générale de Belgique, UBS, Banco Warburg, Rothschild, Baruch, Schiff, Rockefeller e Loeb & Co., entre outros. Há que se acrescentar o Banco Central da Turquia; o Banco Imperial de Comércio do Canadá; Banco da Finlândia, representado por sua então presidente, Sirkka Hämäläinen; a União de Bancos Suíços; Citibank N.A.; e Ricardo Salgado, presidente do Grupo Espírito Santo de Portugal.

Entre as empresas protagonistas do desenvolvimento do capitalismo no mundo podemos citar as petroleiras e, entre elas, o presidente da BP e do Goldman Sachs, Peter D. Sutherland; William C. Ford, presidente e diretor da Ford Motor Company; Jürgen E. Schrempp, diretor executivo da Daimler-Chrysler; assim como os diretores da France Telecom, Coca-Cola, PepsiCo, Danone, a empresa petroleira norueguesa Statoil

e a anglo-alemã Royal Dutch Shell, a multinacional farmacêutica Novartis, Danish Oil and Gas Corporation, Nokia, Siemens, Renault, BMW, Telecom, Nestlé, Repsol e Heineken N.V., só para nomear algumas.

Jornalistas e intelectuais

Não podemos nos esquecer dos barões da imprensa: Donald Graham, presidente do *The Washington Post*; Juan Luis Cebrián, diretor executivo do Grupo Prisa; Martin H. Wolf, do *Financial Times*; William P. Bundy, ex-jornalista da *Foreign Affairs*; o *National Post Newspaper*; Adrian W. Wooldridge, do *The Economist*. Os dirigentes do *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, ABC *News*, *Die Zeit*, *Le Nouvel Observateur*, *Le Figaro*, *La Repubblica*, o jornal turco *Hürriyet*; Paul Lendvai, diretor da *Rádio Internacional Australiana*; Will Hutton, colunista do *The Observer*; Thomas L. Friedman, da *Foreign Affairs* e colunista do *The New York Times*; Gianni Riotta, do *La Stampa*; CBS *News*; Ugo Stille, do *Corriere della Sera*, e um longo *et cetera* são alguns dos veículos da mídia que participam sem dar nenhuma informação a respeito do encontro.

Entre os intelectuais e acadêmicos que foram convidados para o Clube Bilderberg, podemos citar Richard Bernstein, importante filósofo norte-americano e reconhecido professor da New School for Social Research (Nova York), e principal defensor do pragmatismo americano, que declarou à agenciaperu.com:

> Há um senso comum em torno do pragmatismo. Existe uma tradição filosófica que é freqüentemente considerada antiética, ou seja, difere da idéia popular que se tem sobre o pragmatismo. O pragmatismo é abertura, discussão, diálogo, falibilidade [aceitar que podemos cometer erros]. Acreditar na importância de se testar idéias. Na melhor acepção, o pragmatismo americano é um verdadeiro compromisso com a democracia dos indivíduos comuns.

Igualmente, há que destacar Maarten C. Brands, professor de história da Universidade de Amsterdam; Maria Carrilho, professora de Sociologia da Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE); Kenneth W. Dam, professor de Direito da Universidade de Chicago; Theodore L. Eliot Jr., decano emérito da Escola Fletcher de Direito e Diplomacia e embaixador dos

EUA; Üstün Ergüder, reitor da Universidade do Bósforo (Turquia); Lawrence Freedman, diretor do Departamento de Estudos da Guerra da King's College; Timothy Garton Ash, da St Antony's College de Oxford; Francesco Giavazzi, professor de economia da Universidade Bocconi, de Milão; Victor Halberstadt, professor de administração pública da Universidade de Leiden (Holanda); Sylvia Ostry, presidente do Centro de Estudos Internacionais da Universidade de Toronto (Canadá); Emma Rothschild, diretora do Centro de História e Economia de Cambridge; são esses alguns dos eruditos que foram convidados para integrar a ideologia do Clube Bilderberg. Observe como a maioria é composta de especialistas em economia, ciências sociais e história bélica.

Outros freqüentadores: os espanhóis

Desde a década de 1990, passaram a comparecer nas reuniões do Clube Bilderberg novos freqüentadores do Leste Europeu, como Dmitri V. Trenin, diretor do Centro Carnegie de Moscou; da Hungria, György Surányi, presidente do Banco Nacional da Hungria; da Iugoslávia, Veton Surroi, editor do *Koha Ditore*; da Polônia, Hanna Suchocka, ex-primeira-ministra sob a presidência de Lech Wałęsa e membro da Pontifícia Academia das Ciências Sociais do Vaticano; assim como outros de Kosovo, Bulgária e Ucrânia.

Entre os espanhóis, participaram — ou continuam participando — das conferências de Bilderberg a ex-presidente da Comuna de Madri, Esperanza Aguirre; Rodrigo Rato, ex-diretor-geral do Fundo Monetário Internacional; Jaime de Carvajal y Urquijo, profissional do mercado financeiro, ex-membro do comitê diretor e amigo de infância do Rei Juan Carlos da Espanha; Juan Antonio Yáñez-Barnuevo, ex-embaixador da Espanha perante as Nações Unidas; Francisco López, ex-diretor da Argentaria;[2] Guillermo de la Dehesa, presidente do Instituto Empresarial; Emilio de Ybarra y Churruca, ex-presidente do BBVA; Javier Solana Madariaga, ex-responsável da OTAN; Matías Rodríguez Inciarte, vice-presidente do Banco Santander; Pedro Solbes Mira, ex-membro da Comissão Trilateral e ex-ministro da Economia; Joaquín

[2] Grupo mais conhecido no Brasil como BBVA, ou Banco Bilbao Vizcaya Argentaria — NT.

Almunia Amann, ex-secretário-geral do PSOE e comissário europeu de Economia; Bernardino León, ex-secretário de Assuntos Exteriores, ligado ao Ministério da Economia. Outros são Jordi Pujol, ex-presidente da comunidade catalã; Manuel Fraga, fundador da Aliança Popular, ex-ministro das Comunicações e ex-presidente da Xunta de Galicia; Federico Trillo, ex-ministro da Defesa durante a presidência de José María Aznar; e Narcís Serra, ex-presidente da Caixa Cataluña que também fez parte do primeiro gabinete do governo Felipe González, como ministro da Defesa. Serra estudou na prestigiada London School of Economics, de viés fabiano, onde fez importantes contatos internacionais. O ex-ministro de Relações Exteriores, Miguel Ángel Moratinos, foi convidado pela primeira vez em 2009.

Representação global

Chefes de governo e ministros, comissários europeus, financistas e estrategistas internacionais, representantes da OMC, do FMI e do Banco Mundial, secretários da OTAN, administradores de grupos industriais, especialistas em defesa, assim como os futuros líderes políticos europeus e norte-americanos e intermediários de alto escalão completam a lista de participantes do Clube Bilderberg.

O sistema bancário internacional tem desempenhado um papel fundamental na formação do mundo atual, conseguindo penetrar todos os âmbitos da vida social e tornar-se imprescindível, com seu sistema de créditos e empréstimos, para o desenvolvimento de um país, motivo pelo qual sua participação e consenso em assuntos globais se faz indispensável. O poder dos grandes bancos internacionais sobre as mais amplas decisões mundiais não é uma fantasia, senão um fato reconhecido pelo próprio sistema financeiro. O *Financial Times* de Londres publicou em 20 de setembro de 1929: “Meia dúzia de homens à frente dos cinco grandes bancos podem desconstruir toda a estrutura das finanças governamentais, caso decidam não renovar o financiamento dos títulos do Tesouro e dos títulos da dívida”.

Esses banqueiros, grande parte de origem judaica, chefes de governo e de Estado, presidentes de multinacionais e de meios de comunicação,

que constituem o autêntico poder mundial, trancam-se durante um fim de semana no mais poderoso e eficaz sigilo, sem que nada do que ali se discuta e decida extrapole para as páginas dos jornais nem para a sociedade. Apesar de seu ex-presidente, Étienne Davignon, ter reiterado: "É absurdo, um fantasma. A idéia de um cenáculo com os donos do mundo é falsa", a essa altura, é impossível acreditar nele.

A Dama de Ferro: um exemplo esclarecedor

Já vimos que o Clube Bilderberg age mediante a regra do consenso, o que significa, na prática, que quem adere à maioria não encontra obstáculos em seu caminho, muito pelo contrário, mas caso a pessoa se afaste radicalmente das diretrizes gerais, estará perdida.

Os partidários de Margaret Thatcher acusam o clube de ter feito pressão para conseguir bani-la da política em função de sua ferrenha oposição ao euro. "Thatcher está no time dos mocinhos — garante o jornalista estadunidense James Tucker. — O Clube Bilderberg ordenou que ela desmantelasse a soberania britânica, mas ela disse que jamais faria isso, por isso a tiraram de cena". O jornalista relata que, em certa ocasião, encontrou a Dama de Ferro num coquetel e resolveu não deixar escapar a oportunidade de conversar com ela. "Como se sente por ter sido denunciada por esses caras do Clube Bilderberg?", ele lhe perguntou. Tucker disse que a ex-mandatária lhe respondeu: "Acho que foi uma grande honra ter sido denunciada pelo Clube Bilderberg".

Mas a Dama de Ferro, no início, era bem-conceituada no clube; além do mais, seus membros a adoravam. O jornalista Jon Ronson relatou a lembrança que Denis Healey guarda daqueles anos.

> Convidei Margaret Thatcher em 1975 — recordou o britânico. — Ela não era uma pessoa conhecida; sentou-se ali nos dois primeiros dias e não disse nenhuma palavra. As pessoas começaram a se queixar, pois os convidados têm de merecer o privilégio de estar ali, não apenas ficarem parados como ratos de igreja; estão ali para falar. O Senador Mathias, de Maryland, dirigiu-se a mim e me disse: "Essa senhora que você convidou não disse nada. Ela deveria falar alguma coisa". Portanto, troquei algumas palavrinhas com ela durante o jantar. Estava envergonhada. Com certeza ela refletiu sobre o assunto durante a noite,

porque, no dia seguinte, repentinamente, desembestou um *especial Thatcher* de três minutos. Não lembro exatamente o que ela falou, mas o auditório ficou atônito. Como conseqüência desse discurso, David Rockefeller, Henry Kissinger e os outros americanos se encantaram com ela. Colocaram-na num verdadeiro pedestal na América, rodeando-a de limusines e a apresentaram ao mundo todo.

Assim como pode levar às alturas, o Clube Bilderberg pode também afundar qualquer um no mais profundo inferno.

Apenas um fórum de debates

Informação (ou inteligência) é a matéria-prima mais valiosa para o poder. Quem tem informação tem a chave do mundo; daí o papel essencial que o segredo tem nessa sociedade e em seus satélites. Quando os *bilderbergs* se pronunciaram publicamente, defenderam a evolução acidental da história. Em outras palavras, argumentam que esta é o resultado de uma sucessão de eventos que os líderes mundiais não são capazes de alterar, causar nem impedir. Zbigniew Brzezinski, conselheiro de segurança do Presidente Jimmy Carter, hoje membro do comitê executivo da Trilateral, pronunciou-se a esse respeito em 1981: "A história é muito mais o produto do caos do que da conspiração. Os políticos estão cada vez mais sobrecarregados com a seqüência de acontecimentos e do fluxo de informação".

Apesar da concentração de renomadas personalidades, Denis Healey tentou nos fazer acreditar que os integrantes do grupo "não estabelecem a política mundial, mas apenas debatem as orientações políticas que influenciam as pessoas no mundo real". Pelo menos, essa é uma afirmação mais verdadeira do que as insípidas negativas que estamos acostumados a ouvir.

Alguns membros do Clube Bilderberg reiteram constantemente que o clube é um fórum de reunião e debates entre pessoas que se conhecem ou que têm pontos e interesses em comum. O ex-Presidente Davignon assinalou a esse respeito: "Não somos uma classe global dirigente, porque penso que não existe a classe global dirigente. Apenas acredito que se trate de pessoas influentes interessadas em conversar com outras

pessoas igualmente influentes". Além disso, acrescentou: "Os negócios e a política influenciam a sociedade, isso é senso comum. Mas não significa que o ambiente de negócios se oponha aos direitos de um líder eleito democraticamente". O visconde está falando de como deveria ser, não do que acontece de verdade.

Sem dúvida, as disposições firmadas pelo clube de forma secreta e privada são mais vinculantes que as tomadas nos congressos e parlamentos. Healey reconhece que existe um debate entre os *bilderbergs* e os que fazem a política de verdade, os quais, em muitos casos — como pudemos comprovar —, são os mesmos indivíduos. Foi o Presidente Woodrow Wilson quem declarou: "Alguns dos homens mais importantes dos EUA, nas áreas do comércio e da indústria, temem algo ou alguém. Sabem que, em algum lugar, há um poder tão organizado, tão sutil, tão vigilante, tão interligado, tão completo e tão penetrante que é melhor não dizer nada contra ele".

Segundo confirmou uma fonte do grupo, "os eventos mundiais não acontecem por acaso; são, ao contrário, planejados, sobretudo se estiverem relacionados a questões nacionais, como o comércio. A maior parte dos acontecimentos é dirigida pelos poucos que controlam o poder". Agora você já sabe quem são muitos dos que estabelecem as regras.

ANEXO 6

Instituições de Tavistock nos Estados Unidos

Como já dissemos, o Instituto Tavistock lidera numerosas instituições espalhadas por todo o planeta. Destas, as de maior destaque nos EUA são as seguintes:

Planning Research Corporation. É uma das quase 350 empresas que comandam a pesquisa e os estudos políticos, levando recomendações ao governo. O Presidente Eisenhower as classificou como "um possível risco para a política pública, que poderia ficar submetida a uma elite científico-tecnológica".

Hudson Institute. Esta instituição foi a que teve o papel mais importante no que diz respeito a moldar o jeito como os americanos reagem aos acontecimentos políticos e sociais — pensam, votam e atuam em geral. O Instituto Hudson é especializado na pesquisa de políticas de defesa e relações com a Rússia. Grande parte de seu trabalho militar é classificado como "confidencial" e ele é uma das entidades de lavagem cerebral que fazem parte do Comitê dos Trezentos. Um de seus clientes mais importantes é o Departamento de Defesa dos EUA, com o qual trata de assuntos de defesa civil, segurança nacional, polícia militar e controle de armas.

National Training Laboratory. Fundado em 1947, com sede no condado de Bethel, Maine. Tem como objetivo a lavagem cerebral dos líderes de governo, das instituições de ensino e das burocracias corporativas, segundo o método Tavistock. Posteriormente, essa instituição passou

a utilizar esses líderes para que comandem sessões de grupo em suas organizações ou contratem outros dirigentes de grupos com treinamento similar para fazer este trabalho. Ali foi desenvolvido o método psicológico conhecido como "dinâmica de grupo", criado pelo alemão Kurt Lewin em Tavistock. Num grupo de lavagem cerebral de Lewin, um número de indivíduos de diversas procedências e personalidades é manipulado por um grupo-líder para formar uma opinião consensual, criando uma nova identidade de grupo. A chave do processo é a criação de um ambiente controlado no qual, por vezes, é introduzido estresse (às vezes chamado de dissonância) para romper com a estrutura de crenças individual. Devido à pressão de semelhantes de outro grupo, o indivíduo fica "desmantelado", desestabilizado, emergindo então uma nova personalidade com novos valores. A degradante experiência faz com que a pessoa negue a ocorrência de qualquer tipo de mudança. Dessa maneira, a lavagem cerebral é feita sem que a vítima se dê conta do que ocorreu.

Universidade da Pensilvânia, Faculdade de Administração de Wharton. Fundada por Eric Trist, um dos cérebros de Tavistock, a Wharton se transformou num dos centros mais importantes de Tavistock no que se refere a pesquisa comportamental. Seus clientes são o Departamento de Trabalho dos EUA, que ensina como produzir estatísticas "preparadas" no Wharton Econometric Forecasting Associates Incorporated. Esse método foi muito requerido em 1981 e revelou milhões de desempregados a mais do que refletiam as estatísticas do USDL. O modelo econométrico da Wharton é utilizado pelas grandes empresas do Comitê dos Trezentos nos Estados Unidos, Europa Ocidental, Fundo Monetário Internacional, Nações Unidas, Banco Mundial e Instituto de Pesquisa Social. Entre seus clientes estão a Fundação Ford, Departamento de Defesa dos EUA, Serviço Postal norte-americano e Departamento de Justiça estadunidense. Entre seus estudos se encontram *O significado humano da mudança social, jovens em transição e como os americanos vêem sua saúde mental.*

Institute for the Future. É financiado pela Fundação Ford e extrai suas previsões a longo prazo do Tavistock. Esse instituto projeta e analisa o que imagina que serão as mudanças essenciais que ocorrerão em janelas de tempo de cinqüenta anos. Os chamados painéis Delphi

deixam claro o que é normal e o que não é, e encaminham sínteses ao governo para que este saiba qual é a direção correta a se seguir para eliminar os líderes de grupos que criam desordem civil.[1]

Conferências do Clube Bilderberg 1954–2016

1954 (29–31 de maio): Oosterbeek, Holanda. Hotel Bilderberg.
1955 (18–20 de março): Barbizon, França.
1955 (23–25 de setembro): Garmisch-Partenkirchen, Alemanha Ocidental.
1956 (11–13 de maio): Fredensborg, Dinamarca.
1957 (15–17 de fevereiro): Saint Simons Island, Georgia, EUA.
1957 (4–6 de outubro): Fiuggi, Itália.
1958 (13–15 de setembro): Buxton, Reino Unido.
1959 (18–20 de setembro): Yeşilköy, Turquia.
1960 (28–29 de maio): Bürgenstock, Suíça.
1961 (21–23 de abril): St. Castin, Canadá.
1962 (18–20 de maio): Saltsjöbaden, Suécia.
1963 (29–31 de maio): Cannes, França.
1964 (20–22 de março): Williamsburg, Virgínia, EUA.
1965 (2–4 de abril): Villa d'Este, Itália.
1966 (25–27 de março): Wiesbaden, Alemanha Ocidental.
1967 (31 de março–2 de abril): Cambridge, Reino Unido.
1968 (26–28 de abril): Mont-Tremblant, Canadá.
1969 (9–11 de maio): Marienlyst, Dinamarca.
1970 (17–19 de abril): Bad Ragaz, Suíça.
1971 (23–25 de abril): Woodstock, Vermont, EUA.
1972 (21–23 de abril): Knokke, Bélgica.
1973 (11–13 de maio): Saltsjöbaden, Suécia.
1974 (19–21 de abril): Megìve, França.
1975 (25–27 de abril): Çesme, Turquia.
1977 (22–24 de abril): Torquay, Reino Unido.
1978 (21–23 de abril): Princeton, New Jersey, EUA.
1979 (27–29 de abril): Baden, Áustria.
1980 (18–20 de abril): Aachen, Alemanha Ocidental.
1981 (15–17 de maio): Bürgenstock, Suíça.

[1] https://educate-yourself.org/nwo/nwotavistockbestkeptsecret.shtml.

1982 (14–16 de maio): Sandefjord, Noruega.
1983 (13–15 de maio): Montebello, Canadá.
1984 (11–13 de maio): Saltsjöbaden, Suécia.
1985 (10–12 de maio): Rye Brook, Nova York, EUA.
1986 (25–27 de abril): Gleneagles, Escócia.
1987 (24–26 de abril): Villa d'Este, Itália.
1988 (3–5 de junho): Telfs-Buchen, Áustria.
1989 (12–14 de maio): La Toja, Galícia, Espanha.
1990 (11–13 de maio): Glen Cove, Nova York, EUA.
1991 (6–9 de junho): Baden-Baden, Alemanha.
1992 (21–24 de maio): Évian-les-Bains, França.
1993 (22–25 de abril): Vouliagmeni, Atenas, Grécia.
1994 (4–5 de junho): Helsinki, Finlândia.
1995 (8–11 de junho): Zurique, Suíça.
1996 (30 de maio–1 de junho): Toronto, Canadá.
1997 (12–15 de junho): Lake Lanier, Georgia, EUA.
1998 (14–17 de maio): Turnberry, Escócia.
1999 (3–6 de junho): Sintra, Portugal.
2000 (1–4 de junho): Bruxelas, Bélgica.
2001 (24–27 de maio): Gotemburgo, Suécia.
2002 (30 de maio–2 de junho): Chantilly, Virgínia, EUA.
2003 (15–18 de maio): Versalhes, França.
2004 (3–6 de junho): Stresa, Itália.
2005 (5–8 de maio): Rottach-Egern, Alemanha.
2006 (8–11 de junho): Ottawa, Ontario, Canadá.
2007 (31 de maio–3 de junho): Istambul, Turquia.
2008 (5–8 de junho): Chantilly, Washington D. C., EUA.
2009 (14–17 de maio): Vouliagmeni, Atenas, Grécia.
2010 (3–6 de junho): Sitges, Barcelona, Espanha.
2011 (9–12 de junho): St. Moritz, Suíça.
2012 (31 de maio–3 de junho): Chantilly, Virgínia, EUA.
2013 (6–9 de junho): Hertfordshire, Reino Unido.
2014 (29 de maio–1 de junho): Copenhague, Dinamarca.
2015 (11–14 de junho): Telfs-Buchen, Tirol, Áustria.
2016 (9–12 de junho): Dresden, Alemanha.

Membros atuais do comitê diretor

Presidente: Henri de Castries, presidente e CEO do Grupo AXA

ALE	Achleitner, Paul	Preseidente do conselho de fiscalização, Deutsche Bank AG
GBR	Agius, Marcus	Presidente não-executivo, PA Consulting Group
EUA	Altman, Roger C.	Presidente executivo, Evercore
FIN	Apunen, Matti	Diretor, Finnish Business and Policy Forum (EVA)
POR	Barroso, José M. Durão	Ex-presidente da Comissão Européia
FRA	Baverez, Nicolas	Sócio de Gibson e Dunn & Crutcher LLP
ITA	Bernabè, Franco	Presidente, FB Group SRL
NOR	Brandtzæg, Svein Richard	Presidente e CEO, Norsk Hydro ASA
ESP	Cebrián, Juan Luis	Presidente executivo, Grupo Prisa
CAN	Clark, W. Edmund	Presidente do grupo e CEO, TD Bank Group
ALE	Enders, Thomas	CEO, Airbus Group
DIN	Federspiel, Ulrik	Vice-presidente executivo, Haldor Topsøe A/S
HOL	Halberstadt, Victor	Professor de economia pública, Universidade de Leiden
EUA	Jacobs, Kenneth M.	Presidente e CEO, Lazard
EUA	Johnson, James A.	Presidente, Johnson Capital Partners
EUA	Karp, Alex	CEO, Palantir Technologies
GBR	Kerr, John	Presidente adjunto, Scottish Power
EUA	Kleinfeld, Klaus	Presidente e CEO, Alcoa
TUR	Koç, Mustafá V.	Presidente, Koç Holding A.S.

EUA	Kravis, Marie-Josée	Conselheiro sênior e vice-presidente, Hudson Institute
SUI	Kudelski, André	Presidente e CEO, Kudelski Group
BEL	Leysen, Thomas	Presidente, KBC Group
EUA	Mathews, Jessica T.	Presidente, Carnegie Endowment for International Peace
ITA	Monti, Mario	Senador vitalício e presidente da Universidade Bocconi
EUA	Mundie, Craig J.	Conselheiro sênior do CEO, Microsoft Corporation
EUA	Perle, Richard N.	Professor enviado, American Enterprise Institute
CAN	Reisman, Heather M.	Presidente e CEO, Indigo Books & Music Inc.
AUT	Scholten, Rudolf	CEO, Oesterreichische Kontrollbank AG
EUA	Thiel, Peter A.	Presidente, Thiel Capital
INT	Trichet, Jean-Claude	Governador honorário do Banque de France; ex-presidente do Banco Central Europeu
GRE	Tsoukalis, Loukas	Presidente, ELIAMEP
SUE	Wallenberg, Jacob	Presidente do conselho e investidor AB
EUA	Zoellick, Robert B.	Presidente, Board of International Advisors, The Goldman Sachs Group

Membro do Grupo consultivo: David Rockefeller (EUA).

Membros anteriores do comitê diretor

Presidente: Peter Carington, Lord Carington — presidente do conselho da Christie's International PLC e ex-secretário geral da OTAN.

Secretário-geral para Europa e Canadá: Victor Halberstadt — professor de economia da Universidade de Leiden, Holanda.

Secretário-geral para os EUA: Theodore L. Eliot Jr. — decano emérito da The Fletcher School of Law & Diplomacy e ex-embaixador americano.

Tesoureiro: Pieter Korteweg — presidente e diretor executivo da Robeco Group.

AUT	Peter Jankowitsch	Parlamentar e ex-ministro do Exterior
BEL	Étienne Davignon	Presidente da Société Générale de Belgique e ex-vice-presidente da comissão das Comunidades Européias
FIN	Jaakko Iloniemi	Diretor executivo do Centre for Finnish Business and Policy Studies e ex-embaixador nos EUA
FRA	Marc Ladreit de Lacharrière	Presidente da Fimalac
FRA	Thierry de Montbrial	Presidente do Institut Français des Relations Internationales e professor de economia da École Polytechnique
ALE	Christoph Bertram	Correspondente diplomático do jornal *Die Zeit*
ALE	Hilmar Kopper	Porta-voz do conselho de administração da Deutsche Bank AG
GRE	Costa Carras	Diretor de empresas
IRL	Peter D. Sutherland	Presidente da Allied Irish Bank PLC e ex-membro da comissão das Comunidades Européias
ITA	Mario Monti	Reitor e professor de economia da Universidade Bocconi, Milão.
ITA	Renato Ruggiero	Membro da diretoria da Fiat SpA e ex-ministro do Comércio Exterior
NOR	Westye Høegh	Proprietário de navios, Leif Hoegh & Co AS.
POR	Francisco Pinto Balsemão	Professor de comunicação de massa da Universidade Nova de Lisboa, presidente da Sojornal SARL e ex-primeiro-ministro
ESP	Jaime Carvajal y Urquijo	Presidente e diretor geral da Iberfomento

SUE	Percy Barnevik	Presidente e CEO, ABB Asea Brown Boveri Ltd
SUI	David de Pury	Presidente da BBC Brown Boveri Ltd e co-presidente da ABB Asea Brown Boveri Group.
TUR	Selahattin Beyazit	Diretor de empresas
GBR	Andrew Knight	Presidente executivo da News International PLC
EUA	Kenneth W. Dam	Professor de direito americano e estrangeiro da University of Chicago Law School e ex-vice-secretário de Estado (EUA)
EUA	Vernon E. Jordan, Jr.	Sócio da Akin Gump Hauer & Feld e ex-presidente da National Urban League
EUA	Henry A. Kissinger	Ex-secretário de Estado e presidente da Kissinger Associates, Inc.
EUA	Charles McC. Mathias	Sócio de Jones, Day, Reavis & Pogue e ex-senador republicano por Maryland (EUA)
EUA	Rozanne C. Whitehead	Ex-vice-secretário de Estado (EUA)
EUA	Lynn R. Williams	Presidente internacional da United Steel-Workers of America
EUA	Casimir A. Yost	Diretor executivo da The Asia Foundation (Center for Asian - Pacific Affairs)
EUA INT	James D. Wolfensohn	Presidente do Banco Mundial e president da James D. Wolfensohn, Inc.

Agradecimentos

A maior gratidão da minha vida sempre será à minha família. Agradeço ao meu pai, por sua fé perseverante em mim. Agradeço à minha mãe, por seu exemplo de superação contra todos os obstáculos e por seu riso "largo". Aos meus irmãos, Maga, Joaquín e Javi, simplesmente porque me amam como sou — e apesar de ser como sou — e porque neles encontro força nos dias mais desesperançosos. A Victoria, o sol que brilha com a maior força no meu universo. Aos meus avós, pela sabedoria que nos herdaram: transmitiram a força invencível de uma família unida. Todos os meus tios, tias, primos e primas; uma infinidade de personalidades insólitas e multicoloridas: obrigada por fazerem do mundo um lugar mais alegre e especial.

Obrigada ao Senhor Enrique López Guerrero, cuja alma se encontra nestas páginas.

Obrigada aos meus milhares de leitores em todo o mundo e àqueles que de moto próprio divulgaram meus livros aos seus amigos e colegas a fim de levar esta verdade aos lugares mais recônditos do planeta. E àqueles que denunciaram nas redes sociais seu desaparecimento.

Obrigada a Manu, minha *community manager*, que me ajuda todos os dias. A Raquel e Mónica, as pessoas mais doidinhas que conheço.

E, sobretudo, aos meus editores: Ana Rosa, Lola e Javier; à equipe de *marketing* e comunicação da *Temas de Hoy*: David, Laura e Salva, e à minha agente Silvia, que operaram o milagre de trazer o livro de volta à vida ainda mais forte e mais extenso do que era originalmente.

E a todos: obrigada por amarem, pois, sem o amor, nem a vida, nem este livro teriam sentido.

POSFÁCIO

O mundo tem dono? Que pretendem fazer com ele?

O mundo é governado por personagens bem diferentes do que imaginam aqueles que não estão por trás dos bastidores.
— Benjamin Disraeli

Qualquer um que procure entender o panorama geopolítico sem as amarras ideológicas vai perceber que existem três aspectos pouco ou quase nunca explorados pelas universidades ou pela mídia *mainstream*. Com um estudo dedicado, baseado na sinceridade e na humildade intelectual, é possível identificar estas três questões que, juntas, revelam um complexo e obscuro processo de transformação da nossa civilização.

A primeira revelação que um estudioso sério vai encontrar diz respeito à existência de um plano, formado por inúmeras iniciativas pontuais, muitas vezes desconexas e até mesmo aparentemente contraditórias, que visa destruir ou enfraquecer os valores que estruturam a civilização ocidental, com o objetivo último de permitir a implantação de novos princípios fundantes, de acordo com os interesses de um grupo de pessoas e famílias, que por sua vez controlam organismos e corporações multinacionais.

Esses fenômenos políticos, culturais e morais que formam esse plano, quando compreendidos como realmente são, ou seja, iniciativas

deliberadas que procuram modificar a sociedade sem a aprovação da maioria da população — e, portanto, de forma antidemocrática — revelam um ideal que representa os anseios de um restrito e seleto grupo de pessoas em altas posições de poder, uma elite.

Pelo fato de esse processo já ocorrer há pelo menos três séculos, e como algumas dessas iniciativas têm o objetivo de mascarar a implantação das demais, o desenrolar desse plano costuma permanecer na sombra e só pode ser visto por aqueles que partem em busca das informações ausentes dos aparatos oficiais de comunicação e aprendizado. Em outras palavras, por não fazerem parte do conjunto de dados que compõem a narrativa avalizada pelo *establishment*, as informações que revelam a existência deste processo só são alcançáveis em pesquisas ativas e em fontes diversas, diferentemente daquelas envolvidas na manutenção da obscuridade e que recebemos de forma passiva nos veículos de comunicação de massa, na academia instrumentalizada e na literatura ideológica.

Como conseqüência dessa primeira descoberta, surge a dúvida que fundamenta a segunda revelação. Identificar a existência de um processo deliberado de condução dos rumos da sociedade pressupõe a ação de agentes responsáveis pelo seu andamento. Quem são as pessoas envolvidas na elaboração, promoção e implantação desse projeto?

Identificar os agentes que pensam e executam as etapas meticulosamente planejadas para construir essa nova civilização requer um método de pesquisa mais sofisticado e persistente. Como a maioria das informações necessárias para esta compreensão não fazem parte das notícias destacadas no cotidiano da grande imprensa, nem estão nos currículos educacionais, todo aquele que tenha o desejo de saber, de fato, quem determina ou influencia as principais mudanças civilizacionais em curso precisa direcionar a sua atenção para os detalhes menos notórios por trás dos grandes acontecimentos que, embora pouco explorados, podem ajudar na compreensão do panorama geral. E diante de elementos discretos ou mesmo secretos, só resta ao observador atento conectar estes detalhes por meio da dedução, que pode ser ajudada com o uso de uma regra de ouro: *follow the money*;[1] e com a pergunta que costuma revelar mais do

1 "Siga o dinheiro". — NE

que a própria notícia: *cui bono?*[2] A cobertura jornalística da geopolítica, por exemplo, não costuma abordar as causas mais profundas de alguns fenômenos, concentrando seu foco apenas nos movimentos das nações e de seus representantes políticos, ou seja, nas suas conseqüências imediatas, deixando de lado a influência de grupos que reúnem a elite financeira e empresarial que não ocupa nenhum cargo. O poder desses agentes atua na sombra, tem alcance político e influencia com discrição as principais decisões governamentais, mas, antes disso, normalmente sua ação penetra outros aspectos da sociedade, criando demandas e promovendo idéias que vão formar mentalidades e fomentar o ambiente propício para o avanço da sua agenda. Sem a compreensão desse poder invisível que promove pensamentos e formadores de opinião que vão preparar o terreno para as implantações políticas conforme um plano pré-estabelecido, tudo parece uma grande teoria da conspiração.

O último aspecto que será percebido por qualquer um que procure entender o mundo em que vivemos ousando pesquisar além das versões oficiais diz respeito à motivação desses personagens. Este ponto, sem dúvida o mais complexo e impermeável dos três tópicos elencados, só pode ser alcançado, de maneira sempre incompleta e imprecisa, com o apoio da dedução. Pelo simples fato de que apenas Deus pode perscrutar o coração do homem, nunca podemos afirmar, com toda certeza, os reais motivos que levam esse grupo de pessoas a dedicar suas vidas a um projeto que visa destruir os pilares civilizacionais que há milênios sustentam a sociedade ocidental.

Da constatação depreendida da observação das iniciativas que compõem o projeto de criação dessa nova sociedade, a chamada Nova Ordem Mundial, parece evidente que a motivação só pode estar relacionada a um elemento mais profundo e que transcende as razões materiais: dinheiro eles já têm, o que acarreta um poder muito além do imaginado por tiranos ao longo da História.

A motivação sempre representa a principal característica de um plano ou comportamento, por isso considero esse elemento transcendente, ou espiritual, a essência desse projeto, que se revela violentamente totalitário porque, muito mais do que mudar os regimes políticos de

---

2 Expressão latina que significa: "A quem beneficia?". — NE

todo o planeta atropelando a livre determinação dos povos, sem a anuência das populações para construir um ambiente de governança global, pretende alcançar todas as camadas da sociedade e modificar profundamente todas as condutas humanas.

Para quem deseja entender como funciona essa que é a mais abrangente revolução de todos os tempos, conhecer os seus promotores e imaginar como deve ser o nosso futuro caso consigam implantar todos os objetivos da sua agenda, este livro funciona como um excelente manual.

Cristina Martín Jiménez reúne neste trabalho as informações mais relevantes sobre o processo revolucionário em curso e conecta todos os pontos de forma magistral. Além de mostrar cada aspecto do plano, seu desenrolar e suas conseqüências visíveis ou esperadas, a autora nomeia os principais agentes da Nova Ordem Mundial e enumera seus tentáculos e métodos de ação.

Usando sua experiência no estudo de um dos mais influentes grupos da elite internacional, o Bilderberg, a jornalista espanhola expõe a estrutura desta elite em detalhes já nos primeiros capítulos. Organismos discretos ou obscuros como o Council on Foreign Relations (CFR), a Comissão Trilateral, o Comitê dos Trezentos, a Ordem da Aurora Dourada, a Skull and Bones e o Bohemian Grove são conectados a dinastias poderosas como Rothschild, Rockefeller, Schiff, Warburg, Carnegie, Harriman, Agnelli, Bush, algumas famílias da nobreza européia, e a líderes políticos e burocratas com altos cargos espalhados pelo mundo. E para que fique ainda mais clara a formação dessa estrutura, o livro traz a cronologia histórica e as principais influências que foram agregadas ao longo do tempo, relacionando os acontecimentos mais importantes do último século com a agenda desejada pelos globalistas.

O Clube de Bilderberg, tema central de três livros e de uma tese de doutorado da autora, passa por uma lupa no transcorrer de todo o livro. Suas reuniões, pautas e membros são listados em detalhes, o que torna as conexões ainda mais evidentes.

Além de expor a estrutura e, de certa forma, o organograma do conjunto de iniciativas que formam a Nova Ordem Mundial, trazendo à luz a atuação de personagens de muita influência política como Henry Kissinger, Joseph Retinger e Alfred Milner, o livro também aborda as

questões de ordem cultural e psicológica ao relacionar, por exemplo, o papel do Instituto Tavistock e do programa MK-Ultra na manipulação das massas com o objetivo de preparar o caminho para a agenda globalista.

Outro mérito deste nobre trabalho é demonstrar a ligação umbilical entre a mídia e os membros dos organismos responsáveis pela promoção do globalismo, seja fazendo referência aos nomes do alto escalão dos grandes conglomerados internacionais, seja mostrando a perfeita sincronia entre as pautas defendidas por esses grupos e o discurso — e as omissões — do jornalismo *mainstream*.

Por estas e muitas outras razões, *Os donos do mundo*, de Cristina Martín Jiménez, funciona como a pílula vermelha de Matrix, que tem o poder de despertar para um mundo que, apesar de parecer um delírio para quem ainda não o percebeu, consiste em uma representação assustadora, porém fiel, da realidade. Nesse sentido, deve agradar a todos os leitores que, mesmo diante de toda manipulação, preferem acreditar em seus próprios olhos.

Alexandre Costa

Autor de *Introdução à Nova Ordem Mundial, Bem-vindo ao Hospício, O Brasil e a Nova Ordem Mundial, Fazendo Livros* e *O Novato.*

www.escritoralexandrecosta.com.br

Bibliografia, artigos e sites

Bibliografia

BEYHAUT, G. y H. *América Latina. De la independencia a la segunda guerra mundial*. Madrid: Siglo XXI, 1986.

CHOMSKY, N. *Los guardianes de la libertad*. Barcelona: Crítica, 1995.

—, *La Aldea Global*. Bilbao: Txalaparta, 1997.

—, *El Nuevo Orden Mundial*. Barcelona: Crítica, 2002.

—, *La propaganda y la opinión pública*. Barcelona: Crítica, 2002.

—, *Lo que realmente quiere el tío Sam*. Madrid: Siglo XXI, 2002.

—, *Hegemony or Survival: America's Quest for Global Dominance*. Nova York: Metropolitan Books, 2003.

—, *La cultura del terrorismo*. Madrid: Popular, 2003.

DE LA CIERVA, R. *La masonería invisible. Una investigación en Internet*. México: Fénix, 2002.

ESTEFANÍA MOREIRA, J. *La Trilateral Internacional del capitalismo: el poder de la Trilateral en España*. Madrid: Akal, 1979.

FALLACI, O. *La rabia y el orgullo*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2002.

GEORGE, S. *El Informe Lugano*. Barcelona: Icaria Editorial-Intermón Oxfam, 2001.

HATCH, A. *H. R. H. Prince Bernhard of the Netherlands: an authorized biography*. Londres: Harrap, 1962.

LE BON, G. *Psicología de las masas*. Buenos Aires: La Editorial Virtual, 1895.

LORENZ, K. *Los ocho pecados mortales de la humanidad civilizada*. Buenos Aires: La Editorial Virtual, 1973.

LOZANO, M. *Nuevo Orden Mundial*. Madrid: Alba Longa Editorial, 1996.

MARRS, J. *Las sociedades secretas*. Barcelona: Planeta, 2006.

MARTÍN JIMÉNEZ, C. *Perdidos. ¿Quién maneja los hilos del poder? Los planes secretos del Club Bilderberg*. Madrid: Martínez Roca, 2013.

MARTÍNEZ CARRERAS, J. U. *Historia de la descolonización 1919–1986: las independencias de Asia y África*. Madrid: Istmo, 1987.

MARTOS, D. *El desafío del siglo XXI. Estudio sobre las tendencias, políticas y posibilidades del próximo siglo*. Buenos Aires: La Editorial Virtual, 2001.

MILL, J. S. *Sobre la libertad*. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

MILLS, C. W. *La Élite del Poder*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MORO, T., *Utopía*. Madrid: Tecnos, 1987.

ORTEGA Y GASSET, J. *La rebelión de las masas*. Madrid: Espasa-Calpe, Colección Austral, 1969.

PETRAS, J. *La estrategia militar de los EE. UU. en América Latina*. Buenos Aires: La Editorial Virtual, 2001.

PLATÓN. *La República*. Madrid: Aguilar, 1988.

POMIAN, J. *Joseph Retinger: Memoirs of an Eminence Grise*. Sussex: University Press, 1972.

REIG, R. *Dioses y Diablos Mediáticos: cómo manipula el Poder a través de los medios de comunicación*. Barcelona: Urano, 2004.

—, *Los dueños del periodismo: claves de la estructura mediática mundial y de España*. Barcelona: Gedisa, 2011.

—, *La Telaraña Mediática*. Sevilla/Zamora: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2010.

SCHILLER, H. I. *El imperialismo USA en la comunicación de masas*. Madrid: Akal, 1977.

—, *Los manipuladores de cerebros*. Barcelona: Gedisa, 1978.

—, *Aviso para navegantes*. Barcelona: Icaria, 1996.

SCHWANITZ, D. *La Cultura. Todo lo que hay que saber*. Madrid: Taurus, 2005.

SKLAR, H. *Trilateralism the Trilateral Commission and Elite Planning for World Management*. Boston: South End Press, 1980.

Artigos

"A Chronology of the International Conspiracy to form the New World Order". Disponível em: www.israelect.com.

ACOSTA SILVA, A. "Gobernabilidad y Democracia. Perspectivas del debate a veinte años del reporte a la Comisión Trilateral". Disponível em: www.uacj.mx/publicaciones.html.

AJAVON, L.-P. "Inmigración desechable: los negreros de los tiempos modernos". Disponível em: www.tlaxcala.es.

"Antony Sutton on Skull and Bones. US Banks Financing Hitler and Trance-Formation". Disponível em: www.freedomdomain.com.

AYALA, J. A. "Revolución, derechos individuales y masonería: las ligas españolas de derechos del hombre (1913–1936)", Universidad de Murcia. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es, 1990.

BESSEL, P. M. "Freemasonry and Judaism". Disponível em: http://www.bessel.org/masjud.htm.

BUSTOS, P. "La crisis de la globalización neoliberal y el nuevo escenario abierto en la región". *La Ciudad Futura: Revista de Cultura Socialista*. Argentina: agosto, 2004.

DEVERELL, J. "Black Plays Host to World Leaders". *Toronto Star* (30 de maio de 1996).

"El arma de destrucción masiva más terrible: el mercado". Disponível em: www.cnt-ait.info.

"El fin de la Guerra Fría". Disponível em: http://www.historiasiglo20.org/FGF/fin.htm.

"George Bush, Skull & Bones and the New World Order". Disponível em: www.freedomdomain.com.

GONZÁLEZ SOUZA, L. "¿Justicia infinita o negocio redondo?". Disponível em: www.rebelion.org.

HERSH, S. Artigos disponíveis em: www.newyorker.com.

KATSON, T. "Bilderberg to Meet Secretly in Toronto". *The Spotlight, News Release*.

LAMRANI, S. "Reporteros Sin Fronteras guarda silencio sobre un periodista encarcelado por los militares estadounidenses en Iraq". Disponível em: http://www.academia.edu/26849701/Clubul_bilderberg_stapanii_lumii.

MAKOW, H. "Cuentos de Control Mental y Tiranía Mundial. De Hiroshima al 11 de Septiembre". Disponível em: www.animalweb.cl.

MEYSSAN, T. "Historia secreta de la Unión Europea". Disponível em: www.voltairenet.org.

NAZEMROAYA, M. D. "La marcha hacia la guerra: preparativos navales en el Golfo Pérsico y en el Mediterráneo oriental (I)". Disponível em: www.tlaxcala.es.

"New World Order Intelligence". Disponível em: www.inforamp.net.

PETERS, M. A. "The Bilderberg Group and the project of European unification". Disponível em: http://bibliotecapleyades.net.

PETRAS, J. "Elecciones en EE. UU. La Perversión de la Justicia". Disponível em: www.tlaxcala.es.

QUIRÓS, F. y FERNANDEZ, A. I. "Plutocracia y corporaciones de medios en los Estados Unidos". *Cuadernos de Información y Comunicación*. Vol. 11, pp. 179–205, 2006.

REINALTER, H. "Masonería y Democracia". Universidad de Innsbruck. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es, 1989.

RICHARDSON, K. "The Bohemian Grove and the Nuclear Weapons Industry: Some Connections". Disponível em: http://www.sonic.net/~kerry/bohemian/grovenukes.html.

ROQUE ALONSO, S. "La manipulación psicológica de la población y la desintegración social". Disponível em: www.free-news.org.

"The Bilderberg Group: The Invisible Power House". *Nexus Magazine*. Dezembro de 1995 – Janeiro de 1996.

"The Truth about the Bohemian Grove". Disponível em: www.counterpunch.org.

VARGAS AGUIRRE, M. A. "La gobernabilidad democrática como estrategia de dominación versus la democracia como filosofía de vida". Disponível em: www.rcci.net.

VICENT, M. "Felipe y la computadora". *El País*, 30/10/1982.

WEEKS, Byron T. "The Tavistock Institute, el mejor secreto guardado de América". Disponível em: www.free-news.org.

Sites

http://www.bibliotecapleyades.net/sociopolitica/esp_sociopol_rothschild15.htm
www.4rie.com
www.8sutun.com
www.angelfire.com
www.avizora.com
www.biblebelievers.org.au
www.bilderberg.org
www.biografiasyvidas.com
www.cibeles.org
www.educateyourself.org
www.elfaronacional.com.ar
www.europarl.europa.eu
www.exposingsatanism.org
www.fluvium.org

www.forumdesalternatives.org
www.freedomdomain.com
www.free-news.org
www.freepressinternational.com
www.geocities.com
www.gle.org
www.glomjal.tripod.com
www.government-propaganda.com
www.iarnoticias.com
www.incipe.org
www.indybay.org
www.insurgente.org
www.lucheyvuelve.com.ar
www.monografias.com
www.newyorker.com
www.nuevorden.net
www.patagoniaargentina.8m.net
www.profesionalespcm.org
www.propagandamatrix.com
www.scg33esp.org
www.sinexcusas2015.org
www.solidaridad.net
www.sonomacountyfreepress.com
www.syti.net
www.thedossier.ukonline.co.uk
www.trilateral.org
www.wikipedia.com

Índice remissivo

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

V

W

Y

"O relativismo moral se traduz no vale-tudo. O ódio, a ira e a ganância se converteram no pão de cada dia. Nem todos percebem, mas a verdade é que estamos numa guerra pela defesa da nossa liberdade. O ser humano nasceu para ser livre e independente, porém o sistema foi criado pelos donos do mundo para que sejamos dependentes e escravos dele".

* * *

"É politicamente incorreto acreditar na existência do Clube Bilderberg, afirmar que a narrativa sobre as mudanças climáticas é gerada pelo interesse de poucos homens. É politicamente incorreto denunciar que a vacina contra a gripe A atenta contra nosso sistema imunológico, que Obama não é quem diz ser e que o núcleo sólido da maçonaria é quem dá as cartas no mundo. É politicamente incorreto duvidar de que se vive livremente na África e é politicamente incorreto escrever este livro. Se você é politicamente correto, não o leia. Pode ser prejudicial para sua saúde racional, emocional e sentimental".

Nesta obra pioneira sobre o Clube Bilderberg, fruto de exaustivas investigações e análises, Cristina Jiménez traz à tona os dados sobre a organização que, por meio do controle da mídia, do dinheiro e da influência política, coordena os rumos do mundo. Tornou-se rapidamente um *bestseller* no seu lançamento em 2005, e foi publicada na Espanha, Romênia, Grécia, Colômbia, nos Estados Unidos, no México e em outros países.

www.videeditorial.com.br